

Quando a neve cair



Cínthia Sampaio



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Quando
a neve
cair

Cínthia Sampaio

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sínapse

Maria Luíza e Arthur eram um dos casais de Nova Aliança que todos esperavam ver subindo ao altar e vivendo uma vida plena e tradicional. Porém, quando Luíza foi chamada pela tia para viver em Paris enquanto estudava línguas, todo o relacionamento perfeito pareceu ruir.

Do dia para a noite, Arthur lhe virou as costas, e de coração partido, Luíza foi viver o seu sonho em Paris. Encontrou uma vida estável, mas infeliz, principalmente quando todos os demais amigos em comum com Arthur também lhe deixaram de lado, incluindo Amanda, que considerava uma irmã.

Agora Maria Luíza precisa voltar para Nova Aliança para as bodas de prata dos seus pais e encarar, finalmente, todo o seu passado e a devastação que lhe causou, aceitando ou encerrando as histórias que ficaram pendentes.

Será que o tempo foi capaz de curar todas as feridas, e a maturidade dos anos foi capaz de renovar o amor que um dia ela sentiu?

QUANDO A NEVE CAIR

Copyright © 2019 Cínthia Sampaio

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Arte de Capa: Dalton Menezes

Revisão: C.M Carpi

Diagramação Digital: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime

PERIGOSAS NACIONAIS

estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo
artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Sumário](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Epílogo](#)

[Nota da Autora](#)

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Quando A Neve Cair foi um livro difícil de ser escrito, mas por motivos diferentes.

Sempre fui uma procrastinadora. Tenho diversas ideias guardadas, histórias que comecei e que nunca dei continuidade, mas, pela primeira vez, eu quis terminar um livro e publicá-lo.

No final de 2017, comecei a postar os capítulos do romance de Arthur e Luíza no Wattpad, consegui um número considerável de leitores, criei um grupo para conversar sobre o livro e estava feliz como nunca estive antes, até que a minha vida virou de pernas para o ar.

Minha avó, a pessoa que me criou, começou a ficar muito doente. Foi quando diminuí as postagens e precisei de um tempo distante. Logo depois disso, ela piorou e eu entrei em depressão, largando o livro de lado.

Em julho de 2018, ela faleceu e perdi completamente o chão. Eu não queria ver ou conversar com as pessoas, me isolei do mundo e sofri em silêncio.

Algumas vezes, me sentia um pouco melhor e queria voltar a escrever, ter algo para dedicar a ela, mas, novamente, falhei.

Passava dias olhando para a tela do computador, sem conseguir escrever um mísero parágrafo. Minha avó merecia uma neta mais determinada, mais focada.

Eu me culpava por não conseguir continuar, mas a verdade era que eu precisava chorar, sofrer, ficar de luto.

Com o tempo, consegui me arrastar pela escuridão que era a minha vida e fazer novamente as tarefas mais simplórias. Adotei um gato, mudei o cabelo, voltei a assistir filmes e séries. Tentei me

segurar com todas as forças a qualquer motivo de alegria que aparecesse na minha frente.

Depois de muito tempo, ajuda de amigos e familiares, eu terminei o livro. Por isso, quero dedicá-lo a vocês. E, é claro, a minha avó, meu anjo, a pessoa mais incrível que passou pelo meu caminho. Sinto tanto a sua falta, que não caberia em palavras.

Gostaria de agradecer, especialmente, as pessoas que estiveram ao meu lado, fisicamente ou por mensagens, me dizendo o tempo todo para não desistir.

Alôncio Rodrigues, meu avô, por ser forte o suficiente para permanecer neste mundo sem sua companheira de vida. Se foi difícil para mim, imagino que para o senhor foi praticamente impossível continuar.

Margareth Sampaio, minha mãe, que mesmo após ter dito com todas as letras que não gostava de ler e que provavelmente não leria o meu livro, foi importante para que eu não jogasse tudo pela janela.

Marcelle Sampaio, minha irmã quieta e

observadora, que acompanhou o livro desde o início, escutou a história de amor do Arthur e da Luíza, aturou meus chiliques na construção do casal e me fez querer continuar mesmo após tanto sofrimento.

Milene Sampaio, minha irmã caçula, musa inspiradora dos cachinhos da protagonista do livro, uma das crianças/adolescentes mais autênticas e teimosas que conheço. Luta por tudo o que quer e deseja. Talvez eu devesse ser mais como você.

Vinicius Sampaio, meu irmão mais velho, que agora será papai. Quem diria! Minha avó ficaria muito feliz pelo homem que você se tornou.

Melinda, minha sobrinha que nem nasceu, mas que já amo com todas as minhas forças. Minha avó adoraria estar aqui para ver o seu nascimento.

Jonathan Ventura, meu eterno melhor amigo, meu companheiro de vida, atura minhas mudanças de humor drásticas, meu choro, minha ansiedade e nervosismo. Você merece um prêmio, porque nem eu me aguento.

Nathany Teixeira, minha melhor amiga,

que, na verdade, nunca esteve comigo fisicamente, mas que consegue me acalmar só com um áudio e está mais ao meu lado do que muita gente que mora pertinho. Eu agradeço todos os dias por ter lhe conhecido.

Ana Letícia Rodrigues, minha amiga alegre e simpática, também não nos conhecemos pessoalmente, mas sua paixão pelo casal LuAr fez com que eu quisesse que mais pessoas os conhecessem e o amassem também.

Gostaria de agradecer também a C.M Carpi. Começamos a ter mais contato agora, na revisão do livro, mas suas dicas e amizade tem sido de suma importância para mim. Admiro sua escrita de uma maneira que você sequer imagina. Nunca me esquecerei de Summer e Reeve. Obrigada por tudo.

A todos os leitores que me acompanham desde o início, este livro também é para vocês. Desculpe por não mencionar seus nomes. Peço de todo coração que entendam.

Ivanilde Sampaio, minha amada avó, eu devo tudo a você. Desculpe por não ter sido melhor. Sei que não é muito, mas este livro é para
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você.

Com amor, Cíntia Sampaio.

PERIGOSAS ACHERON

Playlist

Por enquanto – Renato Russo

Quando eu te encontrar – Biquíni Cavado

Wanna Be – Spice Girls

Girls just want to have fun – Cyndi Lauper

I will – The Beatles

Oh yeah – MBLAQ

Dumb dumb – Red Velvet

You are my lady – Jung Yup

Eu amei te ver – Tiago Iorc

Quem sabe – Los Hermanos

Erva venenosa – Rita Lee

PERIGOSAS NACIONAIS

Por onde andei – Nando Reis

Amante não tem lar – Marília Mendonça

Onde você mora? – Cidade Negra

Sonhador – Scalene

Semana que vem – Pitty

What is love – Haddaway (*A música não foi mencionada no livro, mas tornou-se tema do casal LuAr. Experimente escutar a versão do James Young.*)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para Ivanilde Sampaio

PERIGOSAS ACHERON

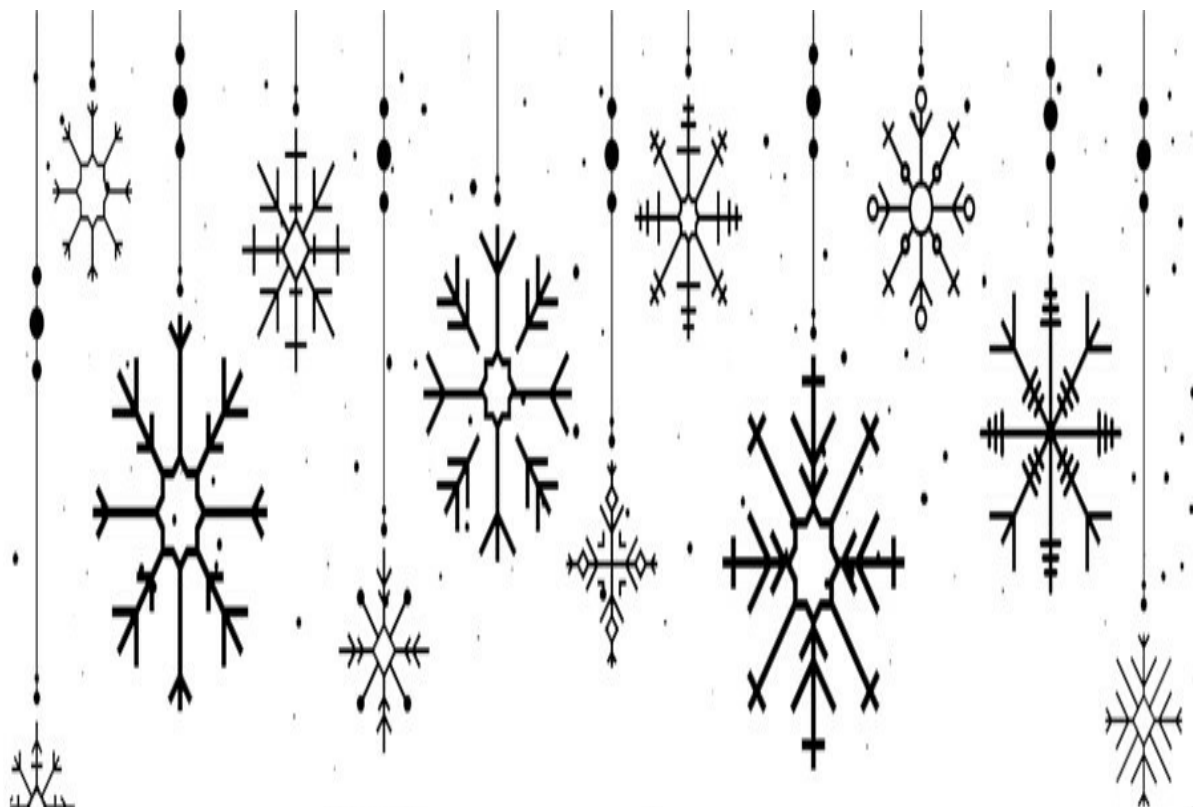
PERIGOSAS NACIONAIS

O curso do verdadeiro amor jamais foi tranquilo.

– **WILLIAM SHAKESPEARE**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Prólogo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre que me perguntavam qual era o meu maior sonho, eu respondia sem pestanejar. Viajar o mundo, conhecer novas cidades, ver o pôr do sol de diferentes pontos, ouvir diversas vozes e sotaques, assistir ao espetáculo da vida se desenrolar não só nas páginas de um livro, mas nos rostos das pessoas, nas expressões e sorrisos, sentir a emoção que emanava de outros corações e assim, quem sabe, aquecer o meu também.

Quem me ouvia falar assim, normalmente não me levava muito à sério, achava que eu estava sempre com os pés nas nuvens ou que não batia bem das ideias. Mas que graça teria sonhar se não fosse alto?

Na cidade que nasci, sonhar era praticamente pecado, e eu, a louca que queria mudar as regras de tudo.

Nenhuma das minhas amigas tinha saído de Nova Aliança, lugar onde eu morava e praticamente nada acontecia, e duvidava que planejassem aquilo.

Por elas, apenas continuariam onde

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estavam, e assim que pudessem, se casariam com os seus primeiros namorados.

Era como se tivéssemos voltado ao período colonial, onde as mulheres aprendiam como se comportar apenas para agradar os seus futuros maridos.

Meu primeiro amor foi também o meu primeiro namorado e, por coincidência, irmão da Amanda, a minha melhor amiga.

Todos acreditavam que Arthur e eu seríamos os primeiros a casar, planejavam quem seria a dama de honra, que flores decorariam a cerimônia, quem pegaria o buquê e seria a próxima “sortuda” a subir ao altar. Só não se atreviam a planejar a lua de mel.

Às vezes, eu também me deixava levar por aquela fantasia e acreditava que seria o que aconteceria até que a tia Esmeralda me convidou para passar um tempo com ela em Paris.

EM PARIS!

Sempre que pensava naquilo, sentia vontade de gritar, afinal era apenas a cidade mais linda e romântica do mundo inteiro. E eu não perderia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela oportunidade por nada.

Minha tia já havia comprado as passagens e eu precisava decidir rapidamente o que faria. Mas, vamos ser realistas, o que tinha para decidir? Era Paris. É claro que eu iria.

Tinha terminado de arrumar minha mala em tempo recorde, colocando somente o necessário, como minha mãe me orientou. Vesti minha melhor roupa de frio: um sobretudo longo preto, por cima do vestido azul turquesa. Coloquei botas de couro e ajeitei o meu cabelo em frente ao espelho.

Meus cachos castanhos estavam mais brilhantes e macios, minha pele, sempre pálida, tinha ganhado um pouco mais de cor. Deveria ser a felicidade emanando do meu ser. Joguei um beijo para o rosto refletido e fui até a casa de Arthur, esperando que a resposta de como dar aquela notícia a ele aparecesse como mágica diante dos meus olhos.

Já havíamos conversado diversas vezes sobre a minha vontade de estudar no exterior, mas, como parecia algo tão inalcançável, talvez ele nunca tivesse levado em consideração.

PERIGOSAS ACHERON

De qualquer forma, sabia que Arthur me apoiaria. Por mais que parecesse bastante retrógrado, assim como todos os moradores de Nova Aliança, o convívio comigo havia trazido a ele um pouco de gosto pelas ideias liberais.

Infelizmente, não teria muito tempo para me despedir, mas estaria de volta em breve, então poderíamos matar a saudade por chamadas de vídeos e escrevendo longas cartas de amor um para o outro. Seria incrível.

O tempo estava feio, com nuvens carregadas, mas o meu humor não seria abalado por tão pouco. Poderia até chover agora, que eu não me importaria. Pelo contrário, dançaria no ritmo da chuva e sorriria para o céu, abrindo os braços e rodando inúmeras vezes.

Agitada e ansiosa com tudo que ainda iria acontecer, andei de um lado para o outro, apertando a campainha com insistência. Eu estava tão feliz que poderia até levitar. Meu sonho finalmente se tornaria realidade. Não dava nem para acreditar.

Sorri, olhando para as minhas luvas quando escutei passos se aproximando. Quando abriu a porta, Arthur me olhou de cima a baixo, com a

PERIGOSAS ACHERON

expressão mais gelada que já vi em seu rosto e o meu sorriso se desmanchou por completo.

Minha respiração acelerou, algo estava errado. Aquele não parecia nem de perto com o meu lindo e carinhoso namorado.

Tentei me aproximar e abraçá-lo, mas ele não permitiu.

Será que Arthur sabia da viagem? Mas como se não tinha contado a ninguém? Tudo bem que havia encontrado algumas pessoas no caminho, mas não daria tempo de ligarem para ele. Ou daria?

— O que está fazendo aqui? — Sua voz rouca fez o meu corpo inteiro tremer. E não de uma maneira boa.

— E-e-eu... — Senti um nó na garganta e perdi a fala.

A tensão nos meus ombros e pernas não era normal. Era como se eu estivesse sentindo medo. Mas medo de quê?

Éramos só nós. Arthur e Luíza. O casal mais perfeito e invejado de Nova Aliança.

— Fala, Luíza! — Arthur me encarou com

sangue nos olhos. Eu nunca o tinha visto com tanta raiva. Pelo menos, não direcionada a mim. — Veio jogar na minha cara que está indo embora?

Meu palpite estava certo. Ele sabia. Mas como? E por que todo aquele rancor?

Belisquei-me com força, rezando para acordar daquele pesadelo horrível, mas ele continuou, cada vez pior.

— Veio mostrar que nunca fui sua prioridade? — Arthur gargalhou alto, como se estivesse possuído. — Que o tempo todo soube que iria me deixar e mesmo assim, fingiu que seria para sempre?

— Do que você está falando? — Gritei junto a um trovão que surgiu no céu.

Ótimo. Agora parecia o cenário perfeito para um filme de terror. Aquela não estava sendo nem de perto a despedida romântica que imaginei que teria.

— Você sabe exatamente do que estou falando. — Acusou, soltando um palavrão em seguida.

— Não. Eu não sei. — Balancei a cabeça,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando não chorar. Suas palavras eram como facas afiadas vindo ao meu encontro, dilacerando a minha alma e deixando um rastro de dor. — E não estou entendendo por que está me tratando desse jeito.

— Claro. — Ele riu com deboche, dando de ombros, com desdém. — Vai bancar a desentendida agora. Isso é bem a sua cara.

— E você está sendo um babaca! — Berrei, mordendo o canto da boca de raiva.

Senti o gosto do sangue na minha língua e fiz uma careta.

Quem era aquele ser frio e distante? Ele não tinha o direito de me ofender ou de ficar tão chateado.

Eram só alguns meses. Passaria rápido. Não era como se eu estivesse me mudando definitivamente para outro país.

— Sabe? — Arthur mexeu no cabelo loiro e travou o maxilar, aparentemente angustiado. — No fundo, a culpa também é minha. Deveria ter imaginado que aconteceria novamente, afinal todas as mulheres que eu amo vão embora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não, não, não. Ele não podia estar me comparando a ela.

— Arthur, por favor, olha para mim. — Segurei a gola da sua camiseta com força e aproximei nossos rostos, de maneira que ele não pudesse me evitar. — Eu não sou a droga da sua mãe!

— Tem certeza? — Ele engoliu em seco e me empurrou para longe. — Porque está agindo exatamente como ela.

— Não estou, não. — Respondi, quando os primeiros pingos de chuva caíram sobre o meu rosto. — Eu vou voltar em alguns meses, vamos nos falar todos os dias, eu prometo.

— Já ouvi isso antes. — Arthur levantou a mão e fez um gesto para que eu me calasse. — E não serei tolo o suficiente para acreditar nisso novamente.

— O que isso quer dizer? — Olhei para ele sem entender. — Está terminando comigo?

Só de pronunciar aquelas palavras, já sentia o meu coração sendo arrancado do peito e pisoteado.

PERIGOSAS ACHERON

— O que parece? — Seu rosto estava molhado, mas não sabia, ao certo, se eram lágrimas ou água da chuva.

— Arthur, você não pode estar falando sério. — Gesticulei de modo insano. — Meu amor, isso não faz o menor sentido.

O desespero tomou conta de mim. Eu não podia perdê-lo. Não queria sequer imaginar a minha existência sem ele. Arthur era tudo para mim.

— Vai embora, Luíza! — Arthur disse em um fio de voz.

Agarrei sua mão e tentei trazê-lo de volta, mas ele não estava mais ali. Arthur rompeu qualquer ligação existente entre nós e me deixou do lado de fora da muralha que ele havia criado para separar qualquer pessoa que pudesse afetá-lo.

Só que eu não era uma ameaça. Eu jamais o magoaria. Será que Arthur não percebia? Não sentia a imensidão do meu amor?

— Arthur? — Repeti, sem força, mas ele não parecia estar mais me escutando.

Precisava tocar sua pele, sentir que ainda
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estávamos conectados, que ainda éramos nós.

— Não quero fechar a porta na sua cara, Luíza. — Avisou e entendi seu pedido silencioso para que eu me retirasse.

Mas eu não estava pronta para desistir dele, do nosso amor.

— Então, me escuta! — Implorei, ignorando os gritos na minha mente, dizendo o quanto eu estava sendo patética.

— Não. — Arthur beijou a ponta dos meus dedos e disse suas palavras finais. — Você já tomou a sua decisão e eu, a minha.

E mesmo sentindo que não era o que ele realmente queria fazer, Arthur fechou a porta na minha cara. Eu fui deixando o meu corpo cair e sentei na calçada, olhando para o nada, sem acreditar no que havia acontecido.

Depois de alguns minutos, a ficha caiu e consegui pensar novamente com clareza. Arthur tinha mesmo terminado tudo. A minha vontade era de gritar o seu nome e dizer que não iria mais embora, que desistiria de tudo por ele. Mas se ele não quis me escutar antes, por que escutaria agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sentia dificuldade de respirar e o meu estômago ficou enjoado. O nervoso era tanto, que acabei vomitando na calçada. Eu tinha chegado ao fundo do poço.

A chuva aumentou e eu só contemplei o céu com nuvens negras e clarões, tentando entender como um dia que começou tão bem poderia ter tomado dimensões tão catastróficas.

Não sabia precisar quanto tempo passou, podiam ser horas ou minutos, mas, em algum momento, eu perdi as forças, cansei de esperar por alguém que não iria voltar, catei meus cacos do chão e resolvi ir embora.

Minhas roupas e braços estavam sujos de chuva e terra. Não me restava mais amor próprio nem um pingo de dignidade. E, para ser sincera, para que eu iria querer alguma daquelas coisas se perdi o que mais importava?

Não queria voltar para casa, minha intenção era ficar com Arthur até o último segundo. As passagens já estavam na minha mala prateada de rodinhas. Achava que ele fosse me levar até o aeroporto e me desejar sorte. Como eu era idiota.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não queria que ninguém me visse naquele estado, não queria falar sobre o que aconteceu, muito menos que sentissem pena de mim.

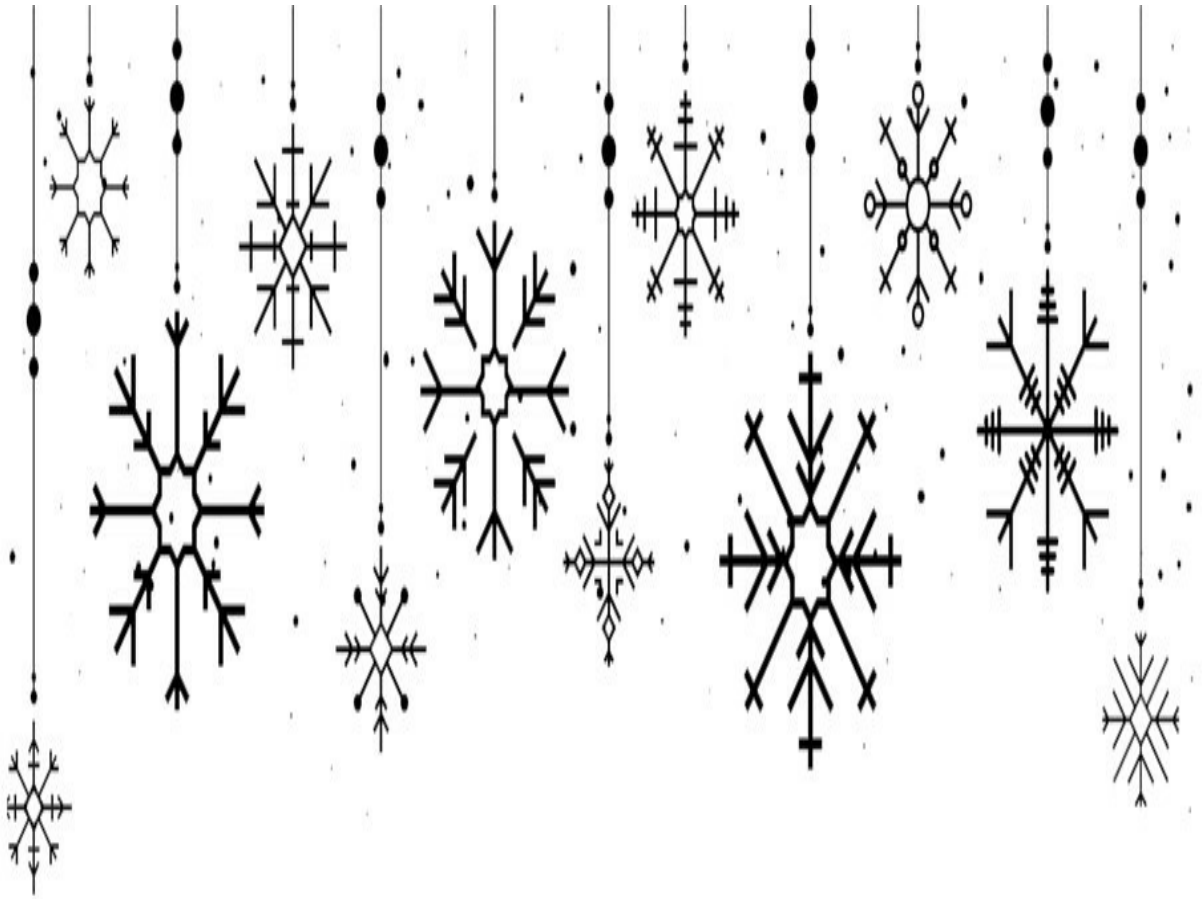
E foi assim, sozinha, no frio, com as lágrimas dificultando minha visão, que fui até o aeroporto, prestes a embarcar na maior viagem da minha vida. Era para eu estar feliz, mas, naquele momento, só queria me tacar na frente de um carro e morrer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 1

PERIGOSAS ACHERON

Cinco anos depois

A última vez que estive dentro de um avião, estava indo para Paris, chorando feito um bezerro desmamado. As pessoas ao redor me ofereciam lenços de papel e davam tapinhas nas minhas costas, pensando que eu tinha alguma doença terminal. E na verdade, eu sentia como se tivesse mesmo.

Era como um câncer se alastrando pelo meu corpo. A dor era imensurável. Nunca imaginei que fosse sentir aquele vazio ou angústia. Pensei que Arthur e eu éramos aquele casal perfeito, saído direto de um livro de contos de fadas, que nunca teria que me preocupar com a ideia de um rompimento.

Para mim, nós dois éramos para sempre. Só que na verdade, a vida se parecia mais com um trecho de uma música do Renato Russo, que dizia que “O pra sempre, sempre acaba”.

O que era para ser uma viagem dos sonhos acabou virando um grande martírio. Cheguei na

PERIGOSAS NACIONAIS

casa da minha tia com o rosto vermelho e inchado de tanto chorar, contei-lhe o porquê das minhas lágrimas e ela me ofereceu colo, carinho e café quentinho.

Depois daquela cena caótica na frente da casa do Arthur, resolvi ficar de vez em Paris. Como sabia falar inglês e espanhol, foi um pouco mais fácil.

Com o passar do tempo, meu interesse por línguas, costumes e culturas só aumentou, por isso acabei procurando um emprego como assistente de um guia turístico e, após muito estudo, também me tornei uma.

Já havia se passado cinco anos desde a minha formatura no colegial e a minha viagem à Paris, mas agora eu teria que voltar ao meu local de origem.

Era aniversário de casamento dos meus pais e eles fariam uma grande festa para comemorar as suas bodas de prata. O mundo enorme não me assustava, mas ter que enfrentar as pessoas que deixei para trás me fazia tremer de medo.

Antes do avião içar voo, permiti-me fazer

PERIGOSAS ACHERON

uma breve visita ao passado. Liguei meu celular e entrei em uma pasta de arquivos que tinha jurado nunca mais olhar.

Ali continham fotos, e-mails antigos, *prints* de conversas engraçadas e todas as lembranças daquele tempo.

Limpei uma pequena lágrima que desceu pelo meu rosto. Se já era difícil olhar para as fotos, pior ainda seria encontrar aquelas pessoas ao vivo e a cores.

— Poderia guardar o aparelho, senhorita?
— Pediu a comissária de bordo, me libertando daquele devaneio.

— O quê? — Levantei os olhos e tomei um susto.

Não era a minha intenção encará-la daquele jeito, mas foi mais forte do que eu.

Ela até que tinha uma aparência bastante comum. Pele clara, cabelos castanhos e olhos escuros. Porém, algo em seu rosto estava gritando por atenção.

A moça havia exagerado na *hena* e as suas sobrancelhas estavam parecendo duas taturanas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O celular! — Ela repetiu, com rispidez, como se eu tivesse culpa dela estar com aquela coisa no meio da cara.

Diante da maneira que eu me sentia, não só queria desligar o aparelho, como atirá-lo pela janela, afinal sentir raiva era sempre mais fácil.

A raiva nos deixava poderosos, com a sensação de que poderíamos dar a volta por cima em um estalar de dedos. Já a tristeza se assemelhava à areia movediça, nunca nos permitindo prosseguir, nos deixando sempre atrelados ao passado, como se nada de bom fosse acontecer novamente em nossas vidas, porque acreditávamos ter perdido a única coisa que realmente importava.

Naquele quesito, o tempo era um grande mestre e nos mostrava que por mais importante que algo tivesse sido, sempre haveria outras experiências tão importantes quanto.

Quando cheguei à França, não conseguia enxergar daquela maneira, apenas chorava e me perguntava por que tinha que perder o amor da minha vida para poder aproveitar a oportunidade de estudar no exterior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensava por que não podia ter os dois, mas talvez fosse ganância demais da minha parte. Afinal, não se pode ter tudo.

Até que um dia, cansei de sentir pena de mim mesma e fui me reinventar, tentar ser a minha melhor versão.

E eu gostava da minha companhia. Ela era ótima. Não me deixava confusa por qualquer futilidade, não me deixava nervosa esperando por uma ligação e, o melhor de tudo, ela não terminava comigo no meio da tempestade, como se eu fosse um nada.

Tá bom. Talvez tivesse guardado um pouquinho de rancor, mas, cá entre nós, quem não faria o mesmo no meu lugar?

A verdade era que por mais que tivesse perdido bastante por um lado, tinha ganhado muito por outro, portanto não poderia me arrepender daquela decisão. Ter convivido com outras pessoas e conhecido diferentes culturas, abriu meus olhos para coisas que a antiga Luíza jamais teria notado.

Assim, a calma voltou para o meu corpo e desliguei o celular, guardando-o na bolsa. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comissária sorriu forçado e continuou seu percurso.

Viajar de avião sempre me enchia de pavor. Mesmo sabendo que era seguro, meu coração ainda ficava acelerado. Pensava nas pessoas que praticavam esportes radicais e sabia que não tinha nascido para aquilo.

Para mim, o melhor programa que poderia existir era comer pizza, beber um bom vinho, assistir algo na televisão ou ler um livro.

Foi quando lembrei que tinha trazido um para me fazer companhia e aquele seria o momento ideal para desligar os pensamentos inúteis e contemplar uma nova história.

Como o voo seria longo, tive tempo para ler, cair no sono e ainda retornar a leitura. A sorte era que o livro era grande.

Enquanto devorava as páginas do último livro lançado de As Crônicas de Gelo e Fogo, esqueci até de onde estava quando o avião deu um pequeno baque e olhei para frente, sentindo frio na barriga e o coração quase saindo pela boca.

Começamos a nos aproximar do aeroporto e o medo veio, não só por causa da estranha sensação

PERIGOSAS ACHERON

de agitação, mas também porque sabia que tinha chegado.

Os passageiros foram pouco a pouco se levantando e pegando os seus pertences, mas eu continuei parada, desejando que o avião fizesse a volta ali mesmo e me levasse para a França.

No entanto, não podia deixar aquele medo me consumir, respirei fundo, levantei-me com toda a coragem que consegui reunir, e, em um átimo, saí andando sem olhar para trás.

— Senhorita? — Gritou a comissária de bordo, correndo atrás de mim, mas eu não diminuí o passo.

Sentia que agora nada mais poderia me atingir. Quem aquelas pessoas achavam que eram? Eu era autossuficiente, sabia falar diversos idiomas, tinha viajado para diversos países. Nada poderia me abalar. Nada!

— Senhorita? — A comissária continuava me chamando, insistente.

Olhei para trás e ela chegou até a mim, arfando.

— A senhorita esqueceu a sua bagagem de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão.

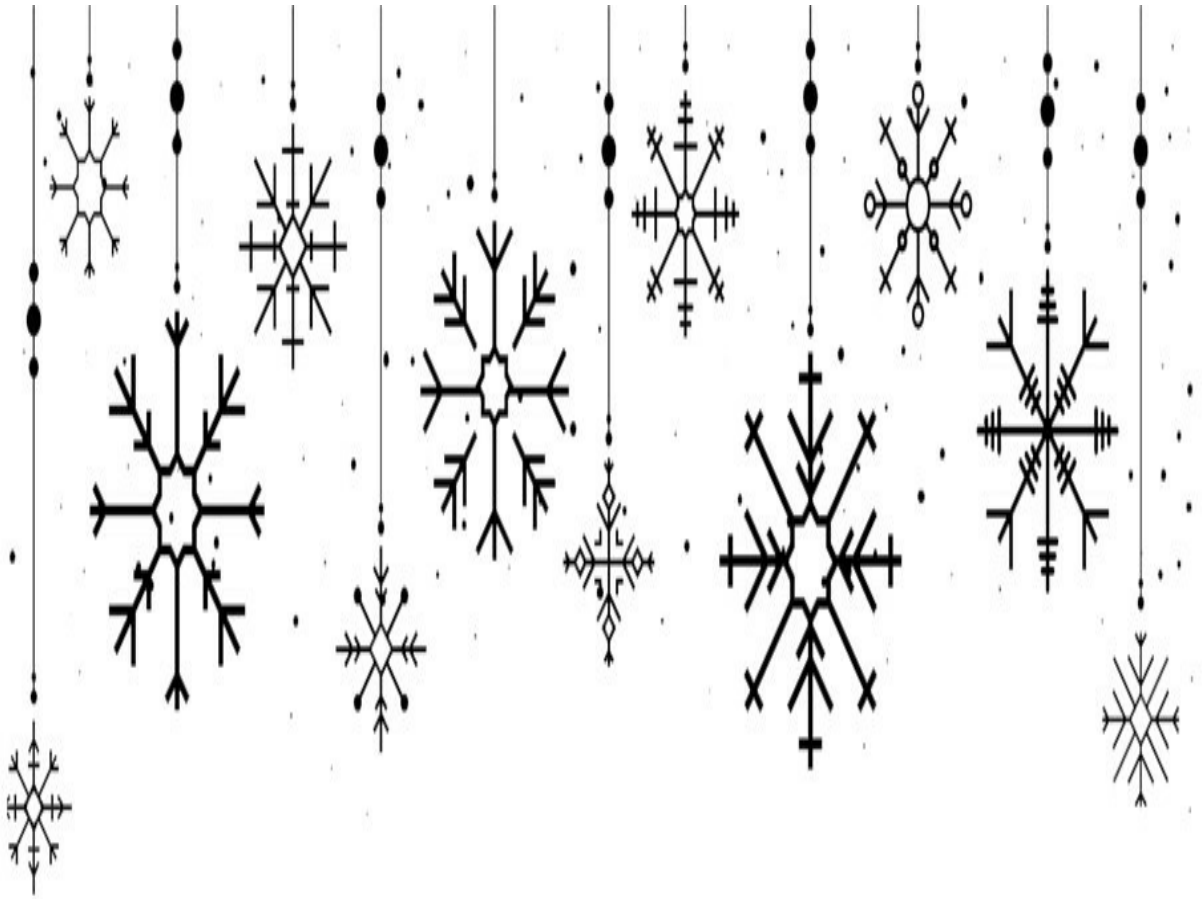
E as minhas bochechas ficaram vermelhas. Realmente, eu não podia sair de algum lugar sem fazer papel de boba.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 2

PERIGOSAS ACHERON

No aeroporto, os meus pais levantavam placas com o meu nome e assobiavam para que eu os notasse. Como se houvesse alguma maneira deles passarem despercebidos.

Eles continuavam sendo as criaturas mais sorridentes do planeta. Peguei meus óculos escuros na bolsa e os coloquei. Não que eu tivesse vergonha dos meus pais, mas realmente não estava com toda aquela animação que transbordava dos dois.

O cabelo do meu pai estava um pouco grisalho e o da minha mãe provavelmente também estaria se ela não tivesse começado a tingi-los de castanho.

Sua preocupação em não parecer mais velha ficava cada vez maior. Só rezava para ela não ficar como aquelas malucas viciadas por plástico que apareciam na TV.

— Oi, querida. — Saudou meu pai, puxando-me para um abraço apertado. — Quanta falta eu senti da minha garotinha.

— Nossa, pai! — Fiz cócegas nele e

levantei o rosto para observar suas expressões. — Parece até que não nos vemos todos os dias por chamadas de vídeo. — Em seguida, emburrei a cara e fiz uma ceninha. — Do jeito que o senhor fala, parece até que sou uma filha ingrata que nunca dá notícias.

— Não foi isso que eu disse, espertinha. — Papai balançou o dedo indicador e piscou para mim.

Enquanto isso, minha mãe continuava parada, olhando-me fixamente, provavelmente procurando algo para comentar.

— Maria Luíza, você tem se alimentado direito? — Mamãe passou por mim, examinando-me e apertou o meu ombro. — Está tão magrinha!

Eu não falei?

Minha mãe não entendia que aquele era o meu biótipo e mesmo que eu quisesse ter a bunda da *Beyoncé*, não ia conseguir. A não ser, é claro, que eu tomasse algo ou colocasse silicone. O que estava fora de cogitação.

— Aposto que só come frutas e verduras. — Mamãe resmungou, agora com a mão na cintura.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não vive logo na floresta e se torna amiga dos lobos?

— Seria incrível! — Falei, dando um soco no ar.

Mamãe pareceu não achar a menor graça, pois cruzou os braços e começou a bater os pés.

— Mas para o seu governo não dispenso um arroz com bife e batata-frita. — Acrescentei e pude ver o alívio em seu rosto.

— Essa é a minha filha! — Comemorou, como se tivesse acabado de informar que ganhei o prêmio Nobel. — O que acha de almoçarmos na pensão da Dulce e relembrar os velhos tempos?

— Acho uma ótima ideia. — Agradei depois de escutar o meu estômago roncar mais uma vez.

Dulce tinha uma das melhores comidas caseiras de Nova Aliança. Ganhava até da minha mãe, mas eu jamais diria aquilo a ela. Era nova demais para morrer.

Fomos para o carro e meu pai carregou a minha bagagem, mesmo depois de eu ter dito diversas vezes que podia levá-las.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me preocupava com a sua coluna e pelo jeito que ele ficou ofegante após colocá-las no porta-malas, eu estava certa em ter insistido, mas parecia que a teimosia era de família.

Já na estrada, coloquei o rosto para fora da janela e pensei em como era bom voltar para a cidade que nasci. Tive que guardar meu gorro cinza com pompom na ponta, para que ele não saísse voando com o vento.

As árvores passavam rapidamente à medida que íamos nos movendo e logo à frente, consegui ver a placa escrito “Bem-vindo à Nova Aliança”, com o símbolo do arco íris.

Eu escutei a história sobre aquela placa todas as noites, por toda a minha infância.

Nossa cidade tinha sido fundada por um casal religioso. Eles andavam pelas redondezas e repetiam versículos da Bíblia.

Em especial, um em que Deus abençoou Noé e os seus filhos, dizendo que quando o arco-íris aparecesse nas nuvens, Ele o veria e lembraria da aliança que fez para sempre com todos os seres vivos do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

Sendo assim, sempre que o arco-íris aparecia no céu, os moradores de Nova Aliança se reuniam para confraternizar e falar sobre o casal fundador.

Gostava de imaginar a aparência dos dois, embora cada pessoa os descrevesse de maneira diferente. No fundo, chegava a me questionar se eles haviam mesmo existido ou se foram apenas inventados pelos mais velhos.

No caminho para a pensão, minha mãe jogou uma bolsa de maquiagem e um espelho na minha direção, dizendo que eu precisava melhorar um pouco a aparência.

Sem muito entusiasmo, encarei meu reflexo. O cabelo castanho e cacheado estava um pouco armado após eu ter colocado a cabeça para fora da janela do carro.

Tentei ajeitá-los, sem sucesso. Aquele era o problema de ter um cabelo com vida própria. Ele nunca ficava do jeito que a gente queria.

Por outro lado, meus olhos amendoados tinham ganhado um brilho diferente, quase enigmático, quando comecei a imaginar a reação

das pessoas da cidade ao me verem retornando após tantos anos fora.

Aproveitei para reforçar o lápis preto dos meus olhos, aplicar mais rímel nos cílios e passar um pouco de blush nas bochechas.

Meu pai começou a puxar assunto e contou as novidades. A que mais me pegou de surpresa era que ele tinha se tornado diretor da escola em que estudei a vida toda.

Se já ouvia muita gracinha por ser sua filha quando ele era apenas o professor, não gostava nem de imaginar como seria se eu fosse a filha do diretor.

Ainda bem que daquilo, o destino me poupou.

— Chegamos! — Papai informou, manobrando em uma vaga ao lado da pensão.

Descemos do carro e meus pais deram as mãos. Mesmo depois de tantos anos casados, eles ainda eram bastante amorosos um com o outro.

Fomos andando e quando entramos, escutei o sininho que tocava sempre que a porta se abria. Deveria ser o método que a dona Dulce usava para

PERIGOSAS ACHERON

saber quando alguém chegava.

Ela estava em pé, próxima ao balcão, usando um vestido florido, por baixo do avental branco. Seu sorriso ao nos ver era arrebatador.

— Luíza! Meu Deus! — A mulher baixinha, de cabelos crespos e grisalhos, presos com grampos, arregalou os olhos e cobriu a boca com as mãos, vindo até nós a passos lentos. — Como você cresceu. Está tão bonita!

— Ela teve a quem puxar. — Minha mãe fez graça e meu pai me olhou, tentando não rir. Nós dois sabíamos que eu era muito mais parecida com ele.

— Vieram almoçar ou só fazer uma visitinha? — Dulce quis saber, limpando as mãos em uma toalha.

— Almoçar. — Respondi, não suportando mais de fome. — Você teria aquele arroz com bife e batata-frita, que eu tanto amo? — Fiz cara de pidona. — Diz que sim, pelo amor de Deus!

— Tenho. — Ela caiu na gargalhada. Depois, segurou minhas mãos e me olhou intensamente. — E mesmo se não tivesse, daria um

PERIGOSAS NACIONAIS

jeito de providenciar, minha querida.

— Você é um doce. — Agradei a gentileza.

— Ok. — Minha mãe nos interrompeu, demonstrando um pouquinho de ciúme. — Vamos parar com essa lenga-lenga toda e ir direto ao que interessa.

— Tudo bem. — Dona Dulce ignorou a grosseria da minha mãe e assumiu uma postura profissional. — Todos vão querer o mesmo?

Minha mãe olhou para meu pai, que assentiu.

— Sim. — Respondeu, tocando o braço de Dulce e depois, apontou para mim. — E pode caprichar no prato dessa mocinha, que ela está precisando ganhar uns quilinhos.

— Mãe! — Chamei sua atenção.

— Nada de reclamar. — Ela se virou para mim e apertou a minha bochecha. — Vamos nos sentar.

Dona Dulce desapareceu atrás do balcão e nós caminhamos para a mesa de sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Como meus pais sempre trabalharam bastante, minha mãe não tinha tempo para cozinhar. Como a pensão ficava perto da escola, nós sempre almoçávamos juntos e depois, eu voltava para casa com as minhas amigas.

Após Arthur e eu assumirmos o nosso namoro, minha mãe contratou uma empregada, para cuidar da casa, mas eu sabia que a verdadeira função dela era ficar de olho em mim.

Em cima da mesa de madeira escura, havia saleiro, pimenta e outros condimentos. Mamãe começou a organizar os vidrinhos por tamanho. Tinha esquecido daquele seu costume.

Não muito tempo depois, Dulce voltou com uma bandeja e os nossos pratos. Estavam cheirando tão bem que cheguei a salivar.

— Vão beber o de sempre? — Ela perguntou e o meu pai levantou para ajudá-la a colocar tudo em cima da mesa.

O de sempre era refrigerante. Na adolescência, era só o que eu tomava, mas mudei os meus hábitos enquanto estive fora.

— Não. — Balancei a cabeça e mamãe me

olhou surpresa. — Pode trazer um suco de laranja para mim?

— Claro. Vou fazer rapidinho e já trago. — Dulce recolheu a bandeja e se virou para os meus pais. — E vocês?

— O de sempre. — Eles responderam em uníssono e Dulce assentiu, deixando-nos a sós logo em seguida.

Pensei que minha mãe fosse zombar sobre eu estar me tornando mais natural e dizer de novo que já podia ir morar na floresta, mas ela resolveu ignorar aquela história.

— E os namoradinhos? — Perguntou, dando uma garfada na sua batata-frita.

Eu tinha acabado de colocar um pouco de comida na boca e por pouco, não cuspi.

Claro que ela segurou a piada sobre os lobos, ela tinha algo mais irritante para me perguntar.

— Não tenho nenhum, mãe. — Respondi de boca cheia mesmo, já ficando mal-humorada.

— E o Ethan, vocês terminaram? —

Continuou fingindo não notar meu desconforto.

Será que ela não sabia que a hora do almoço era uma hora sagrada?

— Sim. — Assenti, parando de mastigar. Tinha perdido o apetite mesmo. — Eu te contei isso há meses.

Sabia que ela tinha se feito de desentendida para saber se reatamos. A minha mãe não tinha jeito.

— Alguma possibilidade de volta?

Meu pai afundou na cadeira e abaixou a cabeça, tentando ficar de fora da conversa.

— Não, mãe. — Suspirei, massageando as têmporas e fazendo uma força descomunal para não gritar com ela. — Nós somos muito ocupados, nunca daria certo. Eu já te disse isso.

— Meu Deus! — Minha mãe largou os garfos em cima da mesa e balançou a cabeça em negativa. — Já vi que para ter netos, terei que esperar a neve cair.

Por que as pessoas achavam que para as mulheres serem felizes precisavam necessariamente

estar em um relacionamento? Por que achavam que o nosso maior sonho era o de ter filhos?

— Essa história de neve de novo? —
Revirei os olhos, não acreditando que ouviria aquilo outra vez.

Minha mãe era uma daquelas pessoas que achava que se eu deixasse um dos chinelos virados, ela morreria. Vivia aparecendo com uma simpatia nova.

Sem querer ofender, mas eu achava tudo aquilo uma grande idiotice.

— Mas é real! — Mamãe aumentou o tom.
— Coisas fantásticas acontecem quando a neve cai.

Cruzei os braços e ajeitei-me na cadeira. Queria ver até onde ela iria.

— Fantásticas, tipo o quê? — Tapei a boca para não rir na cara dela.

Eu não queria tirar sarro, mas aquilo estava se tornando ridículo. Só faltava ela me dizer que a neve traria alguém de volta a vida.

— O que a pessoa mais desejar no seu coração.

Levantei as sobrancelhas, desconfiada. Ela não podia estar falando sério. Se fosse assim, qual o objetivo de trabalhar ou ter planos se era só esperar a neve cair?

— O que a pessoa mais desejar? Tá bom. — Ri de nervoso. — Se fosse verdade, todos de Nova Aliança já estariam milionários.

— Dinheiro não é tudo. — Ela rebateu.

— E o que é, então? — Eu estava perdendo a compostura.

— O amor. — Ela afirmou com tranquilidade. — O amor é tudo.

— Sei. — Só a minha mãe mesmo para achar aquilo. Afinal, ela teve a sorte de encontrar alguém como o meu pai. — Então, quer dizer que quando a neve cair, as pessoas encontrarão o amor?

— Sim. — Ela sorriu, como se soubesse algo que eu jamais poderia entender. — O amor que procuram, o amor que merecem.

— Não é tudo amor?

— Não, filha. — Ela tocou o meu braço e me olhou mais de perto, como se fosse me

confidenciar um segredo. — O amor é relativo. Cada um enxerga ao seu modo.

Ela realmente acreditava naquilo tudo. E não fazia mal a ninguém ter no que acreditar. Então, quem seria eu para discordar?

— Se for assim, tudo bem. — Dei-me por vencida. Não queria implicar com algo que ela defendia com tanto afinco. — Acho interessante essa ideia, mesmo achando muita superstição.

— Pense o que quiser. — Ela deu de ombros.

— E sobre a chuva? — Fiquei interessada de repente. — Existe alguma lenda maluca sobre a chuva?

— Chuva é só desgraça, filha. — Ela fez uma expressão triste enquanto mexia nos guardanapos.

— Ah, mas isso é porque essa cidade fica toda alagada e as pessoas perdem tudo em enchentes.

Lembrei de alguns casos que presenciei. Pessoas saindo pelas janelas com seus animais de estimação, porque a porta não abria. Era uma

PERIGOSAS ACHERON

situação lastimável.

— Não é só por isso. — Minha mãe parecia incomodada.

— Sei. — Gargalhei tão alto, que achei que ela fosse tacar o saleiro em cima de mim.

— Deixa sua mãe com as crenças dela, filha! — Meu pai se pronunciou pela primeira vez em minutos.

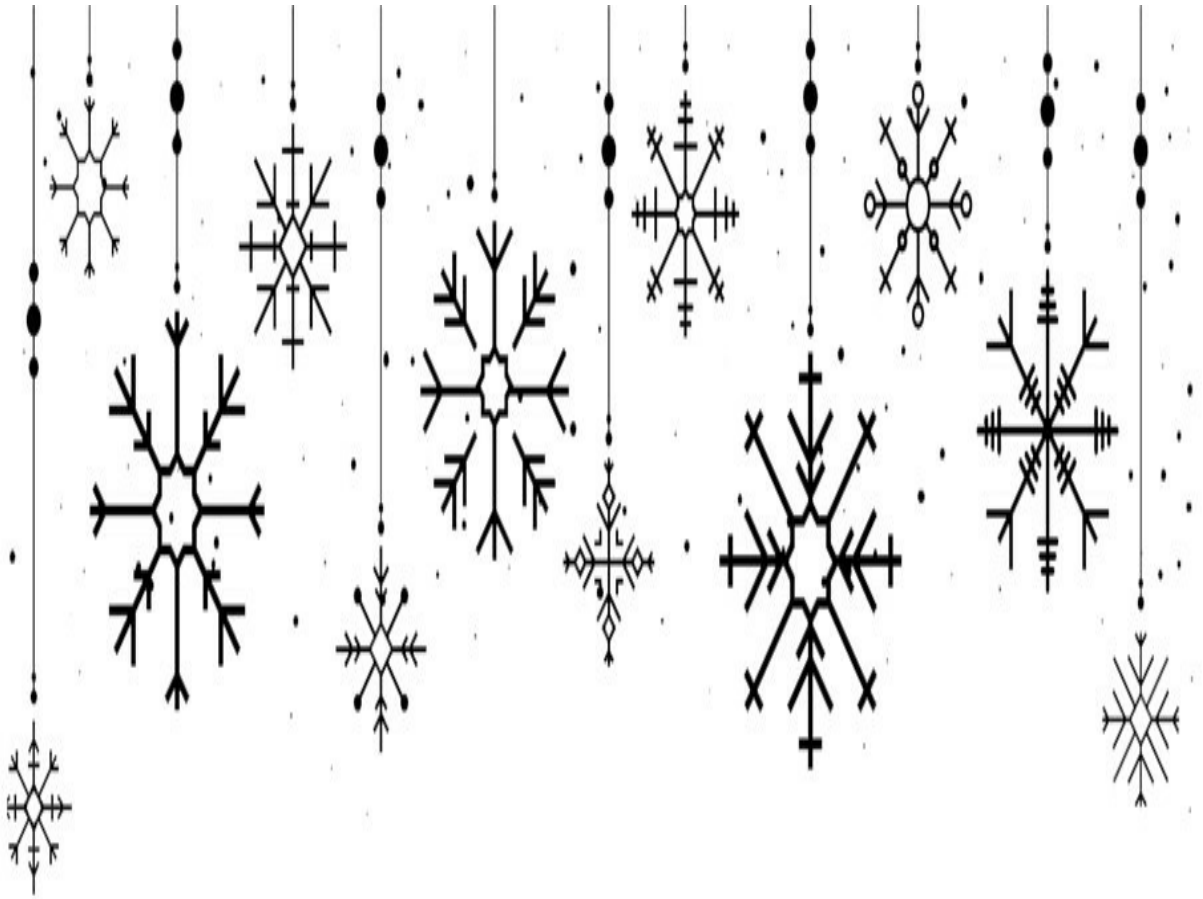
Foi quando notei que ele já havia terminado de comer. Já a minha mãe e eu só havíamos revirado o prato e trocado olhares raivosos.

— Claro, pai. — Concordei com ele. — Vamos terminar de almoçar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 3

PERIGOSAS ACHERON

Depois daquela conversa desgastante, eu só queria dar uma volta e arejar a cabeça. Por isso, pedi aos meus pais que levassem os meus pertences para casa e me deixassem ali perto.

Mal descí do carro e já fui atingida pelo aroma delicioso de grama, terra fresca e flores do campo. O ar limpo invadindo os meus pulmões acalmava os ânimos e trazia paz.

Rodei no mesmo lugar, fechando os olhos e voltando no tempo, lembrando de como fui feliz ali.

Andei um pouco e notei que as casas, as ruas e até mesmo os paralelepípedos continuavam idênticos, afinal Nova Aliança era uma cidade de tradições.

Um cachorro cinza, de grande porte e pelagem longa, passou junto com o seu dono, atraindo olhares de admiração e também, de medo.

A maioria das pessoas atravessavam a rua assim que o viam, mas eu não me movi. Sabia pela postura e olhar do cão que ele não tinha a intenção de machucar ninguém. A não ser, é claro, se fosse

PERIGOSAS NACIONAIS

para defender o seu dono.

Do outro lado, tinha uma senhora examinando as frutas e legumes da feira. Senti o cheiro dos morangos fresquinhos e fiquei com vontade de levar alguns para casa.

Fiquei olhando ao redor e pensando como o clima parecia agradável quando escutei uma voz familiar.

Virei-me lentamente e vi aquele rosto marcante, os olhos negros brilhantes, a maçã do rosto saliente e o nariz arrebitado de Suzana, uma das minhas melhores amigas na infância, mesmo que agora parecesse outra pessoa.

Suzana se aproximou e aproveitei para observá-la melhor. Não acreditava que ela tinha cortado o cabelo.

O manto negro, que sempre cultivava na altura da cintura e deixava todas as garotas da cidade com inveja, tinha se reduzido a um Chanel de bico bem moderno e que combinava bastante com ela.

Na verdade, Suzana ficaria linda até se jogassem um caminhão de lixo nela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suas roupas pareciam de marca e ela andava como se estivesse em uma passarela. Só faltavam os holofotes e as pessoas aplaudindo.

— Uau! — Ela gesticulou de maneira exacerbadada, cobrindo a boca com as mãos.

Seu rosto assumiu uma aparência pálida e Suzana tocou o meu ombro, como se achasse que eu fosse desintegrar no ar.

— É você mesmo?

— Pensou que fosse o quê? — Ri da sua reação. — Um fantasma?

— Seria mais fácil de acreditar.

Ficamos olhando uma para a outra por um tempo, sem ter o que dizer. Mal tinha chegado e já me sentia um peixe fora d'água.

Suzana começou a bater os pés e a olhar para o relógio de pulso, dizendo que estava atrasada. Foi quando eu entendi.

Na adolescência, ela recebeu o apelido de repórter da cidade, porque falava compulsivamente e tinha um brilho radiante no olhar quando tinha uma nova notícia para contar.

PERIGOSAS ACHERON

E agora, ela tinha uma das grandes.

Em aproximadamente cinco minutos, todos saberiam sobre o meu retorno. Talvez, até menos. Ela só precisava que eu virasse as costas.

Aquilo deveria me assustar, mas era só consequência de um dia normal em Nova Aliança.

Dei um tchauzinho para ela e balancei cabeça. As pessoas continuavam tão fúteis quanto eu poderia me lembrar.

Continuei caminhando devagar, enrolando meus cachos castanhos ao redor dos dedos e ajeitando o comprimento pelas costas. Um raio de sol atingiu a minha pele e olhei para o meu braço à procura de um elástico para amarrar o cabelo, mas não encontrei.

Remexi a bolsa de couro, que transpassava meu vestido cinza, e peguei um espelho dentro dela para ver o meu estado.

Eu tinha a expressão cansada, a boca ressecada e olheiras gigantes, parecendo uma coruja, como meu pai carinhosamente dizia.

Não achei o prendedor de cabelo, nem mesmo um lápis para enroscar no cabelo e fazer um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coque. Minha bolsa estava uma grande bagunça. Até um chiclete mastigado e enrolado em um papel tinha ali.

Peguei um batom rosa claro para passar nos lábios, dinheiro para comprar pipoca e fechei a bolsa, parando perto da pracinha.

Era lá onde costumava ficar abraçada a Arthur ou conversando com Amanda até que nossos pais gritassem para nos avisar que havia anoitecido.

Agora a praça estava vazia e um silêncio estranho pairava no ar. Só o barulho do vento movimentava de leve os dois balanços a minha frente.

Consegui me enxergar ali, há anos, ora trocando sorrisos tímidos com Arthur, ora sendo empurrada com força no balanço e gargalhando com vontade. Aquela felicidade de ter apenas o momento para se viver e nada mais com o que se preocupar.

Por mais que quisesse, não havia um lugar sequer naquela cidade que não estivesse recheado de memórias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei mais alguns passos quando uma mão me segurou e me puxou para dentro de um jardim ou casa. Foi tudo tão rápido que não consegui enxergar quem havia me sequestrado nem para que lugar estava sendo levada.

Debati-me por instinto, mas parei assim que vi aqueles olhos verdes me fitando.

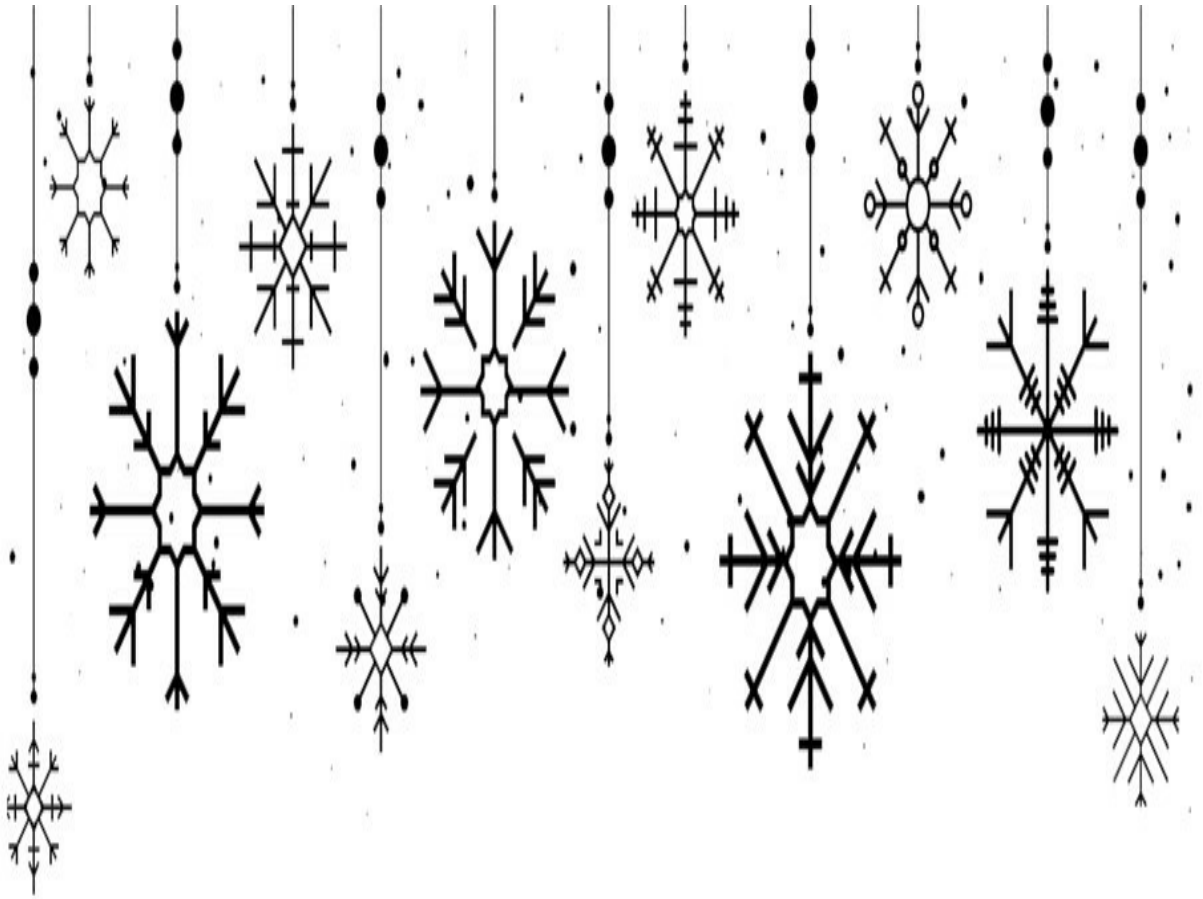
Senti a pressão baixar um pouco e engoli em seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 4

PERIGOSAS ACHERON

— Meus Deus! É você mesmo?

Ouvi a voz que me acompanhou por quase a vida inteira e fiquei imóvel, como se a qualquer momento fosse cair da cama e descobrir que estava sonhando.

Tentei dizer algo, mas parecia ter esquecido como se pronunciavam as palavras.

Minha mente produzia pensamentos acelerados. Alguns desconexos, outros mais coerentes. No entanto, nenhum chegava aos meus lábios.

Demorei alguns segundos para digerir que quem estava à minha frente era a minha melhor amiga de infância, Amanda, e ainda mais um pouco para que ela começasse a gritar e a me abraçar.

Eu ainda estava em choque, anestesiada, por isso não retribuí. Amanda parou, recuperando o fôlego, parecendo mais cansada do que o normal. Eu continuei em silêncio e com os olhos arregalados.

— Você está me assustando, Luíza! —
Amanda me examinou atentamente e eu fiz o
PERIGOSAS ACHERON

mesmo. — Diga alguma coisa. — Pediu, sentindo-se incomodada.

— E-e-eu... — Gaguejei, tentando recuperar os comandos da fala.

— Eu sei. — Ela sorriu e me deu um tapa de leve. — Também estou feliz em te ver.

Não era aquilo que eu iria dizer, mas Amanda me pegou pelo braço e começou a me puxar novamente.

Estávamos passando por um jardim, com uma pequena horta e flores em vasilhos.

Mesmo com meu conhecimento limitado sobre plantas, sabia que tinha manjerição ali. Seu cheiro forte chegou rapidamente às minhas narinas.

Mais à frente, entramos por uma porta que dava em uma pequena casa com chão de madeira e aspecto aconchegante.

Um lindo tapete felpudo acinzentado estava na entrada e Amanda limpou os seus sapatos antes de continuar. Imittei o gesto instintivamente.

Eu não fazia ideia de onde estávamos, mas tinha gostado da disposição dos móveis, dos

quadros com figuras geométricas na parede, dos porta-retratos que ficavam acima de uma cômoda de madeira, e principalmente, da lareira que mesmo apagada era magnífica.

Parecia o tipo de lugar que eu teria escolhido para morar.

Amanda se remexeu de um lado para o outro, como se quisesse me dizer alguma coisa, mas sempre que abria a boca, se continha. Até que finalmente tomou coragem.

— Senti tanto a sua falta.

Eu queria acreditar naquilo, mas tinha motivos suficientes para não confiar nela.

— Foram vocês que cortaram relação comigo. — Confessei, sentindo-me triste e irritada ao lembrar que ninguém respondia aos meus e-mails da França.

Pois é. Tive que recorrer aos e-mails depois de, na raiva, ter apagado o número de todos do meu celular. E como odiava redes sociais, foi a única maneira que encontrei e que não funcionou, afinal eu nunca tive retorno.

Amanda se sentou em uma poltrona e me

PERIGOSAS ACHERON

indicou a que se encontrava à sua frente.

— Luíza, precisamos conversar.

Eu não gostava daquelas palavras, elas sempre vinham para machucar.

Fiquei parada, olhando para os meus tênis brancos, acanhada e sem saber o que fazer.

Por isso, me sentei. Achei que precisasse.

— Arthur ficou realmente arrasado com a sua viagem. — Amanda falou, olhando para o relógio prateado com formato de meia lua em uma das paredes. — Ele não comia, não dormia, parecia um zumbi. — Ela abaixou a cabeça, com pesar. — Ninguém tinha coragem de mencionar seu nome perto dele.

Eu não sabia o que dizer. Sequer conseguia imaginá-lo daquela maneira. Ele foi tão frio quando terminou comigo.

— E resolvemos fazer isso até que ele se recuperasse. — Ela continuou mexendo em algo no seu braço e evitando me olhar nos olhos. — Mas, quando você resolveu estender a viagem... — Amanda respirou fundo e massageou as têmporas, como se fosse jogar uma bomba no meio da sala a

PERIGOSAS ACHERON

qualquer momento. — Arthur nos convenceu que você havia abandonado todos nós, que a vida luxuosa era mais importante, que éramos um bando de caipiras e que não merecíamos a sua atenção.

Congelei por alguns segundos e tive que me lembrar de respirar. Eu tinha escutado direito? Então, era aquilo que havia acontecido? Não. Só podia ser brincadeira.

Tinha passado todo aquele tempo inventando desculpas para mim mesma, achando que todos estivessem sem internet, já que Nova Aliança era uma cidade pequena ou que meus e-mails estivessem caindo em uma pasta de spam. Mas, o tempo todo, era aquilo?

— É mesmo? — Levantei com a cabeça rodopiando.

Passei as mãos pela testa, suando frio, tentando me recuperar do nervosismo.

Como pude ser tão ingênua? O tempo todo achando que eles não me respondiam porque não podiam, quando, na verdade, eles apenas não queriam.

— Desculpe, mas não pude... — Amanda

PERIGOSAS NACIONAIS

tentou uma aproximação.

— Chega! — Berrei, dando um soco na parede.

A minha vontade era de acertar a cara dela. E, ah, como ela merecia.

Amanda ficou parada, me encarando estupefata.

— Amanda... — Comecei. Era a minha vez de falar.

Ela se retraiu, talvez intuindo que eu não seria tão boazinha. Não mais.

— Você faz ideia de como é estar em um país que ninguém lhe conhece, que ninguém entende com exatidão o que você diz? — Funguei.

Amanda balançou a cabeça.

Claro que ela não sabia. Ela sequer se deu o trabalho de ler os malditos e-mails!

VACA, FALSA, DESGRAÇADA... Como eu queria arrebentar a cara dela agora!

— Sabe o que é não ter um amigo sequer para dividir a sua dor? — Continuei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A cada frase pronunciada, eu aumentava um pouco mais a voz.

— O que é estar completamente SOZINHA?

Na última, já estava gritando, meu coração retumbava forte e as mãos tremiam.

— Ele é meu irmão. — Amanda falou, como se aquilo justificasse alguma coisa. — O que queria que eu fizesse?

Ao ouvir aquilo, percebi que não éramos mais aquelas amigas inseparáveis, que tinham jurado permanecer lado a lado até mesmo se o céu acima de nós desmoronasse.

E as lágrimas começaram a cair.

Tentei esconder o rosto, não podia mais continuar ali. Eu precisava sair daquela casa, voltar para um local confortável, onde pudesse sentir que estava novamente tudo bem, onde pudesse respirar em paz.

— Você também era uma irmã para mim. — Lamentei, secando as lágrimas e tentando sair de perto dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não faça as coisas ficarem mais difíceis, Luíza. — Amanda tentou me segurar pelo braço, mas eu a empurrei.

— Me deixa em paz! — Gritei em um acesso de fúria.

Milhões de pensamentos bombardeavam minha mente e eu não sabia como expressar tudo o que sentia. Tudo que eu queria era gritar e quebrar alguma coisa, mas não podia me deixar guiar por instintos tão primitivos.

— Sabe o que é mais engraçado de tudo isso? — Peguei fôlego para voltar a falar e ri sem vontade.

Ela iria escutar até o fim. Eu não ia sair dali até dizer tudo o que estava engasgado.

— Quando fui embora, há cinco anos, o Arthur arrancou o meu coração e pisou nele, sem dó nem piedade. E por mais que tivesse doído a maneira como ele me tratou, o que acabou de vez comigo foi não ter mais a minha melhor amiga.

Amanda se contorceu onde estava. Eu sabia que as minhas palavras feriam, mas era a verdade. E a verdade doía.

PERIGOSAS ACHERON

— Tentei falar com você, enviei milhões de e-mails dizendo o quanto estava sofrendo por estar longe. O quanto sentia a falta de vocês, o quanto amava todos. — Gargalhei com deboche e ódio. — E vocês, simplesmente acharam melhor não me responder, porque o idiota do seu irmão não comia e não dormia?

Contive o arquejo que estava preso na minha garganta, não podia começar a chorar de novo.

E só de imaginá-los juntinhos enquanto eu sofria sozinha. Eles não mereciam minhas lágrimas, não mereciam nada de mim.

— Ele estava sofrendo, Luíza. — Amanda tentou falar novamente, mas cada vez que ela abria a boca, algo morria dentro de mim.

— Eu também. A diferença é que ninguém se importou. — Admiti, pronta para sair quando ouvi um choro agudo.

Olhei para um quarto e vi um bebê se remexendo dentro de um berço. Amanda correu para perto dele e sorriu.

— Calma, meu amor. — Murmurou com

uma voz fina e carinhosa. — Mamãe está aqui. —
E o pegou no colo.

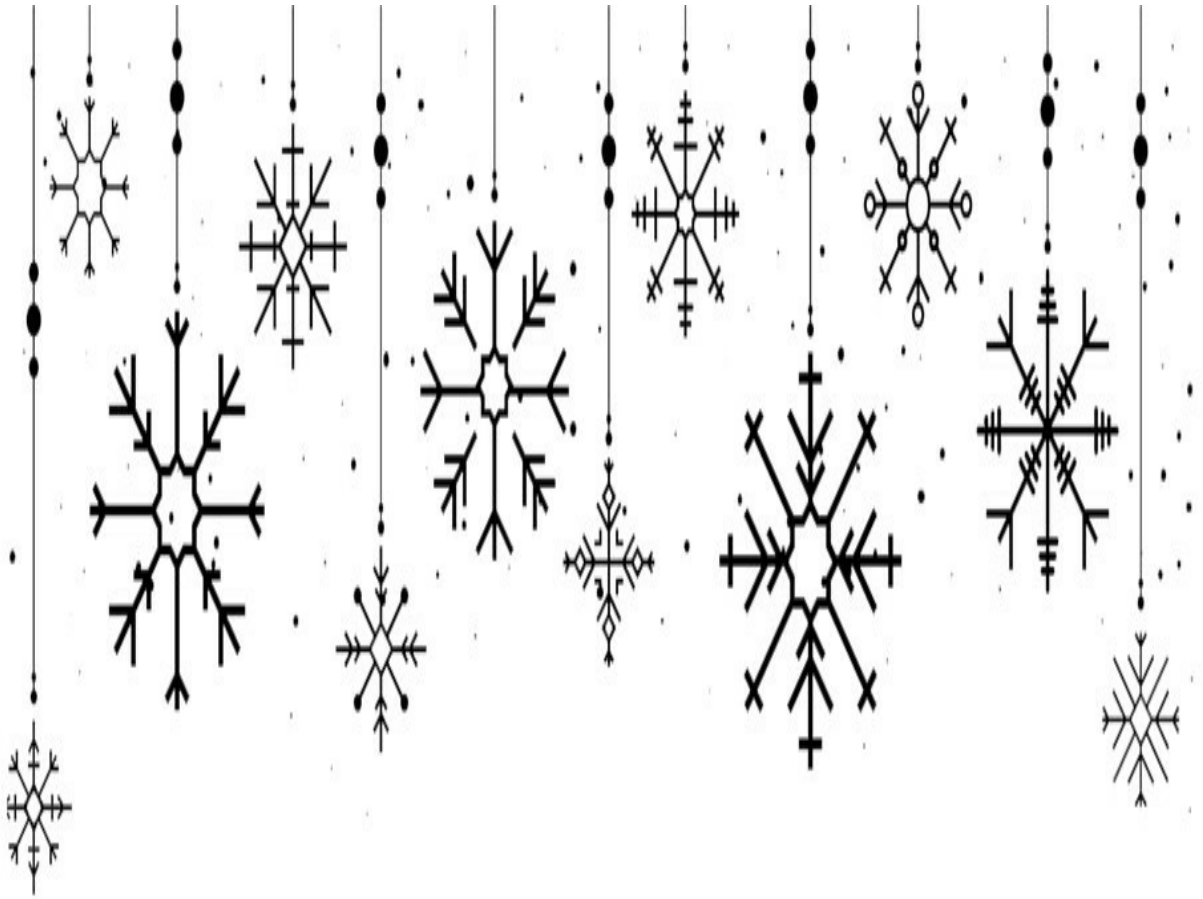
Arregalei os olhos enquanto minha mente
tentava digerir aquelas palavras.

Mamãe? Desde quando Amanda era mãe? E
se ela era a mãe, quem era o pai?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 5

PERIGOSAS ACHERON

Deveria ter ido embora, mas minha curiosidade falou mais alto. Fiquei olhando para Amanda e o bebê, tentando reproduzir alguma frase, mas ela simplesmente não saía.

Nada naquela cidade fazia mais sentido.

— Está parecendo o Eric quando descobriu que eu estava grávida. — Amanda passou por mim, balançando o bebê nos braços.

— Você se casou com o Eric? — Soltei um grito e depois, tapei a boca. Não queria assustar a criança que nada tinha a ver com os problemas de nós, adultos.

— Não. Deus me livre! — Ela fez cara de nojo. — Ele é só o pai do meu filho. — Amanda disse naturalmente.

— Como assim, só o pai do seu filho?

Eric era um cafajeste que vivia rondando Amanda e todas as nossas amigas com piadinhas infames. Nunca imaginei que ela fosse se envolver com um tipo como aquele.

— Ele disse que era muita coisa para a

cabeça dele e foi embora da cidade. — Explicou, como se não fosse nada e colocou uma chupeta na boca do bebê.

— Muita coisa para a cabeça dele? — Repeti suas palavras, incrédula. — E você, que teve que carregar uma criança por nove meses na barriga?

— Oito. — Amanda me corrigiu. — Parece que o pequeno Gabriel estava com pressa para ver o mundo.

— Você entendeu.

Gabriel parecia ter uns sete ou oito meses. Não que eu entendesse alguma coisa sobre crianças, mas era um bebê grande, gorduchinho, daqueles que só de sorrirem já nos faziam esquecer o próprio nome.

— Eu já me acostumei com a situação, Luíza. — Amanda deu de ombros. — Não existe nada que me faça mais feliz do que ter o meu bebê comigo.

E Amanda parecia realmente feliz. Só não sabia por que eu ainda me importava.

— Mas ele não podia ter fugido assim. —

Reclamei, indignada, quando ouvi passos ao longe.

Olhei para o relógio na parede e para o sol se escondendo pela janela da sala. Já era tarde. Eu precisava ir embora.

— Nós estamos bem. — Amanda sorriu afetuosamente, mas sua expressão mudou assim que a porta da frente se abriu.

Agora ela parecia preocupada.

— Quem é você para dar lição de moral sobre ficar? — Arthur entrou no recinto sem sequer dizer "boa tarde" e já ofereceu sua ofensa gratuita.

Tomei um susto com sua entrada brusca. Fazia cinco anos que não o via, cinco anos que minha pulsação não acelerava daquela maneira. Fiquei tão nervosa que tudo ficou em câmera lenta.

Seus passos pareciam estar em sincronia com meu coração. Conseguia ouvi-los, fortes e devagar, batendo de encontro com o assoalho do chão. E o meu queixo caiu.

Era ele, lindo como me lembrava, lindo como jamais deixaria de ser.

Em um piscar de olhos, senti como se

tivesse quinze anos novamente e estivesse nos corredores da escola, trocando recadinhos amorosos, corando feito tomate sempre que ele dizia o meu nome, daquele jeito que fazia meu corpo inteiro ficar arrepiado.

— Luíza?

Pensei que não estivesse mais ali quando Arthur acenou para mim e disse o meu nome, mas não como na minha lembrança. Agora ele parecia irritado.

— O que foi?

Voltei à Terra, imaginando a cara de tonta que deveria estar fazendo e me amaldiçoando internamente por ter tido a primeira reação mais patética do planeta frente ao meu ex, que me dispensou e me deixou com a cara estirada no chão na última vez que nos vimos.

Queria poder estar em um filme para rebobinar a cena e ter feito expressão de desdém quando ele apareceu, como se dissesse: Arthur? Quem? Não conheço.

Mas, diferente dos filmes, não podíamos voltar e refazer nada. Só respirar fundo, fingir que

nada tinha acontecido e tentar parar de fazer cara de idiota.

— Quero passar. Dá licença? — Ele me cutucou, para que eu saísse do seu caminho.

Um babaca, não?

Por que fui namorar aquele boçal mesmo? Parecia mais um dos milhões de questionamentos sobre as escolhas terríveis que eu já havia feito na vida.

— Um pouco de educação não faz mal a ninguém, sabia? — Questionei, tentando me situar. Não podia mostrar o quanto ele ainda me afetava.

Só precisava manter a calma e ir embora. Não ficaria muito tempo em Nova Aliança, meu lugar não era mais ali.

— E só para deixar claro, eu não fugi. — Retruquei. — Quantas vezes será que preciso dizer isso?

— Nenhuma. — Ele respondeu de forma sombria. — Ninguém está interessado nas suas desculpas.

A arrogância parecia a mesma. Eu já estava

com vontade de socar a cara dele.

Parecia bastante com o nosso relacionamento. Um dia eu o amava, e, no outro, só queria arrancar seus olhos e jogar para os peixes.

Os cabelos loiros e olhos verdes também continuavam lindos e intactos. E o tempo nem para deixá-lo careca para que eu o achasse menos atraente. Até mesmo a barba que apareceu em seu rosto o favorecia.

Por quê, Deus? Será que era pedir demais apenas algumas entradas naqueles fios que nunca perdiam o brilho e aparente maciez?

— Não são desculpas, é a verdade. — Levantei os braços, exausta por ter que ficar repetindo aquelas palavras. — Sabe de uma coisa? Não preciso continuar aqui, olhando para a sua cara.

— Isso mesmo. Pode ir embora. — Ele indicou a porta de saída com descaso. — É o que você sabe fazer de melhor.

Ele estava me expulsando? Aquilo era sério? Eu não estava acreditando.

E do nada, Amanda surgiu na minha frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ninguém irá sair dessa casa até resolvermos todo esse maldito mal-entendido. — Sentenciou, jogando Gabriel em cima de mim e eu tive que correr para apanhá-lo.

Fiquei alguns segundos tentando entender como deveria fazer aquilo.

— Olha isso. — Arthur deu uma gargalhada e balançou a cabeça em negativa. — Ela nem sabe como segurar uma criança.

— Claro que sei. — Tentei virar o bebê, mas tinha medo de deixá-lo cair.

Pensei que se me mexesse demais poderia quebrá-lo, então só fiquei na mesma posição, rezando para que ele não escorregasse dos meus braços.

— Estou vendo. — Arthur riu novamente.

Como a vida era engraçada. Há alguns dias, estava em Paris, passeando pelo Louvre, e agora, ali, vendo baba caindo da boca de uma criança que eu sequer imaginava que existia.

Parecia até piada.

Arthur entrou em um cômodo para pegar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algo e saiu novamente, se despedindo apenas da irmã e me ignorando completamente.

Fui em direção ao sofá, meio fora de si, e me sentei, com o bebê nos braços.

Fiquei olhando para a porta, e, enfim, pensando de quem era aquela casa pela qual fui sugada, no que parecia ser um normal fim de tarde.

— Amanda, eu sei que você está se divertindo com a minha total falta de jeito, mas pode, por favor, pegar o seu filho de volta? — Perguntei, em desespero, quando ele começou a fazer uns sons de quem estava odiando estar comigo.

— Tem dias que não me alimento direito, Luíza. Fica só mais uns minutinhos com ele, por favor? — Pediu, indo em direção a cozinha.

De onde eu estava, dava para ver uma grande bancada de mármore escuro, com pia e fogão embutidos. No centro, uma mesa de vidro fumê, com quatro cadeiras acolchoadas. Nas paredes, armários em tons de preto e branco. Em um canto, uma geladeira com duas portas cinzas e uma fruteira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que aconteceu com a história de “Ninguém sai dessa casa até resolvermos todo o mal-entendido”? — Tentei imitar sua voz autoritária.

— Arthur tinha que trabalhar. — Informou, procurando algo na geladeira. — Você ainda gosta dele?

— Claro que não.

Fiquei nervosa e me remexi de um lado para o outro, com seu filho ainda nos braços, tentando afastar o desconforto com uma risada e parecer normal e firme.

Duas coisas que eu não me sentia naquele momento.

— Sei. — Ela explodiu em uma gargalhada.

O cabelo loiro, sempre longo e brilhante, de Amanda estava todo bagunçado e preso com um chocalho de bebê.

— O quê? — Olhei-a de esguelha e depois, ri também.

Ela só podia estar brincando. Como ainda poderia gostar de alguém que terminou comigo há

PERIGOSAS ACHERON

cinco anos e virou todos os meus amigos contra mim?

Se bem que não podia culpá-lo pela atitude dos outros.

— Eu te conheço, Luíza. — Garantiu, mastigando um pedaço de bolo que parecia estar ali há semanas. — Sei quando está mentindo.

— Eu não estou mentindo!

— Você fica piscando e rindo feito uma lunática quando está mentindo. — Amanda parou perto das gavetas e abriu uma.

— E quando eu fiz isso? — Quis saber.

— Está fazendo agora. — Revelou, pegando um garfo indo em direção a outro prato na geladeira.

— Você inventou isso.

— Está bem. — Ela riu de novo, limpando a boca com a parte traseira da mão.

— Coma devagar ou terá uma indigestão. — Fechei a cara.

— Estou faminta. — Disse o óbvio, enfiando uma folha de alface na boca e outros
PERIGOSAS ACHERON

alimentos que, de longe, eu não pude identificar.

— De quem é essa casa? — Mudei o assunto.

— Minha e do Arthur. Nós nos mudamos para cá quando meu pai me expulsou de casa. — Informou, procurando pela garrafa de água.

— Seu pai te expulsou? — Gritei novamente perto da criança. Depois, me virei para ver se o tinha assustado.

Ele olhava para a mãe e enfiava a mão na boca como se fosse algo de comer. Pareciam dois esfomeados.

— Sim. — Assentiu, quase engolindo a garrafa de água junto.

Aquilo não fazia o menor sentido. O pai de Arthur e Amanda era tão afetuoso e responsável com os filhos. Criou-os sozinho, com tamanha dedicação, para que não os faltasse nada, após a mãe tê-los abandonado.

Eu não sabia de muitos detalhes, já que Amanda era um bebê na ocasião e foi privada da verdade. Para Arthur, aquele era um assunto proibido e falar sobre sua mãe era como pedir para

PERIGOSAS ACHERON

que uma tempestade se formasse. Ele ficava fora de si a qualquer menção de seu nome.

— Não acredito. — Realmente, o mundo tinha virado de ponta cabeça enquanto estive ausente. — E o Eric?

Ela parou, parecendo quase ter se afogado. Depois voltou a procurar mais comida na geladeira.

— Meu irmão queria caçá-lo e trazer suas tripas de presente, mas implorei que não fizesse isso. Estamos melhores sem ele.

— Não sei como consegue comer e falar essas coisas ao mesmo tempo. — Puxei uma almofada para apoiar melhor o bebê.

— O quê? — Perguntou, tentando tirar algo dos dentes.

— Sobre tripas. — Esclareci.

Amanda fez expressão de que tinha entendido e deu uma risada estridente.

— Quando tiver um filho, terá vergonha das coisas que antes lhe tiraram o sono.

Eu não fazia a menor ideia de como era ser mãe. Mal conseguia manter vivos os *tamagotchis*

que tive na infância.

— Não quero ter filhos. — Falei, mas Gabriel colocou a mão na minha boca, como se quisesse me calar.

Será que aquela criança entendia o que eu dizia?

— Eu pensava da mesma forma, mas não há nada melhor na vida do que ser mãe. — Amanda descansou um pouco na poltrona depois de toda a comilança. — Acredite.

Enquanto segurava a mão pequenina de Gabriel, percebi algo estranho.

— Amanda, seu filho está tão quente! — Espantei-me com a temperatura do menino. — Isso é normal?

— Ele tomou uma vacina essa manhã e a enfermeira disse que ele poderia ter um pouquinho de febre.

— Seu irmão vai demorar? — Preocupei-me. — Como vai ficar sozinha com ele?

— Não vou. — Declarou calmamente. — Você vai ficar aqui comigo, Luíza.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem pensar. — Ergui o queixo, determinada. — Eu nem deveria estar aqui depois de tudo o que me contou.

— Um dia você entenderá o motivo de todos nós termos agido assim. — Amanda voltou para a sala e se apoiou na cômoda com retratos.

Surpreendi-me ao notar que havia uma fotografia minha ali.

— Acho que não. — Levantei-me e tentei entregar Gabriel de volta à mãe, mas ele começou a chorar, talvez de dor.

Amanda me olhou com aqueles olhos pedintes, iguais aos de Arthur quando queria alguma coisa.

— Fica, por favor, por favor, por favor... — Amanda repetiu um milhão de vezes, se ajoelhando no chão de maneira teatral.

— Para com isso, sua maluca! — Berrei, respirando fundo e tentando pensar com calma.

Por mais que estivesse magoada, não podia deixá-la sozinha com o bebê naquele estado. Eu não era nenhuma desalmada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. — Rendi-me e Amanda abriu os braços, cantando vitória.

Mas eu não estava fazendo aquilo por ela. Ou foi o que tentei dizer para mim mesma.

— Só vou ajudar até o seu irmão chegar ou a febre do Biel diminuir.

— Biel? — Ela indagou, já sorrindo.

— É. — Sorri, olhando para o menino. Ele era tão lindo. Não tinha como não se apaixonar por um ser tão indefeso. — Ele tem cara de Biel, com essa bochecha fofa e esses cabelos dourados lindos. Puxou você. — E belisquei a bochecha de Amanda, fazendo graça.

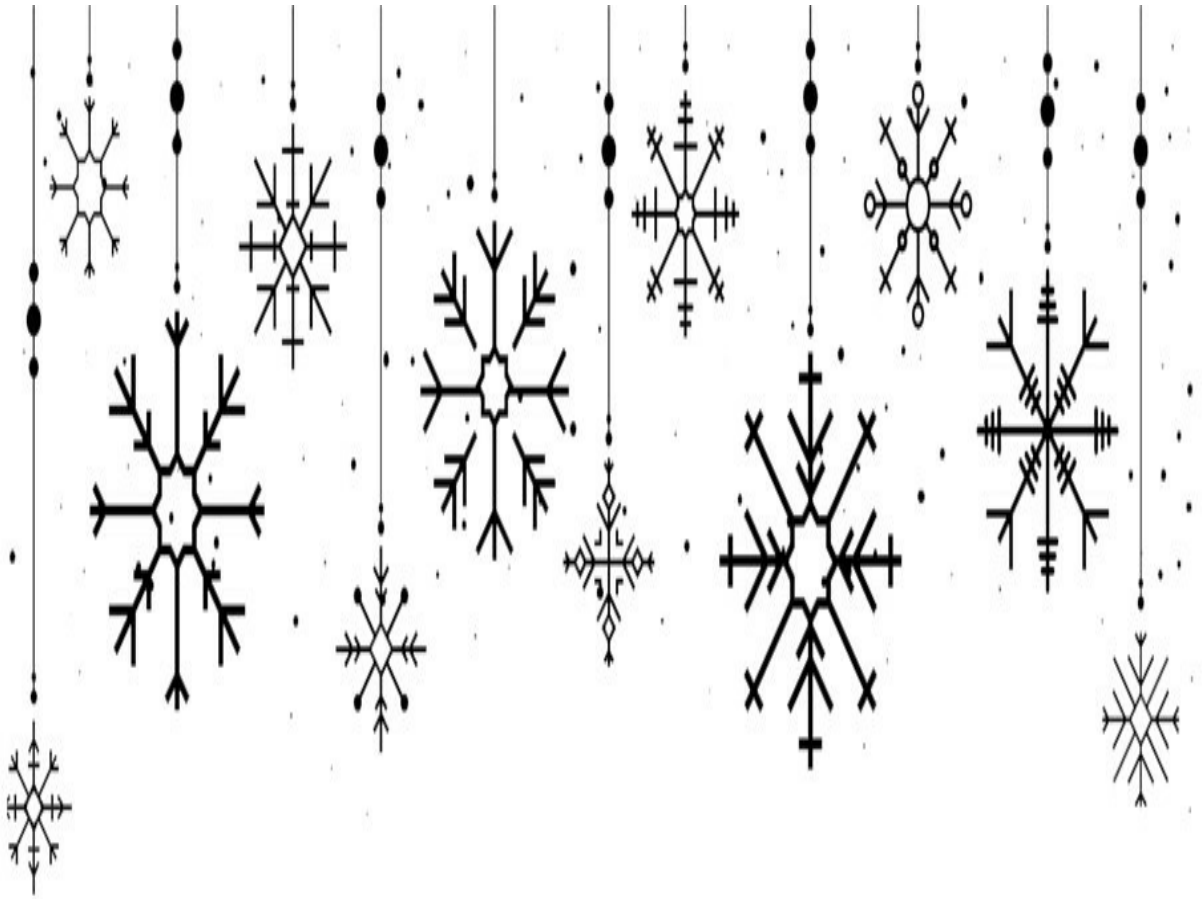
Por um lado, eu estava tentando ser legal com ela, mas aproveitei para apertar com força e me vingar um pouquinho por tudo o que me fez passar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 6

PERIGOSAS ACHERON

O tempo começou a ficar um pouco frio. Amanda ligou a televisão e começamos a assistir alguns desenhos infantis. Aquilo parecia acalmar o bebê e a nós também.

Amanda puxou uma manta por cima de nós três e começou a cochilar no sofá. Olhei para o seu rosto e comecei a refletir.

Não conseguia imaginar tudo o que ela tinha passado, ficando grávida fora do casamento em uma cidade tão conservadora quanto Nova Aliança.

As pessoas deviam tê-la julgado e a tratado mal. O próprio pai virou-lhe as costas. Gostaria de ter estado presente, para lutar contra tudo e todos com ela.

Ainda amava Amanda e mesmo depois de tudo o que ouvi hoje, ela sempre seria a minha melhor amiga, mesmo que fosse só no meu coração e lembranças.

Quando dei por mim, Gabriel também havia adormecido.

Continuei olhando para a televisão e depois,
PERIGOSAS ACHERON

para os dois. Por um minuto, me senti parte da família e estava grata por ter voltado.

Imaginei como teria sido minha vida se nunca tivesse partido. Se ainda estaria com Arthur, se também teríamos uma casa grande e bonita. Talvez um cachorro e uma criança correndo pelos corredores.

Fiquei por um tempo sonhando acordada e tudo parecia tão perfeito até que comecei a sentir os meus braços dormentes.

Gabriel estava há tanto tempo na mesma posição e eu tinha medo de deixá-lo cair, tentando alguma manobra radical. Arthur tinha razão, eu não tinha jeito com crianças.

A tristeza pairou sobre mim e comecei a chorar baixinho. Gabriel pareceu notar meus sentimentos, acordou e me acompanhou na choradeira. Já estava me convencendo de que aquele bebê era sensível.

Amanda também despertou e, assustada, me perguntou o que estava acontecendo.

— Seu irmão estava certo. — Lamentei entre soluços, as lágrimas escorrendo pelo rosto. —

Eu nunca conseguiria ser uma mãe como você.

— Como eu? — Ela coçou os olhos, como se ainda estivesse tentando despertar de algum sonho. — Do que está falando, Luíza? — E balançou a cabeça, fazendo um barulho esquisito com a boca.

— Sim. — Chorei mais. — Eu não saberia como agir.

— Vou te dar só uma notícia. — Amanda falou, apontando o dedo para mim. — Ninguém sabe como é ser mãe até ser mãe. — Ela pegou Gabriel no colo e ele se acalmou imediatamente.

Viu? Eles eram perfeitos um para o outro.

— Para você ter uma ideia, nas primeiras semanas, eu não sabia nem como se trocava uma fralda. — Amanda informou, mas eu não acreditava nas palavras dela.

— Está falando isso só para me consolar. — Agora eu não sabia mais como parar de chorar.

— Às vezes ainda há momentos em que eu não sei o que fazer, mas ele precisa de mim. — Admitiu, virando-se para Gabriel. — Isso me dá forças. — Ela mirou forte em seus olhos e os dois

PERIGOSAS ACHERON

pareciam conectados. — Pelo meu filho, eu faço tudo.

Levantei para abraçá-los e Amanda continuou falando.

— Antigamente, quando saía, pensava no que compraria para mim. Depois que fiquei grávida, só conseguia pensar nas roupinhas de bebê, nos brinquedos que queria que ele tivesse. — Amanda sorriu. — Se você soubesse como a nossa vida muda com a chegada de uma criança.

Realmente. Eu não fazia ideia. Mas como iria saber de alguma coisa se eles fizeram questão de não me responder e me excluir de tudo?

— A maioria das pessoas se prende a pensamentos como: “Não vou ter tempo para estudar ou trabalhar”, mas esquecem de pensar que a mudança pode e deve ser positiva.

Olhava para Amanda falando e fiquei admirada. Minha raiva por ela até diminuiu um pouco naquele momento.

— Nós aprendemos a amar outro ser humano mais do que a nós mesmos, a ter responsabilidade por ele, a cuidar, dar e receber

carinho. Ser mãe é uma dádiva.

O que ela dizia me deixava mais calma, mas eu era assim, sempre que começava a chorar, não sabia como parar. Juntava situações que me afetaram no passado e quando ia ver, estava chorando por tudo aquilo que guardei.

Já estava tarde e eu, bastante cansada da viagem, de cuidar do bebê de Amanda, e depois do choro, acabei adormecendo no sofá. Só notei aquilo quando ouvi Arthur chegar e perguntar por que eu ainda estava ali.

— Ela me ajudou com o Biel. — Amanda respondeu para o irmão.

— Biel? — Arthur parecia surpreso.

— Foi o apelido que a Luíza colocou nele.
— Consegui ouvir a risada baixa dela. — Não é lindo?

— Quer dizer que ela já está entrando nas nossas vidas novamente? — Ele não parecia feliz, seu tom estava na defensiva. — Isso não é bom, maninha.

Queria me levantar e perguntar o motivo, mas Arthur perceberia que eu estava fingindo e me

PERIGOSAS ACHERON

mandaria embora.

Devia estar frio e escuro lá fora. E o mais difícil de admitir: eu não queria ir.

— Por que não é bom? — Amanda parecia ter escutado os meus pensamentos. — Pare de implicar com a Luíza. Ela já passou por muita coisa.

— Ela passou por muita coisa? — Ele falou mais alto. — E eu? E nós?

— Sabe que um dia terá que contar para ela.

— Não contarei nada. — Arthur parecia ter se alterado. — E nem você.

— Prometi que não ia contar e não vou. — Amanda se defendeu. — Agora, chega!

Será que tinha escutado direito? O que eles não podiam me contar?

— Só estou dizendo para não se apegar. — A voz de Arthur saiu falhada, como se estivesse magoado ou algo parecido. — Sabe que ela não ficará muito tempo.

Agora eu queria bater nele!

— Acho que não é comigo que está
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupado, irmãozinho. — Amanda o alfinetou. — Sem falar que acredito que ela terá mais motivos para ficar dessa vez.

— Não sei quais. — Arthur duvidou.

— Se você não sabe, não posso fazer nada. — Amanda bufou e depois, escutei seus passos se afastando.

Mas, antes acrescentou:

— Vocês dois continuam os mesmos bobos de sempre. Não conseguem admitir o que sentem e ficam envolvendo os outros. Estou cansada disso!

Arthur ainda parecia estar parado na porta. Mesmo de olhos fechados, conseguia imaginá-lo. E só de pensar naquilo, meu coração acelerou.

Escutei ele andando de um lado para o outro, provavelmente nervoso com as palavras da irmã. Eu também estava, mas não podia me mexer. Só cerrei os punhos sem querer e rezei para que ele não tivesse notado.

Ele parou e a minha respiração também. Mais alguns passos e senti Arthur se ajoelhando perto de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Esperei que ele me empurrasse para fora do sofá e me expulsasse de sua casa, mas, para a minha surpresa, ele me cobriu com um cobertor enquanto eu continuava agarrada fortemente ao travesseiro do sofá em que estava deitada.

Por que ele estava fazendo aquilo? Será que ainda existia uma alma dentro daquele corpo? Será que meu antigo Arthur ainda vivia?

E ouvi sua voz baixinha:

— Sei que está fingindo. — Pude sentir sua respiração perto do meu pescoço. — Durma bem, Luíza. — Ele tocou meu rosto, mas eu não saberia dizer se foi proposital ou não, e uma corrente elétrica passou por todo o meu corpo.

Quando escutei a porta do seu quarto bater, abri os olhos e acariciei a pele onde há pouco ele havia tocado.

Sem querer, deixei escapar um sorriso bobo e percebi aquele antigo sentimento crescendo novamente dentro de mim.

Lembrei-me dos versos da música Quando eu te encontrar, do Biquíni Cavado, e por alguns segundos, quase pude escutar a voz de Arthur,

PERIGOSAS NACIONAIS

cantando baixinho e desafinado, e me abraçando,
no passado.

*Eu já sei o que meus lábios vão querer
Quando eu te encontrar
Molhados de prazer
Vão querer beijar.*

E o restante da letra ficou se repetindo na
minha cabeça.

*Chorar, beijar, te abraçar.
É isso que quero fazer.*

E quando notei, estava inundando o
travesseiro com as minhas lágrimas.

Enrolei-me forte no cobertor, que, por
acaso, tinha o cheiro dele e tapei a boca para que
ninguém me escutasse. Não podia passar por tudo
aquilo outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

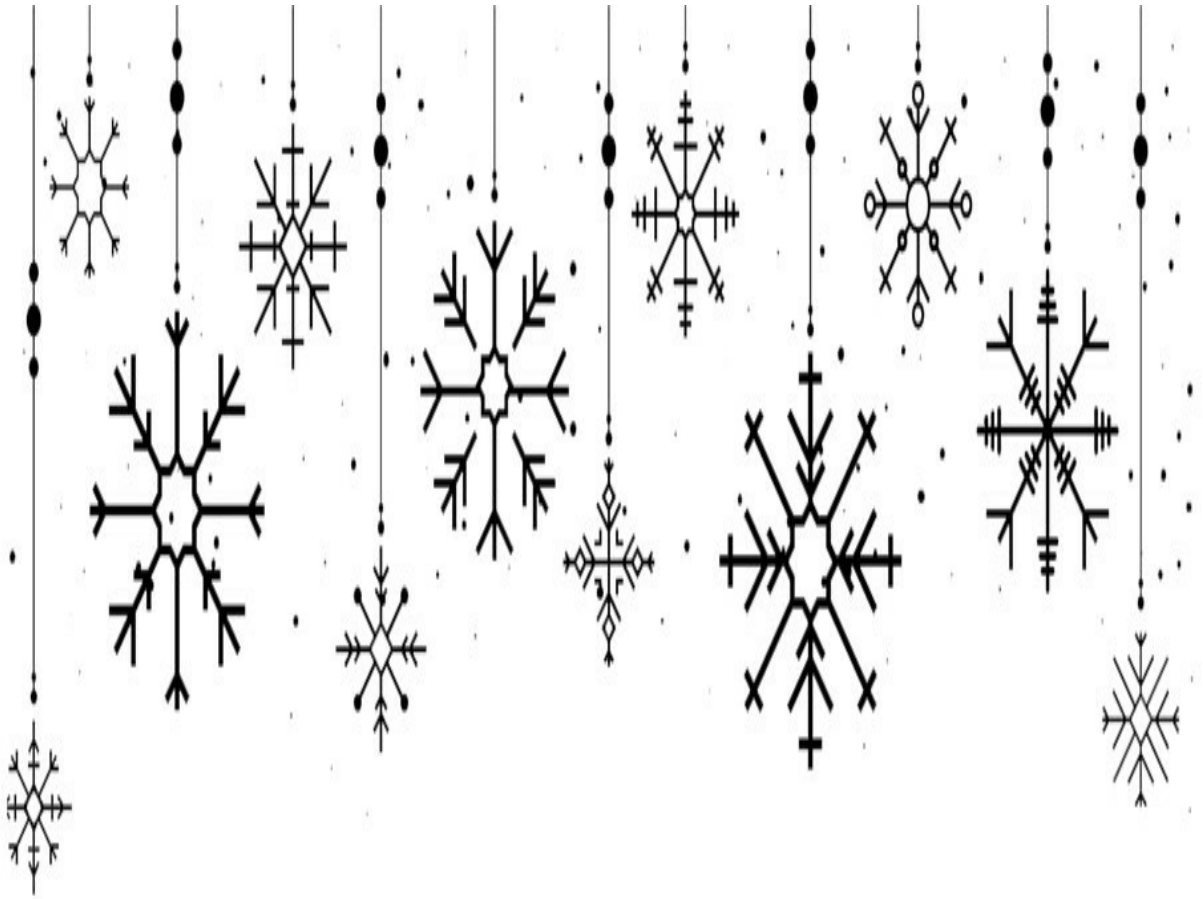
PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 7

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acorda, bela adormecida. — Ouvi uma voz fina e me deparei com os olhos verdes e o sorriso travesso de Gabriel.

Agora o bebê também falava. Muito engraçado, Amanda.

Olhei para os dois. Amanda estava usando um casaco cinza estranho, que tinha um bolso acoplado, em que ela colocava o filho dentro, como se fosse um filhote de canguru.

— Dá um beijo na tia Luíza que ela acorda, meu amor. — Amanda falou para o filho, que estava vestido com um macacão azul com bolinhas. — Você é um verdadeiro príncipe.

Foi quando me dei conta de que ainda estava deitada no sofá da casa dela.

— Ai, meu Deus! — Assustei-me e comecei a levantar.

Ao colocar os pés no chão, percebi que estava descalça. Mas quem tirou os meus sapatos? Será que foi Arthur? E o meu coração acelerou novamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu dormi aqui? — Bati na cabeça para ver se despertava mais depressa. — Meus pais devem estar preocupados.

— Liguei para eles ontem à noite, avisando que você tinha caído no sono e que iria passar o dia comigo. — Amanda informou sorrindo.

— Obrigada. — Suas palavras me acalmaram.

Comecei a andar e parei no meio da sala, desorientada.

— Espere aí. — Arqueei as sobrancelhas. — O dia? — Gritei, subindo uma oitava. — Amanda, eu também tenho uma vida.

— Mas eu preciso sair um pouco. — Ela se aproximou, fazendo charme. — E o Biel também.

Não acreditava que Amanda estava usando o seu filho extremamente fofo para barganhar comigo. Ela continuava a mesma espertinha de sempre.

— Olha para a carinha dele, Luíza. — Amanda apontou para o rosto rechonchudo de Gabriel e ele, como se já soubesse dos planos maléficos da mãe, sorriu para mim. — Está todo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

feliz de finalmente poder usar suas roupinhas de passeio.

Talvez me fazer de boba estivesse no DNA daquela família.

— Por que não chama nenhuma das suas amigas? — Falei com um pouco de raiva.

Ela tinha deixado bem claro que não éramos mais aquelas amigas inseparáveis de antes quando decidiu ficar ao lado do irmão e não responder um e-mail meu sequer.

E aquilo não queria dizer que achasse errado ela ter ficado ao lado dele, mas esperava que tivesse, ao menos, me dito o que estava acontecendo para que eu pudesse fazer algo a respeito.

Na verdade, nada daquilo importava mais. Era passado.

— Porque quero ir com você. — Amanda respondeu, acariciando os meus cabelos. — Estou tão feliz que esteja aqui.

Assim ficava difícil recusar sua proposta. Ela jogava sujo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lembrei da conversa que Amanda e Arthur tiveram sobre ele achar que eu poderia ir embora a qualquer momento.

Não que não fosse verdade, vim até aqui por causa das bodas de prata dos meus pais. Eu tinha um trabalho e precisava voltar para ele. Mas será que aquilo a incomodava?

— Também acredita que irei embora logo?
— Questionei, andando ao redor dela e a analisando minuciosamente.

— O quê? — Ela franziu a testa e se afastou de mim, um pouco incomodada com a minha expressão desconfiada. — Você escutou nossa conversa ontem à noite?

— Não. — Menti.

Depois daquilo, percebi que poderia apenas ter contado a verdade e perguntado sobre o que os dois estavam falando, mas também me lembrei que Amanda prometeu não contar.

Sabia que ela era boa em guardar segredos. Principalmente, os que não eram dela. Uma das suas qualidades mais bonitas e, ao mesmo tempo, irritantes.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem. Não quero falar sobre você ir embora nem nada parecido. — Ela sorriu, tentando parecer calma. — Vamos nos concentrar no presente? — Pediu, limpando o que parecia ser uma lágrima.

Não. Eu devia estar imaginando coisas. Ela não poderia estar quase chorando ou o que quer que fosse só de pensar que eu iria embora.

— E agora temos uma grande aventura pela frente. Vamos? — Chamou, calçando sandálias baixas e enchendo uma bolsa enorme com artefatos de bebê.

Ser mãe devia ser cansativo. Tinha que estar preparada para qualquer imprevisto.

— Para onde? — Perguntei só por curiosidade, afinal eu não iria com ela para lugar nenhum ou, pelo menos, tentei me iludir com aquilo.

Sabia que Amanda tinha um grande poder de manipulação. Ela deveria trabalhar com algo naquela área.

Aliás, eu queria perguntar como andavam as pessoas da cidade, que profissão e rumo cada um

PERIGOSAS NACIONAIS

de nossos amigos tinham tomado, por mais que aquelas mesmas pessoas tivessem me ignorado todo o tempo em que estive fora.

— Venha cá. — Ela entrou em um cômodo e eu a segui.

Parei na porta, admirada. Como era de se esperar, o quarto de Amanda era lindo.

Três das quatro paredes do quarto eram brancas e uma delas tinha um papel de parede rosa, com estampas delicadas. A cama era de casal, com uma cabeceira acolchoada branca e almofadas fofinhas por todos os lados.

No chão, tinha um grande tapete peludo. Parecia tão confortável que dava vontade de se jogar nele. E em um canto, havia uma penteadeira com luzes coloridas, com as maquiagens de Amanda. Ela continuava bastante consumista.

— Sabe a feira anual de Nova Aliança? — Ela deitou o bebê na cama, se endireitou em frente ao espelho e começou a passar um pouco de maquiagem.

— Se sei. — Meu coração bateu forte ao lembrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A feira que ela se referia era uma das poucas coisas interessantes que acontecia na pequena cidade em que morávamos. Todos os anos, esperávamos ansiosamente para que ela chegasse com suas barraquinhas, brinquedos e danças, com direito à fogueira e fantasias.

Era uma semana inteira de pura diversão, quando a cidade parava, amores iniciavam e tudo podia acontecer. Foi em uma daquelas feiras que Arthur e eu demos o nosso primeiro beijo e começamos a namorar.

Sinceramente, não sabia se poderia reviver aquelas lembranças, mas tinha a impressão de que Amanda não me deixaria escolha.

— Estamos no penúltimo dia e ainda não fui uma vez sequer. — Ela apontou o pincel de blush para mim. — Não pode me negar isso.

Pensei nas milhões de informações que Amanda me negou, mas não queria continuar batendo na mesma tecla.

— Eu precisaria passar em casa para trocar de roupa. — Tentei arrumar uma desculpa para escapar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você pode usar uma roupa minha ou alguma sua, que eu tenho certeza de que está aqui em algum lugar. — Ela se levantou e olhou ao redor, procurando algo que eu pudesse vestir.

— Você guardou nossas roupas antigas?

Senti uma pontada no peito e as lembranças voltaram como um tornado. Nós duas éramos tão coladas, que compartilhávamos até o guarda-roupas.

— Fazíamos isso o tempo todo, lembra? — Ela fechou os olhos, como se estivesse voltando no tempo. — Eu adorava aquela sua blusa roxa e usava tanto, que você acabou me dando. — E quando pensei que ela fosse sorrir, Amanda fez uma expressão de tristeza. — Agora, nenhuma delas cabe em mim, já que depois da gravidez, ganhei uns milhões de quilos.

— Não é para tanto. — Tentei consolá-la.

— Você está sendo legal, Luíza. — Ela bateu nos meus ombros. — Mas eu sei que estou parecendo um ornitorrinco.

Ai. Aquela doeu! Qualquer pessoa viciada em documentários teria sofrido ao ouvir aquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que você está confundindo os animais. — Fiz careta. — Ornitorrincos são pequenos e têm um bico de pato, mas são, ao mesmo tempo, mamíferos. — Expliquei, imaginando aqueles animaizinhos lindos. — Você não quis dizer rinoceronte?

— Viu? — Ela gritou e apontou na minha direção, com o rosto vermelho de raiva. — Você também acha que estou enorme de gorda.

— Eu não disse isso. — Defendi-me. Nossa! Como as pessoas levavam tudo para o lado ruim! — Só que são animais completamente diferentes.

Amanda semicerrou os olhos e bufou.

— Você continua a mesma chata que fica corrigindo as pessoas. — Sua boca retorceu para o lado e quando pensei que ela fosse me xingar, me jogar uma almofada ou, quem sabe, uma pedra, ela me abraçou. — Senti tanto a sua falta.

Eu queria dizer que também havia sentido, que pensei nela todos os dias em que estive na França, que sempre que passava por algum monumento ou lugar bonito, imaginava o que ela

PERIGOSAS ACHERON

diria.

"Estamos em Paris, meu bem... A cidade do amor! Vamos passear, tirar um milhão de fotos e matar todos de inveja." Quase conseguia ouvir sua voz, às vezes.

Sabia que ela iria gostar de conhecer a Ponte do Amor, sobre o rio Sena, e arrumaria uns cadeados para colocarmos lá, que ficaria olhando as escritas na Parede do Amor, em Montmartre, que adoraria fazer uma caminhada perto da Catedral de Notre-Dame, para ouvir as bandas de *jazz* e música clássica que tocavam ao ar livre e, por fim, que ficaria deslumbrada com o pôr do sol na Ilha de la Cité.

Quando parava para pensar, na verdade, não havia um dia que eu não pensasse nela ou em todos de Nova Aliança. Era como se estivesse lá, caminhando e fazendo tudo o que precisava para me manter viva, mas tivesse deixado uma parte de mim aqui.

— Já sei! — Ela deu um grito, fazendo-me voltar à tona e apontou para dentro do armário.

Lá dentro, estava um vestido listrado em

PERIGOSAS NACIONAIS

preto e branco, com mangas médias e um bolso pequeno na altura dos seios.

— Isso não vai caber em mim.

— Claro que vai. — Amanda revirou os olhos. — Você não mudou nada durante esses anos, Luíza. — E sua voz ficou melosa de novo. — Diferente de mim.

Peguei o vestido antes que Amanda começasse com o drama de novo. Desconfiava que até aquilo fosse um plano para me fazer sair, já que ela nunca se preocupou com seu peso.

— Será que pode se virar? — Perguntei, segurando a peça.

— Já cansei de te ver pelada, Luíza. — Amanda fez cara feia. — Para de graça.

Pensei em protestar, mas ia levar mais tempo, então simplesmente tirei a roupa que estava usando e coloquei o vestido.

Ele deslizou depressa pelo corpo. Talvez, tivesse ficado um pouco largo, mas preferia assim. Não gostava de nada marcando.

Dei uma viradinha, esperando que Amanda

PERIGOSAS ACHERON

disse como eu estava.

— Ficou ótimo. Viu? — Ela me virou para o espelho, para que eu visse o meu reflexo e acariciou os meus cabelos. — Agora, vamos. — E Amanda deu um tapa na minha bunda, empurrando-me na direção da porta enquanto pegava Gabriel e o colocava de volta naquela roupa de canguru.

Queria saber que pressa era aquela.

Ao sair pela porta da casa dela, sem querer, dei um sorriso. Eu realmente estava gostando de estar na companhia da minha amiga de infância novamente.

— Qual o motivo desse sorrisinho aí? — Ela perguntou após guardar as chaves.

— Nada demais. — Dei de ombros. — Só uma piada que eu lembrei. — Não podia dizer o que estava pensando de verdade.

— Corta essa! — Ela gargalhou. — Sei que é por minha causa.

Amanda era mesmo muito convencida.

Continuamos caminhando até que

avistamos Melissa de longe. Não a reconheci de imediato. Melissa sempre gostava de mudar o visual.

Daquela vez, estava com o cabelo na altura das costas e mechas californianas. Usava um vestido roxo de alcinha e um chapéu esquisito.

Tentei gritá-la, mas Amanda me impediu.

— O que foi? — Perguntei enquanto ela abafava o som que saía da minha boca.

— Acho melhor que o dia seja só de nós duas. — Declarou, olhando para os lados.

— Que bonitinho. — Fiquei sentimental, e, em seguida, me lembrei que Amanda não era de fazer aquelas coisas. — Hum. Fala a verdade. — Arqueei as sobrancelhas. — Você tem algum problema com a Melissa?

— Claro que não. — Amanda negou com a voz mais falsa que já ouvi vindo dela.

— Então, vamos chamá-la. — Eu a testei, dando alguns passos.

— Espera! — Ela me segurou. — Eu juro que te conto quando puder, mas pode, por favor,

não me forçar a falar com aquela lambisgoia agora?

— Nossa! — Exclamei, com vontade de rir ao ouvir a palavra "lambisgoia". — Ela deve ter feito algo bem sério mesmo.

— Você não faz ideia. — Amanda cerrou os punhos enquanto Gabriel ficava suspenso naquela roupa estranha. — Que ódio! — Ela esbravejou.

— Amanda, assim eu fico ainda mais curiosa. — Bati os pés no chão.

— Na verdade, acho que você não iria gostar de saber. — Ela soltou e depois tapou a boca, como se tivesse falado demais.

— Tem a ver comigo? — Arregalei os olhos.

— Não. — A voz falsa novamente.

— Não? — Olhei dentro dos olhos dela.

Amanda ia continuar a farsa, mas lhe poupei o trabalho.

— Sabe de uma coisa? — Levantei os braços, dando-me por vencida. Estava na hora de esquecer aquilo. — Eu não sei por que todos resolveram fazer um complô contra mim. E,

sinceramente, não me interessa, afinal, isso é passado, página virada. Eu tenho uma nova vida agora. — Falei, tentando fazer cara de quem não se importava.

— Estou vendo. — Amanda fingiu concordar. Ela sabia que eu não tinha superado droga nenhuma.

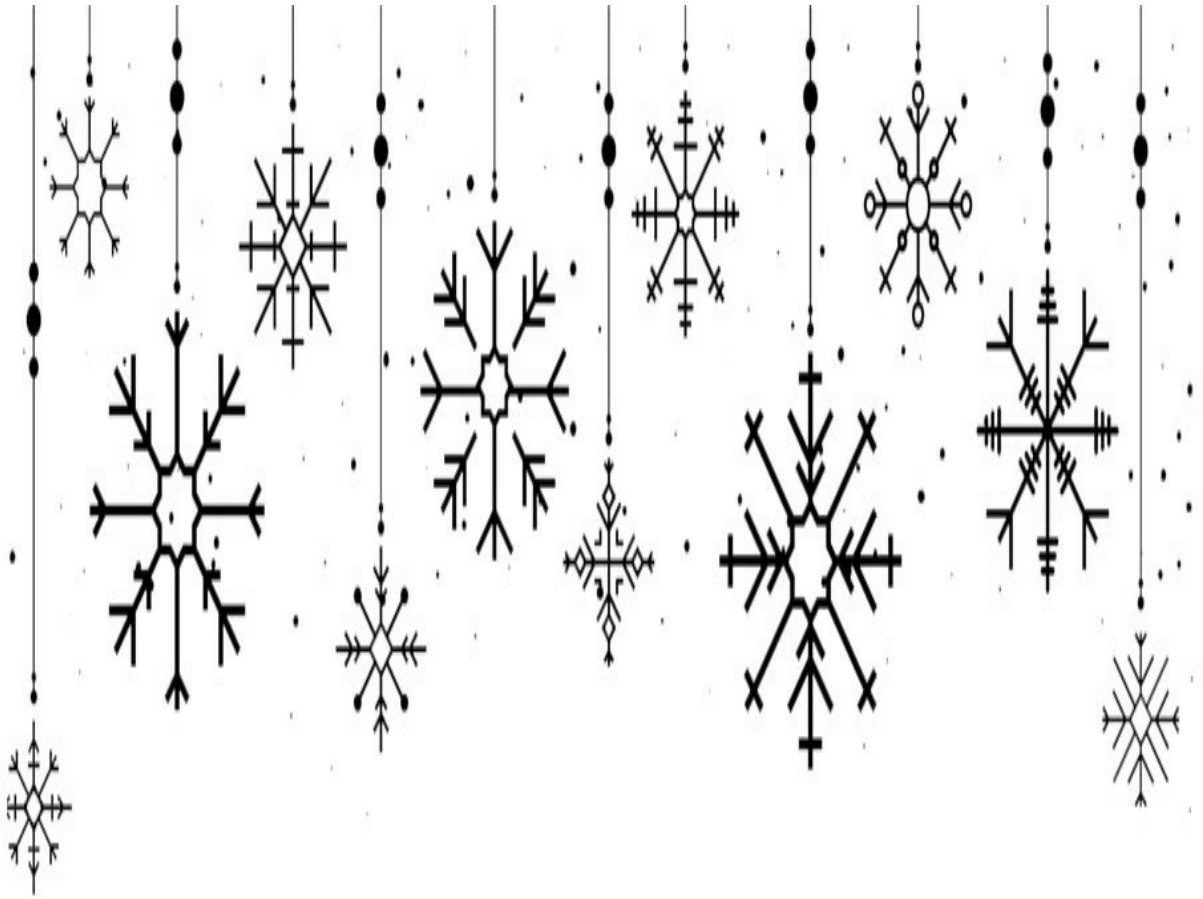
— Você quer ir à feira sozinha? — Ameacei.

— Não. Desculpa. Você tem toda razão. — Ela forçou bastante naquela parte, mas eu deixei passar. — Página virada. — Amanda disse, segurando o riso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 8

PERIGOSAS ACHERON

Pegamos um táxi e o motorista parecia estar apostando corrida com um adversário imaginário, porque chegamos na praça voando. Será que ele não viu que tinha uma criança no colo da mãe no banco de trás?

Descemos do carro indignadas. Amanda mais, porque chegou ao ponto de catar uma pedra no chão para tacar no carro. Só que não chegou nem perto de atingi-lo, é claro.

— Que desgraçado! — Ela urrou quando me distraí, olhando na direção contrária a que o carro foi.

Devíamos ter mesmo dormido até tarde ou ficamos horas duelando para decidir se viríamos ou não, porque já estavam ligando as luzes da praça.

Sob a luz do luar, ela ficava ainda mais linda e imponente. Por um minuto, esqueci a presença das pessoas e me concentrei nas lembranças que chegavam até mim e inundavam o meu peito.

Arthur ao meu lado, me abraçando e me conduzindo pela praça decorada, perguntando se eu

queria algo e depositando beijos ternos no meu pescoço.

Eu adorava segurar sua mão, me sentia protegida, segura de todos os males do mundo. Amava sentir o cheiro do seu perfume amadeirado, misturado com o aroma das flores e das árvores. Seus braços ao redor do meu corpo me davam uma sensação de lar. Lar de verdade.

Voltei meus olhos a foco e minha atenção para o presente, sentindo-me irritada por ter me deixado levar por aquelas lembranças. Elas não faziam mais parte da minha vida e não deveriam me afetar daquela maneira.

Como se eu pudesse mandar no coração.

O clima estava agradável e o vento fazia as folhas secas remanescentes do outono deslizarem pela rua, como se estivessem dançando ou migrando para outro lugar.

Apesar do inverno ser a minha estação favorita, também adorava o outono, mas provavelmente aquele vento todo não faria bem para Gabriel.

— Acho que deveríamos voltar. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Comentei.

— Vamos só encontrar um lugar coberto e podemos começar a nos divertir. — Amanda tentava cobrir o filho com uma manta e comecei a achar que a ideia de estar ali, naquele momento, não era das melhores. — É a primeira vez do Biel na feira. Não quero que ele perca isso.

— E eu não quero que ele pegue um resfriado.

— Ele não vai ficar resfriado! — Ela berrou com uma expressão aterrorizante.

Com o barulho do vento ricocheteando e o tom de sua voz, só faltava cair um raio ou as luzes da rua piscarem para parecer um verdadeiro filme de terror. Eu que não queria despertar a ira de Amanda.

— Tudo bem. — Concordei e voltamos a andar.

O lugar estava movimentado. Pessoas de diferentes estados costumavam visitar a feira anual de Nova Aliança. Era uma época bastante lucrativa para os comerciantes e muito divertida para os moradores em geral.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As famílias mais tradicionais não gostavam de deixar seus filhos saírem naquele período. Minha mãe mesma não me deixou vir nas primeiras vezes, mas, com o tempo, ela se convenceu de que não tinha perigo, e que se eu quisesse aprontar, o faria em qualquer lugar.

— Por onde começamos? — Perguntei à Amanda, assim que paramos debaixo de uma marquise, dando uma volta de felicidade quando ouvi um som estridente vindo do meu estômago. Era a minha barriga roncando.

— Acho que devemos começar matando quem te mata. — Ela fez graça. — O que quer comer?

— Comida japonesa. — Falei, brincando.

— Nem vem. — Amanda fez careta. Sabia que ela odiava. — Não andei até aqui para comer comida crua.

— Tudo bem. — Respondi, tentando acalmar o *monstro do lago Ness*. — O que você quer?

— Não sei. — Parou para pensar. — Vamos dar uma volta e descobrir.

PERIGOSAS ACHERON

Encontramos um conjunto de barraquinhas que vendia cachorro quente, crepe, cocada, churros, entre outras iguarias normais de uma feira como aquela.

Nós nos sentamos em uma mesa e Amanda começou a se entupir de comida.

— Depois reclama de estar parecendo um rinoceronte. — Fiz piada e Amanda pisou com força nos meus pés.

Ao que parecia, ela também tinha a força do animal, pois eles ficaram doloridos.

— Ai! — Soltei um gemido. — Foi você que disse. — Emburrei a cara e cruzei os braços. — Se quer emagrecer, precisa fechar a boca.

— Você que está precisando fechar essa boca e me deixar em paz. — Amanda resmungou. — Sabe quanto tempo não como uma comida decente?

— Ainda não aprendeu cozinhar? — E me lembrei da última vez em que ela tentou fazer arroz e colocou tanta água, que, no final, parecia papinha de bebê.

— Aprendi, mas Gabriel não me dá uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

folga, então tenho que recorrer a comidas congeladas ou pedir pizza em casa.

— Isso faz mal à saúde, Amanda. — Toquei seu braço, um pouco preocupada, mas ela desviou rapidamente.

— O que faz mal à saúde é passar fome.

Ela sempre tinha resposta para tudo. Impressionante!

— Então, para de reclamar no meu ouvido.

Virei a cabeça para a barraquinha, pedindo um refrigerante, quando ouvi a voz que reconheceria em qualquer lugar do mundo e as minhas mãos suaram de nervosismo.

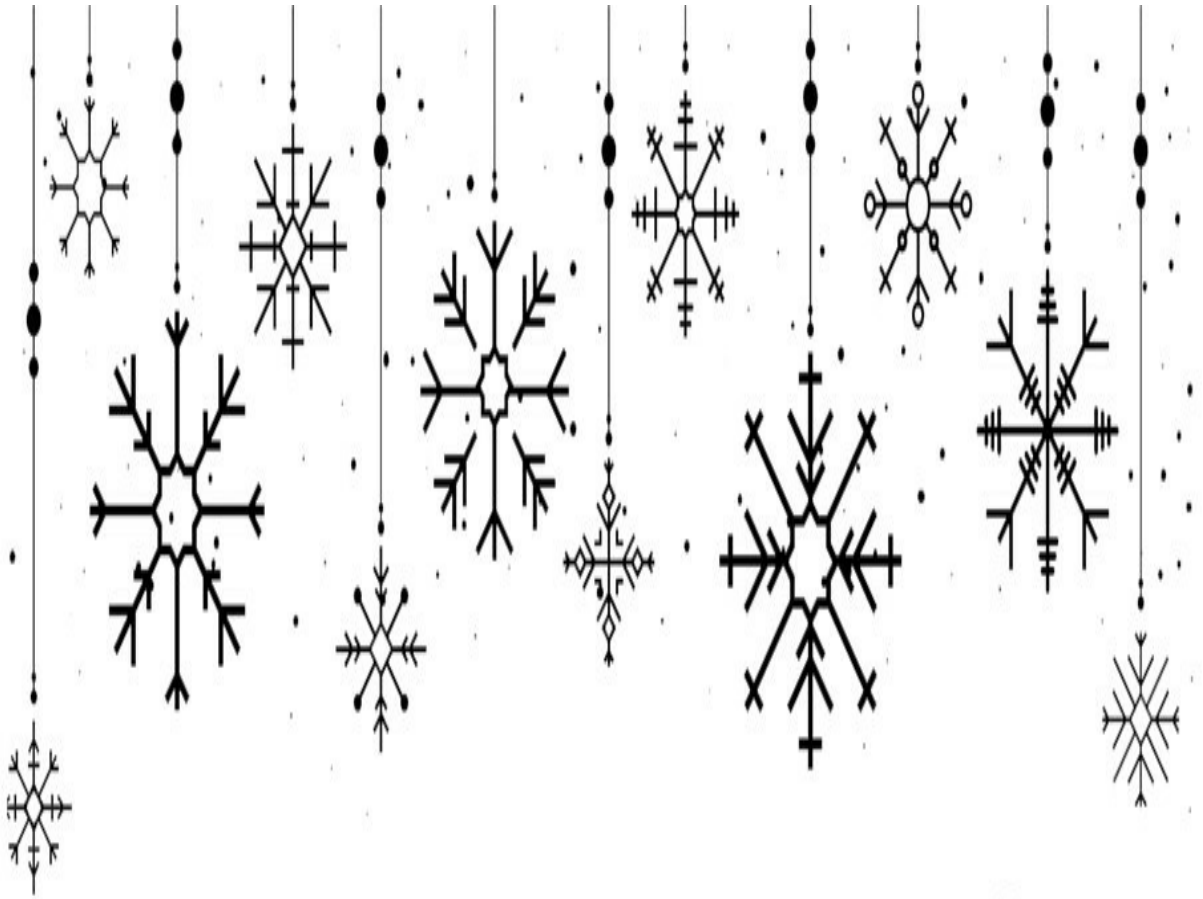
— Demorei muito?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 9

PERIGOSAS ACHERON

Virei-me de volta lentamente e dei de cara com Arthur, que tinha uma expressão simpática.

Ou, pelo menos, tinha até me ver.

— Demorou um pouco, maninho.

Amanda fez charme para Arthur, ignorando os pontapés que dei nela por debaixo da mesa, esperando que ela pudesse me explicar por que ele também estava ali.

— Você de novo?

Arthur deveria mesmo me odiar, porque não perdia uma chance de me alfinetar.

— Tirou as palavras da minha boca. — Respondi, olhando para a sua camisa com estampas psicodélicas, a calça preta e a bota de motoqueiro.

Ele podia ser um pé no saco, mas tinha estilo.

— Parece que alguém está querendo bancar o cupido, mas não vai funcionar. — Ele olhou para a irmã com ar de reprovação.

— Não mesmo. — Bufe, irritada com a situação e também, com ele.

— Vocês acham mesmo que eu perderia o meu precioso tempo com isso? — Amanda questionou com confiança.

Olhei para Arthur. Estava na cara que ambos achávamos que sim, mas nem mortos iríamos admitir que concordávamos em algo.

— Tenho mais o que fazer, meus queridos. — Ela riu com sarcasmo. — Vejam quanta comida e diversão. — Comentou, levantando-se e mostrando o cenário ao nosso redor. — Eu só queria sair um pouco. Por que acreditam que o mundo gira em torno da historinha romântica de vocês?

Na verdade, aquele local, em especial, estava repleto de memórias sobre a nossa "historinha romântica", mas eu jamais mencionaria aquilo em voz alta.

— Então, por que chamou nós dois para o mesmo lugar? — Arthur quis saber.

— Não posso estar com duas pessoas que amo sem passar por um interrogatório? — Ela perguntou com a mão na cintura.

Odiava ter que admitir, mas Arthur estava

certo. Como sabia daquilo? Amanda estava respondendo perguntas com outras perguntas. Eu tinha ensinado aquela técnica para ela.

E o toque da mão na cintura? Arthur já não era para ter aprendido aquilo com, sei lá, todas as mulheres que passaram pela sua vida?

Não que eu soubesse com quantas mulheres ele conviveu.

— Está bem. — Arthur baixou a guarda. — Desculpa por desconfiar de você.

Ele a abraçou, dando um beijo no topo da sua cabeça e depois olhou para Gabriel, deitado no seu carrinho enquanto Amanda fazia a sua melhor expressão de anjinho.

— Fala sério! — Deixei escapar, não acreditando que ele tinha caído naquela.

— O quê?

Se eu conseguisse ao menos filtrar as palavras que saíam da minha boca.

— Nada. — Tentei engabelá-lo. — Só estou admirando a noite, o lugar.

Ele assentiu, olhando em volta. E de fato, a

noite estava perfeita. Tinha esquecido como Nova Aliança ficava bonita naquela época do ano.

O céu tinha um tom de azul marinho misturado ao negro deslumbrante. As estrelas estavam fortes, iluminando cada área acima de nossas cabeças. Já a lua, em sua fase crescente, parecia um lindo sorriso no céu.

Assim que terminamos de comer, fomos dar uma volta. Parecia que Amanda não saía de casa há séculos mesmo. Ficava nos arrastando em todas as direções para comer, jogar e tirar fotos.

Eu emburrava a cara, mas, no fundo, estava gostando de estar novamente ali, com as duas pessoas que mais amei na vida.

Teria sido mais fácil se aquelas mesmas duas pessoas não tivessem resolvido pisotear o meu coração.

— Pega um urso para o Biel, Arthur? — Pediu Amanda, apontando para um jogo de dardos em que a pessoa tinha que acertar alguns pontos em uma tela e derrubar um golfinho de brinquedo, que cairia em um tanque de água.

Ou seja, você ganhava um urso e ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

salvava um golfinho, que estava grudado na parede sabe-se lá há quanto tempo. Incrível a criatividade que as pessoas que trabalhavam naquelas feiras ainda tinham.

— Você aparece um dia e já coloca um apelido no meu sobrinho? — Arthur puxou assunto, fazendo cara de durão.

Dei de ombros e desviei o olhar para o céu, observando a lua e admirando a sua magnitude. De repente, um cara fantasiado e com pernas de pau passou perto de mim e eu tomei um susto. Tive um sobressalto e olhei para o lado.

— Uhul! — Amanda gritou e bateu palmas quando Arthur conseguiu ganhar o jogo e o urso para Gabriel.

Arthur fez expressão de falsa modéstia, depois abraçou a irmã e deu um beijo no sobrinho.

E eu fiquei ali, assistindo aquela pequena família, que provavelmente aos olhos dos outros tivesse tudo para dar errado, mas que, na minha visão, era linda e sincera. Que sofria sim, grandes dificuldades, mas que era unida até nas tarefas mais simplórias.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez tivesse caído um cisco nos meus olhos, porque eles estavam pinicando. Tentei não deixar que os dois patetas me vissem daquela maneira, mas, para a minha surpresa, eles sequer notaram. Estavam mesmo era quase se estapeando.

Quanto tempo fiquei refletindo para a família feliz virar um circo armado?

Parei para ouvir o porquê da discussão e pelo o que parecia, Amanda cismou que Arthur tinha que jogar de novo e daquela vez, ganhar um urso para mim.

Eu tinha escutado direito? Ela queria obrigá-lo a ganhar um urso para mim?

— Amanda, não quero urso nenhum. —
Declarei, tentando separar os dois.

Mas eles tinham se engalfinhado de tal maneira que estava até difícil de entender.

— Parem com isso! — Gritei quase chorando, em uma mistura de humilhação, por Amanda estar tentando nos unir novamente, e tristeza, pelo Arthur estar me tratando como se eu fosse algum animal leproso.

Foi quando vi uma Amanda completamente
PERIGOSAS ACHERON

diferente na minha frente. Talvez fosse o lado materno dela se manifestando.

— Estou cansada de vocês dois! — Explodiu. — O tempo todo se evitando, jogando indiretas, olhares tortos. — Enumerou com raiva. — Eu não quero ter que escolher lados!

Ia mencionar que ela já tinha escolhido há um bom tempo, mas Amanda parecia ter captado meus pensamentos e completou.

— Não mais. — E me olhou como se pedisse desculpa por todos aqueles anos.

E quando achei que tinha acabado, Amanda virou para nós, com uma fúria, que eu nunca tinha visto em seu rosto e sentenciou:

— Ou vocês começam a agir como adultos civilizados ou o Gabriel e eu vamos dar um gelo imenso em vocês dois. — Amanda olhou para a criança, como se esperasse que ele concordasse com ela. — E não pense que ele não sabe fazer isso, porque o meu filho sente quando algo desagrada à mamãe.

Eu que já estava quase chorando antes, acabei virando uma torneira quebrada, que jorrava

água para todos os lados.

Uma excelente metáfora, porque eu realmente sentia que algo tinha quebrado dentro de mim, há anos, e foi só voltar para aquela cidade estúpida que tudo voltou à tona.

— Ei. — Senti alguém puxar o meu rosto. — Não chore. O Biel... — Arthur tentou usar pela primeira vez o apelido que dei para o seu sobrinho.

Dava para ver que ele estava dando o seu máximo, pois respirou intensamente duas vezes antes de terminar a frase.

— O Biel e a Amanda não vão te deixar por minha causa, tudo bem? — Perguntou, enxugando minhas lágrimas e depois, dando tapinhas nas minhas costas em um abraço estranho que, na verdade, era compreensível.

Era difícil para nós dois ficarmos tão próximos.

Assenti, fungando.

Droga! Agora, meu nariz estava escorrendo na camisa dele.

Tentei me limpar antes que Arthur

percebesse, mas ele foi legal e fingiu não ter visto, se afastando e dizendo com uma voz engraçada que: “Se era para o bem de todos e felicidade geral da Nação, ele conseguiria o tal do urso para mim”.

Depois de alguns minutos e de muita andança, começamos a nos dar bem. Quando percebi, estava dividindo um saquinho de pipocas com Arthur e rindo alto de alguma piada que ele começou a contar.

Ele ainda continuava engraçado.

Por alguns minutos, senti como se tivesse voltado no tempo, como se ainda fôssemos namorados, como se em algum momento, ele fosse me abraçar forte ou me cobrir com seu casaco, alegando que estava muito frio. O que, realmente, estava.

Passei os dedos sobre os pelos arrepiados dos meus braços e soltei o ar, divertindo-me com a fumacinha que saiu pela boca. De repente, o frio cessou, mas não porque Arthur me abraçou, e sim, porque Amanda nos empurrou dentro de uma daquelas cabines de tirar foto e fechou a porta.

— Amanda, eu juro que vou te matar! —

PERIGOSAS NACIONAIS

Bati com força para que ela abrisse, mas ela só gritou do lado de fora que nós sempre fazíamos aquilo na adolescência e que não poderíamos ir embora sem completar todo o ritual da feira de Nova Aliança.

Não sabia de onde ela tirava tanta baboseira.

Arthur e eu nos olhamos sem graça e a máquina começou a jogar o flash no meu rosto. Ele tentou proteger os meus olhos e eu acabei tendo uma crise de risos.

A primeira vez que estivemos em uma cabine como aquela, eu também não estava preparada para tirar as fotos, já que elas começavam do nada. E eu queria que saíssemos bonitos e arrumados, mas Arthur dizia que a finalidade delas não era que parecêssemos formais e sim, algo para olharmos com o passar dos anos e dar risada.

Por isso que, naquele dia, ele começou a me fazer cócegas e a bagunçar o meu cabelo. Tanto que em todas as outras feiras, fazíamos caretas e as nossas fotos eram as mais hilárias do planeta.

PERIGOSAS ACHERON

— O que foi? — Arthur puxou meu queixo, para que pudesse ver melhor o meu rosto enquanto a máquina continuava tirando fotos.

Eu parei de rir.

— Só recordando.

Ficamos nos olhando fixamente por alguns segundos e o meu coração queria pular para fora do peito.

Pensei que ele fosse me beijar, pensei que ele fosse me abraçar. Na verdade, não sabia nem mais o que estava pensando quando ouvi um barulho e a cabine abriu.

— Own. — Amanda soltou um som de emoção e Arthur pulou para longe de mim.

Aquela doida estava mais para estraga-prazeres do que cupido, porque sempre que ela tentava fazer alguma coisa, conseguia nos deixar mais constrangidos do que se somente deixasse com que interagíssemos sozinhos.

Não que eu quisesse ter nenhum tipo de reconciliação com o Arthur.

Não mesmo! Aquilo dentro da cabine foi

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas uma pequena recaída.

Talvez tivesse sido até melhor que ela tivesse interferido.

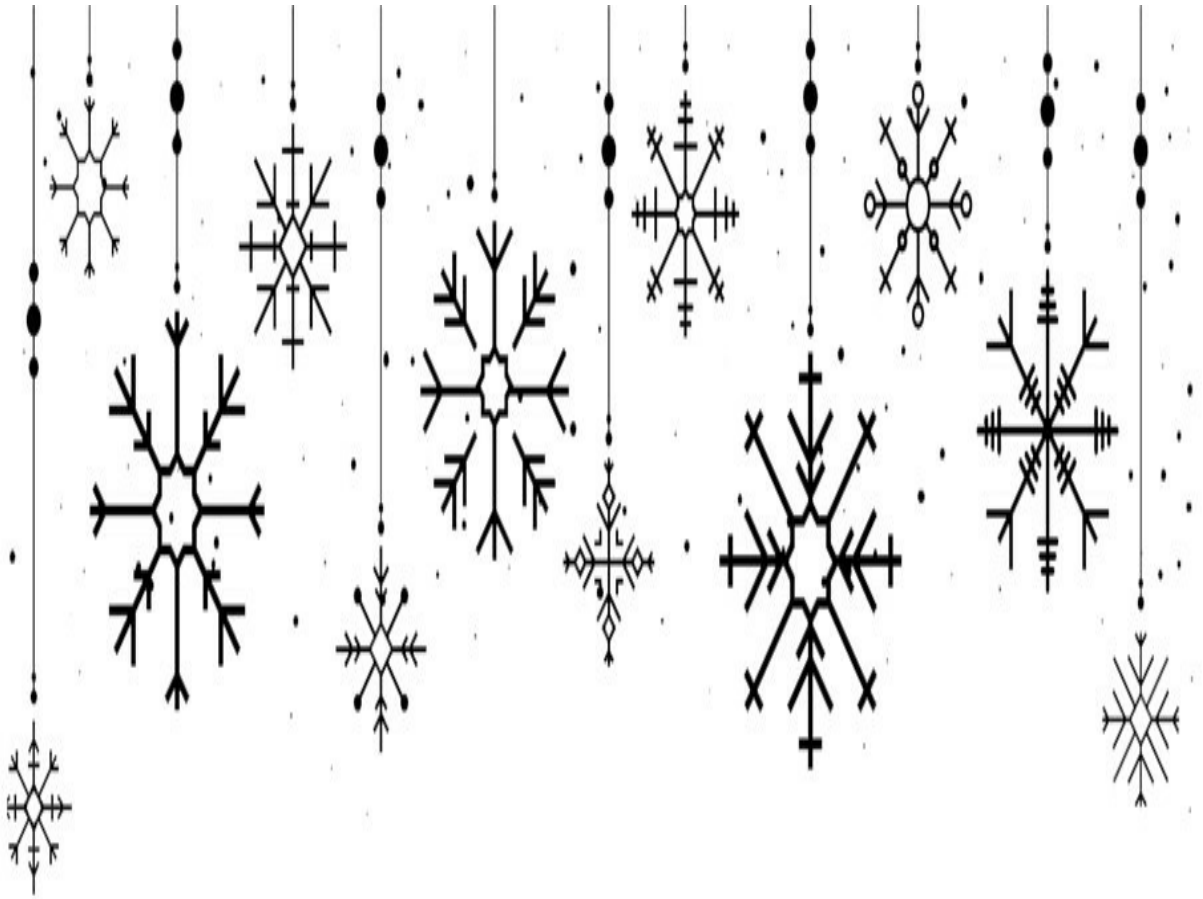
Deus! Ainda bem que a Amanda interferiu!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 10

PERIGOSAS ACHERON

Andamos mais um pouco e o clima ficou estranho entre nós. Sentia-me estúpida por ainda estar ali quando poderia ter voltado para casa. Por que ainda estava dando uma chance para aquelas pessoas que tanto me magoaram?

E então, algo inusitado aconteceu. Enquanto estava andando e tentando me livrar daquele mal-estar, vi um casal conhecido se aproximando. Eram Rômulo e Angélica.

O cabelo de Rômulo continuava castanho escuro e comprido, preso em um rabo de cavalo, como costumava usar. Já o de Angélica brilhava e tinha o mesmo tom de ruivo, que ela jurava ser natural, mas que todos sabiam ser tinta.

Segurada a cada palma da mão deles, estava uma pequena menina de cabelos castanhos claros, tão lisos que parecia que um boi tinha lambido a cabeça dela.

Antes que chegassem mais perto, Amanda sussurrou no meu ouvido que eles foram os primeiros a se casar e que aquela era a filha deles.

Fiquei muito feliz com a notícia, que não

PERIGOSAS NACIONAIS

era bem uma novidade, pois eles sempre pareceram destinados a ficarem juntos e constituírem família.

Meu coração se inundou de felicidade. Não os via há tanto tempo e queria tanto poder abraçá-los e expressar minha saudade, mas quando ficamos frente a frente, eles me olharam com uma expressão estranha.

Fizeram o mesmo com Arthur. Era como se estivessem tentando se decidir se deveriam ou não falar comigo.

O baque foi tão grande, que minhas pernas começaram a tremer. Angélica ajeitou os seus óculos grandes de armação preta e esticou o braço para me cumprimentar.

A minha vontade era de sair dali de uma vez por todas e nunca mais falar com nenhuma daquelas pessoas.

Principalmente com o Arthur, que criou aquela situação horrível com os meus amigos de infância.

Todos naquela cidade se pareciam com os meus antigos amigos, falavam como os meus antigos amigos, mas não eram mais meus amigos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles esqueceram o significado da palavra “amizade” quando me deixaram de lado sem nenhuma explicação.

Eu sabia que não era a atitude mais madura ou educada a se tomar, mas meu coração pediu e eu apenas obedeci. Saí de perto de todos e fui andando sozinha pela noite fria, sem olhar para trás.

E com aquele vazio estranho, continuei caminhando o mais rápido que pude. Eu não estava deixando para trás meus antigos amigos. Eles não existiam mais. Deixaram de existir há muito tempo.

Praticamente não vi o caminho que segui. Eu havia entrado no modo automático. Parecia que as minhas pernas me levaram sozinhas para casa, porque a cabeça estava em outro lugar.

Quando entrei pela porta da frente, me senti um pouco melhor. O cheiro gostoso que sempre vinha da cozinha da minha mãe e as vozes dos dois me acalmavam como nada mais no mundo.

Eles estavam tomando chá e comendo biscoitos àquela hora da noite. Com a velha desculpa de que perderam o sono ou que estavam assistindo algo na TV, eles ficavam aguardando por

PERIGOSAS ACHERON

notícias minhas. Eu deveria, ao menos, ter ligado.

— Não precisavam ficar me esperando. — Comentei, envergonhada por dar-lhes trabalho até mesmo depois de velha.

— É o último capítulo da novela. — Minha mãe informou, animada.

Talvez eles tivessem falando a verdade. O que me deixou ainda pior. Eles não se preocupavam mais comigo?

— Não sou mais importante? — Perguntei, sentindo-me carente.

Minha mãe me olhou, sem entender.

— E você, pai? — Dirigi-me a ele, fungando. — Lembra como ficava igual um general sentado naquele sofá, vigiando o relógio para ver se eu chegaria no horário combinado?

— Ah. Nossa garotinha está precisando de carinho. — Minha mãe se aproximou e me envolveu em seus braços.

Meu pai também se juntou a nós e ficamos imóveis por um momento.

Pelo menos, algo não havia mudado. O

amor dos meus pais. Tinha me esquecido como era bom tê-los por perto.

— Já chega. Vocês vão me esmagar.

Fugi dos dois, não porque não quisesse ficar com eles, mas porque não queria acabar chorando ali e os preocupando sem necessidade.

— Estou cansada. Preciso dormir. — Simulei um bocejo. — Boa noite, mãe. Boa noite, pai. — Despedi-me, dando-lhes um último abraço.

— Boa noite, filha. — Eles falaram juntos e se entreolharam.

Meus pais sempre tiveram uma conexão inexplicável. Sonhava um dia ter aquele tipo de relacionamento com alguém.

Subi as escadas, pulando os degraus de dois em dois, ansiosa para reencontrar o meu quarto.

Corri pelo corredor, lembrando da voz da minha mãe dizendo que um dia eu ainda tomaria um tombo e que ela não me levaria para o hospital.

Minha mãe insistia naquelas falsas ameaças. Claro que ela socorreria sua filha, caso precisasse, mas falava aquilo, achando que eu pararia de

correr. O que nunca aconteceu.

Como já previa, meu quarto continuava exatamente como deixei. Nada tinha sido tirado do lugar.

Pensei que depois da minha decisão de não voltar ao Brasil, os meus pais fariam algo diferente com o cômodo, mas eles mantiveram a promessa de que aquele sempre seria o meu quarto e que só eu poderia mudá-lo.

No fundo, sabia que eles nutriam a esperança de que eu voltasse para cá e talvez, também me tornasse professora.

Voltei meus olhos para o quarto. Algumas coisas ainda soavam infantis, mas ainda me agradavam.

A cama também parecia pequena agora, os meus pés ficaram sobrando, mas era confortável, familiar.

Senti o cheiro de sabão em pó que minha mãe colocava nas roupas de cama. Ainda era o mesmo. Eles fizeram questão de deixar tudo do jeito que sempre foi.

Revirei-me e me enrolei com força nos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lençóis, tentando absorver e guardar todas aquelas memórias que voltavam para mim, como uma grande avalanche. Era tão bom estar em casa.

Olhei os livros que lia, os discos que escutava, os diários que escrevia e deparei-me com uma caixa embaixo da cama.

Costumava guardar cartas e tudo o que achava importante. As fotos descontraídas da cabine de cada ano da feira em que Arthur e eu fomos juntos também estavam lá.

Retirei do pequeno bolso que tinha no meu vestido as fotos do dia de hoje, dei uma última olhada em cada uma delas, coloquei lá dentro e devolvi a caixa ao seu lugar. Agora elas voltariam a ser apenas lembranças.

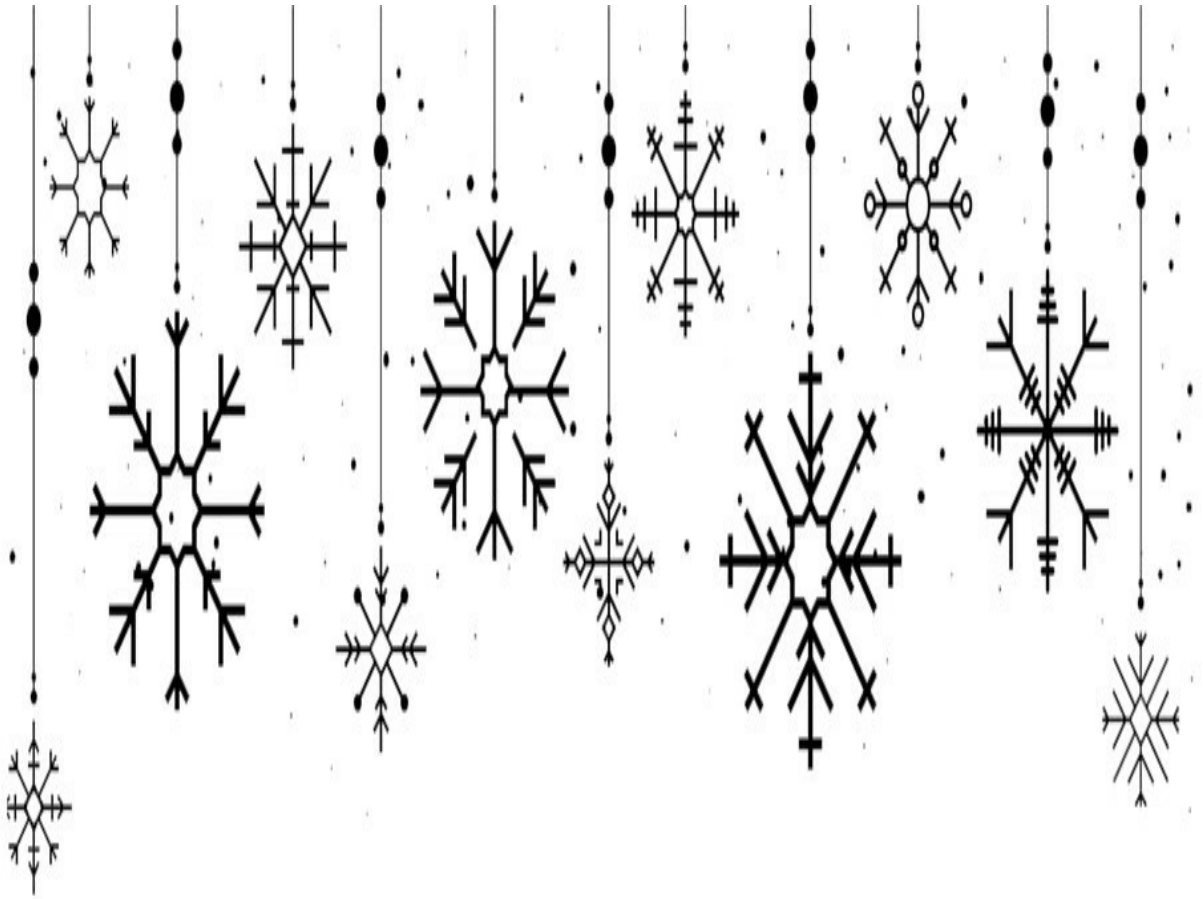
Os preparativos para a festa de bodas de prata dos meus pais não deveriam demorar muito. Eu retornaria para o meu trabalho e seria como se nunca tivesse voltado aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 11

PERIGOSAS ACHERON

Era um pouco estranho acordar pela primeira vez no meu quarto após tantos anos fora. Sentia como se a qualquer momento o despertador fosse tocar e a minha mãe fosse entrar pela porta cuspidando fogo e dizendo que eu estava atrasada para a escola. De novo.

Eu era boa aluna. Tinha interesse por praticamente todas as matérias. Menos, educação física. Odiava ter que participar de torneios e assistir à competição insana entre as minhas colegas de classe. Sempre que podia, inventava um machucado no joelho, uma unha encravada ou que estava naqueles dias. Não importava. Eu só precisava escapar.

Na verdade, o que eu mais gostava na escola era de me esconder na biblioteca e viajar nas páginas de um livro, imaginar os personagens e viver, nem que fosse por algumas horas, naquele mundo fantástico, onde poderia matar monstros, ter superpoderes, salvar vidas, lutar com espadas e salvar pessoas à beira da morte.

Levantei-me devagar e abri as cortinas para ver o sol nascendo, ouvir os passarinhos cantando e

PERIGOSAS ACHERON

sentir o cheiro do ar fresco da manhã.

Minha mãe, como se tivesse descoberto que eu já estava de pé, bateu à porta do quarto, me chamando para o tradicional café da manhã em família. Ainda estava sonolenta, mas me forcei a ir, afinal não sabia quantos momentos assim teria antes de partir.

Desci as escadas e avistei o meu pai na sua poltrona de praxe, destrinchando o jornal e brigando quando as folhas embolavam ou caíam no chão.

Como o tempo estava frio, papai havia colocado um cobertor sobre o seu ombro. Ele ainda estava com seu pijama listrado velho de guerra e ajeitava os óculos que pareciam teimar em não ficar no seu rosto.

— Bom dia, flor do dia. — Meu pai fez graça, dando um sorriso torto.

— Bom dia, pai. — Eu o cumprimentei, sentando-me no sofá à sua direita.

Tinha esquecido como aquele sofá era confortável. Deveria ter dormido nele ao invés daquela cama pequena no meu quarto. Se bem que

gostava de estar no lugar onde passei a minha adolescência toda. Para cada lado que olhava, era uma lembrança diferente.

— Dormiu bem? — Mamãe quis saber, trazendo-me uma xícara de café.

— Sim. — Respondi, aproximando o nariz da fumacinha que saía da minha xícara e saboreando o delicioso cheiro de café fresquinho.

Olhei ao redor e notei que, assim como o meu quarto, quase nada tinha mudado no restante dos cômodos. Aquilo era bom e ruim. Bom, porque conseguia visualizar praticamente todos os acontecimentos que já existiram naquela casa. E ruim, pelo mesmo motivo.

Nossa casa era enorme, herança de família. Em certas ocasiões, parecia um castelo de conto de fadas, brilhante e esplendoroso. Em outras, estava mais para um mausoléu cheio de poeira. Dependia muito do humor da minha mãe.

E a julgar pela limpeza do lustre, o de hoje estava ótimo.

Passei um tempo com os dois, falando sobre as bodas de prata e de como era viver em Paris,

mas papai precisava ir para a escola e a minha mãe tinha aula de pilates.

Fiquei feliz por saber que ela estava cuidando da saúde, porém papai continuava comendo besteiras e ainda com insônia. Segundo minha mãe, ele estava bastante estressado com o novo cargo, mas eu tinha certeza que daria tudo certo.

Quando os dois saíram, subi as escadas, animada para explorar um pouco mais das lembranças que continham naquele quarto. E não queria nada que me deixasse triste.

Minha intenção era encontrar aquelas pérolas da adolescência ou apetrechos que guardamos e que parecem tão malucos que achamos que foi algum código criptografado quando, na verdade, podia ser apenas um bilhete de algum concerto de nome estranho, em que algumas partes da tinta ficaram manchadas.

Como qualquer adolescente normal de cidade pequena, eu tinha um diário em que comentava detalhadamente desde os meus pensamentos mais profundos até as tarefas mais monótonas.

Por exemplo, quando começava alguma dieta maluca, anotava também os alimentos que ingeria e o meu peso atual. No início de cada diário, tinha as habituais resoluções de ano novo, que sempre pareciam as mesmas dos anos seguintes.

Antigamente, tínhamos diários com chaves e as escondíamos tão bem que parecia que estávamos escondendo até de nós mesmos. Hoje, as pessoas faziam questão de deixar as suas vidas completamente públicas nas redes sociais, de polemizar qualquer coisa e comentar a vida dos outros, como se tivessem aquele direito.

Eu odiava aquilo. Tantas formas interessantes de se usar a internet e os outros desperdiçavam com futilidades.

Encontrei uma foto muito engraçada de Suzana, Amanda, Angélica, Melissa e eu, vestidas de Spice Girls. Nenhuma de nós se parecia de verdade com elas, mas quais garotas daquela época não tinham um grupo das cinco?

Em uma ponta, estava Suzana, com seus cabelos castanhos escuros, uma calça jeans apertada e um top preto. Ao seu lado, Amanda fazia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um coração com as mãos, vestindo uma saia rosa, uma blusa prateada com paetês e uma Maria Chiquinha nos cabelos longos e loiros.

Angélica estava com um vestido branco simples, tentando tapar o rosto, porque não queria sair na foto. Já Melissa, tinha dado um pulo na frente da câmera e feito uma careta.

Ela usava um macacão verde escuro e presilhas nos cabelos cor de mel. Logo ao lado, estava eu, olhando para ela, com uma expressão meio assustada.

Dei uma gargalhada ao ver aquilo e aproximei os olhos para enxergar melhor a antiga Luíza.

Eu tinha passado algum produto no cabelo naquele dia, porque ele estava bastante volumoso e cacheado. Parecia um leãozinho.

Meu look consistia em um vestido preto colado no corpo e botas até os joelhos, que, com certeza, Amanda me obrigou a colocar, porque era o que ela fazia. Obrigava as pessoas a colocar roupas esquisitas e a tirar fotos, como aquela que eu tinha em mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Procurei por mais fotos, mas acabei foi encontrando uma caixa com centenas de cartas da Amanda.

Quando brigávamos por qualquer bobeira que fosse, pedíamos desculpas por cartas. Escrevíamos textos enormes e colocávamos na caixa do correio uma da outra.

Meu pai sempre chegava com uma expressão engraçada, dizendo: “Mais uma carta da sua amiga secreta”. E balançava a cabeça, perguntando quando voltaríamos a nos falar para ele parar de ser o pombo correio.

O tempo parecia ter passado rápido enquanto estava com aquelas coisas jogadas no chão, relembrando minha adolescência, pois minha mãe já havia voltado da aula e estava na cozinha, preparando algo.

Fui até o portão e dei uma olhada no pôr do sol, que deixava um reflexo rosado nas nuvens. Lembrei-me de quando andava de bicicleta por aquela rua, indo tão rápido que achava que poderia voar, com o vento batendo no meu rosto e soltando os braços, descendo ladeira abaixo.

PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe gritava para que parasse de fazer aquilo, afirmando que se me machucasse, ainda apanharia em casa. E foi o que aconteceu uma vez. Depois de ter caído e machucado o joelho, também tive que ouvir as reclamações da minha mãe e levar uma bofetada.

— Quantas vezes eu te disse para tomar cuidado, Maria Luíza? Que garota teimosa!

Depois da surra, seus olhos se enchiam de lágrimas de arrependimento e mamãe me abraçava e me fazia curativos.

— Isso arde, mãe! — Gritava enquanto ela passava o remédio.

— O que arde, cura! — Respondia séria.

Por um tempo, presumi que meu coração iria se curar toda vez que doía, ardia ou ficava apertado enquanto estive em Paris. Um dia, a dor realmente sumiu. Ou assim, imaginei, mas talvez ela estivesse apenas adormecida.

Meu pai deu um jeito de voltar mais cedo do trabalho e passar o restante da tarde conosco. Eu estava adorando.

Depois do lanche em família, nos sentamos

PERIGOSAS ACHERON

em frente à televisão e assistimos filmes e séries, da mesma maneira que fazíamos no passado. A diferença era que, daquela vez, eu não precisaria mais olhar as legendas. Já meus pais, pausavam o vídeo o tempo todo, reclamando que mal tinham conseguido ler uma fala e já vinha outra.

E foi assim que, no passado, eu tinha aprendido um pouco de cada idioma.

Quando eles paravam para tentar ler o que não entenderam da primeira vez, eu repetia o que já tinha lido e guardava as palavras na mente.

Com o tempo, já estava falando aquelas mesmas palavras no dia-a-dia, soltando sem querer um *Shut Up* ou um *Cállate* para o nada. Melissa sempre revirava os olhos, alegando que eu queria chamar atenção.

Amanda tentou ver algumas séries comigo, mas ela não era tão fã quanto meus pais. Eu gostava de ter algo que só fazia com a minha família. Era um momento só nosso.

Minha mãe pausou novamente e fiquei pensando o que ela poderia não ter entendido daquela vez, mas ela apareceu com uma expressão

estranha no rosto e avisou que era Amanda ao telefone.

Pedi que dissesse que eu não estava em casa, mas mamãe avisou que parecia urgente.

Sem pensar, levantei correndo do sofá.

— O que houve? — Apertei o telefone, intuindo o pior. — Algum problema com o Biel?

— Ele está muito quente e não para de chorar. — Sua voz estava estremecida.

Tentei escutar ao fundo, mas não ouvi nada.

— Já ligou para Arthur ou para a emergência?

Minha mãe ficou alerta ao ouvir a palavra “emergência” e começou a fazer sinais, querendo saber o que estava acontecendo.

— Meu irmão não atende o telefone e a ambulância disse que estava chegando faz meia hora e até agora, nada. — Amanda começou a chorar e ficou difícil de entender o que dizia. — Não sei o que fazer, Luíza!

— Fique calma, Amanda! — Berrei com ela, em desespero. Já me importava tanto com

aquela criança que mal conhecia.

— Você não pode vir para cá? — Ela estava em prantos. — Eu imploro! Por favor!

— Chego aí em dois minutos. — Garanti, desligando o telefone.

Pedi o carro do meu pai emprestado e ele, prestativo como sempre, falou para eu ir logo.

Corri até a garagem, sem conseguir pensar direito, enquanto minha mãe me dava as chaves e uma bolsa com os meus documentos.

Entrei no carro e arranquei com ele dali. Pude ver pelo retrovisor a expressão de preocupação dos meus pais.

Minha mãe gritou para que eu tomasse cuidado e, em resposta, coloquei o cinto de segurança e esperei que eles não pudessem mais me ver para, enfim, pisar fundo no acelerador.

Nada do que Amanda dizia fazia sentido. O hospital era próximo, e se ela esperou meia hora como disse que havia feito, por que não foi andando ou chamou um táxi?

Ela deveria estar muito atordoada para

pensar naquilo. Era uma justificativa razoável.

Quando cheguei em frente à sua casa, as luzes estavam apagadas. Corri até o portão e bati nele com força.

— Amanda! — Chamei, preocupada que algo mais grave pudesse ter acontecido.

Alguns minutos se passaram e eu fiquei mudando o peso do corpo para cada lado, preocupada.

Amanda saiu vagarosamente e me convidou para entrar.

Por que ela parecia mais calma agora? Será que Gabriel tinha melhorado? Será que seu irmão tinha chegado? Será que ela se sentiu melhor apenas por me ver?

— Onde está o Gabriel? — Olhei para ela, nervosa com a sua tranquilidade fora do comum.

— Está lá dentro. — Amanda colocou as mãos nas minhas costas e me conduziu pelo pequeno jardim.

Eu não estava entendendo. Por acaso, ao invés de calma, Amanda estava em choque? O que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava acontecendo, afinal?

O caminho até a porta da frente estava um pouco escuro, por isso acabei tropeçando um pouco e batendo, sem querer, em algumas pedras no chão. Mas sequer parei para ver se tinha me machucado. Eu precisava ver o bebê e garantir que ele estava bem.

Quando nós entramos, várias pessoas segurando balões e serpentinas levantaram de onde estavam escondidas e acenderam as luzes, assoprando um objeto barulhento. Eu fiquei parada, desnorteada.

Olhei para Amanda, que me ofereceu um grande sorriso.

— Surpresa! — Ela deu um pulinho.

Segurei a respiração por um segundo, sem acreditar no que estava vendo.

— Que porcaria é essa? — Gritei, sentindo meu corpo inteiro em chamas.

— Sua festa de boas-vindas. — Amanda explicou com ressentimento.

— Qual é o seu problema? — Perguntei

PERIGOSAS ACHERON

alto, sem me importar com as pessoas me olhando com expressões de espanto. — Como pôde brincar com a saúde do seu filho?

— Desculpe. — Ela arregalou os olhos e parou com a mão no coração.

Parecia começar a sentir o peso de suas palavras e imaginar como seria se realmente tivesse acontecido algo com Gabriel.

E ao ver minha reação, começou a explicar:

— Nós nos sentimos mal pela maneira como tudo terminou ontem à noite. Também percebemos que não tínhamos feito nada para comemorar sua chegada.

— Ah, sim! — Explodi em uma gargalhada irônica que ecoou por toda a casa. — Como se alguém nesta cidade estivesse feliz com a minha volta.

Olhei para dentro e fiz questão de que eles soubessem que estava me dirigindo diretamente a eles. Eu não iria mais fingir que nada tinha acontecido.

— Todos estão arrependidos e gostariam de se desculpar. — Amanda se dirigiu para as pessoas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na sala. — Não é, pessoal?

Eles concordaram e acenaram juntos.

— Até o Arthur? — Quis saber.

— Principalmente, ele. — Amanda afirmou, empurrando o irmão na minha direção. — Fala para ela que esta festa foi ideia sua.

— Sim. — No entanto, quando se pronunciou, Arthur parecia que tinha uma arma imaginária apontada para a sua cabeça.

— Até parece. — Duvidei, dando-lhe as costas e saindo o mais rápido possível dali.

Passei voando pela porta e pelas plantas do jardim. Elas machucaram meus pés, mas eu sequer percebi. A dor no meu coração era muito maior.

Amanda me seguiu e pediu várias vezes para que andasse mais devagar, mas eu não diminuí o passo e sequer olhei para trás. Só queria ir embora.

— Luíza, por favor. — Ela correu para me alcançar e parou, esbaforida. — Sei que não merecemos nada de você, que fomos horríveis por todos esses anos, mas, por favor, só me escute.

PERIGOSAS ACHERON

Recuei por um segundo, segurando a chave do carro, furiosa, e virei-me, olhando para ela. O que ela podia ter para me dizer agora? Mais mentiras?

— Eu sei que você pode não acreditar, mas nós queremos nos redimir. — Confessou, tentando tomar fôlego.

É claro que eu não acreditava naquilo. Agora todos estavam arrependidos? Assim? Do nada?

Parecia mais era que Amanda tinha forçado todos a entrarem na sala e pedirem desculpas.

— Está dizendo como eles se sentem? — Apontei para dentro da casa e em seguida, olhei em seus olhos. — Ou como você se sente?

— Talvez eu me sinta mais culpada do que todos eles juntos. — Admitiu, abaixando a cabeça, amargurada. — Sinto como se tivesse falhado como sua amiga e tenho medo de que não exista nada que eu possa fazer para você me perdoar.

No fundo, eu queria acreditar nela e perdoá-la, mas me lembrei das noites que passei sozinha, chorando em Paris, que implorei pela sua amizade,

sem resposta.

Eu não queria me vingar dela nem nada parecido. Só não conseguia acreditar que seríamos como antes. Sentia que nada mais poderia ser como antes.

— Talvez não exista mesmo. — Dei-lhe as costas, as lágrimas caindo devagar pelo rosto que ela não conseguia enxergar.

Estava me aproximando do carro quando escutei a voz que sempre me deixava paralisada. Ela ainda tinha o mesmo efeito. Como o tempo não pôde me livrar daqueles sintomas horríveis? Amanda dizia que eram os sintomas do amor.

— Luíza. — Arthur me chamou.

Eu não me virei. Só fiquei parada, tentando me livrar das lágrimas e me acalmar até que ele chegasse ao meu lado.

Queria entrar no carro e ir embora, mas algo dentro de mim ansiava por escutar sua voz nem que fosse pela última vez.

Ele chegou devagar e eu estremeci um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

Droga de corpo que ficava entregando os meus sentimentos!

— Sei que nenhum de nós dois está confortável com essa situação. — Ele começou.

Eu me virei e quando seus olhos encontraram os meus, senti vontade de abraçá-lo e depois, de enchê-lo de tapas, porque, no final das contas, tudo aquilo era culpa dele.

Não. Não era só culpa dele. Também era culpa do meu coração, que continuava acreditando no primeiro amor e em contos de fadas.

Não era possível que uma pessoa que viajou para vários países e conheceu tantas pessoas e culturas, estivesse fadada a ficar com a mente e o coração presos em um só lugar.

— Nós tivemos uma história. — Arthur pegou minha mão e todo o cenário ao meu redor parecia ter mudado.

Eu não estava mais com raiva, rancor ou tristeza. Não éramos mais aquelas pessoas que ficaram separadas por cinco terríveis anos. Éramos os mesmos do passado, até os nossos corpos ainda se comportavam assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. — Assenti, como se estivesse enfeitiçada.

— Uma história que não acabou bem. — Completou, como se quisesse voltar ao presente, como se sentisse culpado por ter se deixado levar pelas memórias, soltando a minha mão. E aquele lampejo foi embora.

Olhei em seus olhos, tentando entender suas mudanças de comportamento, mas eu sabia que era difícil mandar nas próprias emoções ou tentar lidar com todos os sentimentos, que certamente ele também tinha ao me ver ali novamente, naquela cidade. Na cidade onde tudo começou.

Arthur se remexeu, como se tentasse retomar sua linha de raciocínio, engoliu seco e perguntou:

— Será que não podemos deixar nossas diferenças de lado? Pela Amanda? — Sua voz saiu arrastada no fim da frase.

Parecia difícil para ele pedir aquilo, parecia difícil de acreditar que ele estivesse me pedindo aquilo. Logo o orgulhoso Arthur, que nunca cedia por nada nem ninguém? Talvez ele também tivesse

mudado com a chegada de Gabriel.

Continuei em silêncio e ele começou a chutar as pedras do chão, inquieto. Eu sabia que ele odiava quando não sabia o que os outros estavam pensando.

— Ela te ama muito. — Arthur acertou sem querer uma pedra maior, mas fingiu que não doeu.

Eu queria rir, mas a expressão dele ficou séria.

— Que mãe brincaria com a saúde do próprio filho?

Aquilo era verdade, mas foi uma mentira que me deixou muito irritada.

— Dá para notar que ela está se esforçando, de verdade, para ter a sua amizade de volta, para reunir todos novamente.

Ele me olhou, como se procurasse um sinal sequer da minha resposta.

— Não podemos tentar por ela?

Pensei por um tempo, mas sabia o que diria, antes mesmo dele ter terminado de falar.

— Queria poder fazer isso, mas queria que
PERIGOSAS ACHERON

fosse sincero.

— Eu sei. — Ele concordou comigo. — Mas só dê uma chance. Se você sentir que não consegue depois de alguns minutos lá dentro, eu irei entender.

Sua expressão ficou colérica e por um minuto, eu senti seu desespero. Ele amava Amanda a ponto de passar por cima do seu ego.

— Só tente. — Pediu novamente. — É o que estou fazendo.

Arthur ficou parado, esperando que eu fosse com ele. E por mais que a razão gritasse para que eu mandasse todos daquela cidade para o inferno, eu simplesmente não consegui.

Dei alguns passos em direção da casa e fui presenteada com o sorriso mais lindo do planeta.

— Obrigado, Luíza.

— Só alguns minutos. — Lembrei-o e ele assentiu.

Entramos pelo portão e ele fechou-o assim que passei.

Depois, me olhou e acenou com a mão,

PERIGOSAS NACIONAIS

dizendo:

— Primeiro as damas.

Abaixei a cabeça antes que ele visse meu rosto corando.

O caminho até a casa era um pouco estreito, o que forçou a ficarmos mais próximos. Nossos pulsos batiam um no outro e algo inesperado aconteceu. Arthur segurou minha mão.

Olhei em seus olhos, esperando uma explicação enquanto meu estômago se revirava dentro de mim.

— Suas mãos estão geladas. — Arthur concluiu, parecendo preocupado. — Você está bem?

Assenti, puxando minhas mãos das dele e implorando para meu coração parar de bater tão forte. Ele só estava sendo educado e atencioso. Eu não podia me iludir novamente.

— Só estou um pouco nervosa. — Aquilo era verdade. Ele só nunca saberia os motivos verdadeiros. — Tem muito tempo que não vejo todos reunidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Garanto que continuam praticamente do mesmo jeito.

— Você mudou muito. — Afirmei.

— Mudei? — Ele sorriu.

Tinha sentido saudade do som da sua risada.

— Sim. — Encolhi-me, com as mãos suando.

— Em quê, exatamente?

Queria dizer o quanto tinha ficado mais bonito com o tempo. Que o corpo magricelo tinha dado lugar aos músculos que até com aquela camiseta eu conseguia ver. Que seus cabelos estavam ainda mais dourados e brilhosos, parecendo um anjo. Que seu rosto, agora com traços mais maduros, combinava mais com ele. Que até seu olhar frio o deixava atraente.

E que tudo o que pensei anteriormente era um erro, que, por sorte, nunca sairia da minha boca e morreria apenas nos meus pensamentos.

— Acho que só estamos mais velhos. — Revelei, no lugar de tudo que passava pela minha mente e o seu sorriso se apagou, como se não fosse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a resposta que ele quisesse ouvir.

— É a lei natural das coisas.

— Sim. — Concordei com um nó se formando na minha garganta por dois motivos.

Um deles era por não conseguir ter uma conversa normal com Arthur. O outro era porque a aproximação da casa estava me deixando nervosa e triste ao mesmo tempo.

Nervosa, porque não sabia como me comportar perto das pessoas que estavam lá dentro e triste, porque não teria mais o Arthur só para mim. E sabe-se lá quando teríamos a oportunidade de ficarmos sozinhos outra vez.

Portanto, tomei coragem e o chamei:

— Arthur?

— O quê? — Ele parou, segurando a maçaneta da porta da casa.

Eu tinha tantas perguntas a fazer. Queria saber por que ele reagiu daquela maneira em frente à sua casa cinco anos atrás, por que nunca respondeu os meus e-mails e, acima de tudo, se ainda me amava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur me olhava com expectativa, mas, no final, acovardei-me. Não me sentia nem um pouco preparada para ouvir aquelas respostas e ter o meu coração quebrado em milhões de partes novamente.

Sequer havia me recuperado do último baque.

— Nada. — Disse, abaixando a cabeça.

— Tem certeza?

— Uhum. — Respondi, enquanto minha mente gritava em negativa, e entramos.

O interior da casa estava cheio de cartazes de boas-vindas, escritos com as letras esquisitas dos meus antigos amigos.

Eles me olhavam em um misto de curiosidade e medo, como se eu fosse uma espécie de animal selvagem, prestes a atacá-los. O que não me surpreendia, dada a minha reação anterior.

Amanda estava em pé, parada, soprando uma língua de sogra. Com a surpresa, o acessório voltou direto no rosto dela. Sua expressão de espanto mudou para a de alegria e ela correu na minha direção, abrindo os braços.

PERIGOSAS ACHERON

Como sempre, veio pulando e me puxando para mostrar em detalhes como decorou a festa. Aos poucos, as pessoas vieram me cumprimentar e começou a descoberta sobre o que eu tinha perdido naqueles últimos anos.

Rômulo e Angélica foram os primeiros a se casar. Pelo que entendi, Angélica já estava grávida quando fui embora. Eles também não sabiam na época, mas descobriram antes que a barriga começasse a aparecer. Realizaram o matrimônio às pressas com medo de que ficassem malvistos na cidade.

Melissa e Felipe continuaram com as mesmas idas e vindas de antigamente quando um pouco antes do meu retorno a Nova Aliança, resolveram morar juntos.

Suzana tinha aberto seu próprio negócio e continuava dizendo que estava esperando seu príncipe encantado encontrá-la. Segundo ela, ninguém da cidade estava à sua altura.

Eric e Amanda começaram a namorar, mesmo diante da desaprovação do irmão e do seu pai. Ela ficou grávida e quando contou a Eric, os dois tiveram uma briga épica e aquela foi a última

PERIGOSAS ACHERON

vez em que ele foi visto na cidade.

Arthur amparou a irmã e ajudou a criar o pequeno Gabriel.

Então, não. Arthur não estava certo quando disse que todos tinham continuado da mesma maneira, porque em cinco anos tudo havia mudado.

Depois da avalanche de informações, me senti destoadada naquela festa, como se não fizesse mais parte daquela turma. Arthur percebeu minha expressão triste de longe, pegou dois refrigerantes de uma bandeja das mãos de alguém no caminho e me ofereceu um.

— Você está bem? — Ele perguntou, mas eu realmente não sabia o que responder.

Amanda reapareceu de repente, livrando-me da pergunta desconfortável e dizendo alegremente:

— Estão sugerindo uma brincadeira para descontrair um pouco, Luíza. — Seu rosto estava iluminado, dava para sentir a felicidade dela por ter todos os amigos juntos novamente. — Pensamos em verdade ou consequência. O que acha?

— Eu adoro essa brincadeira. Perdi o meu BV com ela. — Melissa apareceu e informou

PERIGOSAS ACHERON

saltitante.

— Todo mundo sabe disso. Fica na sua, garota! — Amanda a cortou e eu ri.

Nem tudo havia mudado. As duas ainda viviam se estranhando.

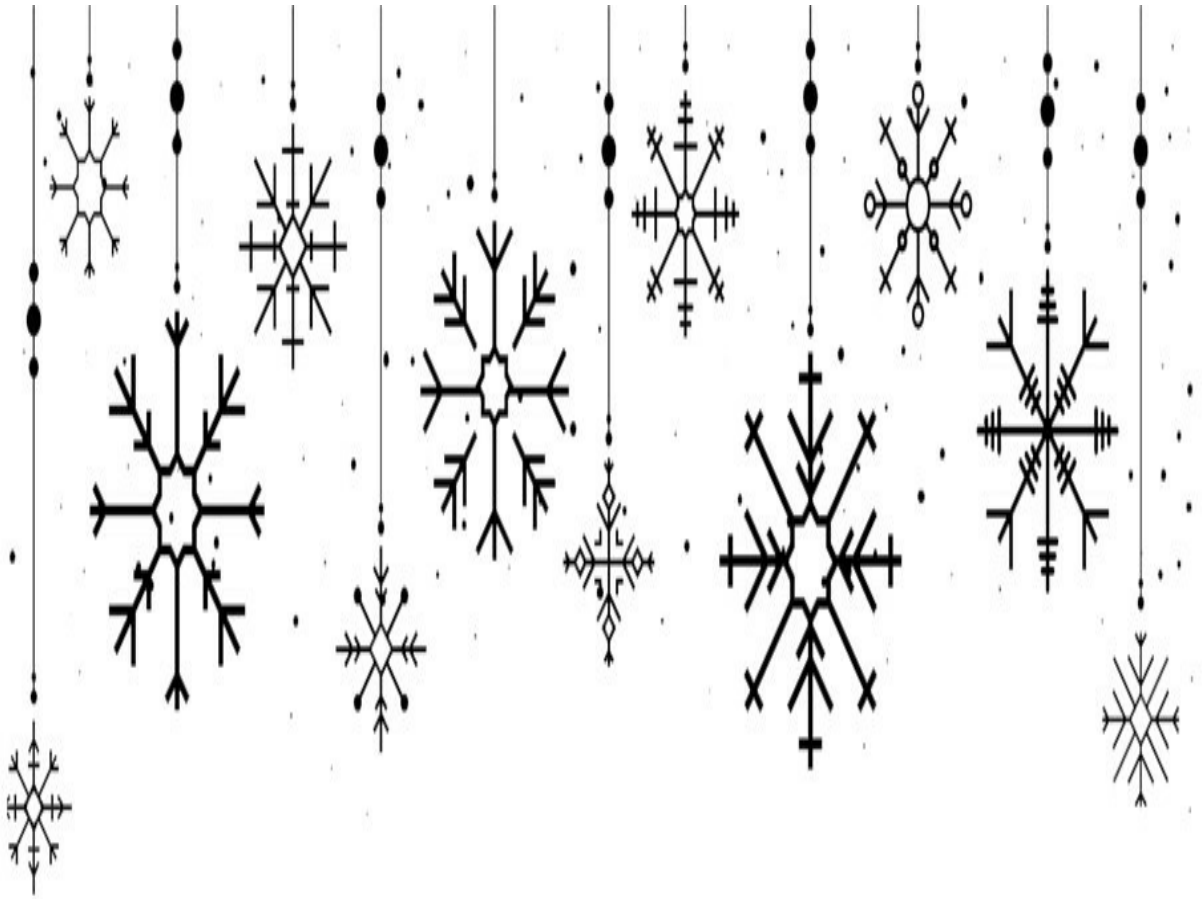
No entanto, eu também sabia que verdade ou consequência era um jogo perigoso, e levando em consideração tudo que havia acontecido, eu não sabia se queria arriscar.

— Vamos, Luíza? Não me diga que está com medo. — Melissa atçou.

Restava saber se eu morderia a isca ou não.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 12

Todos nós nos acomodamos no chão da sala, fazendo uma roda e colocando uma garrafa no centro. Amanda fez suspense e rodou a garrafa.

Minha imaginação girou junto e diversas lembranças passaram pela minha mente com rapidez. Sempre que estávamos juntos, nós inventávamos brincadeiras ou o que pudéssemos, para vencer a monotonia de Nova Aliança.

Lembrei-me da primeira vez que brincamos de verdade ou consequência e a confusão que deu.

Foi em um ano que um primo da Suzana tinha vindo passar as férias aqui. Eric ainda fazia parte da turma e tinha as piores ideias do mundo. Ele desafiou os primos a se beijarem, o que causou um mal-estar terrível entre os dois.

Suzana jurou vingar-se de Eric da forma mais dolorosa possível. Eu não sabia se ela já tinha tido aquela oportunidade, mas, se não, tinha pena da alma dele se resolvesse voltar para a cidade.

A garrafa tinha caído entre Amanda e Suzana. As duas se olharam com afeto e riram juntas. Gostei de ver que ainda eram grandes

amigas.

Suzana era a minha segunda melhor amiga na adolescência, perdendo apenas para Amanda, que sempre ficava em primeiro lugar. Nem mesmo quando estive fora, consegui ter uma amizade tão forte e intensa como a nossa.

Gostei de saber que ela teve alguém tão durona ao seu lado na minha ausência. Ela parecia ter precisado.

— Verdade ou consequência? — Perguntou Suzana.

— Verdade. — Amanda escolheu, decidida.

— Hum... deixe-me pensar. — Suzana colocou a mão sob o queixo, meditando sobre o assunto. — Por que escolheu o nome Gabriel para o seu filho?

— Ah, que pergunta mais sem graça. — Felipe reclamou, batendo com o punho no chão. — Esperava mais de você, Suzana.

— Não vou deixar minha amiga em maus lençóis só por que você quer. — Suzana rebateu enquanto levantava a mão para que Amanda batesse nela.

Olhei para ele com vontade de apontar e dizer: “Se deu mal”, mas ainda não era íntima do grupo a ponto de fazer piada.

— Não fui eu que escolhi o nome. — Amanda respondeu, ignorando Felipe. — Foi o Arthur.

E olhei para Arthur, que parecia estar em outro lugar agora, acompanhado apenas de suas lembranças.

— Estava muito cansada quando ele foi me visitar no hospital. O parto tinha sido difícil. — Amanda também parecia estar olhando para o passado.

O vento lá fora fazia um som estranho, deixando aquela atmosfera de mistério no ar. E todos se inclinaram na direção de Amanda, comovidos.

— Não consegui parar para pensar em um nome quando descobri que estava grávida. Estava assustada demais com a reação do meu pai. — Ela mexeu na pulseira em seu braço, tentando esconder o nervosismo, depois olhou para o irmão, como se só o fato dele estar ali, lhe desse coragem para

continuar o que estava descrevendo.

Arthur sorriu para ela e vi o quanto os dois pareciam conectados. Fiquei grata pelo tempo ter feito aquela proeza, já que ele era tão fechado.

— Mas Arthur apareceu e disse que tinha pensado em um nome. E que após ver o bebê, teve certeza que ele tinha mesmo cara de Gabriel. — E soltou uma risada no meio de um quase choro.

Arthur se aproximou de Amanda e lhe deu um abraço daqueles que dizem: “Sempre estarei ao seu lado”.

Passei alguns segundos admirando Arthur e feliz por ter escutado aquela história.

Não sabia como tinha ficado a relação com seu pai, após ele ter escolhido ficar ao lado da irmã. No entanto, esperava que não tivesse descontado nele e que, algum dia, também pudesse fazer as pazes com Amanda e conhecer o neto.

Achei que Amanda tinha terminado, mas ela continuou:

— Eu fiquei receosa no começo, porque todas as crianças com esse nome são muito arteiras, mas sabia que o meu filho teria o seu jeito próprio e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não seria um nome que o mudaria.

— Acabou que ele fez jus ao nome. —
Rômulo comentou e todos riram juntos.

Por um momento, me senti feliz por estar naquela cidade e com aquelas pessoas novamente. Queria correr para perto de Amanda e abraçá-la, mas fiquei apenas parada enquanto alguém girava a garrafa para dar continuidade à brincadeira.

Olhei para frente e vi que ela tinha caído entre Rômulo e Felipe. Eles eram melhores amigos na adolescência, faziam piada de tudo, se juntavam para jogar videogame e conversar sobre histórias em quadrinhos.

Arthur sempre ficava um pouco de fora, pois começou a trabalhar bem cedo em uma fábrica da cidade, não porque precisasse de dinheiro, já que seu pai nunca lhe negava nada, mas porque ele dizia que queria ter aquela experiência.

Arthur também aprendeu a consertar carros com o pai quando criança. Quando namorávamos, ouvia os dois falando o tempo todo sobre motores e peças. Eu ficava só por perto, abraçada a Arthur e assentindo, como se estivesse entendendo algo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A mesma coisa acontecia quando falavam sobre futebol. Sequer sabia o que era um centroavante e nem me interessava em saber.

— O que viu nessa chata da Melissa? — Perguntou Rômulo, balançando o cabelo dela, que estava logo ao seu lado.

Parecia que todos estavam fazendo perguntas que já sabiam a resposta, evitando mencionar o que realmente havia em suas mentes e acabar com a festa.

— Até hoje me faço a mesma pergunta. — Felipe respondeu, fazendo graça.

Melissa mostrou a língua para ele e rodou a garrafa mais uma vez.

Olhamos para o objeto enquanto girava e caía entre Arthur e Suzana.

— Como está seu primo? — Arthur perguntou, segurando o riso.

Senti um aperto na garganta e quando achei que o clima ficaria pesado, todos soltaram uma gargalhada e Suzana jogou uma almofada em Arthur.

PERIGOSAS ACHERON

Pensei que aquela era uma questão delicada, mas talvez tivesse deixado de ser enquanto estive fora.

Estava curiosa para saber o que mais tinha mudado naquele meio tempo.

— Nunca mais o vi, mas tenho certeza de que ainda não superou aquele beijo. Porque sejamos sinceros... — Ela apontou para si mesma, orgulhosa. — Ninguém resiste a esse rostinho aqui. — E riu também.

Aquilo era novo para mim, uma energia difícil de explicar. Era como se, apesar de todos os problemas que cada um passou para chegar até aqui, tivéssemos forças para sorrir, apenas por estarmos juntos. Só esperava que não fosse imaginação minha.

Suzana girou a garrafa de novo. Alguém me cutucou e vi o resultado. Tinha caído em mim pela primeira vez. Senti minha garganta arder e engoli em seco. Olhei para a outra ponta e, graças a Deus, estava em Angélica. Ela fez uma expressão tímida, certamente tentando imaginar uma pergunta que não me fizesse sair correndo dali.

PERIGOSAS NACIONAIS

Angélica sempre foi uma pessoa maravilhosa, gostava de manter a harmonia entre as pessoas e dificilmente entrava em brigas. O contrário de Melissa e Amanda que viviam em guerra.

— Quais foram as suas melhores e piores experiências longe de Nova Aliança? — Ela perguntou com a voz calma.

Parei para pensar e disse com convicção:

— A melhor foi aprender novas línguas e novas culturas. A pior foi estar longe da minha família e amigos.

Todos explodiram em um “Own” de tristeza e compaixão enquanto Arthur mudava a expressão, como se não acreditasse em uma palavra minha.

Não gostei daquilo. Não precisava da pena de ninguém nem que Arthur acreditasse em mim.

Peguei a garrafa e a rodei, tentando fazer com que parassem de me olhar.

A garrafa rodou e caiu em Arthur. O outro lado apontava para Suzana.

— Enfim, teremos uma pergunta decente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Comemorou Felipe, com um sorriso triunfante.

— Não se anime muito. — Ela fez uma careta.

— Vamos, Suzana. — Ele a provocou, dando tapinhas em suas costas. — Sua vez de se vingar por ele ter tocado na história do seu primo.

— Como se eu me importasse. — Suzana revirou os olhos.

Felipe fez cara de tédio. Talvez não fosse agora que ele conseguiria fazer intriga.

— Mas, pensando bem... — Suzana voltou a falar, como se tivesse acabado de ter uma ideia genial.

Felipe voltou os olhos para ela, interessado.

— Acho que está mais que na hora de apimentar essa brincadeira. — Declarou, esfregando as palmas das mãos.

Felipe vibrou e todos começaram a olhar para ela.

Suzana tinha a atenção que tanto queria e eu estava com um mau pressentimento sobre aquilo. Sua pergunta não seria uma pergunta qualquer. Ela

PERIGOSAS ACHERON

jogaria pesado.

Arthur e Suzana trocaram olhares estranhos e percebi que havia algo ali.

— Você beijou alguém depois que a Luíza saiu da cidade? — Suzana virou as pontas dos seus cabelos curtos para dentro, com um olhar que dizia: “Eu sei de tudo.”

Ela tinha aquele olhar quase sempre. A maioria das meninas morria de medo dela por causa daquilo. Não era à toa que ela tinha ganhado a fama de “repórter da cidade”.

Todos na sala tinham expressão de expectativa. Parecia que estávamos assistindo a um daqueles filmes de suspense e que aquele seria o momento de revelar o assassino.

Meu coração disparou, eu não estava preparada para ouvir aquela resposta, não queria estar ali.

Ai, meu Deus! Eu tinha que fazer alguma coisa!

Olhei para Amanda em tom de súplica e ela levantou-se rapidamente, gritando:

— Acho que ouvi o Biel chorar!

— Vou olhar, maninha. — Arthur voluntariou-se e caminhou em direção ao quarto do menino.

— Nem pense que irá escapar da minha pergunta. — Suzana apontou o dedo para ele com um olhar impactante, mas Arthur deu de ombros, despreocupado.

Se ele ainda se importasse com meus sentimentos, aquilo daria tempo de Arthur criar um jeito de fugir da resposta.

Todos ficaram olhando para mim, como se o meu cabelo estivesse pegando fogo. Arthur voltou, dizendo que o sobrinho estava dormindo e sentou-se calmamente.

Por que ele estava tão sereno? Será que aprontaria algo ou só não se preocupava mesmo com o estrago que sua resposta poderia causar?

Os olhares alternavam de Arthur para mim, mas ele estava confortável. Nada parecia abalá-lo. Já eu estava roendo todas as unhas que tinha cultivado nos últimos meses.

As pessoas ao meu redor também pareciam

PERIGOSAS ACHERON

nervosas.

Até que alguém disse:

— Ah, conta logo. Eu também estou curioso.

Por que todos estavam curiosos com aquilo? Eu não estava.

E por que estaria? Arthur era homem. Lógico que tinha ficado com outra pessoa depois que viajei, afinal foram cinco anos.

Claro que não esperava que tivesse feito aquilo dez minutos após eu ter saído, mas se tivesse feito também não faria diferença.

Tínhamos terminado e mesmo que eu estivesse no avião quase morrendo de chorar, qual era o problema?

Droga! Por que só de pensar naquilo já me irritava?

— Sim. — Arthur respondeu sossegado.

E o meu queixo caiu. Ele tinha dito que sim?

— Quem? — Suzana rebateu com olhos eloquentes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Que vontade de bater em Suzana! Será que ela não podia segurar aquela boca maldita?

— Aí, seriam duas perguntas, Suzana. — Ele sorriu para ela e quando viu que tinha ganhado, deu uma piscada básica.

Um toque Arthur de ser.

Eu suspirei de alívio. Graças a Deus.

— Tudo bem. Eu espero pela próxima vez. — Suzana ameaçou-o, como se naquele momento só os dois estivessem jogando e agora, fossem rivais declarados.

O jogo continuou e, por sorte, não caiu em Suzana e Arthur novamente.

As pessoas foram ficando sem perguntas. Também, Nova Aliança era uma cidade pequena e todos sabiam a rotina de cada um, tornando aquele jogo um tanto pacato.

Eles ficavam bastante felizes quando caía em mim e podiam saber um pouco sobre Paris e os países da Europa que visitei, mas logo, eu me tornei igualmente desinteressante, já que só sabia contar minhas experiências sob o olhar de um guia turístico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como eles mesmos diziam, era como assistir um documentário chato.

Fiquei pensando naquilo. Tive a oportunidade de viajar o mundo e tudo o que fiz foi estudar. No fundo, sabia que a minha mente nunca tinha deixado Nova Aliança e as pessoas daquela sala.

Estava distraída quando ouvi alguém dizer: “Eu escolho consequência. Isso aqui está parecendo mais um funeral do que uma festa”.

Olhei ao redor, desesperada. Era Suzana.

Meu Deus! O que ela faria?

Foi quando percebi que ela tinha escolhido o desafio e não, o contrário.

Olhei rapidamente para a outra ponta. Quem poderia ser? Felipe. Ufa!

Melissa olhava para Felipe com aquela expressão de “Eu controlo você”. Ela olhava assim para ele o tempo todo e Felipe sempre fazia suas vontades.

Na verdade, nenhum de nós apoiava o relacionamento dos dois, mas só Suzana teve

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coragem de dizer aquilo no passado.

Suzana nunca teve medo de nada e de ninguém, nunca deixava que a manipulassem e sempre falava o que tinha em mente, sem se importar com as consequências.

Amanda e Melissa também tinham suas desavenças, mas elas tinham suas fases de se amar e outras de se odiar.

Nas fases de ódio, elas só se afastavam para não dizer nada que se arrependessem. Pareciam estar naquela fase agora, pois mal se olhavam e eu estava doida para saber o motivo.

Felipe parecia que tinha algum desafio em mente há um tempo, mas desistiu dele por causa dos olhares de Melissa.

— Fala logo. — Ouvi a voz esganiçada de Angélica pela primeira vez.

Normalmente, ela parecia um anjo encarnado. Será que também tinha mudado com a maternidade?

— Eu te desafio a pegar o Gabriel no colo.

E todos explodiram em uma exclamação de

PERIGOSAS ACHERON

surpresa e desapontamento.

— Só isso?

Suzana fingiu não se importar, mas o que todos nós sabíamos era ela só tinha medo de duas coisas na vida: bebês e palhaços.

E não era um medinho qualquer não.

Suzana desmaiou quando um circo passou pela cidade e sempre se escondia no carnaval, alegando ser um feriado nojento, porque as pessoas das cidades vizinhas apareciam para ficar se “pegando”, mas nós sabíamos que ela tinha mesmo era medo de dar de cara com um bate-bola na rua.

Amanda se levantou, divertindo-se com a situação, e pegou Gabriel. Foi trazendo-o para perto de Suzana e conseguimos ver suas feições mudando, seu corpo se contorcendo.

Não sabíamos por que ela tinha medo de bebês, mas ela sempre tinha uma desculpa para sair de cena quando Angélica ficava de babá.

— Vai pegar ou não? — Amanda perguntou, aproximando seu filho como se fosse uma bomba relógio.

— Calma! — Suzana respondeu, respirando fundo e abanando o próprio rosto.

— Vai com a titia, meu amor. — Amanda disse com aquela voz fininha que ela fazia sempre que falava com Gabriel.

Suzana tocou a manta do bebê e foi trazendo-o para perto dela. Seu rosto apreensivo foi melhorando depois de alguns segundos com ele em seu colo. Ela começou a balançá-lo devagar e a se acalmar.

— Viu? — Ela disse, bastante surpresa. — Eu consigo. É fácil. — Falou mais para si do que para o resto de nós quando o inesperado aconteceu.

Não sabíamos se foi o jeito que Suzana estava balançando-o ou se Gabriel era mesmo sensível como eu supunha, mas vi em câmera lenta o momento exato em que Gabriel fez uma careta e jorrou o leite que parecia ter tomado o dia inteiro direto no rosto de Suzana.

Ela, em resposta, parecia que o arremessaria para longe, como se fosse uma bola de basquete. Corri para pegá-lo quando ela começou a gritar.

— De novo! Eu sabia! Isso sempre acontece

comigo!

E finalmente descobrimos por que ela sempre ficava longe de bebês. Eles a odiavam tanto quanto ela.

Talvez ódio fosse uma palavra muito forte. Eles só não ficavam bem juntos. Era como se alguma coisa nela fizesse com que eles reagissem mal.

Ela nos contou que aquilo já tinha acontecido outras vezes enquanto tentava se limpar, mas a coisa estava feia.

Amanda fez piada, dizendo que a chamaria sempre que Gabriel se engasgasse e eu tive que intervir antes que Suzana voasse em cima dela, ainda cheia de vômito.

Depois de se limpar e pegar uma roupa emprestada de Amanda, voltamos para a sala e de repente, começou a tocar Wanna be, das Spice Girls.

Melissa e Angélica pareciam ter encontrado uma garrafa de vinho em alguma caixa na sala e ter tomado um pouco antes de voltarmos, porque Angélica estava dando tapinhas no bumbum de

Melissa e apontando para nós.

— Tragam seus traseiros para cá. Está na hora da nossa dança sincronizada.

Parecia meio surreal ver Angélica daquele jeito. Rômulo parecia envergonhado e um pouco feliz ao mesmo tempo de ver sua esposa se divertindo.

Alguns minutos antes, ouvi ele confessar para Arthur que os dois estavam passando por crises financeiras e que tiveram que pedir dinheiro emprestado aos pais de Angélica.

Aquilo tinha deixado o ego de Rômulo ferido. Ele odiava admitir que não estivesse conseguindo sustentar a família. Pelo que parecia, o jeito seria Angélica também trabalhar.

Só que em Nova Aliança, aquilo não era “aceitável”, pois ainda se vivia com o pensamento retrógado de que os homens que precisavam trabalhar fora e trazer o sustento da casa enquanto as mulheres cuidavam dos filhos e das atividades domésticas.

Amanda nos puxou e começamos a dançar como fazíamos anos atrás. Os meninos

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanharam, batendo palmas e se movimentando de um lado para o outro, como uma plateia boba e orgulhosa.

Suzana deu um chute alto e Melissa deu uma estrelinha. Tinha esquecido como as duas eram exibidas e competitivas quando se tratava daquela música.

Angélica começou a cantar bem alto, segurando o controle remoto da televisão, e fez o solo, só que desafinado, de uma das meninas do nosso grupo feminino favorito.

Ela sempre fazia aquilo quando dançávamos e nunca acertava a nota, mas nós não éramos nem loucas de dizer nada. Poucas vezes vimos a Angélica brava e apenas aquelas poucas vezes foram suficientes.

Emendamos na música Girls Just Want To Have Fun, da Cyndi Lauper, que tocou em seguida, e finalizamos nossa dança nos jogando no chão, suadas, sorrindo e arfando de cansaço. Eu me sentia viva novamente.

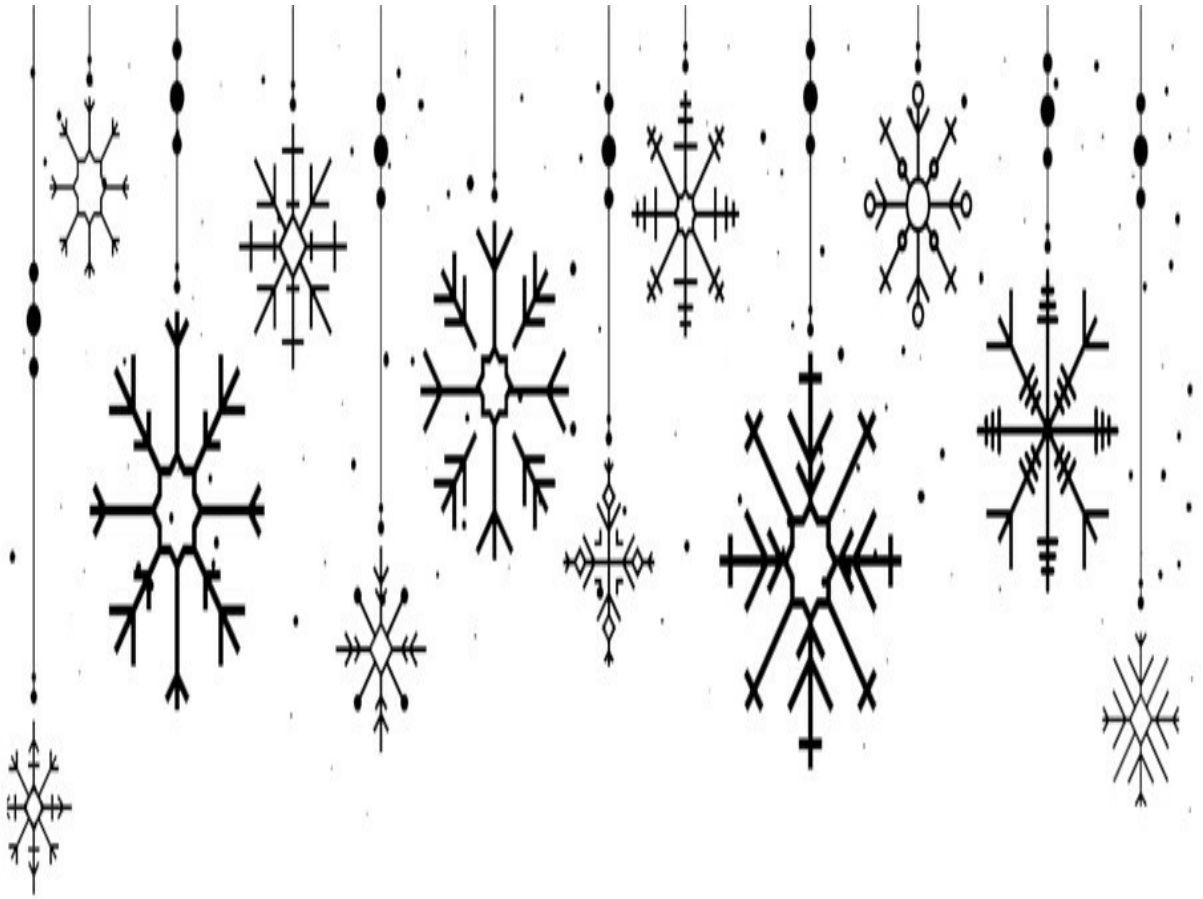
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 13

Depois de algum tempo, Suzana reapareceu com a garrafa do jogo de verdade ou consequência. Para mim, teve o mesmo efeito de quando trouxeram aquele tabuleiro do filme Jumanji para perto do protagonista que tinha passado anos na floresta. Logo quando eu achei que finalmente ficaríamos em paz. Desejava que Gabriel vomitasse mais vezes nela.

— Vai! Presta atenção que o jogo está rolando. — Suzana cutucou-me e eu a amaldiçoei em pensamento.

A garrafa girou e caiu novamente virada para mim. Eu era muito sortuda mesmo. Ainda bem que todos nós tínhamos mudado de lugar e quem faria a pergunta seria Felipe. Ele provavelmente faria uma pergunta aleatória, como fez com todas as meninas.

— Você imaginava algum futuro com Arthur ou até mesmo sozinha aqui em Nova Aliança?

Aquela pergunta me pegou de surpresa. Já tinha pensado nela várias vezes e sempre quis

poder dizê-la em voz alta, mas Arthur respondeu na minha frente.

— Que pergunta idiota! — Entreviu. — Claro que ela não imaginava futuro algum aqui. Afinal, ela foi embora. Não foi? — Ele fez uma expressão carrancuda e deu um tapa na nuca de Felipe. — Se liga, cara!

Por que Arthur tinha que ficar se metendo o tempo inteiro e achando que ainda sabia alguma coisa sobre mim? Primeiro foi àquela conversa estranha com Amanda que tive que ouvir calada na madrugada que conheci o bebê Gabriel, dizendo que eu iria sumir a qualquer momento e agora aquilo? Quem ele pensava que era?

— Acho que posso responder sozinha. — Olhei com raiva para Arthur, que bufou para mim. — E sim, Felipe. — Virei-me para ele, ignorando Arthur. — Eu imaginava um futuro aqui, mas também precisava ir para outros lugares, conhecer novas pessoas e culturas para ter certeza de que era para aqui que eu queria voltar.

— Resumindo, precisava dar uma de piriguete. — Arthur debochou de mim com um olhar congelante.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei ao redor e ninguém parecia ter achado graça. Eu não acreditava que ele tinha dito aquilo.

— Olha como você distorce o que eu digo, Arthur. — Aumentei o tom, querendo pular no pescoço dele. — Em nenhum momento, eu disse que precisava beijar outras bocas ou ter alguma coisa com outras pessoas.

Ele continuou com sua expressão implacável e eu respirei fundo.

— Eu só precisava de espaço, de tempo, de maturidade para saber quem eu era. Se era mesmo aqui que me via morando ou tendo uma profissão. — Expliquei, bufando.

Como ninguém aqui queria ver o que acontecia fora das amarras de Nova Aliança? Será que era por medo, comodismo, covardia ou porque se sentiam felizes mesmo? Gostaria de saber.

— Na verdade, isso só mostra como eu estava certa esse tempo todo, porque se você realmente gostasse de mim, se fosse uma pessoa sensata, teria ficado ao meu lado e assim, eu poderia ter voltado para cá, para você. — Pronunciei as últimas palavras em tom amargo.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei nos olhos de Arthur, pensando como eu podia ter amado tanto aquela pessoa mesquinha e com a mente tão pequena.

Quando terminei de falar, Arthur ficou quieto, balançando a cabeça, sem concordar. Olhei ao redor e todos pareciam sentir a atmosfera pesada que o lugar tinha assumido.

— Será que vocês poderiam deixar essa lavagem de roupa para outro dia? Nós estamos tentando nos divertir. — Melissa falou com a voz um pouco alterada com a única taça de vinho que tinha tomado. Deu um soluço e depois, uma risada, tapando a boca.

Eu não sabia se ela estava fingindo para tirar o foco de nós dois, mas tinha ficado feliz quando pararam de olhar para mim.

Arthur era o único que ainda me fitava com uma expressão enigmática, mas eu resolvi apenas ignorá-lo.

— Alguém roda esse negócio de novo. — Melissa tentou chegar até a garrafa.

Felipe rodou, já que ela não parecia estar em condições de fazer aquilo sozinha.

Eu não queria mais brincar, mas também não queria levantar e mostrar para Arthur o quanto ele ainda me deixava nervosa. Eu tinha dado a palavra final, já tinha provado o meu ponto, não tinha mais com o que me incomodar.

Suzana olhava fixamente para a garrafa e como se tivesse sido ordenada por ela, a garrafa caiu entre nós duas. Imaginava que ela tinha uma boa pergunta na manga, uma que provavelmente eu não iria gostar de responder.

Melissa parecia estar finalmente se divertindo com o jogo, porque começou a bater as palmas da mão como uma foca. Nada como a desgraça alheia para deixá-la feliz.

— Você se apaixonou por alguém enquanto estive fora?

Mas, a pergunta não me parecia tão difícil.

— Paixão mesmo, eu acho que não. — Admiti, olhando para o passado.

— Mas deve ter se envolvido com alguém. Foram cinco anos longe. — Ela apoiou a mão no queixo, interessada.

— Sim.

— Ah, sabia. — E bateu no acolchoado do sofá ao seu lado, como se tivesse acabado de acertar na loteria. — Franceses e seus sotaques apaixonantes. — Comentou, suspirando.

— Na verdade, ele não era francês. — Sorri sem perceber que tinha continuado o assunto e não só respondido à pergunta.

— Não? — Amanda fez uma expressão surpresa e todas as meninas se viraram para mim.

— Era britânico.

E todas explodiram de empolgação.

— E como vocês se conheceram? — Amanda se aproximou e me apertou, querendo saber mais.

— Ele se chama Ethan. — Sorri, pensando em como sentia saudades dele. — É um grande executivo e estava na França tentando fechar um negócio.

Lembrei como Ethan ficava bonito de terno, como seus traços fortes e marcantes de homem maduro eram sexys. Pensei como ele deixava todos ao seu redor sem fala por apenas mexer nos cabelos lisos e castanhos. E quando abria a boca, sua voz

PERIGOSAS ACHERON

grave deixava todos sem ar.

Ethan era misterioso e educado. Todas as mulheres o olhavam com admiração. Podia apostar que os homens também.

— E o que mais? — Suzana estalou os dedos, fazendo-me voltar à tona. Era tão bom pensar em Ethan.

— Em um momento, o tradutor que estava com eles, teve dificuldade em discernir o que eles diziam. — Voltei a falar, animada. — E Ethan ficou bastante bravo, mas eu acabei me intrometendo e consegui ajudá-lo a fechar o negócio.

Fiquei olhando para o nada e sorrindo, lembrando de como tudo tinha acontecido.

— A salvadora da Pátria! — Arthur bateu palmas, com a voz recheada de ironia.

— Cala a boca! — Suzana urrou, dando uma cotovelada nele. — Você está com inveja da história romântica dela.

— E aí? O que aconteceu depois? Ainda estão juntos? — Melissa cortou os dois e se virou para mim, soltando perguntas, ávida por saber mais

PERIGOSAS ACHERON

sobre a minha história com Ethan.

— Somos grandes amigos, mantemos contato, mas vivemos ocupados por causa das nossas profissões.

— Ai! — Ela fez expressão de agonia. — Pois eu abandonaria tudo e iria até o fim do mundo por um amor assim. — Melissa afirmou, sonhando alto.

Felipe parecia ofendido com o que ela falou e se levantou.

— Quando acabar o clube da “Luluzinha”, me avisem. — Ele disse, brincando com meu nome, mas com uma raiva tangível no olhar.

Não era para menos. Melissa disse aquilo, como se não fosse apaixonada por Felipe. E talvez não fosse mesmo. Ela sempre agia como se Felipe fosse apenas um boneco ventríloquo na sua mão.

— Fica aqui! — Melissa o agarrou pelo braço e o fez sentar novamente. — Vamos continuar brincando.

Felipe parecia prestes a dar uma resposta malcriada, mas, como sempre, apenas concordou com Melissa. Eles eram um casal esquisito.

A garrafa girou mais uma vez e caiu entre Amanda e eu. Estava começando a achar que tinham colocado um imã dentro dela, para que ela girasse, girasse, mas só caísse na minha direção.

— Verdade ou consequência? — Ela perguntou.

Todos tinham escolhido tanto a “verdade” no início da brincadeira, talvez com medo dos possíveis desafios, com exceção de Suzana, que, com o tempo, só fazíamos a pergunta direto, sem querer saber a escolha do outro.

Como Amanda sabia praticamente tudo sobre a minha vida, minhas fragilidades e o que poderia me derrubar, decidi escolher consequência, afinal nenhum desafio poderia ser pior do que responder uma pergunta vinda dela.

Então, veio a grande surpresa.

— Meu desafio é especial. Não precisa fazê-lo agora.

E todo mundo se virou para ela, querendo entender.

— Quero que quando você se case, me deixe organizar tudo. — E ela começou a explicar

PERIGOSAS ACHERON

os termos. — Não poderá escolher o vestido, o bufê, as flores, nada. — Ficaram todos boquiabertos com a sua revelação. — Está bem. — Ela balançou a mão na minha direção, rindo. — O marido você pode escolher.

— Tudo bem. — Eu ri. — Pode organizar tudo, mas pode ser que esse evento nunca aconteça e sua consequência será desperdiçada, Amanda.

— Claro que vai acontecer. — Ela garantiu como se soubesse o futuro.

— Se você diz. — Ri de novo, dando de ombros.

Giraram a garrafa novamente e finalmente, ela não caiu em mim. Estava apontada para Angélica e Arthur faria a pergunta. Eu respirei aliviada. Sabia que ele faria uma pergunta qualquer. Afinal, era a Angélica.

— Você tinha certeza desde o início sobre o seu amor pelo Rômulo ou concorda com a Luíza que as pessoas precisam conhecer outras pessoas para saber com quem elas realmente deveriam ficar?

Espantei-me. Não sabia que Arthur poderia

ser tão baixo. A pergunta não estava direcionada a Angélica, o que ele queria era me atingir.

Cravei as unhas no carpete da sala, irritada.

— Arthur, não me coloca no meio disso! — Angélica pediu.

— Só responda à pergunta. — Ele disse olhando através dela, direto para mim.

— O Rômulo foi o meu primeiro amor e nada no mundo me faria mudar de ideia, mas...

— Mas nada, Angélica. — Arthur a interrompeu. — Você já disse o que eu precisava ouvir. — Ele deu um sorriso sarcástico para mim.

Angélica olhou para nós dois e sentiu que estava no fogo cruzado, por isso continuou de onde havia parado.

— Não. O amor é diferente para cada pessoa.

Mesmo que a intenção de Angélica fosse boa, sabíamos que não daria certo. Tudo que ela dissesse, Arthur daria um jeito de virar contra mim.

— Talvez o de alguns seja menor. — Arthur zombou, arqueando as sobrancelhas.

Eu queria bater na cabeça dele com uma pá.

— Viu? — E ele se virou novamente para mim. — Ela não precisou revirar o mundo para ter certeza de nada.

Ele se sentia tão inabalável por trás de todos aqueles pretextos, como se a culpa de tudo ter dado errado entre nós fosse apenas minha, como se ele não pudesse ter agido feito homem e ter, ao menos, conversado comigo direito antes de eu partir, porque eu teria voltado se ele não tivesse me magoado tanto.

— Eu nunca tive dúvidas do que sentia por você, mas parece que você tinha, porque se me amasse de verdade, teria confiado em mim, não teria terminado comigo do que jeito que terminou, porque eu fui para Paris para estudar, para ter um futuro melhor para mim, para nós dois.

Eu não pretendia responder as suas provocações, mas foi mais forte do que eu. Ele não me deixou falar nada no passado, e mesmo sabendo que não devia nada a ele, eu queria libertar as palavras que estavam presas dentro de mim.

Arthur, por outro lado, parecia estar pouco

se lixando para a minha explicação.

Mesmo assim, eu continuei. Eu iria até o fim. Não por ele, mas para tirar aquele peso das minhas costas.

— Você estava cansado de saber que eu nunca concordei com essa ideia retrógada de que em Nova Aliança só os homens podem ter uma carreira. — E olhei bem fundo nos seus olhos. — É errado querer ser algo mais do que só a esposa de alguém? — Virei-me para o restante das pessoas para deixar claro que aquela era apenas a minha vontade. — Nada contra quem deseja isso. — Enfatizei, sabendo que muitos naquela sala tinham mães que escolheram aquilo para suas vidas.

— Sabia e não vejo nada de errado nisso, mas não se pode ter um futuro com quem que não se tem um presente.

— Isso foi escolha sua! — Gritei, abismada.

Será que ele ainda não tinha percebido? Não podia se responsabilizar por seus próprios erros também?

— Nós poderíamos ter ficado juntos. — Continuei. — Você que foi orgulhoso e não quis

me ouvir.

Por que eu tinha que explicar a ele o óbvio? Por que eu ainda me importava em dizer alguma coisa para aquela mula?

— Não é à toa que vai morrer sozinho e eu vou continuar crescendo cada vez mais enquanto você apodrece aqui nessa porcaria de fim de mundo. — Praguejei, vibrando de ódio e percebendo que havia acabado de perder a razão.

Arthur sabia que uma hora eu iria explodir e fez tudo de propósito.

Depois daquilo, ele só sorriu e aplaudiu ironicamente.

— Obrigada, Luíza. Era tudo o que eu precisava ouvir. — Ele se virou para o restante das pessoas na sala, com expressão de vitória. — Eu não disse que ela se achava superior e nós, meros caipiras?

— Não foi o que eu disse e você sabe! — Levantei em um pulo, apontando o dedo na cara dele, que continuava me olhando friamente.

Quando estava prestes a pegá-lo pelos cabelos e socar a cara dele, Amanda levantou de

PERIGOSAS ACHERON

onde estava e começou a me arrastar para o seu quarto.

Eu ainda gritava, como se estivesse possuída, mas Arthur continuava com a expressão serena.

Maldito, infeliz! Eu queria matar aquele desgraçado!

— Essa brincadeira é diabólica. Deus me livre. — Amanda se queixou, fechando a porta do quarto e tentando me segurar.

Eu comecei a chorar. Não acreditava que tinha caído na armadilha dele. Já não bastava tudo que tinha feito comigo no passado, Arthur tinha que continuar me humilhando?

Eu tinha sido tão idiota por cair naquela historinha dele de sermos amigos. Ele nunca quis aquilo. Arthur queria vingança.

— Eu preciso ir embora. — Falei para ela, procurando as minhas chaves na bolsa.

— Nem pensar. — Amanda deu seu ultimato. — Você não vai dirigir assim.

— Eu estou bem. — Tentei convencê-la de

PERIGOSAS NACIONAIS

algo que nem eu tinha certeza.

— Não está. — Assegurou, tomando minha chave e escondendo em um algum lugar do quarto enquanto eu andava de um lado para o outro, chorando de ódio e nojo.

— Não acredito que ele fez isso comigo. — Passei a mão pelo rosto enquanto minhas lágrimas caíam sem parar.

— Eu sei. — Amanda me abraçou, tentando me acalmar. — Vai ficar tudo bem.

Ela prometeu me deixar ir assim que eu voltasse a si e eu até tentei, mas não conseguia parar de tremer de nervoso.

— Vamos lá fora que eu lhe dou algo para beber.

— Você é louca? Não volto lá por nada nesse mundo. — Olhei para um lado e para o outro e depois, para ela, tendo uma ideia maluca. — Por que você não vai buscar para mim?

— Para você fugir pela janela ou fazer alguma besteira?

Como ela tinha adivinhado o meu plano?

PERIGOSAS ACHERON

Talvez Amanda me conhecesse mesmo ou só acreditasse que eu seria capaz de fazer qualquer coisa para sair dali. O que não deixava de ser verdade.

— Luíza, fugir não é a melhor opção. — Amanda fez aquela voz de quando falava com o seu filho.

A voz que eu chamava de “encantadora de bebês”. Estranhamente, ela também funcionava com adultos.

— Você não fez nada de errado. Vamos lá. — Amanda tentou me animar. — Ninguém levou a sério aquelas coisas. — Ela segurou a minha mão, para me conduzir de volta a sala. — Todo mundo sabe que o Arthur está com raiva e ficou te provocando.

Ela estava certa. E outra, eu não ia ficar me escondendo. Não devia nada a ninguém.

Amanda me levou de volta, me sentou no sofá da sala e me fez beber água com açúcar enquanto tentava acabar com a festa, mas as coisas já tinham saído do controle dela também.

No tapete da sala, a maldita garrafa ainda

girava e caiu entre Amanda e Melissa, que, meio bêbada, acabou fazendo uma pergunta infeliz.

— Você se arrepende de ter engravidado?

— Que tipo de pergunta ofensiva é essa? — Arthur levantou rapidamente em defesa da irmã. — E Amanda nem está brincando mais, sua idiota!

— Ofensiva por quê? — Melissa revirou os olhos.

— Deixa, maninho. — Ela afastou Arthur e deu-lhe um sorriso de gratidão.

— Tem certeza? — Eles se olharam com companheirismo.

— Tenho. — Amanda respirou fundo e levantou-se, confiante. — Eu respondo.

Todos olharam para ela, sabendo que aquilo não iria terminar bem.

— Eu não me arrependo nem por um segundo. E você, se arrepende de ter traído a sua melhor amiga?

E todos soltaram um “O quê?” em uníssono.

Como assim? Que melhor amiga ela tinha traído? Será que Melissa teve algo com Eric
PERIGOSAS ACHERON

enquanto eles ainda namoravam?

— Não sei do que você está falando. — Melissa mexeu nos cabelos, fazendo uma careta que até eu considerava nojenta. — E sequer é a sua vez de perguntar alguma coisa.

— Covarde! — Amanda rosnou e as duas se encararam, como se fossem cair na porrada.

A garrafa girou e caiu em Suzana e Arthur. Eu já previa o apocalipse. Agora ela fecharia o caixão com toda a certeza.

— Quem você beijou quando Luíza foi embora?

— Eu não disse que queria verdade. — Arthur sorriu. — Eu escolho consequência.

Todos se viraram para ele. Aquilo parecia um show de horrores. E nós, uma plateia bizarra.

— Beije a Luíza. — Suzana sentenciou.

O quê? Suzana não podia estar falando sério.

— Nem pensar. Eu prefiro contar.

O quê? Aquele maldito preferia dizer o que quer que fosse do que me beijar? Ele era mesmo

um cretino.

Fiquei com vontade de dar um murro nele, mas as suas palavras me calaram.

— Foi a Melissa.

E todos ficaram boquiabertos. Inclusive, eu.

Sua resposta ficou ecoando na minha cabeça, mas eu não conseguia assimilar direito as coisas.

Fiquei parada, sem sentir direito minhas pernas quando Felipe se manifestou.

— A minha mulher? — Ele se levantou, enfurecido.

— Foi em uma das vezes que vocês terminaram, cara. Fica calmo. — Arthur tentou argumentar, mas Felipe avançava em sua direção, cerrando os punhos.

— Não interessa! — Berrou enquanto o restante da turma tentava bloqueá-lo.

Eu ainda estava parada, sem saber o que fazer. E, na verdade, eu não precisava fazer nada. Nós tínhamos terminado e ele estava com raiva de mim. Eu só não conseguia acreditar que Melissa

teve a coragem de fazer aquilo comigo. Agora fazia sentido como Amanda vinha a tratando.

— Viu o que você arrumou, Mel? — Amanda gritou.

Olhei para Suzana, me perguntando se ela estava satisfeita com a situação que havia provocado, mas quando a vi correndo em defesa de Amanda, percebi que ela não teria ido tão longe com aquela pergunta se Melissa não tivesse brincado com a gravidez de Amanda.

— Não me chame assim. — Ela perdeu a compostura. — Meu nome é MELISSA! — Fez a distinção. — Sabe que odeio esse apelido. Parece nome de cachorro.

— E é o que você é, sua cadela, vadia, filha do demo!

— Eu vou te matar! — Melissa foi correndo na direção de Amanda, gritando.

— Não se eu te matar antes, sua desgraçada! — Amanda rebateu, derrubando o meu bolo de boas-vindas e esfregando-o inteirinho no rosto de Melissa.

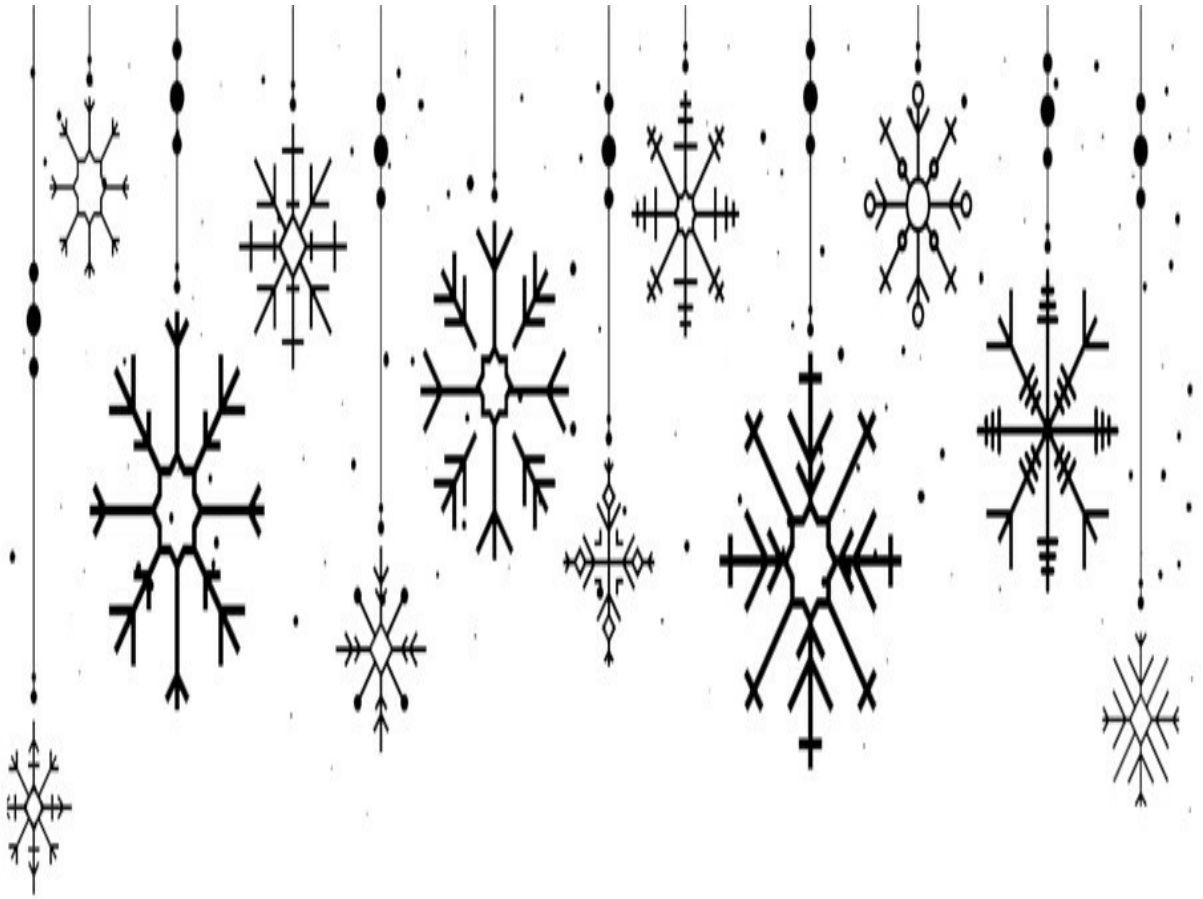
A aquela altura do campeonato, Rômulo
PERIGOSAS ACHERON

não sabia mais se tentava separar Felipe e Arthur ou Amanda e Melissa. E foi assim que todos nós acabamos sujos de bolo.

Que noite, não?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 14

Depois do fiasco da festa de boas-vindas, concentrei-me nos preparativos da festa que realmente importava: as bodas de prata dos meus pais.

Minha casa tinha se tornado uma grande bagunça, com caixas para todos os lados e pessoas desconhecidas entrando e saindo, sem que eu entendesse exatamente o motivo.

Minha mãe, que tinha se mostrado tão calma no dia em que cheguei, agora parecia estar prestes a ter um ataque dos nervos.

Quando a questioneei se havia alguma empresa ou pessoa encarregada da organização, ela respondeu que pensou que seria algo fácil e por isso, não contratou ninguém.

Na verdade, eu sabia que a festa só seria no final do mês, mas aproveitei a desculpa para tirar as minhas tão merecidas férias e passar um tempo com os meus pais.

Só não sabia que me decepcionaria tanto ao chegar aqui.

Para acalmar a minha mãe, assumi algumas

PERIGOSAS ACHERON

tarefas, mesmo não entendendo nada do assunto.

Amanda começou a aparecer todos os dias com o seu filho, e eu, boba como sempre, não tive a coragem de expulsá-la. Quanto mais com aquele bebezinho lindo me encarando.

Normalmente, Amanda colocava macacões confortáveis em Gabriel. A maioria de bolinhas, listrados ou com cores claras, mas, hoje, em especial, ela o vestiu como se fosse um rapazinho. Quando eles chegaram, meu coração se inundou de alegria. Era como se estivesse vendo bem na minha frente um mini Arthur.

Com uma calça comprida que imitava o jeans, uma camisa quadriculada vermelha e um sapatinho preto, Gabriel estava a cara do tio. A minha vontade era de morder a cara dele.

Fiquei imaginando se Arthur e eu tivéssemos tido um filho, se ele teria puxado mais os meus traços ou os dele, se teria cabelos escuros e cacheados ou lisos e loiros. E os olhos? Seriam verde-esmeralda ou amendoados?

Balancei a cabeça rapidamente, tentando tirar aquela imagem da minha mente. Aquele não

era o tipo de pensamento que eu deveria ter. Nunca.

Arthur era o próprio demônio e eu não podia esquecer o que ele tinha me feito passar, tanto cinco anos atrás quanto na última vez que nos vimos.

Minha mãe e Amanda adoravam ficar conversando sobre maternidade. Eu tinha a leve impressão de que, no fundo, a dona Maria do Carmo queria ser avó. Às vezes, ela soltava algumas indiretas para mim, mas eu me desviava correndo.

Infelizmente, minha mãe não estava em casa para ver como Gabriel estava vestido. Ela ficaria horas babando em cima dele.

Inclusive, era o que eu queria estar fazendo, mas os detalhes para aquela festa pareciam nunca terminar. Toda hora aparecia alguém perguntando a minha opinião sobre um assunto que eu não fazia ideia de como solucionar.

Amanda, por outro lado, não parecia se importar com aquilo, porque continuava falando como se não houvesse amanhã.

Ela já estava há horas comentando sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

algum assunto aleatório quando emendou em uma história sobre a sua gravidez, que eu parei de prestar atenção assim que começaram a jogar guardanapos de pano e enfeites de mesa em cima de mim.

— Amanda, não quero ser indelicada com você, mas estou realmente muito ocupada aqui. — Eu a cortei, mostrando o cenário aterrorizante ao meu redor.

— Na verdade, eu vim exatamente por isso. — Amanda colocou Gabriel no carrinho e andou até a mim, olhando-me com aqueles olhos pedintes de sempre.

Eu sabia que vinha bomba por aí.

— O quê? — Perguntei, sem entender aonde ela queria chegar.

— Você sabe que o meu maior sonho sempre foi trabalhar com produção de eventos, não é?

Daquilo, eu sabia. Tanto que, na nossa adolescência, ela vivia bolando festas com temas e, pelo que parecia, aquilo não havia mudado. Talvez o da última fosse de terror.

PERIGOSAS ACHERON

— Hum... — Eu a encarei, esperando o pior.

— Sua mãe poderia me contratar. — Anunciou, abrindo os braços, como se fosse a salvação da lavoura.

E pela força e determinação que eu sabia que ela tinha, talvez fosse mesmo.

— Não sei se daria certo.

E eu dizia de trabalharmos juntas depois dos últimos acontecimentos, mas Amanda parecia ter interpretado de maneira errônea, porque começou um discurso melodramático sobre entender que realmente ninguém daria chances à uma mãe solteira.

— Prefere o bege ou o creme, senhorita? — Alguém nos interrompeu e eu semicerrei os olhos para ver a diferença.

Mirei o dedo em um e depois, no outro, esperando que o destino apontasse a direção certa, porque o meu cérebro já tinha abandonado aquela missão.

— Não acredito que está tentando escolher na sorte! — Amanda voou na minha frente, irritada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela ainda conhecia os meus velhos hábitos.

— Não estou. — Tentei me defender.

— É mesmo? — Questionou. — Se fosse escolher um dos dois, qual seria?

Respirei fundo e pensei por um tempo quando Amanda respondeu por mim.

— Qualquer um, não é?

— Não. — Menti.

— Tem certeza? — Amanda me olhou mais de perto, como se espiasse a minha alma.

— Ok. Você está certa. — Dei-me por vencida. — É que eles parecem exatamente iguais para mim.

— Mas, não são. — Emburrou a cara, como se eu tivesse xingado a mãe dela.

Ela tomou os utensílios da minha mão e começou a examiná-los minuciosamente.

Virou-se para a mulher ao meu lado e disse:

— O tecido do guardanapo creme tem o acabamento melhor. Vamos ficar com esse! — Articulou, despachando-a.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos ficar com esse? — Repeti sua frase, incrédula. — Como assim?

— Se não fosse por mim, você ainda estaria olhando para os guardanapos agora ou teria escolhido qualquer um.

Eu não sabia de onde tinha saído aquela confiança toda, mas tinha que admitir, ela estava certa.

E não parava por aí.

Ela me observou confiante e acrescentou:

— Não tem jeito. Você precisa de mim.

Ela era tão convencida.

— Você quer ajudar? Pois ajude. — Falei, pensando quanto tempo ela iria aguentar aquilo.

— Também não precisa ter pena de mim. — Amanda cruzou os braços, chateada.

— Como se você despertasse esse sentimento nas pessoas, Amanda. — Revirei os olhos. — Vamos logo, que os problemas só parecem estar se acumulando.

— Ok. — Amanda sorriu e rapidamente começou a mexer nos materiais da festa e dar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ordens para as pessoas ao seu redor.

Gabriel ficou a maior parte do tempo no meu colo e eu tinha gostado de ela ter pegado todas as tarefas para si, porque aquilo realmente estava me deixando maluca.

Passamos horas no meio de fitas de cetim e de adereços, que eu não fazia ideia para que serviam. Foi bom ter Amanda ali comigo, não só por ter me salvado daquela loucura, mas porque nós nos divertíamos bastante.

Melissa ainda não tinha sido mencionada e eu desconfiava que não fosse apenas por minha causa. Ela também parecia não ter perdoado o que havia acontecido.

Eu evitava pensar sobre o assunto. Se Arthur e Melissa tinham ficado ou não, não era problema meu. Afinal, que direito eu tinha de julgar se não estávamos mais juntos e ele não esperou muito tempo para beijar alguém que, algum dia, considere como minha amiga?

Mas, mesmo assim, só de pensar no ocorrido, já me dava vontade de arrancar todos os dentes da boca daquele idiota.

PERIGOSAS ACHERON

E os dela também. Melissa não estava isenta de culpa. Que amiga trairia a outra assim? Como se pudesse chamar aquilo de amiga.

— Não acredito que não deu uma surra na Melissa pelo que ela fez com você.

Estávamos olhando para a TV ligada em um canal qualquer. O dia estava frio, o controle fora de alcance e nenhuma de nós duas tinha um pingão de coragem para levantar e procurá-lo.

— Você fez isso por mim. — Ri, lembrando dela jogando o bolo na cara da Melissa.

— Verdade. — Amanda estava com um dos pés apoiados na mesinha de centro e o outro empurrando o carrinho de Gabriel.

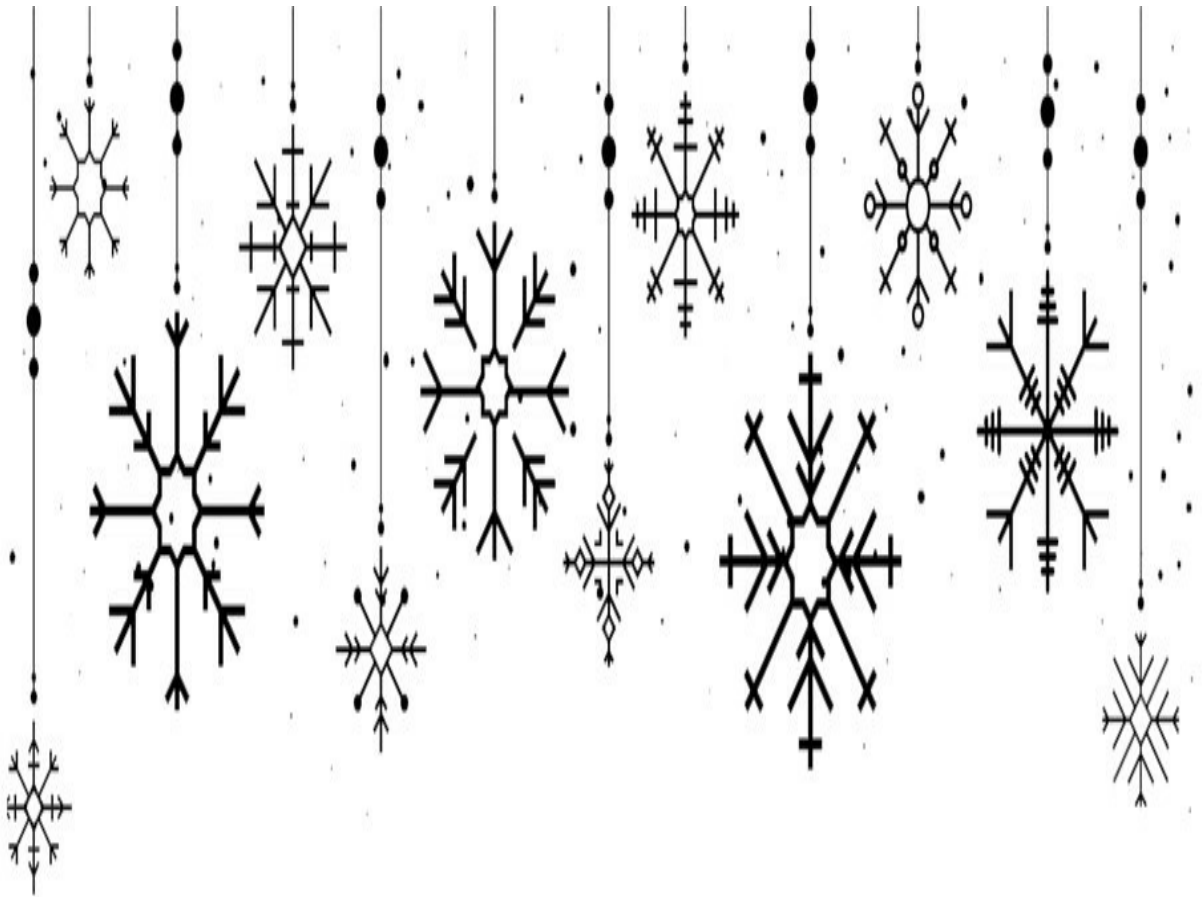
— E também, se eu tivesse que bater em cada pessoa que me magoou nessa cidade, seria extermínio.

Amanda parou por um minuto e virou na minha direção com uma expressão colérica.

Não era a minha intenção voltar naquele assunto. Também era doloroso para mim. Eu queria poder apagar da minha memória todas aquelas coisas ruins, mas não podia. Ninguém podia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 15

PERIGOSAS NACIONAIS

Na manhã seguinte, a campainha tocou. Pensei que fosse mais material para a festa, então já fui abrindo a porta.

Para a minha surpresa, era Angélica, acompanhada de sua filha Alice.

— Deixe-me adivinhar. — Apontei para ela, dando risada. — Seu maior sonho também é ser produtora de eventos?

— O quê? — Ela perguntou séria, juntando as mãos e assoprando-as, para ver se espantava o frio.

— Deixa para lá. — Parei de rir e abri mais a porta para que as duas entrassem. — Vamos conversar lá dentro. Vocês vão congelar aí fora.

Nós nos encaminhamos para a sala e Angélica parou, olhando ao redor.

— Talvez seja melhor voltar em outro horário. — Disse, educada como sempre.

— Isso aqui? — Perguntei, apontando para a confusão que nos cercava. — Não vai melhorar tão cedo, então não sei se terá um horário melhor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza de que não estamos atrapalhando? — Angélica se aproximou, acuada.

— Estou fazendo uma pausa agora. — Tentei encontrar um lugar limpo no sofá para elas se sentarem. — Querem água ou alguma coisa?

— Não. Só queria mesmo falar com você.

— Claro. — E eu comecei a me preocupar.

Alice sentou em um canto e começou a mexer nas peças próximas a ela que mais brilhavam. Angélica chamou sua atenção, dizendo para ela não tocar em nada.

Falei para Angélica não se preocupar com aquilo, mas ela continuou olhando para a filha de forma implacável.

Depois se virou para mim e disse:

— Nessa idade não podemos dar muita corda, sabe? — Ela se sentou, dobrando as pernas e fiquei olhando para suas roupas.

Angélica tinha abandonado os vestidos com estampas coloridas e agora usava tons mais neutros. Tudo nela parecia muito sóbrio, como se o tempo estivesse obrigando-a parecer uma pessoa fria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei. — Concordei, mesmo não fazendo a menor ideia. — Mas o que queria conversar comigo?

— Então... — Ela entrelaçou os dedos, pensando.

Aquele suspense estava me matando.

— Alice está precisando de alguém para ajudar na sua alfabetização. — Ela coçou o ombro, como se estivesse com vergonha do que estava prestes a dizer.

Então, fechou os olhos, tomou fôlego e falou correndo:

— Rômulo e eu conversamos, e chegamos à conclusão de que você seria a pessoa perfeita para isso. Se aceitasse, é claro.

Eu tinha que admitir que tinha mesmo sido pega de surpresa. E estava torcendo para que aquilo não fosse parte de mais um plano macabro de Amanda para me aproximar das pessoas daquela cidade, porque aí sim, ela teria passado dos limites.

— Eu estudei línguas estrangeiras, Angélica. — Fiz a distinção, mas ela continuou me encarando de maneira enigmática.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas você fez o magistério, não fez?

— Sim.

Nossa! Ela tinha boa memória. Nem eu me lembrava daquilo. Até porque tinha feito para agradar os meus pais.

— Então, o que acha? — Angélica perguntou e Alice me olhou com aqueles olhinhos afetuosos.

Eu não sabia dizer não para as pessoas, assim como não conseguia explodir em situações que normalmente as pessoas jogariam objetos na cabeça uma das outras.

Amanda dizia que não era saudável ficar guardando, mas eu também não sabia que vantagem tinha em, no momento da raiva, sair despejando palavras que me arrependeria depois, por isso eu preferia continuar assim, do meu jeito.

— Talvez seja melhor deixar que você pense direitinho sobre o assunto. — Angélica declarou enquanto eu já estava fazendo aquilo.

Quem realmente iria gostar da ideia seriam os meus pais. Eles ficariam muito felizes e não perderiam a oportunidade de dizer que eu deveria

PERIGOSAS ACHERON

ficar em Nova Aliança e lecionar no colégio em que agora o meu pai era diretor, como já disseram um milhão de vezes. Eu não queria aquilo, mas a experiência de ajudar uma criança a aprender a ler e escrever, sim.

Amanda já tinha ficado encarregada da maior parte da organização do evento e estava fazendo um ótimo trabalho, então com aquilo eu não teria que me preocupar. Talvez fosse interessante expandir meus horizontes.

— Podemos tentar. — Respondi e Angélica levantou sem acreditar.

— Sério?

— Por que não? — Sorri.

— Jurava que não fosse aceitar depois de tudo o que aconteceu. — E ela fez a mesma expressão triste e culposa de Amanda.

— São água passadas.

— Você é demais, Luíza. — Angélica me abraçou com força. — Quando podemos começar?

— Não sei. Que tal amanhã? — Perguntei, empolgada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro. — E ela olhou ao redor. — Melhor que seja na minha casa. — Disse, por causa da bagunça.

— Melhor. — Concordei.

— Olha. — Ela começou a falar, meio nervosa, ajeitando os óculos no rosto. — Me desculpe por todos esses anos. Todos ficamos abalados com sua viagem repentina e como o Arthur já tinha... — Sua voz foi abafada por um som tão alto que os meus ouvidos tiniram. Nós duas nos abaixamos instintivamente.

Angélica me olhou sem entender e depois de alguns segundos, virei-me para onde tinha vindo o som.

Amanda estava a alguns passos de nós com uma expressão assustada meio a um monte de cacos de vidro.

Ela tinha dormido na minha casa, mas ainda não a tinha visto hoje.

— O que aconteceu? — Perguntei, correndo até ela. Procurei vestígios de vidro no seu corpo ou algum ferimento, mas ela estava intacta. — Você se machucou?

PERIGOSAS ACHERON

— Nã-nã-não. — Ela gaguejou em pânico.

Segurei suas mãos e elas estavam tão geladas.

— Cadê a Alice? — Angélica questionou, quando reparamos que a menina não estava mais sentada no sofá.

— Estava mostrando para ela algumas peças de decoração da festa, que encontrei espalhadas pela sala, quando derrubei acidentalmente o abajur. Talvez ela tenha se assustado com o barulho e correu.

Vi que o abajur realmente estava todo quebrado no chão, mas ele ficava em cima de uma pilastra de mármore. Minha mãe tinha chamado um decorador para fazer aquele jogo de luzes na nossa sala. Não daria para Amanda derrubar acidentalmente. Ela precisaria ter tirado lá de cima.

Meu sexto sentido dizia que tinha algo de errado. Mas por que Amanda quebraria o abajur de propósito? A não ser que Angélica fosse me contar alguma coisa, algo que Amanda não queria que eu soubesse.

— Angélica, você não terminou o que

estava dizendo!

E lembrei que ela estava falando sobre a viagem, sobre o Arthur. Mas ela iria dizer mais alguma coisa.

— O quê? — Ela olhou para mim e depois para Amanda, que parecia ter feito algum sinal para ela.

Ou eu estava vendo coisas?

Será que o fato de a Melissa e o Arthur terem se beijado não era o único segredo que estavam guardando de mim? O que poderia ter acontecido de tão grave naquela cidade que as pessoas precisavam ficar escondendo assim?

— Você ia me contar alguma coisa importante? — A questioneei pela segunda vez, agora irritada.

— Eu não lembro. Me desculpe. Eu preciso encontrar a minha filha. — E ela saiu correndo de perto de nós.

Aproximei-me de Amanda e a olhei fixamente.

— Amanda, você está me escondendo

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma coisa?

— Eu? — Ela fez-se de desentendida e começou a piscar rápido. — O que eu poderia estar escondendo?

— Não sei. Me diz você! — Olhei-a mais friamente.

— Você está ficando paranoica, Luíza. — Ela riu.

— Não pense que eu sou boba. — Segurei-a pelo braço com força. Estava cansada de todos tentando me passar para trás naquela cidade.

— Nunca pensei que fosse. — Agora ela parecia ressentida. — Será que podemos ver se a Alice está bem e parar com essas perguntas sem fundamento?

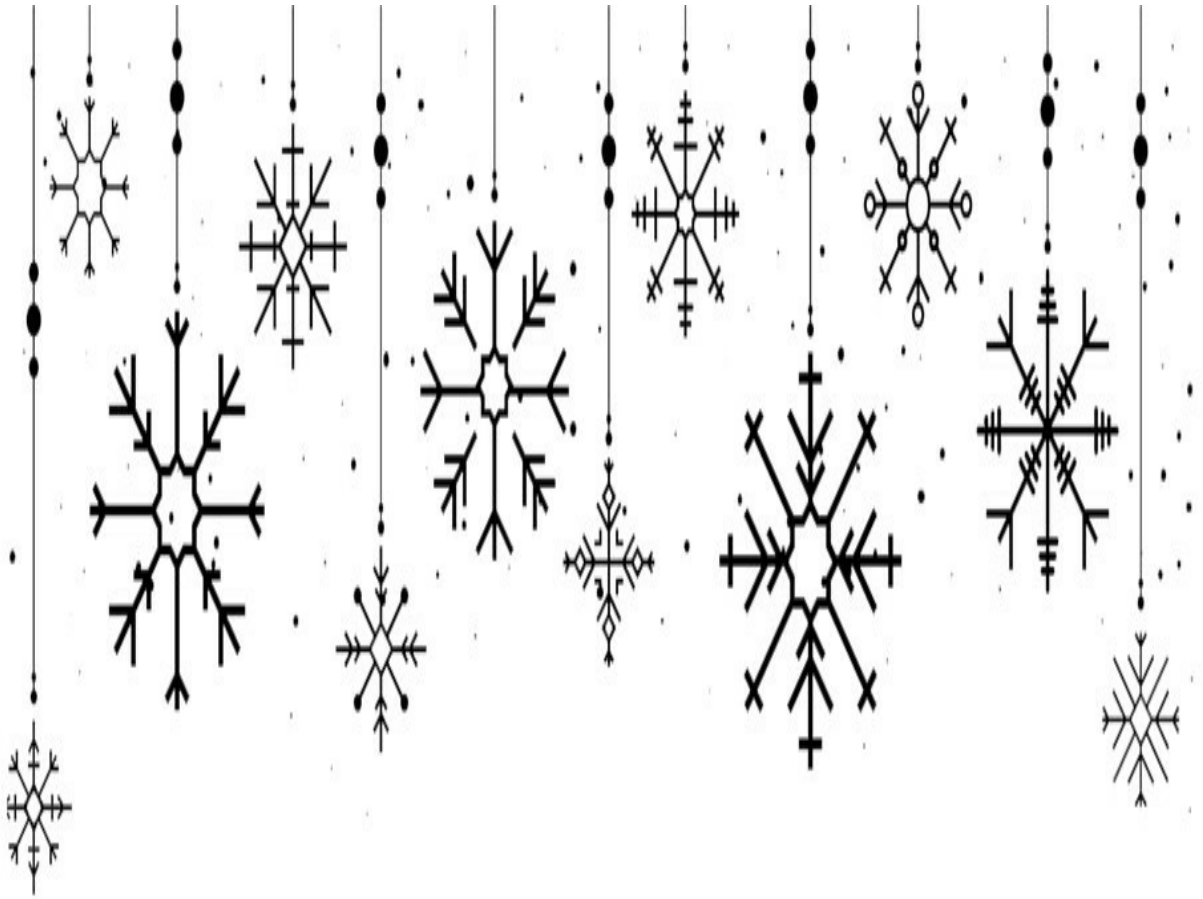
Talvez eu tivesse ido longe demais. O que quer que ela estivesse escondendo de mim, eu descobriria depois que encontrássemos a menina.

— Podemos. — E só então, a soltei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 16

Ainda não tinha engolido aquela história do abajur, mas achei melhor deixar passar e me concentrar nas aulas que daria à Alice.

Comecei a frequentar à casa de Angélica e ajudava a pequena menina que tinha uma grande sede de aprendizado.

Ela era muito carinhosa, fazia desenhos de nós duas juntas, me chamava de tia Malu, e Angélica acrescentava um “ca” no final, apenas para me irritar.

Notando que eu não gostava, Alice corria em minha defesa, com aquela vozinha fofa, dizendo que: “Maluca, não. Só Malu mesmo”, que era a junção dos meus dois primeiros nomes: Maria Luíza.

Eu odiava nomes compostos e sempre omitia o primeiro. Só quem me conhecia há muito tempo ou verificava o meu passaporte sabia daquele detalhe.

Ficava imaginando o que tinha feito de tão ruim para que minha mãe quisesse me punir daquele jeito, mas ela explicava que todas as

mulheres da nossa família eram Marias.

Minha avó se chamava Maria Cecília, minhas tias Maria Clara, Maria Lara e, por fim, minha mãe, Maria do Carmo.

Quando nasci, ela queria que eu me chamasse Maria Lúcia, mas papai preferiu Maria Luíza. Eu dava graças a Deus, pois amava ser Luíza. Já tinha pensado em retirar o primeiro nome algumas vezes, mas não seria justo com a minha mãe.

Até pouco tempo, ela ainda tentava engravidar novamente de uma menina, para ter filhas com nomes combinando. Ficava imaginando se ela tivesse um menino, que nome ele teria. Talvez não fosse bom nem imaginar, pois podíamos acabar ficando com nome de dupla sertaneja.

Alice dizia que gostava do meu nome e que queria que Angélica tivesse tido a mesma ideia da minha mãe, tanto que, um dia, cismou que queria ser Maria Alice e ficava emburrada quando não a chamavam assim.

Eu achava uma graça. Via como Amanda e

Angélica olhavam para seus filhos e pensava como seria se eu fosse mãe.

O convívio com Angélica, Rômulo e Alice era muito bom. Amanda também sempre passava por lá.

Quando não estava ocupada dando aulas, a ajudava com Gabriel. Eu me divertia muito, sentia que estava em casa, com meus amigos e família novamente.

Mas, como tudo que é bom dura pouco, o pior aconteceu. Quatro dias após eu começar a dar aulas para Alice, a casa de Angélica e Rômulo ficou infestada de cupins e eles tiveram que se mudar temporariamente para a casa de Arthur e Amanda.

Já estava bastante envolvida com a menina e não queria parar de ajudá-la agora que ela estava indo tão bem.

Minha casa continuava uma bagunça e piorava conforme os dias iam passando, então não poderia convidá-los para ficar lá, mas também não queria estar perto de Arthur.

Com todos aqueles fatores rondando a

minha mente, acabei chegando a um grande impasse: deixar de ensinar Alice e voltar para minha zona de conforto ou enfrentar Arthur e a todos que me incomodavam em Nova Aliança?

E eu não tinha feito aquele discurso todo de que tinha saído da cidade e viajado para tantos países para me encontrar e amadurecer à toa.

Eu acreditava de verdade em todas aquelas palavras e queria me colocar à prova, mesmo sabendo que poderia doer.

No dia seguinte à minha decisão, Angélica foi de carro bem cedo para me buscar. Enquanto procurava alguns livros, escutei a buzina sendo apertada diversas vezes.

Sabia que aquilo era coisa de criança, por isso não me permiti ficar irritada, porém quando cheguei do lado de fora, descobri que era Amanda no carro.

— Não sei por que ainda me surpreendo com as coisas que você faz quando me vê. — Comentei, levantando meus óculos escuros para olhar para ela, que estava no banco do passageiro, vestindo aquela roupa estranha de canguru, com

PERIGOSAS NACIONAIS

Gabriel suspenso nela.

Angélica segurava o volante com as duas mãos e olhava pelo retrovisor para Alice, que pulava no banco de trás, lutando com o cinto de segurança, e me chamava para sentar ao lado dela.

Quando entrei, Alice me abraçou com tanta força e carinho que desfez todos os pensamentos confusos que tive antes de estar ali. Aquela menina trazia o melhor de mim e aquilo importava mais do que qualquer outra coisa.

Não demorou para chegarmos. Na verdade, daria para ir andando, mas as pessoas daquela cidade insistiam em ter carros sem a menor necessidade, já que dificilmente alguém ia até mesmo à cidade vizinha.

Quando passamos pelo portão da casa de Amanda, lembrei-me da noite em que Arthur me pediu para entrar e segurou minha mão. Junto daquela lembrança vieram todas às vezes em que ele me tratou mal, e a última, mais dolorosa e recente memória: ele se recusando a me beijar e dizendo para todos que tinha ficado com Melissa quando fui embora.

PERIGOSAS ACHERON

Como se adivinhasse os meus pensamentos, Alice veio correndo e me abraçou. Sempre encontrava conforto naquela menina.

— A tia Amanda falou que podemos escolher qualquer lugar da casa para estudar e que era para você ficar confortável. — Ela disse, como se a tivessem feito decorar um texto. — Às vezes o Biel chora um pouco, mas acho que é dor de barriga, porque logo depois ele para e vem um cheiro... — Alice fez uma expressão engraçada, abanando o ar ao seu redor.

— É mesmo? — Perguntei, me abaixando para ficar do seu tamanho, e aproveitei para acariciar os seus cabelos. — E onde você quer estudar?

— Qualquer lugar. Estou feliz que esteja aqui, tia Malu.

Ouvir aquilo foi a melhor sensação que tive em muito tempo. Talvez meu pai estivesse certo quando dizia que não havia profissão mais recompensadora do que ser professor.

Alice estava bastante animada para me apresentar cada canto da casa, como se eu nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

estivesse estado ali, mas achei melhor tentar olhar aqueles cômodos com outros olhos. Com os de Alice. Seria melhor para mim e para todo mundo.

Achei que o primeiro dia seria o mais difícil, pois notei assim que coloquei os olhos em Arthur, que ele não tinha sido avisado com antecedência que eu estaria ali.

Para a minha surpresa, a reação dele foi apenas me olhar como se nada tivesse acontecido e depois, entrar no seu quarto. Eu não sabia exatamente o motivo, mas aquela atitude me irritou mais do que se ele tivesse gritado e me xingado.

E assim, continuou. Dois dias se passaram e ele ainda evitava voltar para casa nos horários em que eu estava.

Quando voltava e ainda me encontrava lá, entrava direto para o quarto sem me cumprimentar. Pensei até que tinha virado a mulher invisível.

No terceiro dia, estava lavando a louça do almoço quando ele passou pela porta e fez cara de nojo ao me ver.

— Que ridículo! — Soltei sem querer, achando que ele já não estava mais por perto.

PERIGOSAS ACHERON

— O que disse? — Ele voltou e me encarou com a expressão de puro ódio.

Agora ele falava, é?

— Nada. — Respondi, baixando os olhos.

— Ótimo. — Ele teve a coragem de dizer.

Fiquei parada por um tempo, pensando em tudo que ele havia feito e como ainda agia como se eu fosse a culpada de tudo.

— Como você consegue dormir à noite? — Ele me olhou sem entender. — É mesmo! — Ri com sarcasmo. — Esqueci que você não tem coração.

— Você está ficando maluca? — Arthur levantou a voz e senti sangue nos olhos. — Quem você pensa que é para falar comigo assim dentro da minha própria casa?

Há pouco, ele nem cumprimentava e agora, gritava comigo?

— Maluca? — Aumentei o tom também. — Você vai ver a maluca!

Fui na direção dele cheia de pratos na mão.

Olhando por aquele ângulo, eu parecia

mesmo maluca.

— Luíza, coloca isso na pia ou você vai se machucar. — Arthur se desesperou.

Agora ele se preocupava comigo? Até parece.

Uma corrente elétrica passou por mim e naquele momento, tive coragem de dizer o que estava engasgado.

— Como você foi capaz de fazer o que fez comigo?

— Não estou preparado para conversar sobre isso. — Ele respondeu, tentando fugir, mas não deixaria daquela vez.

— Você não estava preparado para conversar quando resolveu terminar tudo comigo e não está agora também? — Gritei, irritada. — Qual o seu problema?

— Você. — Ele deixou escapar e depois, me olhou nos olhos, com o peito subindo e descendo rapidamente. — Você é o meu problema. — Suas palavras me acertaram como um soco bem no meio do estômago. — Será que é difícil de notar? Eu sofri por você ter ido embora e estou

PERIGOSAS ACHERON

sofrendo agora por você ter voltado.

— Eu teria ficado se você tivesse me pedido.

E era verdade. Eu teria feito qualquer coisa por Arthur. Ele era o amor da minha vida. Eu só queria que ele tivesse demonstrado algo e não me virado as costas.

— Como eu poderia pedir isso para você, Luíza? — Perguntou em um fio de voz. — Era o seu sonho. Eu jamais tiraria isso de você.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas eu não podia acreditar nelas. Eram lágrimas de crocodilo.

— Mas tirou. — Solucei, apertando o prato na mão, como se quisesse que ele entrasse na minha pele. Doeria menos do que aquela conversa. — Ou você acha que a minha viagem foi maravilhosa depois de você ter me deixado e todos os meus amigos terem virado as costas para mim?

— Olha só. — Ele apontou para mim com as mãos tremendo de nervoso ou raiva. Eu não saberia dizer. — Se sua viagem foi horrível, não venha colocar a culpa em mim. — Queixou-se. —

PERIGOSAS NACIONAIS

E se você quisesse mesmo ficar, teria ficado.

Ele estava certo. Eu não poderia culpá-lo por uma decisão minha. Mas ele aceitou tão facilmente, como se não importasse, como se me perder não significasse nada.

E talvez, não significasse.

A verdade era que eu não tinha mais o que dizer, mas não queria deixar por isso mesmo. Não queria admitir aquilo nem para mim, mas eu queria feri-lo, assim como ele me feriu.

Por isso, fui baixa e usei meu último trunfo.

— E precisava ter ficado com uma das minhas melhores amigas assim que eu saí? Precisava ter traído sua amizade com o Felipe? Isso tudo a troco de quê?

— Não foi assim que você saiu. — Ele tentou se justificar. — E eu sei que errei. Eu não estava pensando direito depois de você ter ido embora. — Arthur colocou as mãos na cabeça, como se as lembranças também o ferissem. Começou a andar de um lado para o outro, desorientado. — Estava triste e bêbado. Ela apareceu e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lá lá lá — Cantarolei de maneira infantil. — Eu não quero saber. Não ouse falar uma palavra sequer! — Ameacei-o e em seguida, desatei a chorar.

Ele parou e não disse mais nada. Só ficou a uma distância razoável, encarando-me, como se pedisse permissão para se aproximar.

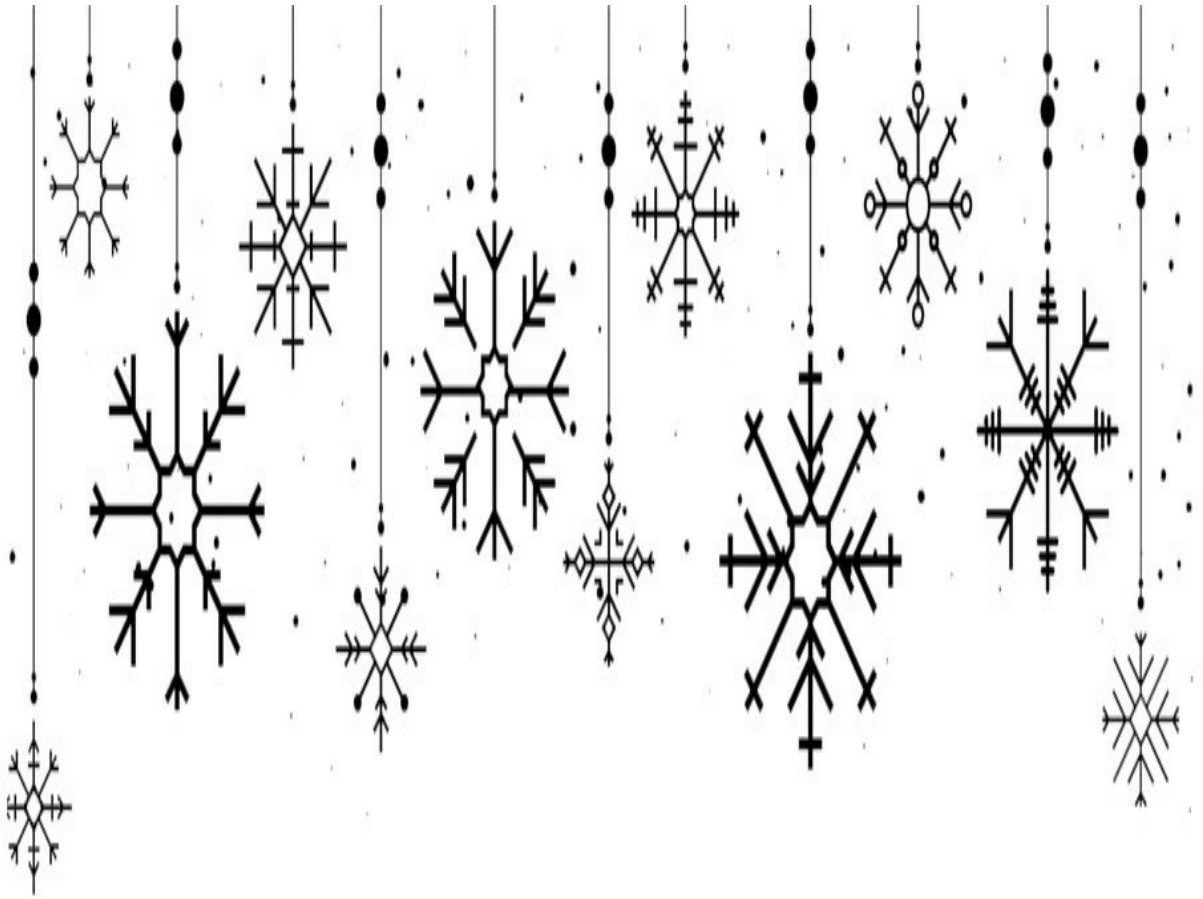
— Você não podia ter feito isso comigo. — Encostei na parede e deixei o meu corpo cair até que eu ficasse sentada no chão. — De qualquer forma, nada disso faz diferença agora. O estrago já foi feito.

Arthur veio até a mim e ficamos sentados no chão da sala, olhando para o nada por um tempo, sem saber exatamente o que dizer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 17

Foi Amanda que me encontrou sentada no chão ao lado de Arthur. Só de olhar, ela notou que havíamos brigado, por isso pegou-me pelo braço e carregou-me para o seu quarto.

Estranhamente, as minhas pernas não me obedeciam direito, como se a minha vontade de viver tivesse acabado ali, depois daquela terrível conversa.

Ao mesmo tempo, eu só queria ir para casa e me afogar nas minhas próprias lágrimas, mas Amanda insistiu que passasse a noite com ela.

Eu não tinha forças para rebater, sentia-me vazia por dentro. O único suspiro de vida havia sido arrancado de mim.

— Tudo bem. Eu fico. — Ofeguei, o choro preso na garganta. — Mas estou muito cansada. — Avisei. — Preciso dormir.

— Também estou com sono. — Amanda simulou um bocejo. Ela sempre foi boa em notar as dificuldades das pessoas e ficar ao lado delas, sem fazer muitas perguntas. — Vou pegar um travesseiro para você. Já volto.

Eu queria de verdade esperar, mas acabei jogando-me na cama grande de Amanda e encolhi em posição fetal, para ver se diminuía a angústia no peito, a dor lancinante.

O relógio de parede ficava martelando na minha cabeça.

Tic, tac. Tic, tac.

Meus olhos estavam pesados, a visão turva e a respiração acelerada. Sem querer, voltei no tempo, no dia em que Arthur me expulsou da sua casa, da sua vida, tornando minha viagem uma tortura, meus dias nublados e a minha mente bagunçada.

E de repente, eu não estava mais ali. Corria por uma rua cheia de carros, ouvi uma buzina, seguida de um clarão e logo após, vi o meu corpo estirado no chão. Era como eu me sentia. Morta.

Muitas imagens passaram feito um borrão pela minha mente enquanto eu me revirava no edredom, suando frio.

Chuva, lágrimas, neve, uma sala tão iluminada que queimava os meus olhos. Mais dor.

Voltei novamente ao dia em que falei para
PERIGOSAS ACHERON

Arthur que viajaria para Paris. O tempo clareou, o vento esvoaçava os meus cabelos e eu sorri.

Como naqueles filmes românticos, Arthur apareceu no último minuto no aeroporto, gritando aos quatro ventos que me amava. Corremos na direção um do outro e nos beijamos com intensidade. As pessoas ao nosso redor assobiavam e aplaudiam. Eu me sentia inteira novamente. Viva.

Acordei com um sorriso nos lábios e uma paz de espírito que eu nem lembrava que podia sentir. Talvez era aquilo que eu tanto esperava dele, que ele não tivesse me deixado partir.

Virei-me lentamente e encontrei Amanda sentada ao meu lado com uma expressão engraçada.

— Sai daqui, stalker. — Brinquei, jogando uma almofada nela, e logo depois, olhei para a janela. Deveria ser de madrugada ainda.

Para a minha surpresa, já tinha amanhecido e os pássaros cantavam lá fora.

— Hum... — Ela fez uma carinha travessa. — Estava sonhando com quem?

Tentei pensar em uma boa resposta, mas

PERIGOSAS ACHERON

não me veio nenhuma à cabeça.

— Nem precisa falar. — Disse, começando a se levantar e colocando um roupão por cima de sua camisola. — Sorrindo do jeito que estava, só podia ser uma pessoa. — Amanda caçoou de mim e corri para tentar enforcá-la.

Caímos no chão, morrendo de rir. E no meio do riso, eu irrompi em um choro que devia estar guardando há tempos no peito.

— Chora, amiga. Chora. — Ela correu para me abraçar. — Bota para fora.

— Eu queria que ele tivesse ido atrás de mim. — Falei com a voz esganiçada.

— Quem? — Amanda me olhou com uma interrogação em seu rosto.

— O Arthur. — Só de pronunciar seu nome já me doía. — Ele aceitou tão facilmente a minha viagem, o nosso término, tudo. Foi tão fácil para ele me deixar ir embora.

— Mas não foi, Luíza. — Amanda o defendeu, ainda dando tapinhas nas minhas costas, como se eu fosse um bebê.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei disso. — Choraminguei. — Mas, no fundo, eu tinha a esperança de que ele fosse aparecer no aeroporto, dizer que me amava e que não poderia viver sem mim.

— Nós mulheres sempre temos essas fantasias, não é? — Ela riu de nervoso. — Falamos *não* pensando *sim*, vamos embora esperando que eles corram atrás de nós, e ainda esperamos que eles adivinhem tudo isso. Somos todas loucas.

— Completamente. — E rimos juntas.

— Vamos tomar café?

— Pelo amor de Deus! — Implorei.

Não aguentava mais falar sobre aquele assunto. Precisava virar aquela página da minha vida de uma vez por todas.

Depois da noite anterior, Arthur e eu não tínhamos mais forças para brigar. Eu não sentia raiva dele, só estava decepcionada com o rumo que a nossa história tinha tomado. Ela era tão linda e passou a ser apenas triste.

Nós nos esbarramos no corredor e eu o cumprimentei, cabisbaixa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Luíza? — Ele me chamou.

Fiz um esforço imenso para olhá-lo sem chorar.

— Sei que é difícil para você me perdoar. Mas será que podemos tentar ficar bem? Odeio ficar brigando com você. Não gosto da maneira como fica. — Apontou para o meu estado. — E sei que também não faz bem para as pessoas ao nosso redor.

Era a atitude certa a se tomar, a mais madura. E eu estava cansada de sentir raiva, rancor, mágoa de tudo e de todos. Precisava me livrar daqueles sentimentos ruins.

— Você está certo. — Admiti, derramando uma lágrima sem querer.

— Não chore, linda. — Fazia tanto tempo que ele não me chamava assim. Meu coração chegou a dar uma pontada. — Ei. — Ele segurou meu queixo e puxou meu rosto para que eu o olhasse. — Seu sorriso é tão bonito, Luíza. Me prometa que não deixará mais ninguém tirá-lo do seu rosto. Principalmente, eu.

— Prometo. — Eu ri com ternura.

PERIGOSAS ACHERON

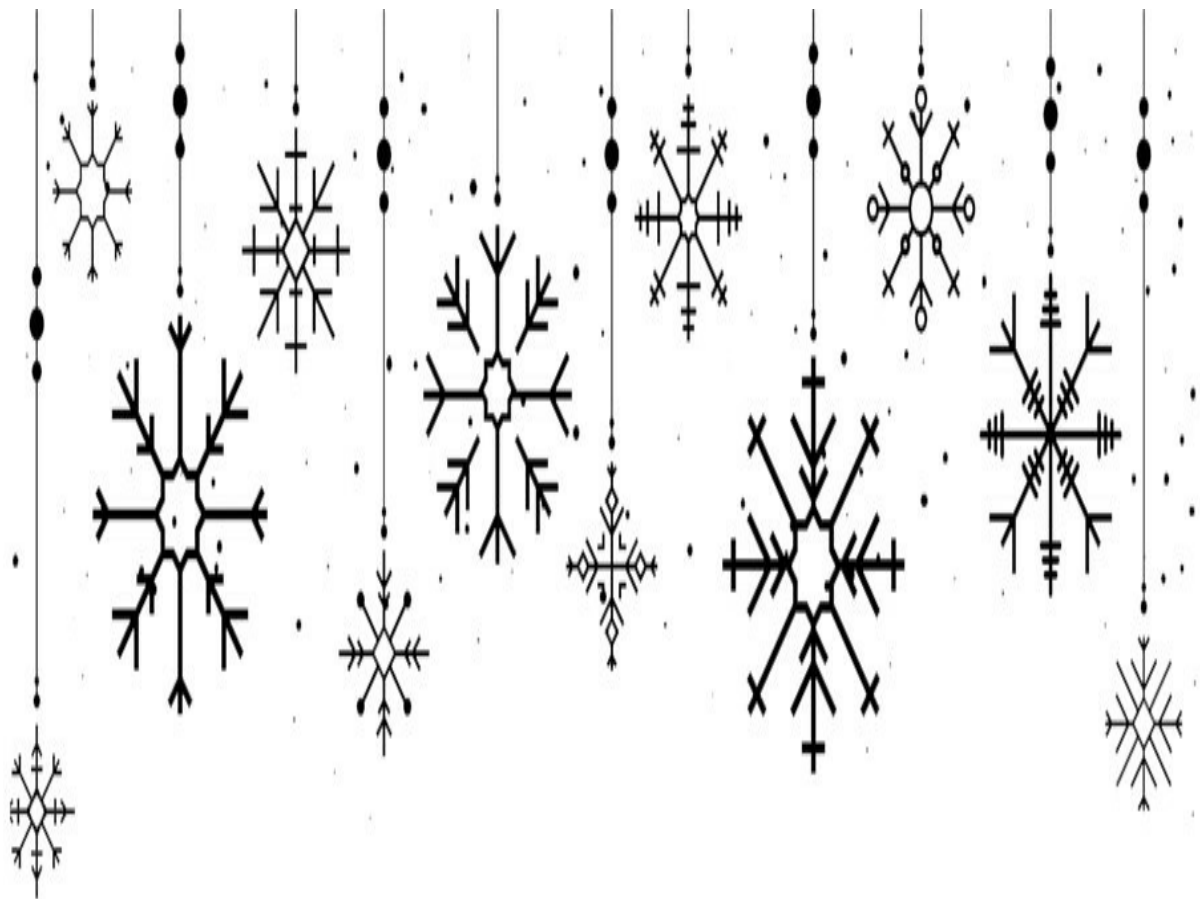
PERIGOSAS NACIONAIS

E ali, daquele jeito improvável, selamos a nossa trégua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 18

Naturalmente, o ambiente se acalmou e a rotina nos trouxe paz. Os dias passavam devagar e, de alguma forma, comecei a me sentir triste quando pensava que as bodas de prata dos meus pais iriam chegar, e logo depois, eu teria que voltar para o meu emprego, minha vida, meu lugar, que não era mais ali.

Ainda faltava muito, mas eu já estava sofrendo por antecipação.

Alice demonstrava alegria com cada palavra nova que conhecia e eu, mesmo amando minha profissão de guia turístico, estava gostando muito de ensinar.

Arthur, às vezes, chegava à noite com comida e ficávamos todos em frente à lareira, conversando e nos escondendo do frio.

Rômulo havia trazido o aparelho de vinil da sua casa e sempre convidava Angélica para dançar. Eles eram um casal lindo de se ver.

Naqueles momentos, eu me sentia desconfortável, pois Arthur me olhava de maneira diferente ou era apenas a música romântica me

fazendo imaginar coisas.

No dia que ouvi os versos da música I Will, dos Beatles, cantarolada por Arthur, enquanto ele se levantava para pegar algo e me encarava, senti meu coração parar por alguns segundos.

Queria dizer para mim mesma que era apenas coincidência, mas, no final das contas, nem eu mais queria acreditar naquilo.

Fiquei por um tempo com os versos na cabeça:

Amo você para sempre e para sempre

Amo você com todo o meu coração

Amo você quando estamos juntos

Amo você quando estamos separados.

Eu amava Beatles. E quem em sã consciência não amava? Mas quando estive fora do país, conheci muitos estilos diferentes. O que eu mais tinha aprendido a gostar era de K-pop, que, por acaso, meus amigos de Nova Aliança odiavam.

Arthur era o que mais declarava seu ódio

PERIGOSAS NACIONAIS

por K-pop e vivia reclamando das músicas, mas um dia jurei tê-lo escutado cantando Oh Yeah, do MBLAQ.

Ele disse que entendi errado e que aquilo era impossível. Eu até sorri, concordando, mas sabia que ele apenas não queria admitir.

E nem precisava ter vergonha de dizer que uma música grudou na sua mente, porque aquilo vivia acontecendo comigo, independente do estilo ou de eu ter gostado ou não da canção.

Amanda, pelo contrário, estava se acostumando com as músicas e sempre cantava Dumb Dumb, do Red Velvet, para alfinetar Arthur.

Era o único grupo que ela acompanhava, por ainda ter poucas músicas lançadas. Ela dizia que era loucura que os grupos lançassem tanto material em tão pouco tempo e tivessem tantas “pessoas parecidas”, que, para mim, eram totalmente diferentes.

Minha música favorita de todos os tempos era You are My lady, do Jung Yup, mas gostava mais na voz do Enkwang, do BTOB, meu grupo favorito.

PERIGOSAS ACHERON

Rômulo resmungava sempre que eu colocava a música para tocar, dizendo que era de enterro e fazendo uma sátira tosca, abraçado a um travesseiro. Eu o ignorava. A música era perfeita.

Achei que aquele convívio distante, falando apenas sobre música e sobre as crianças, era o máximo de aproximação que Arthur e eu teríamos, mas Amanda dizia que existia um magnetismo entre o primeiro amor, que nem mesmo as maiores desavenças ou descrenças dos seres humanos conseguiriam desfazer.

Ela era cheia das frases de efeito e se sentia o próprio oráculo.

Certo dia, o sol tinha se escondido por trás das nuvens e a lua começou a aparecer, mostrando toda a sua plenitude. Alice tinha cochilado no sofá há poucos minutos e levei-a no colo para o quarto em que estava instalada.

Amanda, Angélica e Gabriel estavam quietos no andar de cima, como de costume, para não atrapalhar as aulas de Alice. Gabriel chorava vez ou outra, mas Amanda corria para aquietá-lo. E, como forma de ajuda e também de agradecimento pelos dias serenos, resolvi cozinhar.

Tudo corria bem, o silêncio pairava pela casa e o clima estava bastante agradável. Fui tentar pegar o sal em uma das prateleiras do alto e quase que um monte de vasilhas caiu em cima de mim.

Teria acontecido se não fosse por Arthur, que apareceu do nada e me ajudou. Tivemos um momento, meu coração bateu forte quando ele me puxou ao seu encontro, uma sensação antiga que o tempo não apagou.

Rapidamente, tentamos nos recompor e fingir que nada tinha acontecido, mas Amanda estava há poucos metros de nós com os olhos arregalados.

Ela deixou algo que estava na sua mão cair e depois, se amaldiçoou baixinho por ter feito barulho.

— Eu ia pegar um pouco de água. — Amanda tentou se justificar, tapando a boca que escondia um sorriso. — Mas volto depois. — Virou-se e saiu saltitando pela casa.

— Não é o que você está pensando! — Arthur gritou para a irmã.

— Vocês que são grandes que se entendam.

— Respondeu sem olhar para trás ou diminuir o passo, continuando sua dança engraçada.

Arthur e eu nos olhamos novamente e também começamos a rir.

— Você está fazendo um ótimo trabalho, Luíza. — Foram as primeiras palavras de afeto vindas dele.

Eu me encolhi, sentindo minhas bochechas corarem. Arthur se aproximou e tocou nelas devagar.

— Devia deixar essas coisas para lá. — Arthur apontou para o frango empanado, que eu tinha deixado torrar sem querer. — Amanhã você vai acordar cedo. — Lembrou-me, se afastando.

Eu tinha combinado de dormir ali, para acompanhar Amanda ao médico de manhã. Gabriel estava com uma tosse estranha e ela não queria ir sozinha, por isso me pediu ajuda, como sempre.

— Boa noite. — Arthur beijou minha testa e depois, subiu as escadas e deixando-me ali, confusa entre vasilhas e comida queimada.

Foi quando percebi que não tinha conseguido pronunciar uma frase sequer desde que

PERIGOSAS ACHERON

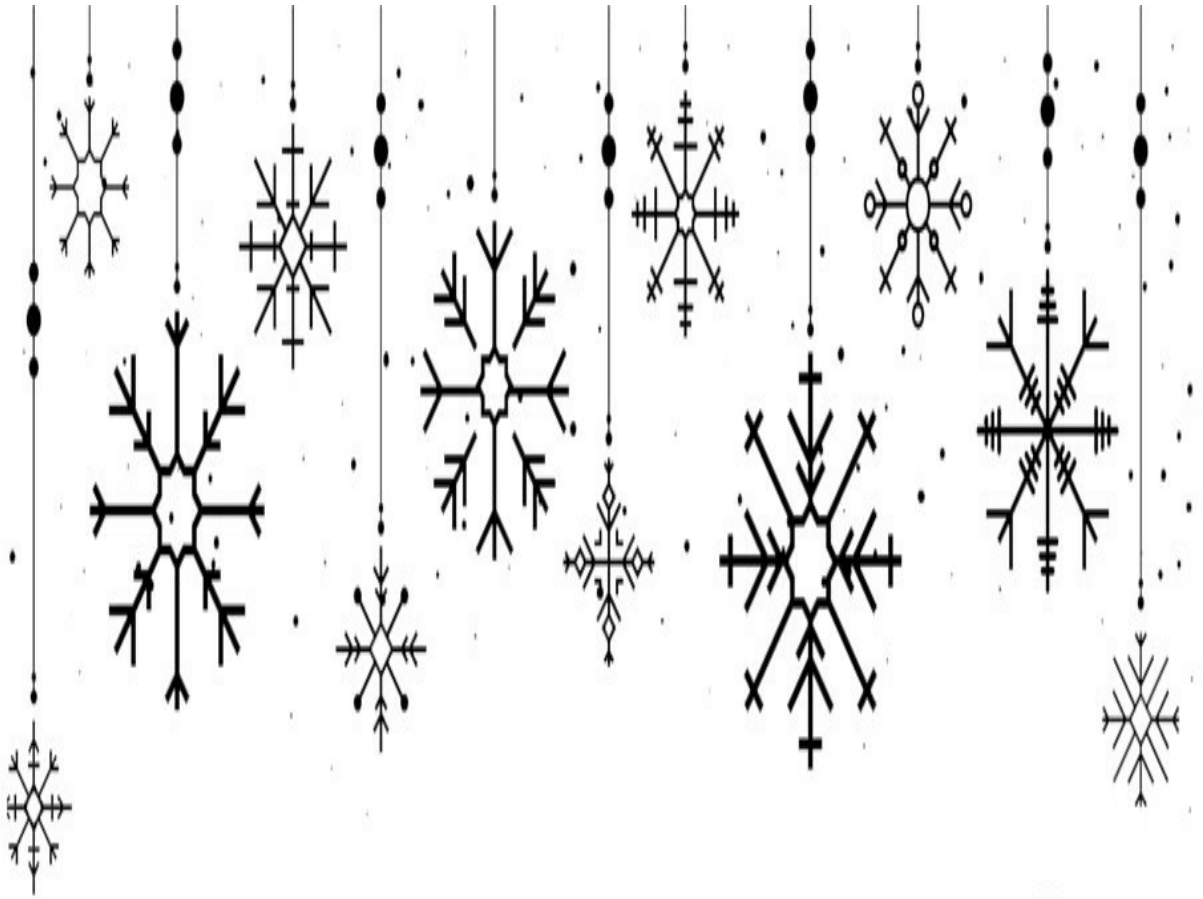
ele apareceu como um furacão e abalou as estruturas do meu coração.

As palavras de Amanda pipocaram novamente na minha mente. Não sabia se podia dar crédito para o que ela dizia, acreditando serem mesmo “poderes sobrenaturais”, mas Arthur e eu parecíamos estar mesmo nos reaproximando, assim como ela previu.

E, mesmo que eu não quisesse admitir, gostaria que ela estivesse certa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 19

Acordei com Amanda gritando aos quatro ventos que estávamos atrasadas para a consulta de Gabriel, e, por isso, tivemos que sair correndo pela casa para nos arrumar.

— Não estou achando a carteirinha de vacinação dele.

Encontrei Amanda, histérica no meio de um monte de papéis. Aproximei-me e pedi para que ela se acalmasse e fosse terminar de se arrumar, que eu ficaria encarregada de reunir os documentos necessários para a consulta.

Comecei a revirar o quarto dela e dadas às condições atuais, cogitei a possibilidade de um furacão ter passado por lá. Eram roupas jogadas para todos os lados, um pedaço de pizza velha em um canto e livros sobre maternidade em outro.

Imaginei Amanda lendo todos eles, mas, para a minha surpresa, quando perguntei, ela respondeu que foi o Arthur que os comprou, que ele dizia que queria estar preparado para quando o bebê chegasse.

Emocionei-me. Talvez Arthur ainda fosse a

pessoa que conheci.

Comecei a vasculhar o armário e as gavetas quando, sem querer, encontrei uma caixinha pequena de veludo. Quando a abri, deparei-me com o brilho reluzente de duas alianças de ouro.

Fiquei por um momento, admirando-as. Elas eram tão lindas.

Amanda parou na porta do quarto com os olhos arregalados.

— Eu não queria mexer nas suas coisas. — Corri para me defender.

A expressão de Amanda era amedrontadora.

Ela foi entrando, meio zozza pelo quarto, tentando se apoiar em algo. Logo, percebi do que se tratava aquilo, então me senti ainda mais culpada por invadir sua privacidade.

— Por que não me contou que o Eric lhe pediu em casamento?

Amanda parou, pensando no assunto. Devia ser difícil falar sobre o ocorrido.

— Esquece. Não precisa explicar. — Disse, respeitando os seus sentimentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É complicado. — Ela finalmente se pronunciou.

— Eu entendo. — E eu a abracei.

Amanda parecia triste, como se quisesse dividir mais alguma coisa comigo. E chorou baixinho, molhando um pouco a minha camisa.

— *Shh!* — Afaguei o seu cabelo e a confortei. — Está tudo bem agora.

Caminhamos até o consultório em silêncio. Senti que Amanda poderia estar abalada por relembrar o passado, por isso preferi não tocar mais no assunto.

O trajeto era curto, apenas mais algumas ruas e já estaríamos lá, mas eu não consegui deixar de sentir o cheiro das árvores e o perfume das flores, um bálsamo para a minha alma.

O consultório tinha aquele habitual aroma de éter, que, por acaso, eu odiava, mas tentei ignorar, afinal estávamos ali por uma boa causa.

Amanda estava nervosa, ora batendo os pés, ora andando de um lado para o outro, impaciente.

Eu folheava uma revista e observava sua

PERIGOSAS ACHERON

aflição. Queria fazer algo para acalmá-la, mas sabia que nada que dissesse agora ajudaria. Ela queria notícias do filho.

Quando Gabriel foi atendido, a doutora informou que era um resfriado comum e receitou alguns remédios. Amanda finalmente respirou aliviada.

Ser mãe parecia como andar em uma corda bamba. Em um minuto, tinha-se o controle de tudo, e, no outro, encontrava-se totalmente impotente e só conseguia imaginar-se caindo.

Entretanto, no caso da corda bamba, a prioridade sempre seria a sua própria vida. Sendo mãe, tudo mudava. A sua vida nunca estaria na frente do seu filho.

Na volta, resolvemos passar na loja de Suzana, já que eu não conhecia.

A loja ficava em um pequeno shopping que foi construído em Nova Aliança. Para mim, aquilo se chamava galeria, mas preferi não falar em voz alta e deixar a impressão de que estava desmerecendo os avanços da cidade.

O espaço era a cara da Suzana. Moderno,

bem à frente dos padrões de Nova Aliança. Colorido e bastante iluminado. Provavelmente, para que as mercadorias ganhassem destaque.

Amanda disse que Suzana viajava para cidades grandes e trazia roupas, calçados e acessórios antenados. Sua clientela parecia grande, pois a loja estava bastante movimentada.

Suzana deixou escapar que estava cogitando a possibilidade de aumentar o empreendimento e, sem papas na língua, perguntou se eu não queria entrar como sócia.

Eu ri da sugestão.

— Eu vou embora depois das bodas de prata dos meus pais, Suzana.

— Não tem problema. Pode fazer seus investimentos de longe, receber os lucros e aparecer quando quiser. Garanto que será um ótimo negócio. — Falou como uma verdadeira empresária de sucesso.

— Aposto que sim, mas essa não é a minha área.

— Tudo bem, mas vou deixar a oferta em aberto. Pense no assunto.

Concordei para não fazer desfeita.

— Meninas, estou morrendo de fome. — Amanda nos cortou, afoita. — O que acha de conversarem sobre isso ou qualquer outra coisa numa lanchonete aqui perto?

— Não esqueça que Angélica disse que faria o almoço hoje. — Disse para Amanda.

— Alguma ocasião especial? — Suzana franziu a testa.

— Nada demais. — Amanda respondeu. — Ela só disse que queria agradecer por estarmos a recebendo em nossa casa. Sabe como a Angélica é.

— Um amor de pessoa? — Indaguei.

— Às vezes até demais. — E rimos.

Fomos para a lanchonete e procuramos uma mesa que desse para ver o movimento do lado de fora. Amanda e Suzana pediram suco e eu café, que foi trazido em uma velocidade quase sobre-humana. Mas a garçonete esqueceu de trazer o adoçante e levantei-me para ir até o balcão buscar.

Quando voltei, Amanda e Suzana cochichavam.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E ela realmente sumiu?

— Parece que sim. — Amanda gesticulou, aproximando-se de Suzana. — Fiquei sabendo que ela pegou as coisas dela e foi embora da casa do Felipe.

— Menos mal. — Suzana continuou falando baixo.

Assim que notaram minha presença, as duas congelaram.

— Não precisam parar de falar por minha causa.

— Não era nada importante, Luíza. — Amanda tentou se explicar.

— Eu sei que estavam falando sobre a Melissa.

— Viu como não era nada importante? — Suzana fez graça.

— Falando nisso, por que insistiu tanto aquele dia em revelar sobre o beijo dos dois? Sempre quis te fazer essa pergunta. — Sentei na cadeira, olhando fixamente para Suzana.

— Porque aquela mentira não afetava só a

PERIGOSAS ACHERON

você. O Felipe passou anos cedendo aos caprichos da Melissa. Desculpe se te deixei em uma situação constrangedora, mas o Felipe merecia saber quem ela era de verdade.

— Também acho. — Tive que concordar com Suzana. — Ele sempre foi um bom rapaz.

— E um gatinho. — Amanda completou.

— Que safada! — Suzana deu um tapa na coxa de Amanda. — Quer dizer que você estava de olho no Felipe esse tempo todo?

— Não viaja, Suzana. — Ela resmungou, mexendo nos cabelos. — Só gosto dele como amigo. Ele me apoiou quando fui expulsa de casa, esteve presente durante minha gravidez e sempre tratou muito bem o Biel.

— Hum... E a Melissa sabe disso?

— E o que tem demais? — Amanda cruzou os braços, brava. — Felipe me conhece desde pequena e sempre foi um grande amigo. Normal se sensibilizar com os problemas que enfrentamos.

— Melissa também era sua amiga e não se sensibilizou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E cobra lá se sensibiliza com alguma coisa? — Amanda rebateu, aumentando o tom. — Aquela lá só pensa nela mesma.

— Nossa! — Suzana aplaudiu, soltando um sorriso de satisfação. — Até que enfim acordou! Eu te falei isso a vida inteira.

— Eu sei. Às vezes a gente não quer acreditar em uma coisa, mesmo estando bem diante dos nossos olhos.

— Sei como é. — Manifestei-me depois de muito tempo em silêncio.

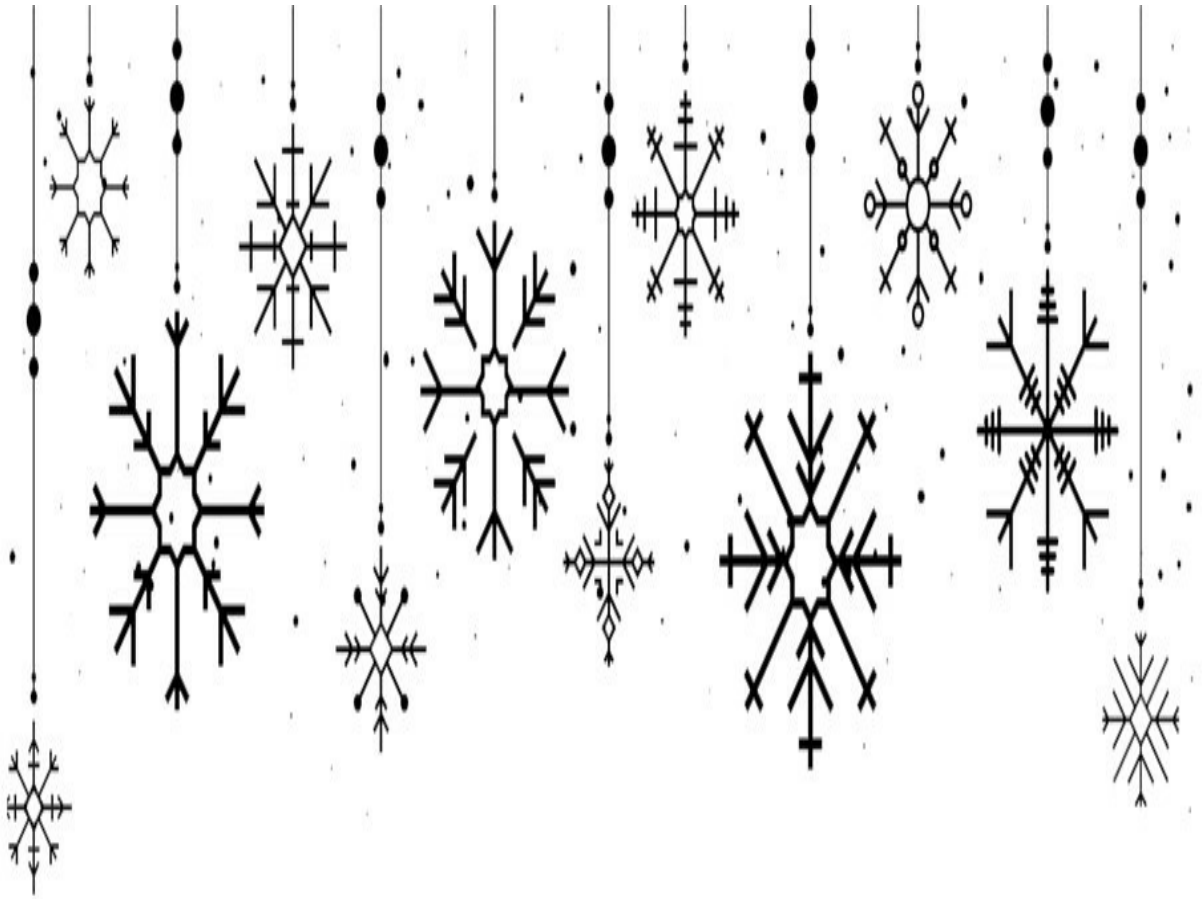
As duas se olharam, talvez achando que estava direcionando aquilo a elas quando, na verdade, eu estava apenas pensando no geral.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 20

PERIGOSAS ACHERON

Voltamos para casa a tempo de apreciar o almoço que Angélica havia prometido, mas quando chegamos, vimos que Arthur e ela brigavam pelo posto na cozinha.

Amanda e eu nos acomodamos no sofá da sala e colocamos os pés em cima da mesa de centro, dando um grande suspiro. Tinha sido uma manhã cansativa.

Olhei para Arthur, que cortava legumes e jogava-os em uma panela. Depois, corria para mexer os condimentos de outra. Ele parecia saber bem o que estava fazendo.

— Luíza? — Quando dei por mim, Amanda estava abanando a mão na minha frente, para chamar a minha atenção.

Será que ela havia notado o motivo da minha distração? Tomara que não.

— Perguntei se quer que eu troque o canal.
— Amanda me observava apreensiva.

— Não. Escolhe você.

— Jura? — Ela ficou animada, como se

nunca tivesse o controle da TV em seu poder. Talvez fosse o que realmente acontecia, visto que ela morava com o Arthur — Vai passar um filme lindo daqui a pouco na TV, com o Richard Gere. Chama-se Sempre Ao Seu Lado.

— Filme de drama com cachorro? — Arthur se intrometeu, aparecendo ao meu lado, segurando um pano de prato.

Por que eu estava achando-o sexy segurando um utensílio de limpeza? Eu não devia estar batendo bem da cabeça.

— Esse filme é um exemplo de fidelidade. — Amanda argumentou, parecendo um tanto ofendida.

Pensei que seu discurso acabaria ali, mas Amanda continuou. Ela queria mesmo defender a ideia do filme. Ou discutir com o irmão. Talvez, as duas opções.

— Depois que o dono desapareceu na estação de trem, o cão ficou lá, esperando-o. — Ela limpou os olhos, como se só a lembrança já a deixasse emocionada. — Sem falar que a história é real. Fizeram até uma estátua para ele. — Amanda

disse com olhar de admiração.

— Continua sendo um filme triste.

Arthur sempre parecia um burro empacado quando cismava com algo.

— Mas é um ótimo filme.

Amanda não ficava para trás no quesito teimosia. Eles pareciam estar participando de um duelo.

— Está bem, maninha. — Ele bateu no topo da sua cabeça, como se dissesse: "Você venceu." — Só não vem chorar no meu ombro depois. Sabe que você é fraca para essas coisas.

— A Luíza está aqui e ela vai me deixar chorar no ombro dela. Não é? — Amanda perguntou para mim, mas olhando para Arthur, como se dissesse "Eu não preciso de você, seu otário". Depois, mostrou a língua para ele.

— Deixo. — Concordei, rindo daqueles dois malucos que eu tanto amava.

Era difícil admitir, mas mesmo depois de tudo que eles fizeram comigo, eu ainda os amava.

Angélica começou a arrumar a mesa,

PERIGOSAS NACIONAIS

colocando os pratos e talheres, enquanto Arthur terminava de preparar a comida.

Amanda e eu até tentamos ajudar, mas os dois ordenaram que nós nos sentássemos e aguardássemos que o almoço fosse servido. Eu estava achando aquilo cômico.

Arthur fez macarrão ao molho branco. A aparência estava ótima, só restava saber se o sabor também. Comecei a salivar.

Quando dei a primeira garfada, veio a surpresa. Pensei que teria que disfarçar e dizer que tinha ficado bom, mesmo que não fosse verdade, mas o almoço estava divino.

— Está muito gostoso, Arthur. — Elogiei-o.

— Obrigada. — Ele inflou o peito, satisfeito.

— *"É o amooooooooooooor..."* — Amanda cantarolou.

— *"Que mexe com a minha cabeça e me deixa assim..."* — Angélica emendou e de repente, todos estavam cantando a música do Zezé de Camargo e Luciano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei um pouco sem graça, mas caí na gargalhada. Aquelas pessoas me deixavam louca, de todas as maneiras possíveis.

Depois de almoçarmos, Angélica começou a arrumar Alice para ir visitar os avós. Eu não daria aula para ela naquela tarde, então aceitei o convite de Amanda para assistir ao filme.

— Você não vai trabalhar? — Amanda perguntou para Arthur.

Foi a primeira vez que ouvi a voz dela depois de ficarmos todos jogados no sofá, empanturrados com a comida.

— Resolvi tirar uma folga.

— Hum... — Ela deu um sorriso maroto.

— O que foi? — Arthur se virou para encará-la.

— Só achei bastante coincidência você querer tirar uma folga logo depois de saber que a Luíza ficaria aqui. — O veneno praticamente escorria dos lábios dela.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Só estou cansado. — Arthur explicou,

PERIGOSAS ACHERON

massageando as têmporas. — Esqueceu que essa também é a minha casa, meu sofá e a minha televisão?

— Não era você quem estava falando mal do filme?

— Não falei mal do filme. — Arthur se defendeu. — Só acho bastante contraditório as pessoas chorarem com um filme de cachorro e ao passarem por um na rua, não fazerem nada a respeito.

— Você está me incluindo nessas pessoas?
— Amanda segurou uma almofada como se fosse uma arma e apontou para ele.

— Por acaso, a carapuça serviu? — Ele retrucou.

Estava só vendo a hora que aquela almofada iria voar da mão da Amanda bem no meio da testa de Arthur, por isso resolvi intervir.

— Ei, será que vocês podem parar de discutir? O filme já vai começar.

E todos nós ficamos calados. Ora ou outra, Amanda fungava, pegava um lenço e limpava os olhos. Achei que não me emocionaria tanto, mas o
PERIGOSAS ACHERON

cenário em que nos encontrávamos era bem diferente.

Mesmo com as janelas fechadas, as luzes apagadas, sabia que Arthur podia me ver escondendo as lágrimas. Eu não queria que ele me achasse uma boba, mas depois de um tempo, parei de me importar com o que ele iria pensar.

Assim que os créditos começaram a passar, avisando que o filme tinha acabado, Amanda e eu estávamos abraçadas, chorando feito duas condenadas e nos perguntando por que tivemos a ideia de ver aquele filme.

— Vocês são duas figuras mesmo. — Arthur comentou, balançando a cabeça.

Jurava que podia ouvi-lo pensando: "Eu avisei".

— Você que é um desalmado. — Amanda gritou entre arquejos.

— O cachorro recebe comida e carinho de todos comerciantes e pessoas que passam pelo local. É tão adorado que até recebeu uma estátua só para ele. — Ele falou, apontando para a televisão. — Se cada animal abandonado e maltratado

PERIGOSAS NACIONAIS

ganhasse uma estátua, nós não teríamos nem lugar para passar nas ruas. Já pensou nisso?

Arthur tinha razão, mas eu sabia também que as pessoas precisavam de algo que as remetesse à realidade, como um filme ou documentário, já que, na maior parte do tempo, estavam tão atarefadas que esqueciam até de olhar para os lados.

— Desisto. — Amanda fechou os olhos quando começou a passar outro filme.

Ficamos encarando a televisão em silêncio por alguns minutos. Quando olhei para Amanda, notei que ela estava cochilando. Devia estar cansada.

Gabriel também dormia em seu carrinho. Arthur e eu nos olhamos, tímidos.

Por um segundo, achei que ele estivesse flertando comigo. Seus olhos me perseguiram com uma intensidade fora do comum. Senti como se ele estivesse há muito tempo esperando por aquele momento, que ele fosse finalmente me contar algo que mudaria tudo entre nós. Eu o vi abrir a boca devagar e pensei: "É agora!".

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, ele se aproximou e perguntou:

— Posso trocar de canal?

— O quê? — Perguntei surpresa.

— Algum problema?

Comigo, vários. Principalmente, por estar vendo coisas onde não existiam.

— É que hoje tem final no UFC. — Continuou.

Senti minha pressão subir de raiva, semicerrei os olhos e peguei o controle para passar para ele.

Sua mão aberta passou pela minha, de forma lenta e carinhosa, como se não fosse por acaso. Olhei para seu rosto e percebi que ele estava segurando o riso de armação, mas não deixaria que ele brincasse mais comigo.

Tirei a mão bruscamente.

— Toma. Você não queria o controle? — Apontei o objeto para ele, mantendo distância entre nós.

— Por que está zangada? — Perguntou, como se já não soubesse. Homens.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por nada. — Respondi, cruzando os braços e revirando os olhos.

— Conheço esse seu "nada".

— O que faz você pensar que ainda sabe algo sobre mim?

Agora ele tinha passado dos limites. Queria gritar, mas tive medo de acordar Amanda. Ela quase não tinha momentos de descanso com Gabriel sempre precisando dela.

— Ei. — Arthur pegou minha mão, agora com sinceridade. — Nós combinamos de ficar bem, lembra?

— Sim. — Se pudesse me olhar no espelho, juraria que estava fazendo bico.

— Então, vamos fazer o seguinte. Nós vamos escolher o canal juntos. — Sugeriu.

Eu assenti.

Fomos passando os canais até que paramos em *Friends*, nossa série favorita.

Perdi as contas de quantas vezes já havíamos a visto.

Arthur adorava as piadas de Chandler e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amanda sempre morria de rir quando Janice aparecia e gritava: "Oh, my god". Palavras que todos nós sempre repetíamos junto com a TV, em coro.

Nossas tardes eram sempre recheadas de episódios, comidas gostosas e risadas sinceras.

De modo que o tempo passava, parecia que Arthur e eu nos aproximávamos do que já fomos um dia. Quando dei por mim, estava falando com ele como antigamente.

Era um alívio não sentir raiva, dor, tristeza e solidão. Era tão reconfortante que acabei adormecendo. E não apenas adormecendo, mas adormecendo no ombro dele.

Quando acordei e percebi o que havia feito, tentei me deslocar devagar.

De repente, ele não tinha notado. Quem sabe. O jeito era torcer por isso, mesmo que as chances fossem mínimas.

Para a minha surpresa, ele se mexeu. E quando achei que era o fim, que a paz havia indubitavelmente terminado, que ele seria rude ou fosse caçoar de mim, ele me puxou de volta para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

posição em que estávamos.

Engoli em seco, querendo saber o motivo de seu gesto. Queria perguntar a ele, mas tinha medo.

Virei-me para ele e ficamos com os rostos bem próximos, tão próximos que podia sentir o cheiro da sua pele e imaginar o gosto dos seus lábios novamente.

Respirei fundo, tomei coragem e perguntei:

— Por que fez isso?

Quando ele fixou os olhos nos meus, senti meu estômago se revirar, o mundo parar e os meus pensamentos se desmancharem em uma nuvem de fumaça, como se nada mais importasse.

— Não sei. Estava com saudade de me sentir assim.

— Assim como?

Minha cabeça estava uma confusão. De um lado, estava nervosa e feliz em saber que ele sentia saudade de "nós". E por outro, tinha medo de que ao baixar a guarda, ele fosse dizer que tudo aquilo não passava de uma brincadeira e que eu era mesmo uma idiota por ainda acreditar nele.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, o que ele disse a seguir me deixou sem fala.

— Como se não faltasse mais nada. — Respondeu com uma voz rouca e sexy, acariciando o meu cabelo e fechando os olhos novamente.

De novo, eu queria perguntar o que aquilo significava, mas não queria acabar com o momento. E, de alguma forma, eu sabia do que ele estava falando, porque eu sentia o mesmo.

Não sabia ao certo quanto tempo havia passado e aquilo sequer importava. Estava com Arthur e ali, naquele momento, parecia que todos os anos que passamos longe, simplesmente não tiveram existido. Parecia um sonho.

Ai, meu Deus! Será que era um sonho? Que eu acordaria sozinha na minha cama com lençóis frios?

Abri os olhos devagar e tentei não me mexer.

Ufa! Era real. Estava mesmo com Arthur.

Só tive alguns segundos para comemorar em pensamento, pois ouvi um barulho de telefone tocando e Rômulo entrando na sala, falando ao

PERIGOSAS ACHERON

celular.

Ótimo! Agora ele entenderia mal e não demoraria muito para que a Angélica soubesse e também pensasse o mesmo.

Desloquei-me rapidamente para o lado e esperei que ele saísse da minha vista para pegar as minhas coisas e sair da casa sem que ninguém notasse.

Eu parecia uma daquelas garotas que tinham casos de apenas uma noite e fugiam de manhã bem cedo, chegando em casa com a mesma roupa que havia saído.

Corri feito uma bala até minha casa e quando entrei pela porta da frente, minha mãe parou com a mão no coração e o rosto pálido.

— Ai, meu Deus. Aconteceu alguma coisa?

Eu não sabia se ria ou se chorava. Minha mãe preocupada se tinha acontecido algo de ruim comigo quando na verdade eu estava saindo correndo da casa de um homem que aparentemente ainda amava.

— Não aconteceu nada. — Eu a confortei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, para de me matar de susto, garota.
— Ela deu um tapa de leve no meu bumbum e começamos a rir.

Minha mãe era mesmo uma figura.

— Vou subir. Te amo. — Dei-lhe um beijo.

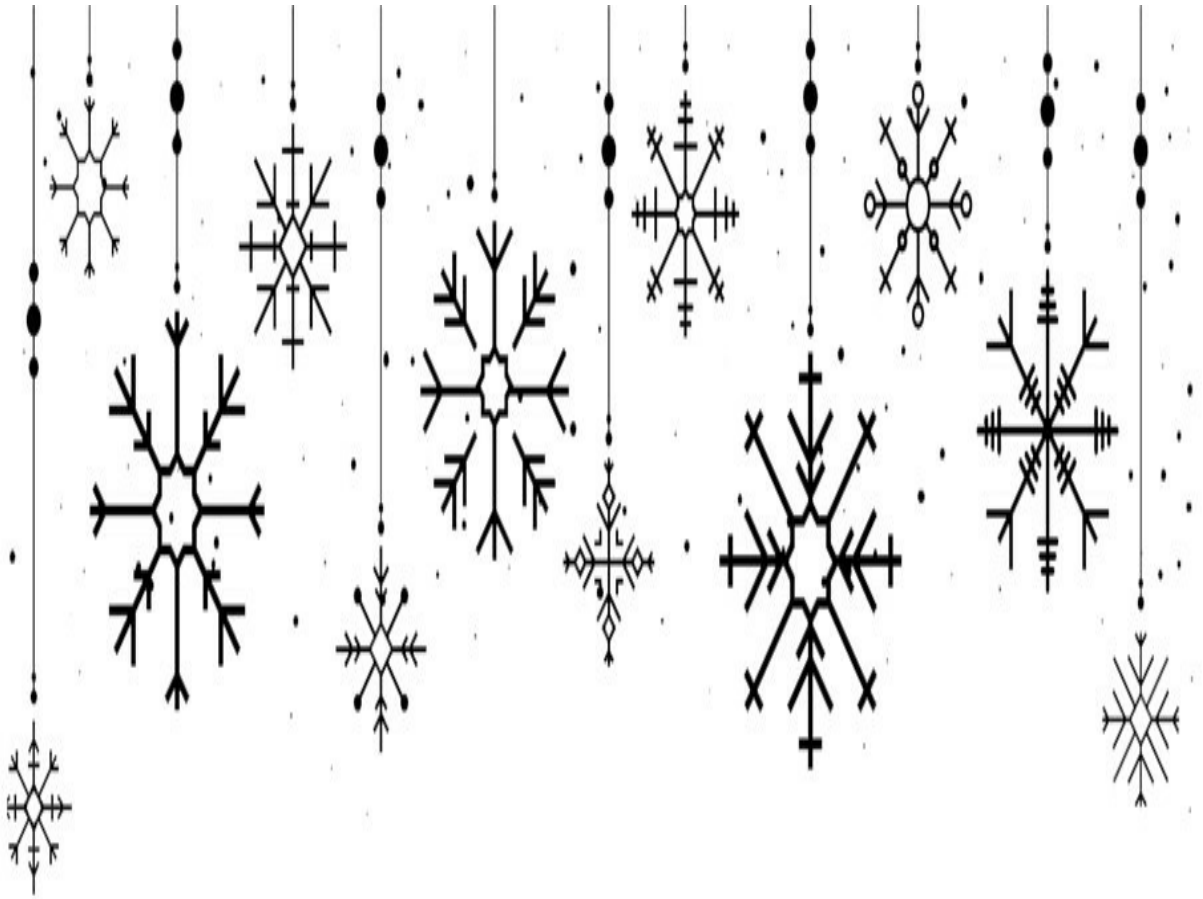
— Eu também, querida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 21

PERIGOSAS ACHERON

Já no meu quarto, tentei processar o que aconteceu. Será que Arthur ainda me amava? Será que queria reatar o namoro?

Eu me fiz aquelas perguntas milhões de vezes em pensamento. Só podia estar enlouquecendo.

Meu celular piscou e tomei um susto.

Corri para ver o que era e então, fiquei boquiaberta. O número era desconhecido, mas a mensagem já entregava o remetente.

Número desconhecido: Chegou bem?

Não acreditava que Arthur estava me mandando uma mensagem. Sequer sabia que ele tinha o meu número.

Andei de um lado para o outro com o coração batendo forte e sem saber o que fazer. Passei as mãos pelo rosto em desespero. Eu não podia fingir que todos os anos passados não haviam acontecido e agir naturalmente só por que ele tinha

me tratado bem.

Recorri ao antigo método de fingir-se de boba e dei um meio sorriso enquanto digitava:

Eu: Quem é?

Pensei que ele responderia na hora, mas fiquei segurando o celular feito uma tonta.

Parecia que o plano de se fingir de boba tinha dado mais certo do que o imaginado, afinal agora eu realmente parecia uma.

Olhei de um lado para o outro, como se não fosse importante e joguei o celular na cama. Sentei na cadeira do computador e procurei uma revista para folhear.

De alguma maneira desconhecida, eu não conseguia enxergar uma imagem sequer. Tudo na minha frente parecia um borrão. Meu nervosismo estava me impedindo de pensar.

Será que eu deveria mandar outra mensagem, dizendo que a anterior era apenas uma brincadeira?

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei e fui andando na direção do celular, mas parei no meio do caminho.

Não. Um pouco de amor próprio faria bem, não é, Luíza?

O celular piscou novamente. Eu pulei na cama e ela rangeu. Só faltava eu quebrar a cama e cair de cara no chão agora.

Era mensagem da minha operadora.

Deus! Que destino terrível! Como as pessoas aguentavam ficar assim, esperando por respostas de mensagens alheias?

Quer saber, eu não faria parte daquilo.

Levantei-me e já ia saindo do quarto quando o celular piscou novamente. Olhei para ele como se uma bomba relógio.

Que se dane minha dignidade! Eu precisava saber o que tinha naquele objeto.

Número desconhecido: Uau! Dormiu nos meus braços e nem lembra mais o meu nome? Plaquinha de sarcasmo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sabia que aquilo era uma referência a *The Big Bang Theory*, mais uma de nossas séries favoritas.

Eu: Você poderia ter dito quem era desde o início.

A cada tecla apertada, eu soltava um sorriso. Sentia-me uma adolescente novamente.

Número desconhecido: E perder você andando de um lado para o outro pelo quarto?

Olhei para os lados. Será que ele estava me expiando com um binóculo em alguma janela próxima da minha?

Ele não seria louco o suficiente. Ou seria?

Número desconhecido: Parou de fazer essas coisas?

Ufa! Ele só estava brincando!

Eu: Não sei do que você está falando.

E ri. Ele me conhecia como mais ninguém.

Número desconhecido: Hum... E se não tivesse deletado meu número, saberia quem era!

Tinha excluído o contato de todos em um momento de revolta em Paris e depois, não tive coragem de pedir aos meus pais o número de ninguém de volta.

Eu: Melhor não falarmos do passado.

Respondi, querendo evitar que acabássemos brigando novamente.

Número desconhecido: Concordo.

Conversamos mais um tempo por mensagens. Eu demorei a acreditar, mas finalmente

PERIGOSAS NACIONAIS

estávamos nos entendendo.

Meu coração era só felicidade. Provavelmente até o meu modo de andar havia mudado.

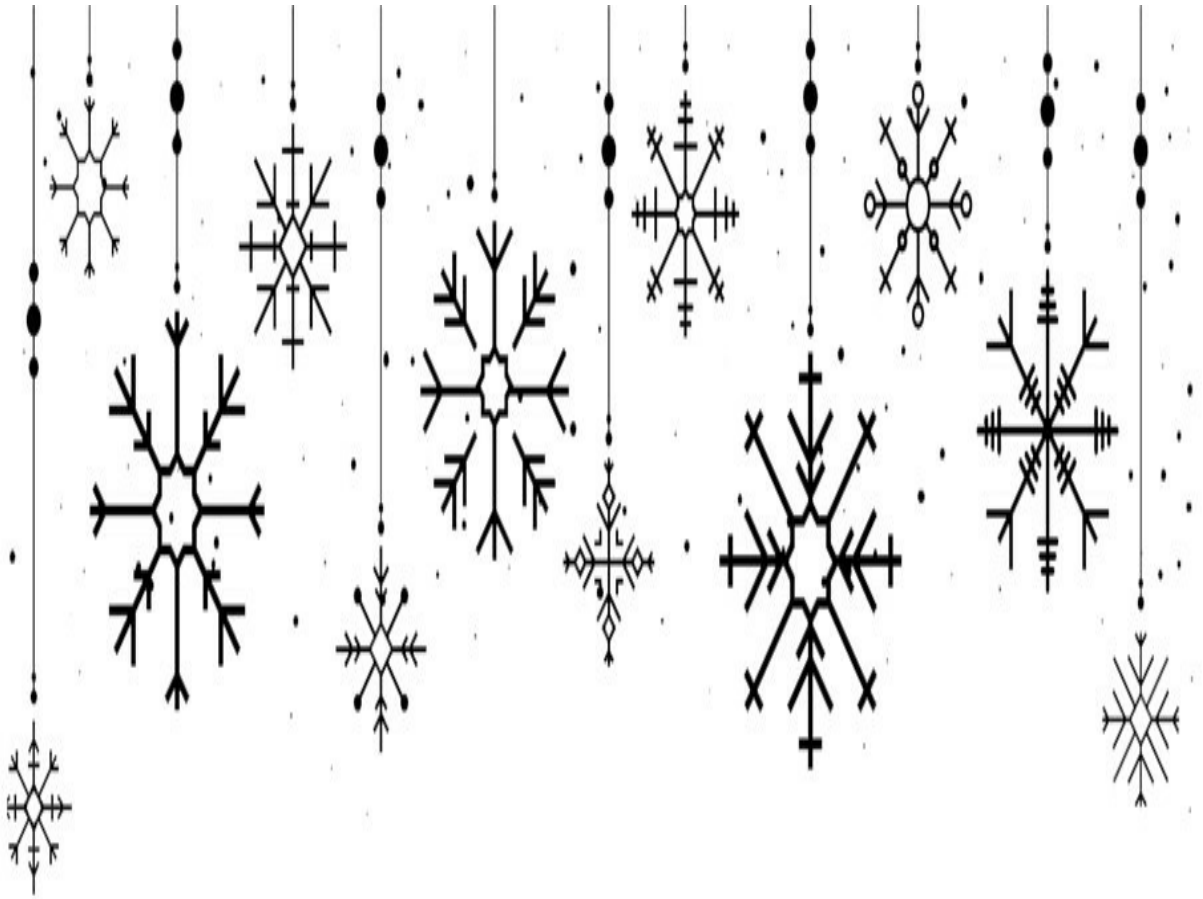
Mesmo assim, eu não queria contar a ninguém. Não só para que não criassem falsas esperanças, mas porque eu também não queria tê-las.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 22

PERIGOSAS ACHERON

Durante as aulas de Alice, Arthur me olhava de um jeitinho diferente e eu acabava perdendo a concentração. Estava cada vez mais difícil me desvencilhar daqueles sentimentos que estavam brotando dentro de mim, pois ainda havia muito medo de que toda a paz fosse embora em um vendaval.

Ele passava pouco tempo em casa e eu tentava manter uma distância segura entre nós. Confiar o coração a outra pessoa era uma tarefa muito árdua. Principalmente, quando aquele alguém já lhe feriu tanto no passado.

Quando percebi, estava anoitecendo e vi os rapazes pela janela, passando pelo jardim rumo à porta da frente. Arthur estava de volta e só de pensar nele, meu coração já se enchia de alegria. Ao mesmo tempo que queria correr em sua direção, grudava os pés no chão, não me permitindo dar asas àquela sensação.

Andei até a cozinha para preparar o jantar quando duas mãos apertaram e puxaram minha cintura. Um arrepio passou pela minha espinha e virei-me, com o peito subindo e descendo, ainda

PERIGOSAS ACHERON

sentindo a descarga elétrica por todo o meu corpo.

— Deixa essa panela aí. — Arthur sussurrou no meu ouvido. — Acho que merecemos jantar fora dessa hoje.

Seu rosto estava a pouquíssimos centímetros do meu. Engoli em seco, ainda sentindo suas mãos em mim, uma tentação.

Quando tentei formular uma pergunta, Amanda apareceu correndo e comemorando. Certamente, tinha escutado sobre o jantar. Empurrei Arthur para o mais longe possível.

— Foi mal. Não queria atrapalhar. — Amanda desculpou-se, sorrindo torto.

— Atrapalhar o quê? Não tem nada acontecendo aqui. — Falei rápido, gaguejando em algumas partes, de tão nervosa.

— Aham. — Amanda caiu na gargalhada, olhando para nós dois e se divertindo com a situação.

E Arthur nem para me defender.

Pelo contrário. Chegou perto da irmã, bagunçando o seu cabelo e dizendo que só a

PERIGOSAS NACIONAIS

perdoaria daquela vez.

Perdoar de quê? Será que ele tinha a intenção de fazer alguma coisa?

Ai, eu estava ficando maluca.

E para não continuar parada ali, fantasiando coisas que não estavam acontecendo, resolvi agir.

— Vou chamar a Angélica e a Alice. —
Avisei, distanciando-me dos dois, ainda meio atrapalhada.

Eles se olharam e riram mais, brincando de lutinha.

Subi as escadas, pisando com força e bati à porta do quarto em que Angélica estava instalada, avisando sobre o jantar. Alice estava deitada na cama, desenhando com giz de cera, mas quando ouviu a notícia, só faltou jogar tudo para o alto.

— Tia, me ajuda a escolher um vestido? —
Pedi, levantando-se e correndo para me mostrar suas roupas.

Fiquei feliz. Era como realizar um sonho de criança, como quando eu tinha as minhas bonecas e decidia o que elas vestiriam. Não que Alice fosse

PERIGOSAS ACHERON

uma, mas era tão graciosa quanto.

O que mais me encantava nas suas escolhas, era que Alice não queria se vestir como adulta. Pelo menos, não ainda.

Ela tinha vestidos que pareciam de princesas da Disney ou jardineiras fresquinhas com flores e animais. Na maioria, gatos. Alice gostava muito de gatos. Tínhamos aquilo em comum.

Escolhemos um vestido creme, com orquídeas por todo o tecido, que rodopiavam quando ela se mexia. Depois, ela colocou uma tiara dourada e ajeitou os fios da franja com cuidado. Retirou de uma bolsa pequena um gloss com embalagem rosa, passou nos lábios de criança e sorriu.

— Estou pronta. O que achou, mamãe? — Virou-se para Angélica, que estava lendo um livro de psicologia.

— Está linda, meu anjo. — Angélica sorriu, aproximando-se e acariciando os cabelos da filha.

E naquele momento, vendo aquela cena mágica, decidi que se algum dia tivesse filhos, gostaria de ter uma menina, que fosse minha amiga

e companheira, assim como aquelas duas.

Mas o que estava acontecendo, afinal? Eu não sabia nem se queria me casar, quanto mais ter filhos. Aquela cidade estava mexendo demais comigo.

Toc, toc.

Pulei com o barulho.

— O que foi, Luíza? — Ouvi uma voz de repente.

Ai, Jesus! Até a minha consciência estava querendo saber onde eu estava com a cabeça e me cobrando explicações.

Mas não se tratava daquilo. Era só a Amanda entrando pela porta, me vendo parada no meio do quarto com a expressão confusa e, como sempre, querendo saber o porquê de tudo.

Abanei o ar, tentando dissolver aqueles pensamentos e esquecer que tinha cogitado aquela possibilidade, mas era tarde demais. No meu coração, já havia ficado aquela vontade tão bela, que um dia eu provavelmente gostaria que se tornasse realidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada. — Respondi a pergunta de Amanda, que não se convenceu nem um pouco.

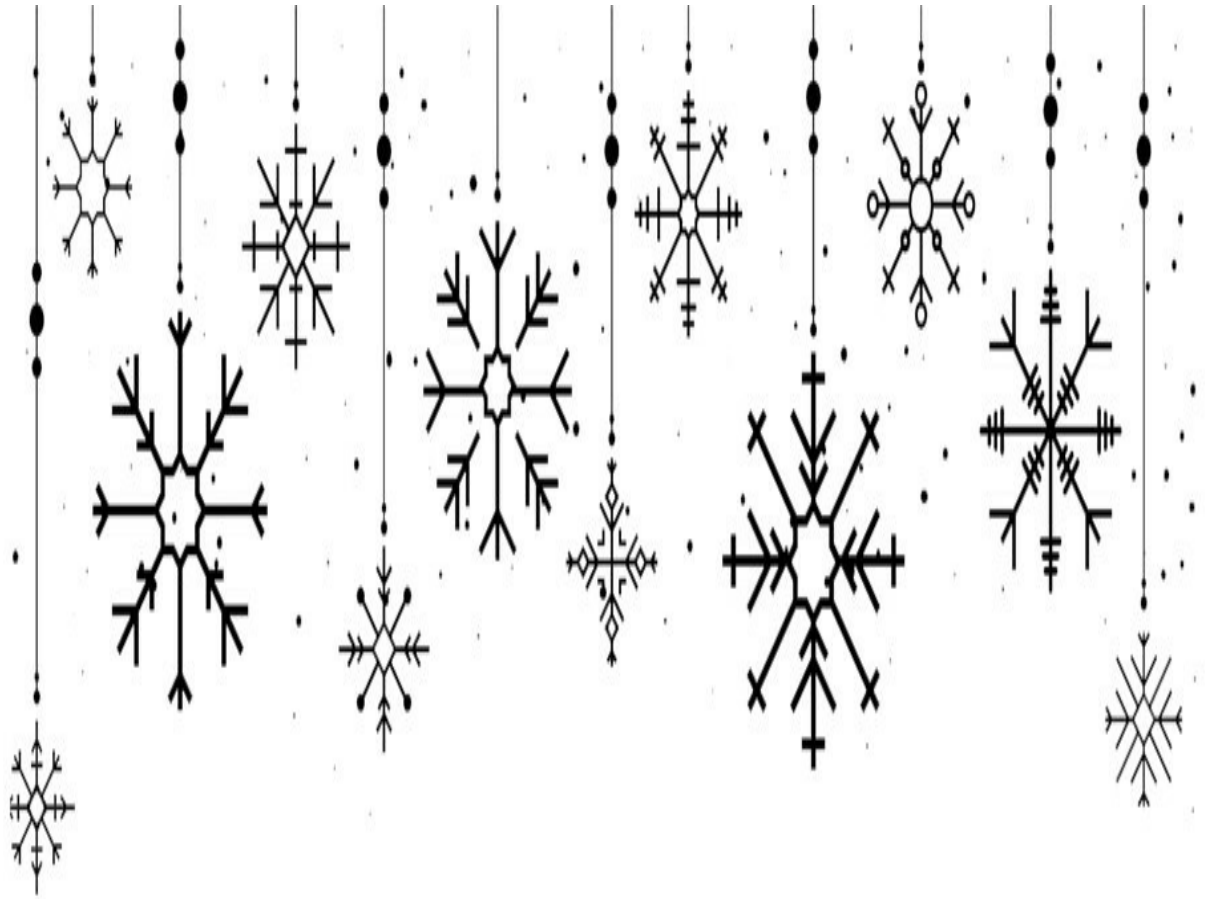
— Precisamos nos apressar. — Ela saiu me puxando, dizendo para nos arrumarmos logo ou os meninos nos deixariam para trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 23

PERIGOSAS ACHERON

Como estava passando muito tempo na casa de Amanda e Arthur, tinha deixado algumas mudas de roupa lá, mas nenhuma que servisse para ocasiões especiais.

Não que eu esperasse que algo de grandioso acontecesse, mas não podia sair para jantar com os mesmos trajes que usava para ir ao mercado.

Como se adivinhasse meus pensamentos, Amanda me pegou pelo braço e me levou até o seu guarda-roupas.

Como organização nunca foi o seu forte, imaginei que assim que abrisse a porta, um monte de roupas iria cair em cima de nós, mas não foi o que aconteceu.

Dentro dele, havia um vestido preto, com decote em V na parte da frente e um caimento bem justo no corpo, que parava na altura dos joelhos.

Um modelo interessante. Sexy sem ser vulgar.

— Comprei esse vestido um pouco antes de descobrir que estava grávida, mas nunca cheguei a usá-lo. — Amanda comentou, baixando a cabeça,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se lembrasse dos fatos que ocorreram naquela época. — E depois, você sabe, nada mais coube em mim.

— É só uma questão de tempo até que você possa estreá-lo. — Acaricieei o seu pulso, tentando confortá-la.

— Acho que ele já esperou demais e precisa sair do armário. — Amanda soltou as minhas mãos, como se não aprovasse o gesto e quisesse mostrar para todo mundo que era forte.

E eu sabia que ela era, mas não precisava provar aquilo para ninguém. Muito menos, para mim.

— E além do mais, ficará perfeito em você.

— Não posso, Amanda. — Balancei a cabeça em negativa, olhando em seus olhos verdes e profundos. — Ele deve ser importante ou você não teria guardado por tanto tempo.

Passei os dedos pelo tecido macio, admirando o vestido.

— Por isso mesmo quero que você o use, porque você é importante para mim. — Deu ênfase na palavra “você”, me olhando com carinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me derreti toda.

— E para de charme que eu sei que está doida para experimentá-lo. — Amanda fez graça, empurrando-me para mais perto do vestido.

— Nem sabemos se vai caber.

Por mais que eu quisesse usá-lo, alguma coisa me dizia que Amanda tinha comprado aquele vestido para impressionar Eric. O que não fazia eu me sentir bem com aquilo.

— Claro que vai. — Amanda piscou para mim.

Ô menina convencida.

— Como você sabe?

— Porque eu sei de tudo.

Não falei?

— Então, me fala o placar de hoje à noite.
— Indaguei, como se dissesse: “Se vira com essa agora.”.

— Depende. — Ela colocou a mão no queixo e levantou uma das sobrancelhas. — Estamos falando de futebol ou de outra coisa?

PERIGOSAS ACHERON

— Amanda! — Chamei sua atenção.

— Tudo bem. — Ela deu-se por vencida. — Então, vamos fazer o seguinte. — Sabia que ela não desistiria tão fácil. — Se couber, você será obrigada a usá-lo. Combinado? — Desafiou-me, levantando as mãos para que eu as apertasse.

— Está bem. — Selei o gesto, pegando o vestido e indo ao banheiro.

Precisava de um banho primeiro, ainda estava com cheiro do alho e do coentro que tinha começado a picar antes do Arthur me interromper, colocando aquelas mãos fortes em mim.

Ai, aquelas mãos! Que saudade eu tinha delas passeando pelo meu corpo.

A água do chuveiro estava quentinha e relaxava os meus músculos. Fechei os olhos e pensei mais uma vez em Arthur, me lembrando dos banhos que já havíamos tomado juntos, dos nossos beijos e tantas outras partes molhadas, em como ele sabia explorar cada diâmetro meu, levando-me a loucura.

Esqueci-me até de onde estava e me toquei devagar, saboreando as lembranças, mas Amanda

deu um murro na porta, libertando-me daquele devaneio.

Droga!

— Bora logo, minha filha! — Pensei que a porta fosse cair com a força das suas batidas. — Eu também tenho que me arrumar.

Senti-me envergonhada por um minuto e corri para pegar a toalha e me secar, mas meu corpo ainda estava em chamas.

Peguei o vestido, passando pela cabeça de qualquer jeito e olhei-me no espelho do banheiro.

Eu não tinha palavras para descrever como eu estava me sentindo naquele momento. Amanda, por outro lado, continuava batendo à porta feito uma doida. O que me fez rir.

E não é que filha da mãe estava certa? O vestido caiu como uma luva.

Nunca fui uma garota de usar roupas justas e salto alto. Preferia vestidos larguinhos, um jeans básico e tênis. Queria me sentir confortável quando saía e não com algo que ficasse me apertando ou acabando com os meus pés.

Amanda sempre me deu bronca por aquilo, alegando que eu tinha um corpo muito bonito para ficar escondido, que saltos eram o charme da mulher, que a nossa postura ficava melhor com eles e blá blá blá.

Continuava preferindo minhas roupas de sempre, mas, com aquele vestido, eu me vi de maneira diferente. Amanhã, poderia voltar a ser a velha Luíza, mas hoje, queria ousar um pouco. E afinal de contas, aposta era aposta.

Saí do banheiro, sentindo-me maravilhosa, quando Amanda inflou ainda mais o meu ego.

— Uau. É hoje que você mata alguém do coração.

Eu caí na gargalhada enquanto Amanda me passava uma sandália que combinava com o vestido antes de entrar no banheiro para se arrumar.

Fiquei me “namorando” no espelho enorme do quarto da Amanda e aproveitei para passar um pouco de maquiagem quando ouvi Rômulo gritar pela terceira vez consecutiva para que saíssemos logo.

Minutos depois, Amanda apareceu na

PERIGOSAS NACIONAIS

minha frente com uma bata branca e calças jeans. Pensei que ela já estivesse pronta quando começou a se debater na minha frente.

— O que isso? Está ficando maluca? — Espantei-me.

— Esse zíper não está fechando. — Amanda reclamou, puxando as calças para cima com força e murchando a barriga.

Tentei ajudá-la, mas o zíper estava emperrado.

— Por que não comprou uma calça de número maior?

— Esse era o maior número disponível desse modelo. — Ela respondeu.

— Escolhesse outro.

Amanda fez um olhar assassino.

— Mas eu gostei dessa calça. — Enfatizou. — Dá para parar de falar e me ajudar?

— Estou tentando. — Afirmei e o zíper fechou.

Ufa! Parecia que tínhamos passado por uma guerra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rômulo gritou de novo.

— Vamos antes que ele tenha um piripaque lá embaixo. — Amanda riu, suando um pouco, depois da batalha para enfiar a calça.

— Vamos. — Concordei, dando uma última ajeitada no cabelo e passando um pouco de creme para domar os meus cachinhos.

Amanda e eu descemos devagar, com ela me amparando até que eu me acostumassem com aqueles saltos, que, na verdade, nem eram tão altos.

Quando surgimos na escada, todos já estavam lá embaixo à nossa espera.

— Não sabia que era um jantar de gala. — Rômulo comentou e eu me senti uma idiota por estar tão arrumada.

— Qual o problema com o vestido? — Amanda retrucou. — E muito cuidado com a resposta, porque fui eu que o escolhi.

— Nenhum. — Arthur respondeu no lugar de Rômulo para Amanda e depois, olhou-me. — Luíza, você está linda. — Ele confidenciou com expressão de admiração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suas palavras tinham me deixado nervosa e agora, teria que me esforçar ainda mais para não me estabacar lá embaixo.

Quando chegamos à porta da frente, Amanda pegou seu filho, que estava nos braços de Angélica e sendo mimado por Alice enquanto Arthur pegava as chaves para sairmos.

— Não esquece de levar o babador, irmão.
— Amanda comentou baixinho, esbarrando em Arthur de propósito e sorrindo.

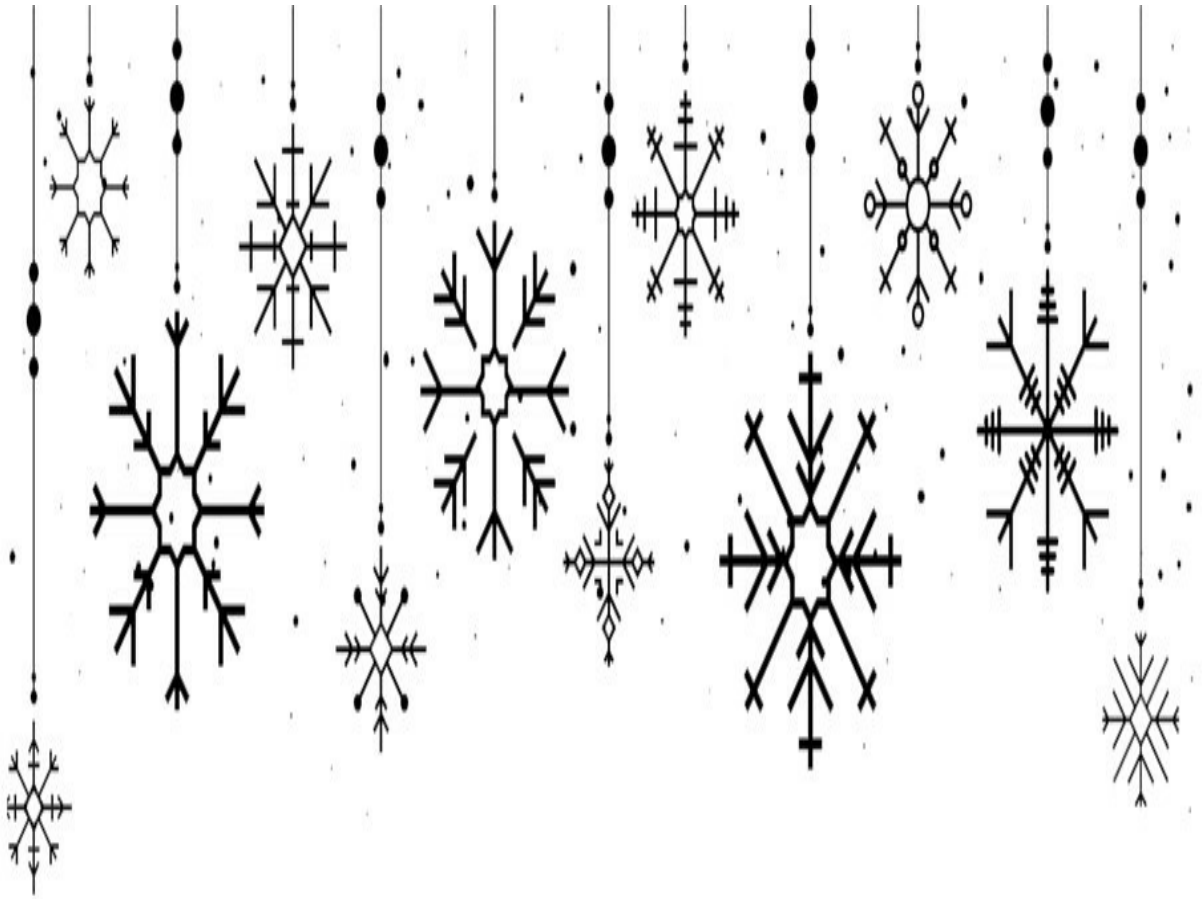
Mas ele não pareceu ligar para a implicância da irmã. Só continuou a me olhar daquele jeito que me fazia perder o chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 24

PERIGOSAS ACHERON

Como Nova Aliança era uma cidade pequena, não tínhamos tantas opções na hora de sair.

Se quiséssemos jantar, tinha o restaurante do Giuseppe, um senhor italiano que fazia piadas hilárias e cozinhava muito bem. Lá era praticamente a segunda casa daqueles que não sabiam cozinhar ou estavam cansados demais de comida congelada.

Se quiséssemos algo mais dançante, tinha a Rua dos Privilégios, que nada mais era do que um lugar onde os mais moderninhos se refugiavam, após um dia normal de trabalho. A rua ganhou aquele nome exatamente por ser o ponto de encontro jovem da cidade.

Gostava de ir lá por ter bares com *karaokê*, totó, sinuca e até bandas ao vivo. Fiquei surpresa de o lugar ainda não ter sido interditado pelos mais conservadores.

Com a fome que estávamos sentindo, era óbvio que iríamos parar no restaurante do Giuseppe. O que foi ótimo, porque eu estava

morrendo de saudade da comida de lá e de ouvir as histórias dele.

Giuseppe tinha passado de alguns fios brancos, que ele dizia ser apenas reflexo do sol, para grisalho total, mas o bom-humor ainda era o mesmo.

Quando me viu, ele se encheu de alegria.

— Quem é esta *bela ragazza*? — Giuseppe questionou, com seu sotaque encantador. Claro que ele sabia quem eu era, mas estava fazendo graça, como sempre. — Ah, a jovem Luíza.

— Não tão jovem assim. — Contestei, tapando o rosto com as mãos.

— Que isso? Está na flor da idade, menina. — Comentou enquanto entregava os cardápios e tocava o topo da cabeça de Alice, que olhava para ele com certa curiosidade. — Lembro-me de você quando ainda era deste tamanho.

— Verdade. — Coloquei o guardanapo de pano sobre o meu colo e virei o pescoço em sua direção. — Vinha muito aqui com os meus pais quando criança.

— Eles estão bem?

— Estão, sim. — Pousei uma mão sobre a mesa e apoiei o queixo com outra, oferecendo-lhe um sorriso. — Obrigada.

Ele piscou para mim com seu jeito brincalhão, saindo de perto da mesa.

Depois de fazermos o pedido e devolvermos os cardápios, os meninos começaram a jogar conversa fora. Aproveitei para checar meus e-mails.

Arthur fez cara feia quando peguei o celular e, ao notar o clima esfriando, Amanda tomou-o da minha mão.

— Nada de trabalho esta noite. — Amanda guardou meu aparelho na sua bolsa. — Todos desligando os celulares. Agora! — Decretou, apontando para nós.

Pensei em protestar, mas ela estava certa. Precisava relaxar um pouquinho.

Olhei ao redor e percebi que o restaurante tinha passado por algumas reformas. Claro que não esperava que continuasse exatamente o mesmo após cinco anos, mas eu sentia falta do balcão de madeira em que todos nós nos empoleirávamos

quando saíamos da escola, para pedir um suco e papear antes de voltar para casa.

O local ainda tinha uma atmosfera rústica, mas não era mais como antes.

Se nem eu era como antes, por que queria que um lugar fosse? Era nostalgia demais para uma pessoa só.

Tentei afastar aquele sentimento de saudade. O que precisava agora era olhar para o futuro, até porque a comida tinha acabado de chegar e eu era a única que ainda estava parada com cara de paisagem.

A macarronada do Giuseppe estava deliciosa e a conversa na mesa parecia divertida.

Só parecia mesmo. A verdade era que eu tinha parado de escutar fazia um tempo.

Desde que notei que o Arthur não tirava os olhos de mim, minha mente ficava dando mergulhos no passado e lembrando dos momentos que já estivemos juntos, ali mesmo.

Uma vez Arthur fechou o restaurante e fez um jantar à luz de velas só para nós dois. Na mesma noite, me deu um anel de compromisso e

PERIGOSAS ACHERON

prometeu que seria meu para sempre.

Quem diria que aquele para sempre não duraria nem alguns anos após sua promessa.

— O que você acha, Luíza? — Angélica perguntou com a testa franzida e olhei ao redor, tentando capturar no ar alguma pista do que eles poderiam estar falando.

— Ih, Angélica. Não perca o seu tempo. — Amanda intrometeu-se, dando risadinhas cheias de veneno. — Tem um tempinho que a Luíza e o Arthur estão bem longe daqui.

Eu queria dar um murro nela, por sempre ficar fazendo piada conosco, mas suas próximas palavras me deixaram atônita.

— Eles deviam estar em um mundinho só deles, com todos esses olhares melosos. Só estava faltando aquela cena do filme *A Dama e o Vagabundo*, quando cada um pega a ponta do macarrão e vão comendo até se beijarem.

— Amanda! — Arthur chamou sua atenção.

— Ah, me poupe, irmãozinho. — Amanda rebateu, encarando-o, altiva. — E para a sua informação, a perna que você estava acariciando

PERIGOSAS ACHERON

por debaixo da mesa é a minha.

Rômulo soltou uma risada escandalosa enquanto Amanda continuou falando.

— A da Luíza fica mais para esquerda. — Indicou.

Pensei que Arthur fosse pular em cima da Amanda quando, de repente, ouvi uma voz vinda de longe.

— Muito bonito, não?

Olhei para trás, assustada, o coração batendo descompassado. Suzana estava em pé, bem próxima de mim, com a mão na cintura.

Ela usava uma saia justa e uma camisa fina de botões, com um blazer por cima. O cabelo Chanel superliso, agora tinha um bico para frente. Estava na moda esse corte e Suzana parecia ter aderido também.

— Agora que a Luíza voltou, vocês me deixam de fora? — Suzana fez sua entrada triunfante, normal de seu feitio e Amanda olhou para ela, revirando os olhos.

— Corta essa que eu te liguei avisando. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Amanda resmungou. — E você, só não vai mais à minha casa porque fica com medo do Gabriel vomitar em você de novo.

— Fico nada. — Suzana emburrou a cara, fixando os olhos em Amanda, como se fosse desintegrá-la apenas com o olhar.

— Chega de show, vocês duas. Estou tentando comer em paz. — Arthur resmungou.

— Pede alguma coisa, Suzana. — Angélica sugeriu, puxando uma cadeira para ela.

— Estou sem fome, Angel. — Ela respondeu, sentando-se e cruzando as pernas em uma postura elegante. — Só vim raptar vocês.

— Nem pensar. — Amanda balançou a cabeça em negativa, dando mais uma garfada na comida. — Trouxemos as crianças. Hoje não dá.

— Ah, deixa disso. Só uma voltinha. — Suzana fez charme. — Prometo que a gente volta cedo.

E ela olhou para Alice e Gabriel, acrescentando:

— Aposto que os pirralhos vão gostar.

PERIGOSAS ACHERON

Alice levantou os olhos, como se fosse dizer alguma coisa, mas a boca estava cheia, portanto ficou em silêncio e concentrou-se no prato à sua frente. Comer parecia ser muito mais importante do que discutir com a tia Suzana.

Até eu faria aquela escolha, já que debater com Amanda ou Suzana era sempre uma grande perda de tempo.

Quando terminamos a refeição, fomos caminhando até a Rua dos Privilégios e, então, paramos em um barzinho que ainda estava vazio, para preservar as crianças.

Suzana e eu fomos comprar algumas fichas para os jogos e para a máquina de músicas enquanto Angélica e Amanda procuravam uma mesa para todos se acomodarem.

Tinha esquecido o quanto adorava aquela rua. As pessoas passavam com os looks mais inusitados e cabelos de diversas cores. Nem parecia Nova Aliança.

Rômulo sugeriu que jogássemos algo, mas o grupo estava dividido. Suzana e Amanda queriam jogar totó. Os meninos, sinuca. Angélica e eu

estávamos no tanto faz, e as crianças, quase dormindo depois de toda a comilança.

Não deveríamos ter concordado em vir para cá, mas não era nem nove da noite e Suzana prometeu que seria rápido.

Assim, as meninas concordaram em jogar totó e os meninos sinuca. Depois daquilo, tentaríamos fazer algo misto.

O que eu sabia era que não tinha gostado nada daquele trato.

Suzana pegou as bolas e Amanda começou a escolher sua dupla. Eu sabia que aquilo não daria certo. Se existiam pessoas competidoras no mundo, aquelas eram Suzana e Amanda. Para qualquer coisa, as duas eram unhas e carne, mas era só começar algum jogo, que a amizade desaparecia.

Amanda me escolheu e Angélica foi para o lado de Suzana com a expressão acuada. Ela sabia que não importava se ela jogasse bem ou não, qualquer coisa que acontecesse de errado agora, seria culpa dela.

Amanda jogou a bola e Suzana estreitou o olhar. As duas, como sempre, ficaram ao lado do

gol. Angélica e eu ficamos responsáveis por passar a bola.

Quando elas conseguiam acertar, nós não estávamos fazendo mais do que obrigação. Quando a bola batia na trave, estávamos erradas.

Assim que o jogo começou, os conflitos também. Suzana ficava incitando Amanda e ela, por sua vez, devolvia dando um murro na bola e fazendo um gol. Amanda era boa no jogo e Suzana, com distrações.

— Fica quieta e joga. — Amanda reclamou depois de Suzana ter dito a milionésima asneira.

Começamos a ficar preocupadas que aquilo se tornasse uma briga de verdade, mas já havíamos visto situações parecidas no passado e era sempre assim.

Em um minuto, elas estavam se xingando e no outro, se abraçando. O melhor mesmo era ficar de fora.

Quando as duas pareciam estar prestes a sair no tapa, Arthur apareceu. Angélica e eu suspiramos de alívio.

— Posso falar com você um segundo?

PERIGOSAS NACIONAIS

Demorei a perceber que ele estava falando comigo. As meninas me olharam com um sorriso no rosto e me empurraram na direção dele.

— Queria te mostrar uma coisa. — Ele continuou.

— O quê? — Perguntei envergonhada.

— Permita-me. — Arthur ofereceu seus braços e sem pensar muito, aceitei. Queria era sair correndo de perto daquelas malucas.

Fomos andando pelos ladrilhos acinzentados que desenhavam a rua e cada poste iluminava um detalhe específico a ser visto.

As árvores ficavam em perfeita simetria com o concreto e o lado mais urbano da cidade. No céu, dava para ver claramente o planeta marte enquanto casais sentavam-se em bancos e trocavam juras de amor.

Um grupo com umas sete pessoas passava pulando e fazendo acrobacias. Até que ouvi uma música chegando aos meus ouvidos, de modo suave.

E o mais bonito dos detalhes era aquele ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

Paramos e Arthur sorriu, como se esperasse que eu notasse algo de diferente.

Quando olhei para frente, vi uma menina tocando violino e me emocionei.

Do nada, ela pisou com o pé em um pedal de distorção, levando todos que estavam ao seu redor à loucura.

Arregalei os olhos e Arthur disse:

— Quando você foi embora, eu costumava ficar andando por essas ruas, sem rumo, sem saber o que fazer com a minha vida. — Revelou. — Até que um dia essa menina apareceu e me lembrou aquele filme da Hilary Duff, que você me fez assistir inúmeras vezes.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Ele lembrava do filme.

Então, voltei no tempo que parávamos em frente à TV e nos entupíamos de pipoca, brigando para escolher um filme.

Eu sempre queria ver comédia romântica e Arthur, filmes de ação. Às vezes, ele escolhia terror, mesmo sabendo que eu morria de medo. Desconfiava que ele fazia aquilo só para me ver

PERIGOSAS ACHERON

assustada e poder me abraçar forte.

Respirei fundo, voltando ao presente. Arthur ainda olhava para frente e continuou de onde havia parado.

— Naquele momento, eu quase escutei sua voz nos meus ouvidos e parei de me sentir só. — Arthur fechou os olhos e sorriu, como se apenas a lembrança de nós dois assistindo aquele filme lhe trouxesse paz.

Estava feliz de ouvir sua confissão.

— Assim, sempre que estava triste, vinha aqui para sentir sua presença novamente.

Ele abriu os olhos e observou-me. Eu queria tocar seu rosto, queria reconfortá-lo.

— Arthur...

— Não diga nada. — Ele me interrompeu. — Você está aqui agora e estamos bem. É só o que importa.

Eu assenti e nos abraçamos.

A lua lá em cima era testemunha. O amor que sentíamos ainda estava vivo. E meu coração bateu forte e esperançoso. Nada estava perdido.

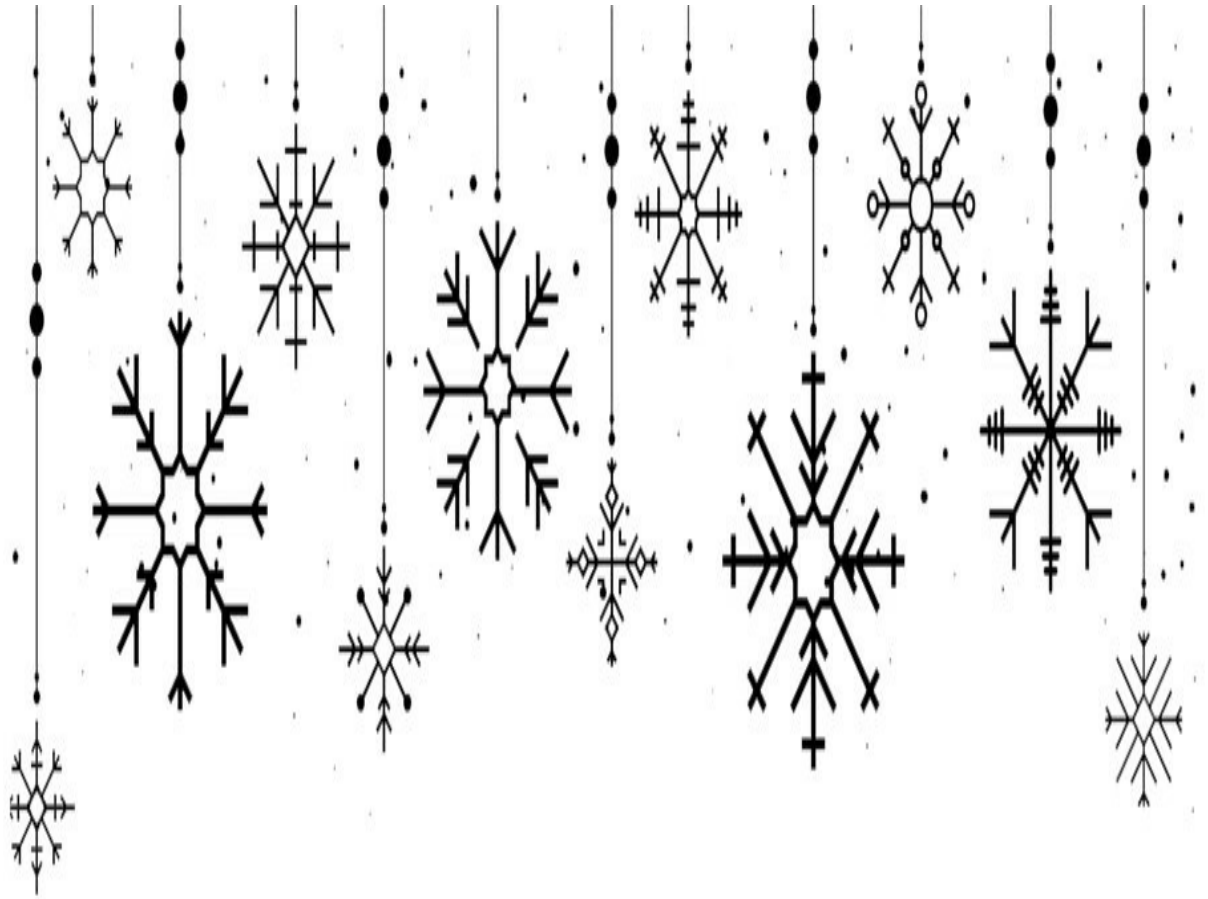
PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 25

PERIGOSAS ACHERON

— Aqui mudou um pouco. — Comentei enquanto caminhava, mas meu pensamento já estava em outro lugar.

As palavras de Arthur, entre as notas do violino, ainda ecoavam na minha mente. Ele havia sentido a minha falta. Tanto senti que estava andando sem rumo, por aquelas mesmas ruas, pensando em mim.

E como a própria Amanda afirmou anteriormente, ele não comia nem dormia direito após o nosso rompimento.

Mas se Arthur se sentia daquela forma por que nunca me ligou ou mandou um e-mail sequer? Será que achava mesmo que eu tinha gostado da vida luxuosa fora do país ou que os considerava meros caipiras?

Não. Ele só tinha dito aquilo porque estava magoado e se sentindo abandonado.

Sem falar que achava que eu não iria voltar. E não ia mesmo. Não depois de como ele me tratou.

Mas, eu teria voltado se ele tivesse pedido.

E até mesmo sem falar comigo, se soubesse que Arthur estava triste e que ainda me amava, eu iria querer conversar pessoalmente e saber o que estava acontecendo.

Iria querer saber por que terminou comigo tão de repente. Até hoje não entendia por que ele havia agido daquela maneira.

No passado, eu já tinha demonstrado interesse em visitar a tia Esmeralda, pesquisei cursos por lá e Arthur nunca viu problema naquilo. Pelo contrário, sempre dizia que seria uma grande oportunidade. Nunca entendi aquela mudança radical.

Será que ele achava que eu não iria de verdade ou será que havia alguma coisa a mais? Algo que eu não sabia?

Lembrava muito bem daquela conversa que escutei na minha primeira noite em Nova Aliança. Havia algo que Arthur não queria que eu soubesse de jeito nenhum, um segredo que Amanda teria que guardar à sete chaves.

Não. Aquilo era sobre ele ter beijado a Melissa depois que fui embora.

Mas e se eles não estivessem falando sobre aquilo? Se tivesse algo a mais?

Até hoje, Amanda não tinha explicado aquela história do abajur quebrado, mas eu também não tinha mais tocado no assunto. Aconteceram tantas coisas depois daquele dia, que acabei esquecendo de perguntar.

— Podemos ir lá quando quiser. O que acha? — Arthur quis saber e eu congelei.

Do que ele estava falando? Fiquei tanto tempo pensando comigo mesma que acabei não prestando atenção no que ele dizia.

— Acho ótimo. — Respondi, torcendo para que fosse ótimo mesmo. Caso contrário, ele me acharia uma idiota.

— Você não ouviu uma palavra do que eu disse, não é? — Arthur me observou, segurando o riso.

Talvez ele me achasse idiota de qualquer maneira.

— Nenhuma. — Falei, cobrindo o rosto de vergonha. — Desculpa.

— Tudo bem. — Ele afirmou, puxando minhas mãos, de modo que eu parasse de me esconder por trás delas. — Estava pensando em algo bom?

Estava pensando nele, então era algo bom. Mas ele nunca saberia daquilo.

— Não era nada demais.

— Mesmo? — Questionou, agora sério. — Tem algo lhe preocupando?

E meu coração acelerou. Arthur ainda conseguia me entender só de olhar.

Na verdade, qualquer pessoa que prestasse um pouco de atenção perceberia, mas ele sempre parecia estar lendo os meus pensamentos.

Credo! Não queria ele lendo os meus pensamentos. Até porque acabaria vendo a si mesmo em noventa e nove por cento deles.

Eu ri enquanto pensava naquilo.

— Agora é engraçado?

Droga! Eu tinha que parar com aquilo e voltar à vida real.

— Não era nada. Mesmo. — Tentei
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

convencê-lo, concentrando-me de uma vez por todas nele. — Agora me diz sobre o que estávamos conversando.

— Na verdade, estava mais para um monólogo. — Arthur gargalhou, mexendo nos seus cabelos loiros perfeitos. — Eu estava falando e você apenas balançando a cabeça.

— Já pedi desculpa. — Lembrei-o, mordiscando a ponta do dedo, um pouco afoita. — Pode me contar sobre o que era?

— Eu estava te contando que construíram uma pista de Skate em Nova Aliança.

— Não brinca! — Exclamei, levando a mão à boca.

— Sim. E sabia que você não estava escutando, porque essa seria a reação certa. — Afirmou, apontando para mim.

Arthur sabia que eu sempre quis que tivesse uma pista de Skate em Nova Aliança. Seria um bom lugar para todos se reunirem e conversar.

— Quer que eu te leve lá?

— Claro. — Empolguei-me. — Lembra de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando éramos mais jovens e eu quis aprender?

— E você ainda pode.

— Não sei.

Pensei bem e lembrei da última tentativa. Eu ainda tinha cicatrizes nos joelhos para comprovar que não era boa naquilo.

— O que te impede? Se quiser, posso te ensinar. — Os olhos de Arthur brilhavam.

— Vou pensar nisso. — Prometi.

— Não tem muito o que pensar. Eu tenho dois skates em casa e posso te emprestar um.

— Por que você tem dois skates?

Assim que fiz a pergunta, eu me arrependi. Talvez ele tivesse comprado para andar com outra garota. Não poderia culpá-lo de ter seguido sua vida.

— Comprei um para você. — Confessou, chutando algumas pedras no chão. — Tinha a esperança de que algum dia você pudesse voltar.

— Como eu poderia voltar se vocês sequer falavam comigo, Arthur?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esquece. — Ele enfiou as mãos no bolso do seu casaco enquanto uma nuvem negra se formava acima da sua cabeça. — Eu não deveria ter tocado nesse assunto.

— Não. Na verdade, deveria, sim.

Tomei coragem. Nós não podíamos adiar aquela conversa para sempre e continuar como se nada tivesse acontecido. Eu precisava saber a verdade.

— Você mesmo disse que sofreu por eu ter ido embora e deu a entender que nunca deixou de me amar, então por que todos viraram as costas para mim? Por que você virou as costas para mim?

— Luíza, sinto muito. Sei que não posso consertar o que fiz. Mas... — Ele engoliu em seco e começou a andar mais rápido, como se a distância entre nós pudesse ajudá-lo a fugir da pergunta ou pensar em uma boa saída para ela.

— Mas o quê? — Perguntei, aumentando o passo para continuar ao seu lado.

Senti aqueles saltos altos machucando os meus pés, mas eu não podia mais parar. Precisava saber a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

Algo me dizia que Arthur estava prestes a me contar o que ele guardou para si aquele tempo todo. E ele teria me contado se no meio de todo aquele desespero eu não tivesse tropeçado e caído em cima dele.

Nos primeiros segundos, achei que tinha sido algo bom, afinal Arthur me apoiou e nossas bocas ficaram muito próximas. Tão próximas que consegui sentir a sua respiração e o cheiro da bala que ele tinha na boca.

Framboesa, a minha favorita.

Fechei os olhos para o tão esperado beijo, mas a sensação que veio a seguir não era nem um pouco boa.

— Ai! — Gritei depois da pontada que senti no calcanhar.

— O que foi? — Arthur quis saber, assustado.

— Meu pé está doendo. — Tentei dar um passo e senti outra pontada. — Acho que não consigo andar.

Sem pensar duas vezes, Arthur me pegou em seus braços e, naquele momento, nada mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

importava. Ele ainda era a pessoa por quem eu tinha me apaixonado, aquele que corria para me ajudar sempre que eu precisava, que se preocupava e que me amava acima de tudo.

Sentir seu corpo tão próximo ao meu era tão bom. Aproveitei para abraçá-lo com força. Eu tinha que tirar algum proveito daquela situação.

Enterrei o rosto em seu pescoço e senti seu perfume. Ainda era o mesmo. Ele começou a andar rápido e procurou no bolso as chaves do carro.

— Arthur, o que está fazendo?

Meu coração acelerou. Eu não tinha uma boa intuição sobre aquilo.

— O que parece? Vou te levar para o hospital.

Não. Tudo, menos aquilo.

— Mas e a sua irmã? E o restante do pessoal? Como eles vão voltar? — Questionei em desespero.

— Tenho certeza que darão um jeito. — Arthur disse rápido, abrindo a porta do carro e me deitando no banco de trás.

PERIGOSAS ACHERON

— Calma, Arthur. — Falei, mas ele não estava mais escutando.

Seguiu rápido para o banco do motorista e ligou o carro.

Eu não sabia como, mas, em um piscar de olhos, Arthur já estava na estrada, seguindo para o hospital.

Eu precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, mas não me vinha nada à cabeça. E eram naqueles momentos, quando o desespero falava mais alto, que as pessoas tomavam as piores atitudes. E foi assim que eu puxei o freio de mão do carro.

O pneu cantou e senti um cheiro estranho de gasolina no ar. O carro derrapou na rua, mas, por um milagre divino, nada nos aconteceu.

— Você está ficando maluca? — Arthur berrou, olhando para mim e eu me encolhi, envergonhada pela minha atitude.

Ele encostou o carro em um canto da estrada e saiu zangado, xingando aos quatro ventos.

Comecei a chorar. Por que eu tinha feito aquilo? Coloquei a vida de nós dois em risco e por

PERIGOSAS ACHERON

quê?

Arthur abriu a porta do passageiro e se sentou ao meu lado, agora com a aparência mais serena.

— Você ainda tem medo de hospitais?

Eu concordei, tentando engolir o choro.

— Mas você pode ter quebrado alguma coisa, minha linda. — Ele olhou bem fundo nos meus olhos e acariciou os meus cabelos. — Se algo acontecer com você, eu não vou me perdoar.

Aquele carinho, aquela preocupação, era tudo que eu queria de Arthur.

— Tenho certeza de que não foi nada demais. Um pouquinho de gelo e a dor vai passar. — Falei com a voz dengosa.

Aquela voz sempre funcionava com ele quando eu queria alguma coisa. Arthur notou minha atitude ardilosa, balançou a cabeça e começou a rir.

— E você agora é médica, por acaso?

— Eu não vou para o hospital! — Respondi, tentando parecer rude.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você continua teimosa. — Ele franziu a testa.

— Arthur, estou falando sério!

— Já entendi. — Ele resmungou, se levantando e indo para o lado do motorista.

Em seguida, pegou o celular no bolso e começou a discar algum número.

— Para quem você está ligando, então? — Minha voz saiu mais alto do que previ, recheada de nervosismo e medo.

— Para um amigo meu que é médico. Esqueceu que trabalho na administração do hospital de Nova Aliança?

— Na verdade, Amanda não chegou a dizer com o que você trabalhava.

Foi a única coisa que consegui pronunciar antes dele começar a falar com o amigo médico e a ligar o carro novamente.

Arthur não disse uma palavra o caminho inteiro. Só pisou fundo no acelerador, sem tirar os olhos da estrada. Parecia até que era o pé dele que tinha sido machucado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minutos depois, já estava deitada na cama de Arthur, esperando o médico chegar.

Tomei um susto quando o vi entrando pela porta. Nunca iria imaginar que agora, “ele” era o médico da cidade.

O médico se aproximou e começou a me examinar e eu só pensava em uma coisa. Tínhamos falado dele há pouco tempo. Se ele soubesse.

— Você é uma garota de sorte, Luíza. Não quebrou nada. Foi só uma leve torção.

— Não disse? — Comentei contente, olhando para Arthur, que ainda mantinha a expressão preocupada.

— Mas deve ficar com essa tala por uma semana e tentar não fazer nenhum esforço. Tudo bem?

— Pode deixar. — Arthur respondeu no meu lugar e eu fiquei olhando para ele sem acreditar.

— Não sabia que você era médico, Felipe.
— Amanda iria surtar se o visse com aquela roupa branca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela dizia que não tinha uma queda por ele. Claro que não tinha. Estava mais para um desmaio.

— Não tivemos tempo para conversar antes que sua festa de boas-vindas virasse um pandemônio.

— E vocês estão bem agora?

Assim que perguntei, eu me arrependi. Felipe podia estar apenas sendo solidário e eu fazendo perguntas constrangedoras.

— Claro. — Ele bateu no peito de Arthur e os dois se abraçaram. — Somos amigos desde criança. Não vai ser uma mulher como a Melissa que irá nos separar.

— Fico feliz.

— Agora preciso ir. — Felipe comunicou.

— Muito obrigada por tudo. Bom saber que temos um amigo médico.

— Você e seu medo de hospitais. — Ele deu um sorriso torto.

— Claro. Você chega lá com uma dorzinha de nada e te dão um monte de injeções. — Defendi-me, mas os dois riram.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não sabia qual era a graça.

— Você continua uma figura, Luíza. Cuida dessa torção. E até a próxima. — Felipe se despediu, marchando para longe da cama em que eu estava deitada.

Enquanto Arthur conduzia Felipe até a porta, mandei uma mensagem de texto para Amanda, perguntando onde ela estava e explicando tudo.

A verdade era que eu não queria ficar tanto tempo sozinha com Arthur, com todos aqueles sentimentos que ainda nutria por ele. Eu não poderia responder por mim.

Olhei para o teto, nervosa, e depois, peguei o telefone novamente. Amanda ainda não tinha me respondido.

Vi a maçaneta sendo girada e respirei fundo. Eu não podia ficar sozinha com Arthur naquele quarto.

Mas mal Arthur entrou e Amanda apareceu, batendo a porta e começando um grande escândalo.

— Arthur, como você pega o carro e deixa todos nós para trás? — Amanda rosnou, parecendo

PERIGOSAS ACHERON

estar possuída pelo demônio.

— A Luíza se machucou. — Arthur tentou se explicar, mas ela continuou soltando fumaça pelo nariz.

— E você quis bancar o herói? — Suzana fez piada.

— Nós tivemos que vir embora sozinhas, você sabia disso? — Amanda continuou a gritar, enfurecida.

— E você ainda não se acostumou, Amanda? — Suzana se intrometeu novamente. — Não lembra que o Arthur sempre deixa tudo e a todos de lado quando o assunto é a Luíza?

— Podia fazer isso antigamente, mas agora você tem um sobrinho. — Amanda apontou o dedo para o irmão. — Não se esqueça disso!

— Vocês não estão bem? — Arthur perguntou, mexendo no cabelo, aparentemente irritado. — O Rômulo não estava com você? Não pegaram um taxi?

— Sim. Mas e se não estivesse?

— Amanda, chega de suposições. — Ele

olhou sério para ela. Eu sabia que ele estava perdendo a paciência. — Eu nunca deixaria você e o Gabriel para trás se não tivesse certeza que ficariam bem. Você tem alguma dúvida disso? — Arthur mirou bem dentro dos olhos de Amanda e os dois ficaram se encarando por alguns segundos. — Tem ou não tem?

— Não. — Amanda respondeu, abaixando o tom.

Depois, se acalmou e virou para mim.

— Como você está, Luíza?

— Ela precisa de repouso. — Arthur respondeu por mim novamente, mas eu já estava cansada daquilo.

Tentei me levantar, mas não consegui firmar os pés e acabei caindo de bunda no chão.

Droga!

Arthur veio correndo na minha direção, preocupado.

— Por que você sempre tem que fazer o contrário do que as pessoas dizem? — Arthur me olhou com ternura e atrás dele, pude ver Suzana

PERIGOSAS NACIONAIS

revirando os olhos.

— Tinha esquecido o quanto vocês me davam náuseas. — Ela disse, fazendo careta. — Já estou indo. Boa sorte com o casal grude, amiga. — Suzana falou, batendo no ombro de Amanda.

— Já estou sentindo a diabete chegando. — Amanda riu.

— Ei! — Exclamei. — Vocês não podem parar com a brincadeira nem quando estou machucada?

— Não. As suas reações são as melhores. — Suzana respondeu.

— Não estou vendo a menor graça. — Emburrei a cara.

— Leva um espelho para ela, Amanda. Assim, quem sabe, ela veja. — E as duas caíram na gargalhada.

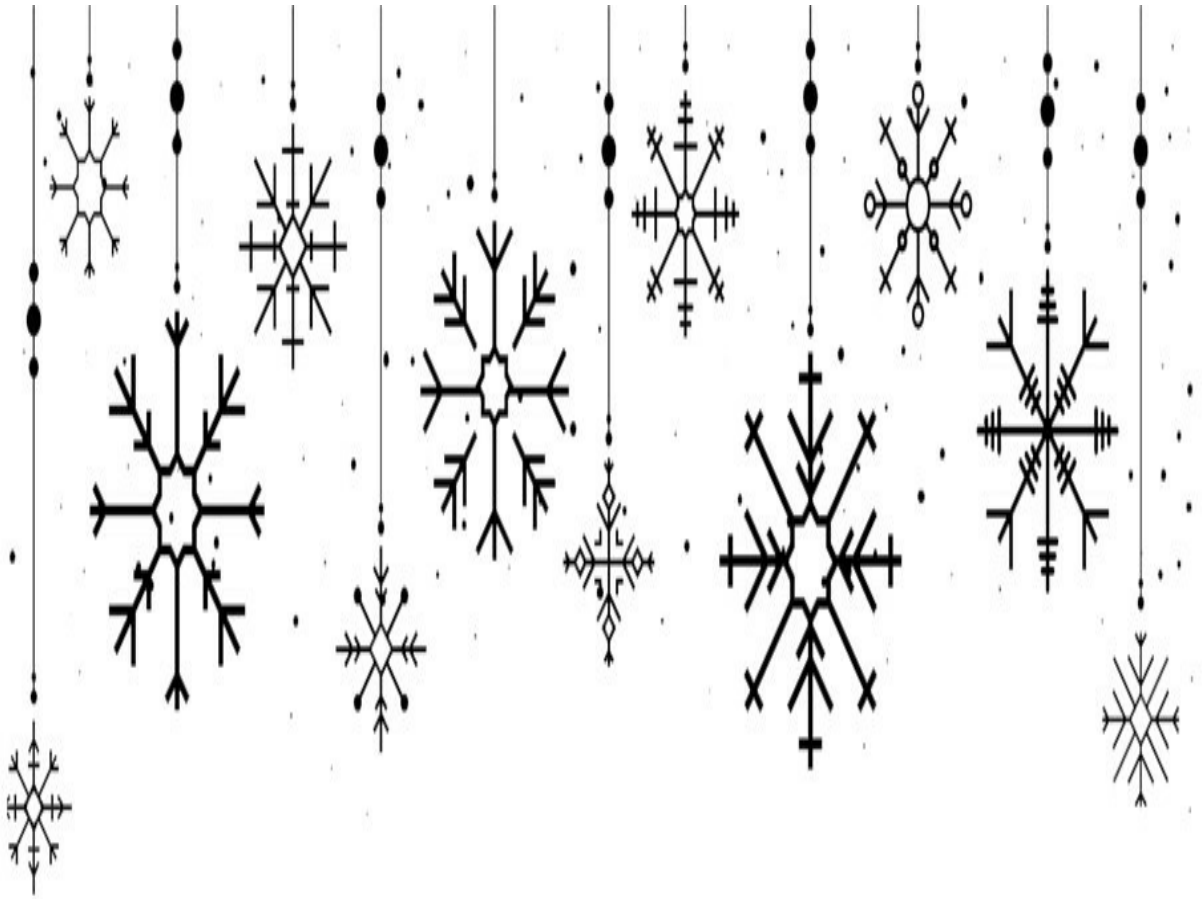
Que bom que eu estava divertindo alguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 26

PERIGOSAS ACHERON

Já fazia dois dias que eu estava deitada com aquela tala ridícula no pé, vendo televisão e me sentindo uma completa inútil. Minha mãe trazia as refeições no quarto e me ajudava no banho. Não que precisasse de tanto, mas eu não era louca de discutir com a dona Maria do Carmo.

Minha mãe era dura na queda.

Amanda e Angélica foram as primeiras a aparecer na minha casa, querendo notícias e enchendo minha mãe de perguntas, mas pedi que ela inventasse uma desculpa qualquer e as mandasse embora dali. Estava entediada, não desesperada. Ainda precisava de um tempo sozinha, longe de toda aquela confusão.

Logo em seguida, foi Arthur que apareceu. Fiquei surpresa quando escutei sua voz de longe. Nunca imaginei que ele viria até aqui. E daquela vez, eu nem precisei mentir. Minha mãe fez questão de deixar bem claro que ele não era mais bem-vindo naquela casa.

Não era do seu feitio ser indelicada com as pessoas, mas ela parecia diferente, como uma leoa

defendendo sua cria.

Escutei cada palavra calada e elas doeram na minha alma. Por mais que Arthur tivesse me magoado no passado, eu não gostava quando o tratavam mal. Até porque estávamos nos entendendo de novo e ele havia se mostrado bastante preocupado quando me machuquei.

As cenas daquela noite ainda estavam muito vívidas na minha mente, me deixando nervosa e, ao mesmo tempo, esperançosa.

Lembrava de Arthur me pegando no colo, do seu coração batendo forte contra o meu, do seu olhar aflito enquanto Felipe me examinava e os milhões de questionamentos sobre o meu estado.

Não o via aflito assim desde que fiquei resfriada e ele jurou não sair do meu lado até que eu me recuperasse.

Parando para pensar, Arthur sempre agia daquela maneira. Se algo acontecia comigo, ele parava tudo o que estava fazendo para ver se eu estava bem e se precisava dele.

Arrastei-me para a cama, pensando se deveria mesmo trazer aquelas memórias à tona.

Será que não estava tentando me lembrar das coisas boas apenas para diminuir a dor de saber que ele havia terminado comigo e colocado todos os meus amigos contra mim?

Eu tinha que parar de pensar naquilo.

Peguei um livro e comecei a folheá-lo, mas não consegui me concentrar no que estava escrito.

De repente, escutei um barulho vindo da janela do meu quarto. Encolhi-me com medo de que fosse um bandido ou quem sabe um fantasma.

Não sei por qual motivo, mas preferia muito mais que fosse um bandido do que um fantasma. Sabia que deveria ser o contrário, mas respeitava muito o lado sobrenatural das coisas. Não queria enfurecer o que quer que estivesse do lado de lá.

— Luíza! — Escutei aquela voz ao fundo e lembrei que minha avó dizia que quando escutávamos alguém chamando o nosso nome era a morte chegando.

Se ela achava que podia me levar, estava muito enganada.

Peguei o primeiro objeto pontudo que encontrei e me levantei devagar, preparando-me

PERIGOSAS ACHERON

para abater o que quer que tivesse tido a coragem de abalar a minha paz.

— Luíza, abre a janela. — Arthur pediu, grudando o rosto no vidro e eu dei um pulo de susto, quase caindo e piorando ainda mais o meu machucado.

— Quer me matar do coração? — Indaguei, soltando o objeto no chão.

Abri o trinco e dei um soco de leve nele. Deveria ter dado um forte, mas estava feliz em vê-lo.

— O que está fazendo aqui?

— Queria saber como você estava. — Ele falou baixinho, pulando para dentro do meu quarto. — Sua mãe não me deixou entrar.

— Eu escutei. — Admiti, envergonhada.

— Parece que ela não gosta mais de mim. — Informou, colocando as mãos nos bolsos.

Arthur estava com um casaco de capuz e uma touca por baixo. Não sei por que, mas sempre sentia vontade de apertar a bochecha dele quando ele fazia aquela expressão de menino

incompreendido.

— É.

— E você? — Arthur parou e olhou dentro dos meus olhos.

— Eu o quê? — Não entendi onde ele queria chegar com aquilo.

— Você ainda gosta de mim?

Não estava conseguindo controlar minha respiração. Por que Arthur tinha aparecido na minha casa àquela hora e estava me fazendo perguntas estranhas?

— Ah. Para com isso, Arthur. — Tentei afastá-lo. — Você bebeu ou alguma coisa parecida?

— Luíza? — Minha mãe me chamou e entrei em pânico.

Olhei para os lados, sem saber o que fazer. Pela distância da sua voz, ela estava na sala. Eu ainda tinha tempo.

Procurei as muletas às pressas e corri para trancar a porta. Seria horrível se ela me flagrasse com um homem no quarto. Pior ainda seria se o homem em questão fosse meu ex-namorado, que,

PERIGOSAS NACIONAIS

por acaso, ela odiava.

— O que foi? — Gritei para minha mãe, esperando que minha voz a impedisse de escutar enquanto eu dava a última girada na chave.

— Ouvi um barulho. — Ela estava se aproximando. Consegui escuta-la subindo cada degrau da escada e comecei a suar frio. — Está precisando de ajuda?

— Não, mãe! Está tudo bem.

Virei para a esquerda e dei de cara com Arthur, que estava a poucos centímetros, cheirando o meu cabelo.

— O que você pensa que está fazendo? — Sussurrei, ofegante.

— Você ainda usa o mesmo shampoo.

— Ai, meu Deus! Você quer me deixar maluca?

Passei as mãos pelo rosto, não acreditando no que estava acontecendo. Minha mãe estava prestes a entrar e nos pegar no flagrante e ele estava todo calmo.

— Por que essa porta está trancada? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mãe perguntou enquanto eu tentava fazer com que Arthur ficasse parado e quieto.

E agora? Como iria me livrar dela? Precisava pensar rápido. Continuar surtando não estava ajudando em nada.

— Estava trocando de roupa. — Respondi, tentando ganhar tempo.

Pense, Luíza. Tinha que haver uma saída.

— Trocando de roupa sozinha, filha? Você pode acabar caindo.

— Mãe, eu machuquei o pé e não, a bacia. — Irritei-me.

— Deixa-me entrar para te ajudar.

— Não precisa, mãe. — Reclamei.

— Luíza, abra essa porta agora! — Ela exigiu.

Meu coração acelerou e fiz sinal para que Arthur se escondesse dentro do armário.

— Não é muito clichê? — Ele cochichou, sorrindo com a situação, como se fossemos dois adolescentes novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu queria dar um murro na cara dele por me fazer passar por aquela situação, mas, no fundo, estava me divertindo com toda aquela adrenalina.

— Então, vai para debaixo da cama. — Dei um empurrão em Arthur para que ele me obedecesse de uma vez.

— O quê? — Minha mãe perguntou, achando que estava falando com ela.

— Eu disse que talvez precise trocar as roupas de cama. — Improvisei.

— Troquei elas ontem, Luíza. Você não lembra?

— É? Eu esqueci.

Respirei fundo e me preparei para destrancar a porta. Eu não podia deixar tão visível o meu nervosismo.

Antes me permiti dar uma última olhada para debaixo da cama. Arthur acenou para mim. Era hoje que eu teria um treco.

— Está tudo bem? — Minha mãe perguntou quando entrou no quarto, com olhos de águia, como se pressentisse que tinha alguém ali. Será que ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia? — E por que demorou tanto?

— Eu falei que estava trocando de roupa.

Por sorte, ela não notou que estava usando as mesmas peças de minutos atrás.

— E desde quando você tem vergonha de se trocar na frente da sua mãe? Eu já te vi pelada um monte de vezes.

Ao ouvir aquelas palavras, consegui imaginar Arthur rindo debaixo da cama.

— Mãe! — Chamei sua atenção.

— Mas é verdade.

— Está bem. Já viu que estou viva, não é?
— Eu precisava tirá-la dali antes que o Arthur fizesse algum barulho ou ela dissesse mais alguma besteira. — Agora eu preciso ficar sozinha.

— Tudo bem. Se precisar de mim, estou lá embaixo.

— Obrigada. — Agradei, empurrando-a porta afora.

Escutei seus passos se afastando e tranquei a porta novamente. Suspirei aliviada, e quando dei por mim, Arthur já estava ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Interessante o assunto de vocês. — Ele afirmou com lascívia.

— Fala baixo! Ou quer que ela volte aqui?

— Nem pensar. — Aproximou-se de mim, afagando meu ombro. — Prefiro ficar sozinho com você.

— Sério, Arthur. — Olhei dentro dos seus olhos. — Você bebeu?

— Só um pouco. — Ele piscou para mim.

— Sabia. — Respirei fundo. — Você sempre foi fraco com bebida.

— Senti sua falta.

Arthur era do tipo que fazia declarações quando bêbado, mas o conhecia o suficiente para saber que ele não lembraria de nada daquilo no dia seguinte.

Se ele achava que me faria de boba, estava muito enganado. Eu não cairia no seu charme.

— Senti falta da sua pele. — Sussurrou, tocando-me levemente. — Do seu cheiro. — E aproximou para apreciar o meu aroma. — E do seu gosto. — Sentenciou, beijando o meu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A sensação era indescritível, mas eu não podia me deixar levar por aquela armadilha. Arthur estava fora de si e amanhã tudo voltaria a ser como antes.

Mas, então, por que não aproveitar o agora e deixar para me preocupar com o amanhã quando chegasse a hora?

Não. Eram os meus sentimentos que estavam em jogo e eu não podia deixar que ele brincasse com eles novamente.

— Acho melhor você ir embora. — Exigi, empurrando-o. Arthur bambeou para o lado e se escorou na parede.

— Por quê? Eu acabei de chegar. — Fez-se de bobo.

— Por isso. — Apontei para ele. — Olhe para você. Mal consegue se manter em pé.

— Verdade. — Arthur me abraçou. — Preciso que fique perto de mim.

Não acreditava que ele estava usando aquela desculpa para se apoiar em mim. Logo eu? A garota com uma tala no pé? Cadê os modos daquele indivíduo? Ele não tinha escrúpulos.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, como sempre, eu fiquei com pena de Arthur. Não queria expulsá-lo naquele estado, então só o deitei na minha cama e escutei enquanto ele dizia palavras sem sentido.

Levantei-me devagar, apaguei a luz e deixei apenas o abajur ligado. Arthur procurou por mim, por isso corri para perto dele.

Não queria que ele falasse alto e acordasse os meus pais. Aquela era a minha melhor desculpa para ficar próxima dele. Estava novamente mentindo para mim mesma.

Ele me abraçou e fiquei olhando para o seu rosto sob a luz fraca. Ele era perfeito. Cada parte do seu corpo e rosto me atraíam e faziam com que meu coração ficasse apertado.

Tê-lo ao meu lado diminuía a dor que eu sentia, mas sabia que era apenas um paliativo, que logo ele iria embora e a dor voltaria com ainda mais força.

Arthur sussurrou mais palavras desconexas e depois, abriu os olhos e olhou-me sério.

— Você precisa saber a verdade.

O quê? Ele ia me contar algo agora?

PERIGOSAS NACIONAIS

Alcoolizado?

— Que verdade?

— Sobre o nosso término. — Revelou, embaralhando as palavras.

Entrei em desespero. Que verdade era aquela? Algo a mais tinha acontecido para nos separar fora a minha viagem?

Olhei para ele, afoita, esperando que ele me contasse, mas ele fechou os olhos e sua cabeça tombou para o lado.

— Arthur? — Chamei-o.

Ele não respondia, então dei uns tapas de leve no seu rosto para que ele acordasse.

— Arthur? — Repeti.

— O quê? — Ele abriu os olhos sem entender.

— Me fala que verdade é essa.

Ele fixou os olhos em mim e a expectativa me dominou. Era agora. A hora da verdade.

— A verdade é que eu te amo. — Arthur disse com todas as palavras, segurando meu rosto

PERIGOSAS ACHERON

próximo ao seu.

Por um segundo, fiquei hipnotizada, mas forcei-me a voltar à realidade.

— Estou falando sério, Arthur.

— Eu também. — E seu rosto assumiu uma nova expressão. De desejo.

Seus olhos se tornaram sedutores e começaram a examinar cada pedacinho do meu corpo. A saudade que eu sentia dele apertou e eu estava prestes a ceder. Eu o queria tanto, queria-o mais do que tudo na vida.

— Não sei como aguentei ficar tanto tempo longe de você. — Arthur acariciou a pele ao redor da minha boca. — Nós nascemos para ficar juntos. Você entende isso?

Balancei a cabeça, concordando com ele.

Era o que eu sentia dentro de mim. Mas como saber se Arthur também estava sendo sincero, que aquelas doces palavras não seriam facilmente trocadas por farpas?

— Você é tão linda. A mais linda de todas. — Ele sorriu com carinho. — Aqui. — Afirmou,

tocando meu rosto. — E aqui. — E colocou a mão perto do meu coração.

Arthur se aproximou ainda mais e consegui sentir o seu perfume. Fechei os olhos, permitindo-me aquela sensação e seus lábios alcançaram os meus.

Sua respiração também estava irregular. O desejo nos dominava. Ele segurou minha cintura com força e me puxou para mais perto dele. Podia sentir nossas energias se fundindo. Eu finalmente estava onde deveria estar, nos braços do homem que amava. De onde eu nunca deveria ter saído.

Ele me beijou como se sua vida dependesse daquilo e eu retribuí da mesma maneira. A falta que sentíamos um do outro era imensurável e queimava o peito.

Nós nos agarramos com força, como se a mínima distância pudesse nos levar para longe um do outro novamente. E tínhamos medo daquilo. Dava para saber que estávamos sentindo o mesmo em cada gesto.

— Senti sua falta. — Arthur declarou no meio de um suspiro, tentando se conter.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu fiz o mesmo, mas a vontade que eu tinha era de beijá-lo até o amanhecer.

— Eu também. — Admiti.

— Quero você para sempre, minha linda, minha Luíza. — Arthur acariciou o meu cabelo, me abraçando ternamente.

Era o que eu também queria, mas já havia escutado aquelas palavras antes.

Para sempre. Eu sabia o estrago que elas faziam.

Pela janela, conseguíamos ver as folhas voando junto com o vento forte que fazia lá fora. Arthur me abraçou e ficamos ali, aproveitando cada minuto juntos.

Uma lágrima solitária caiu pelos meus olhos, mas não deixei que ele notasse. Só o abracei ainda mais forte e desejei que aquele momento nunca terminasse.

— Lenda idiota! — Falei só para mim.

Se era para nevar quando encontrássemos o amor verdadeiro, então aquele era o momento.

A não ser que Arthur não fosse o amor da

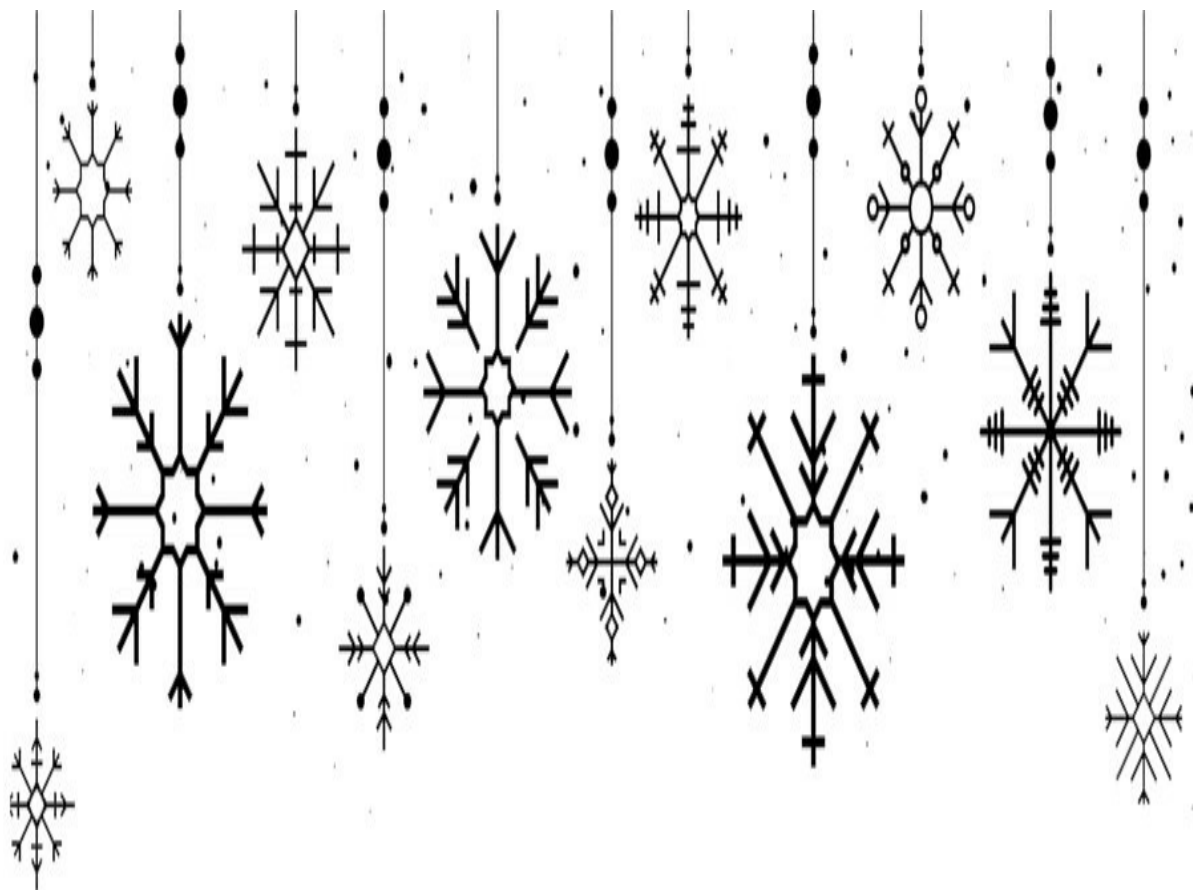
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida.

Não. Só podia ser ele. Não existia outra pessoa no mundo capaz de fazer o meu coração bater forte daquele jeito.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 27

Não consegui pregar os olhos a noite toda. E não só por causa dos acontecimentos anteriores, mas também porque o meu coração não parava de bater forte toda vez que o Arthur se mexia, me encontrava próxima a ele e acabava me abraçando.

Se a cama já era pequena para mim, imagine com Arthur ao meu lado.

A luz do dia entrou pela janela e fiquei admirando-o. Ele era tão perfeito. Não cansava de dizer aquilo a mim mesma.

Quando éramos mais novos, ele costumava pegar no sono quando assistíamos TV e eu passava o restante do tempo observando-o. Sempre tinha que inventar o que acontecia no filme ou dizer que tinha dormido também, para ele não desconfiar o que eu fazia de verdade.

A claridade devia ter o incomodado, pois ele deu um pulo e me olhou assustado.

Era agora, a hora que o conto de fadas teria um fim.

— O que aconteceu? — Arthur perguntou, coçando os olhos.

Ele não se lembrava. Amaldiçoei-me internamente por tê-lo deixado passar por aquela janela e se aproximar novamente de mim. Minha mãe estava certa em querer que ele ficasse o mais longe possível. Ele era um monstro.

— Você bebeu demais e entrou pela janela do quarto. — Tentei clarear sua memória.

— Nós fizemos alguma coisa?

— Claro que não. — Cuspi as palavras.

Não acreditava que tinha me deixado levar novamente pelas suas mentiras. Eu era uma completa imbecil.

Ele parou para pensar e eu não sabia se ele estava aliviado ou decepcionado.

Devia estar aliviado. Agora poderia ir embora e voltar para sua vidinha longe de mim.

Eu nunca admitiria o que tinha acontecido entre nós. Para quê? Para ele jogar na minha cara que tinha algum controle sobre mim? Porque ele não tinha.

Abaixei a cabeça, pesarosa. Estava mentindo novamente. Sabia que não conseguia

conter aquele maldito sentimento dentro de mim.

De repente, Arthur começou a dar voltas pelo quarto.

Talvez estivesse se lembrando e pensando como sairia daquela situação. Será que ele achava que eu iria grudar nele e achar que estávamos namorando de novo? Eu parecia tão infantil assim para não saber que aquilo foi só uma noite sem significado para ele?

Abri a boca para dizer algo, mas ele me interrompeu.

— Nós nos beijamos. — Arthur parecia estar finalmente se lembrando. — E eu disse que ainda te amava.

— Sim. Mas não se preocupe. — Tentei manter a expressão calma e não revelar os meus verdadeiros sentimentos. — Eu sei que você estava bêbado. Vamos esquecer isso.

— O quê? — Agora, ele parecia surpreso.

— Foi só uma recaída. — Falei cada palavra sentindo-as me rasgando uma a uma.

— Foi assim para você? — Seu olhar era

gelado e quente ao mesmo tempo.

Gelado, como se algo tivesse morrido dentro dele. E quente, como se fosse explodir a qualquer momento.

Eu não sabia se dizia a verdade ou sustentava a mentira, mas optei pela alternativa mais fácil.

— Sim. — Menti.

Ele aproximou o rosto do meu e travou o maxilar.

— Não foi e você sabe disso. — Arthur começou a falar mais alto.

— Fica quieto. — Tapei sua boca. — Quer que a minha mãe venha aqui e entenda tudo errado?

Ele afastou minha mão e respirou fundo, aparentemente irritado.

— Vamos continuar mentindo para nós mesmos?

Agora, parecia que ele faria um buraco no chão de tanto que rodava pelo quarto, feito um louco.

— O quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sobre nós dois. — Arthur parou e olhou fixamente nos meus olhos. — Está bem claro que ainda há algo entre nós.

Engoli em seco. Não sabia quanto tempo mais aguentaria continuar mentindo.

— Pelo menos, da minha parte ainda existe. — E sua expressão ficou triste.

— Eu, eu... — Eu não conseguia falar.

— Luíza, você ainda sente algo por mim?

Que tipo de pergunta era aquela? Ele achou mesmo que tudo o que vivemos poderia ser apagado? Que eu poderia esquecer de cada sorriso, olhares e beijos roubados?

De repente, o ambiente começou a ficar quente.

Tentei sair de perto de Arthur para pegar um ar, pensar, fazer alguma coisa, mas ele me segurou onde estava.

— Quero que você diga olhando nos meus olhos. — Ele apertou a minha cintura e aproximou o rosto do meu.

Senti sua respiração no meu pescoço. Eu

PERIGOSAS ACHERON

precisava sair dali. Não aguentaria mais um segundo perto dele sem sentir o gosto dos seus lábios, sem agarrar aquele corpo perfeito e abraçá-lo, como eu quis no momento em que coloquei meus olhos nele, assim que cheguei de viagem.

— Luíza? Me diga. O que você sente por mim?

Eu não sabia se aquilo era um teste, se ele só queria ter certeza de que ainda podia brincar com os meus sentimentos, eu não sabia de nada. Só sabia que não suportaria viver o resto da minha vida com o arrependimento de não ter dito a verdade quando tive a chance.

Se ele me magoaria dali para frente era um risco que eu precisava correr. Se ele me deixaria no chão com o coração sangrando novamente, era um problema somente meu, mas eu não seria covarde.

Ele queria saber o que eu sentia? Pois bem. Eu mostraria a ele.

Senti como se uma chama tivesse se acendido no meu peito. Todo o amor, toda a saudade e os sentimentos que guardei, finalmente deixaria que transbordassem e emanassem do meu

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo até o dele.

Aproximei-me, segurei o seu rosto rente ao meu e olhei fixamente nos seus olhos. Ele teria que entender uma coisa. Ele era meu.

Então, puxei seus cabelos e escutei sua voz, implorando por um beijo. Mas não seria tão fácil assim. Agora, eu estava no controle.

Aproximei meus lábios da sua boca e quando ele achou que eu o beijaria, desviei para a pele do seu rosto. Senti o seu cheiro e fechei os olhos em transe.

Ai, como eu tinha sentido falta daquele cheiro.

Abracei-o com força e senti suas mãos envolverem meu corpo. Como eu o queria.

Colei a testa na sua e o olhei com a respiração acelerada.

Senti um arrepio passar pela minha espinha, fechei os olhos e me deixei levar por todos os sentimentos que eu havia trancafiado dentro de mim.

Agora não era hora de remoer o passado

PERIGOSAS ACHERON

nem de chorar pelo tempo perdido. Era a hora de ser livre e fazer tudo aquilo que eu tivesse vontade.

Senti sua língua entrar dentro da minha boca, quente. E Arthur me pegou no colo, rodopiando pelo quarto. Esperava que minha mãe não ouvisse nada.

Ele me jogou na parede, com cuidado para não machucar ainda mais o meu pé e eu passei as pernas pela sua cintura, agarrando-me ainda mais a ele e afundando o meu rosto no seu pescoço.

Beijei todos os pontos do seu rosto até chegar aos seus lábios novamente e nós nos beijamos com a mesma paixão e urgência da noite passada.

Ele era meu. Meu Arthur de sempre. Nunca deixamos de ser um do outro.

Então, afastei o rosto e olhei para ele, maliciosa.

— Respondi sua pergunta?

Ele deu o sorriso mais lindo do mundo.

— Você não presta!

Eu ri. Logo eu?

Se bem que Amanda vivia dizendo que as quietinhas eram as piores.

De repente, Arthur ficou sério e me sentou na cama. Eu não entendi bem.

— De qualquer forma, Luíza. Eu gostaria de ouvir.

O quê? O que ele queria ouvir?

E, ele continuou:

— Já houveram muitas palavras não ditas durante todos esses anos e eu gostaria de ouvir o que você realmente sente por mim, e o que somos um para o outro.

Ele queria uma conversa séria? Logo agora? Eu não estava acreditando.

Mas tudo bem. Arthur estava certo em querer dar um fim àquela enorme teia de desentendimentos em que nós nos envolvemos e que só nos afastou. Aquilo era uma prova de que ele realmente se importava comigo e que levava a sério os nossos sentimentos.

— Eu nunca deixei de te amar.

E era verdade. Um amor que suportou o

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo e a distância, que me fez sorrir e me fez chorar, que me levava do céu ao inferno em questão de segundos, mas que eu não trocaria por nada no mundo.

Eu nunca tinha me arrependido do amor que sentia por Arthur. Que pessoa infeliz eu seria se não tivesse encontrado o amor em seus braços.

— Então, volta para mim. — Ele agachou na minha frente, apreensivo. Parecia com medo de que eu não aceitasse, que saísse correndo para longe dele.

— Assim, do nada?

Milhões de pensamentos me atingiram naquele momento.

E os cinco anos fora, e o nosso término, e tudo o que passamos? Claro que nosso amor era maior do que aquilo tudo, mas não podíamos resolver algo tão importante de uma hora para a outra.

Tentei organizar as ideias, mas estava difícil de acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. Sonhei tantas vezes em ouvir aquelas palavras, que ele me pedisse para voltar, que agora

PERIGOSAS ACHERON

não parecia real.

— Nós nunca deveríamos ter nos separado, minha linda. — Arthur se aproximou e pegou minha mão. Em seguida, a beijou.

Por que Arthur falava tudo aquilo de forma tão natural? Por que para ele parecia tão fácil apagar tudo que tinha acontecido?

Eu sabia que precisava deixar o passado no passado, mas a forma como fui tratada durante aqueles anos não deixava de me incomodar.

— Mas nos separamos. — Eu me levantei e o olhei de forma implacável. Arthur viu que eu estava sendo tomada pelo rancor. — Você terminou comigo, lembra?

Nos meus olhos tinham mágoa. Nos dele, tristeza. Talvez, arrependimento. Mas eu não iria aliviar o lado dele. Ele tinha me feito sofrer e agora, precisava ouvir a verdade.

Apertei forte a almofada em cima da cama antes de declamar as próximas palavras.

— E eu passei anos sozinha enquanto vocês estavam aqui, fazendo sei lá o quê da vida. — Falei tudo de uma vez só e depois, respirei fundo. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixaria que as lágrimas chegassem aos meus olhos.

Arthur ficou parado, sem dizer nada. Ele ainda não tinha uma justificativa para aquilo tudo. Ele teve anos para pensar em uma boa desculpa, mas todos sabíamos que não tinha uma.

— Você nunca vai me perdoar, não é? — Arthur finalmente voltou a falar.

— Como vou perdoar se nunca entendi direito o que aconteceu?

— Eu fui um idiota. Foi isso que aconteceu.

Aquela não parecia a explicação verdadeira. Mas por que eu sempre ficava achando que havia algo a mais? Por que tentava justificar as besteiras de Arthur?

Ele tinha sido um imbecil. Só. Fim de papo.

Mas por que, no meu coração, eu não sentia que era só aquilo? Talvez eu fosse a idiota, no final das contas.

— E o que você quer que eu faça com essa informação? Que finja que os cinco anos de tortura não existiram?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu só achei que poderíamos recomeçar, do zero, esquecer o passado e focar no agora. — Arthur tentou se aproximar, mas não deixei. Sabia que não resistiria ao seu charme, seu corpo perto do meu.

— E quando eu for embora novamente? Vão todos fingir que não existo novamente?

E então, sua expressão mudou. Ele parecia abatido.

Ai, não. Aquilo iria me desarmar. Eu não conseguia vê-lo triste.

— Você precisa mesmo ir? — Ele corrigiu a postura e reformulou a pergunta. — Quer dizer. Você quer mesmo ir?

Passei a mão pelo rosto, desesperada. Claro que eu não queria ir. Eu nunca quis passar tanto tempo longe dele, mas depois do modo como ele me tratou em frente à sua casa cinco anos atrás, ficar longe parecia a única maneira de esquecê-lo e parar de sofrer.

Algo que nunca aconteceu, porque Arthur viveu na minha lembrança a cada passo que eu dava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Arthur, eu tenho um trabalho. Há tanto o que se pensar.

— Pensei que você estava gostando de dar aulas.

— E estou.

Aquelas duas palavras foram suficientes para que uma faísca iluminasse os seus olhos. Ele estava criando esperanças.

— E não pode se imaginar continuando aqui?

Minha cabeça estava confusa. Eu não queria deixá-lo triste, mas também não queria dizer algo do qual eu não tivesse certeza.

— Talvez.

— É o suficiente.

Agora, deixei que ele se aproximasse. Eu queria abraçá-lo. Aquela conversa estava me deixando triste. Estávamos tão bem antes.

— Vamos deixar que o destino decida.

— Só não quero que depois você diga que eu te enganei.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei. — Ele puxou meu rosto. — Vai ficar tudo bem. Nós vamos dar um jeito. Sem falar que posso aprender a falar outras línguas e ir com você também, não é? Eu posso ser garçom ou qualquer outra coisa.

— Está falando sério? — Eu dei uma gargalhada.

— Você não quer que eu vá com você?

Na sua testa, apareceu uma ruga de preocupação.

— Claro que quero, mas não é por isso.

Arthur afastou meu cabelo do rosto e o afagou.

— Não me peça mais para ficar longe de você. Nunca mais.

— Mas... — Relutei.

Minha mente ainda ficava criando desconfianças. Por que ele não agiu assim há cinco anos? Por que não ficou ao meu lado?

— Chega de mas. — Nós nos beijamos e ele me abraçou forte.

Eu queria acreditar em Arthur, queria
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

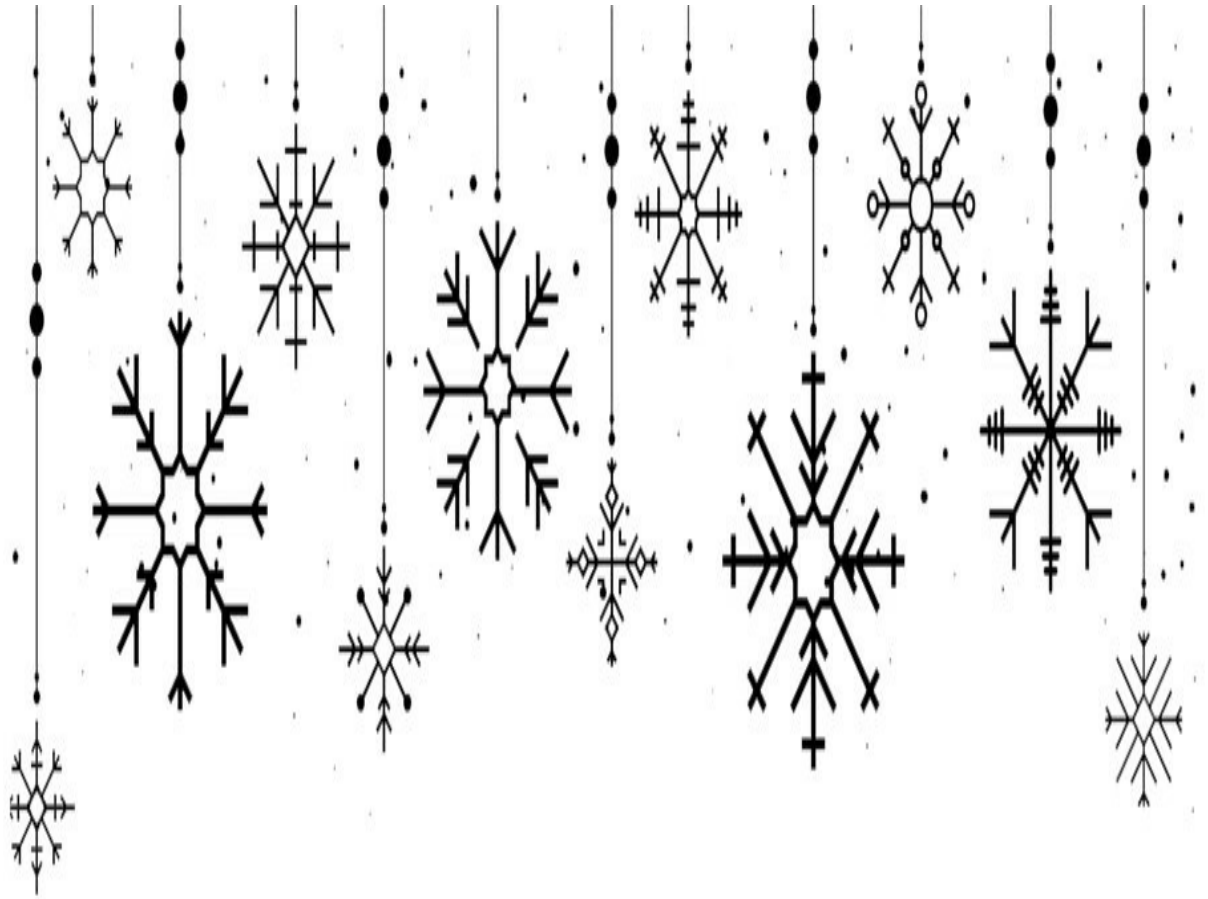
restaurar a confiança que tinha nele. E mais, eu precisava dar uma chance para mim, para nós, para o amor. Queria voltar a acreditar naquele sentimento que movia o mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 28

PERIGOSAS ACHERON

Naquela semana, Arthur pulou a minha janela quase todos os dias. Aquilo estava se tornando rotina. E que a verdade fosse dita: eu estava adorando.

Ele aproveitava o horário que a minha mãe estava no pilates e o meu pai no trabalho, para me visitar. Às vezes, vinha à noite quando todos estavam dormindo e ficávamos falando baixinho, admirando as estrelas pela janela do meu quarto.

Parecia um sonho tê-lo ao meu lado novamente depois de tantos anos distante. Poder abraçá-lo enquanto olhava a lua, sentir seus braços envolta do meu ombro, seus beijos na minha testa.

A curiosidade em saber o que tinha acontecido cinco anos atrás ainda me consumia, embora Arthur afirmasse com veemência que não era nada. E se eu tinha mesmo resolvido perdoá-lo, não guardaria rancor. Se tinha decidido recomeçar do zero, não ficaria voltando em questões do passado.

Talvez eu o tivesse perdoado cedo demais, talvez deveria ter feito Arthur sofrer e esperar mais,

mas quando se trata de assuntos do coração, às vezes nós perdemos o controle. E se era realmente ele que eu amava com toda a minha alma, para que ficar fazendo joguinhos?

Se houvesse algo que Arthur ainda precisasse me contar, eu teria que confiar que ele me contaria, no tempo certo.

Meu pai estava sempre no trabalho e hoje, em especial, minha mãe ficaria fora à tarde inteira. Liguei para Arthur e ele afirmou que daria uma escapadinha do trabalho para passar um tempo comigo.

Depois do almoço, fiquei trocando os canais da televisão e o meu coração acelerava sempre que escutava algum ruído vindo da janela. Quanto mais tempo passava com Arthur, mais tempo queria ficar. Às vezes queria que o dia tivesse mais horas, só para poder ficar agarrada a ele, sentindo seu cheiro e beijando sua boca.

Quando enjoei de esperar, Arthur apareceu.

— Oi, linda. — Ele me cumprimentou, me dando um beijo assim que chegou.

— Oi. — Sorri.

Não podia estar mais feliz. Finalmente, o mundo parecia estar rodando na direção certa outra vez. Era ao lado de Arthur onde eu deveria estar. Era ele que eu amava e sempre iria amar.

— O que acha de sairmos um pouco daqui?

Arthur olhou ao redor. Eu sabia que ele era um pouco hiperativo, não gostava de ficar muito tempo preso em lugares fechados, gostava de caminhar e sentir o vento no rosto. Mas como eu poderia fazer todas aquelas coisas se estava parecendo o Saci Pererê?

Sabia também que ele me levaria para todos os lados no colo se fosse preciso, mas eu não queria que soubessem que estávamos juntos novamente. Não agora.

— Não sei. — Enrolei os fios do meu cabelo, pensando na sua proposta.

— Ah. Vamos? — Arthur fez aquela voz galanteadora de quando queria alguma coisa, mas meus olhos pararam em outro lugar.

Arthur estava lindo de calças jeans e uma camisa social cinza com botões de cima a baixo, esculpindo seu corpo sensual. Eu não acreditava

que aquele homem era meu. Todinho meu.

Então, notei algo diferente.

— Podemos negociar. — Pisquei para ele. Sabia que Arthur gostava quando eu ficava mais ousada.

— É mesmo? — Arthur começou a beijar o meu pescoço com gosto, e, depois, me empurrou na cama. — Como posso lhe servir, madame?

— Tire a camisa. — Ordenei, fixando o olhar no dele.

— O quê? — Ele arqueou as sobrancelhas, confuso. — Mas, assim, tão rápido? Sem nenhum cineminha antes? Nada?

— Você é mesmo um bobo. — Eu caí na gargalhada. — Não notou que tem uma mancha enorme aí? — Apontei para a sua camisa e ele levantou correndo da cama.

Apoiou-se na minha penteadeira, para olhar no espelho.

— Nossa! — Arthur coçou a cabeça. — Eu sou mesmo um estabanado. Isso deve ser algum molho que caiu no meu horário de almoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, me dê ela aqui. Vou passar uma água rápida e secar no ferro. — Levantei devagar e ele correu para me ajudar.

Arthur me tratava como se eu fosse de porcelana.

— E dá para fazer isso? — Ele parecia surpreso.

— Claro que dá. — Afirmei enquanto desabotoava sua camisa.

Arthur se animou e partiu para cima de mim, tocando minha cintura e subindo pela minha barriga, me provocando arrepios.

— Você não queria sair? — Eu o interrompi.

— Podemos sair mais tarde. — Comentou enquanto me imprensava na parede e me virava de costas para beijar a minha nuca.

— Calma, Arthur. — Pedi entre arquejos.

Eu o queria, óbvio que queria, mas tínhamos voltado há pouco tempo. E sim, passamos algumas noites abraçados, ansiosos por algo mais, no entanto, ainda era cedo para deixarmos que o

PERIGOSAS ACHERON

clima esquentasse daquela forma. Eu ainda tinha meus receios.

Arthur parou, me olhando com prazer e começou a tirar a camisa. Não sabia como explicar a ele como estava me sentindo, que ainda não era o momento, mas diferente do que pensei, ele não estava tentando forçar nada. Ele já tinha entendido.

— Aqui. — Ele me entregou a camisa e beliscou minha bochecha, sorrindo. — Faça sua mágica.

Peguei a peça de roupa e Arthur me puxou para o seu colo rapidamente.

— Para aonde vamos, senhorita?

— Para a cozinha. — Eu ri. Arthur estava se divertindo, me carregando para todos os lados.

Ele desceu as escadas comigo em seus braços e parava às vezes, para beijar o meu rosto e dizer como eu era linda. Arthur era muito carinhoso e divertido.

Assim que ele me deixou no chão, aproximei-me do tanque na área de serviço, para lavar o local que estava sujo. Arthur ficou beijando o meu pescoço e gemendo baixinho ao pé do meu

PERIGOSAS ACHERON

ouvido enquanto eu esfregava a mancha.

Joguei água fria nele para ver se ele se acalmava, mas Arthur sorriu e agarrou-me pelo quadril, levantando-me e me apoiando na máquina de lavar roupas.

Com delicadeza, puxou minhas pernas para que ficassem envolta do seu corpo e apertou-me ainda mais contra ele.

Meu coração acelerou. E se minha mãe voltasse mais cedo e presenciasse aquela cena?

— Arthur?

Daquela vez, ele não parecia estar me ouvindo, concentrado nas carícias que estavam me levando à loucura.

— Arthur? — Repeti, tentando sair de suas garras, antes que não pudesse mais me controlar.

Ele respirou fundo e se afastou.

— Desculpa. — Disse, tentando pegar ar.

— Tudo bem. — Falei, procurando o ferro para secar a camisa.

Ele ficou me olhando desconfiado enquanto saía uma fumaça de sua camisa. Garanti a ele que

PERIGOSAS ACHERON

aquilo era normal.

Quando terminei, entreguei a camisa e procurei uma roupa limpa para mim no varal. Fui ao banheiro mais próximo, para colocá-la.

Aproveitei o distanciamento para respirar também. As coisas estavam saindo do controle.

Se continuasse assim, eu não conseguiria resistir. Tinha que diminuir as vindas dele aqui. Precisava de alguém por perto para me frear. Foi quando tive uma ideia.

— Vamos? — Saí do banheiro após enfiar um vestido roxo pela cabeça, colocar uma rasteirinha em um pé e me apoiar nas muletas.

— Você está linda. — Os olhos de Arthur brilharam.

— Você também. — Dei-lhe um beijo.

— Onde você quer ir?

— Não sei. Descobriremos quando estivermos na rua.

— Tem razão.

Arthur já ia saindo pela porta principal quando o lembrei que ele podia dar de cara com a

PERIGOSAS ACHERON

minha mãe chegando. Ou que um vizinho pudesse vê-lo.

— Você quer que eu volte pela janela? — Perguntou desanimado.

— Não faz essa cara, você sabe que o meu coração dói.

— Até quando vamos ficar nos escondendo de todos? — Ele emburrou a cara.

Aproximei-me e desfiz os nós em sua testa, passando os braços pelo seu ombro e lhe dando um beijo.

— Nós voltamos a nos entender faz pouco tempo e não quero as pessoas dando opinião. — Expliquei, afagando o seu cabelo.

— Vamos namorar escondido?

Havia tanta expectativa em seus olhos. Talvez, até medo. Não queria que Arthur se sentisse daquela maneira. Só estava sendo cautelosa. Por nós dois.

— É por pouco tempo. — Garanti, tentando fazê-lo sorrir.

Ele não parecia feliz, mas concordou

comigo.

Como não podíamos andar de mãos dadas no parque, comer pipoca, tomar sorvete, ir ao cinema nem nada parecido, como Arthur fez questão de me lembrar desde o momento em que saímos da minha casa, tínhamos que ir para a casa dele e voltar para o convívio social.

Aquilo fazia parte do meu plano, afinal perto de todos, não teria como o Arthur ficar me agarrando o tempo inteiro ou eu cair em tentação. E era daquilo que eu precisava. Pelo menos, por enquanto.

Depois de uma pequena caminhada, em que Arthur reclamou o percurso inteiro, chegamos na frente da casa dele.

Tentei mostrar o céu e as flores desabrochando, mas ele estava de cara amarrada, por não poder se aproximar, me dar um beijo ou tirar uma foto perto de uma árvore qualquer.

Arthur era assim. Queria tirar fotos nos lugares mais engraçados do mundo.

No início do nosso namoro, eu brincava que ele parecia aquelas mães que obrigavam suas filhas

PERIGOSAS NACIONAIS

a tirar fotos abraçadas com arbustos. Ele dizia que era bom ter lembranças das pessoas e dos lugares que nós amávamos.

Entramos juntos na casa dele. Não tínhamos lembrado de nos separar e entrar um de cada vez. E mesmo se eu tivesse entrado primeiro e ele esperasse um tempo para chegar, ainda assim pareceria suspeito.

— Não acredito! — Amanda levou a mão à boca assim que me viu. — Resolveu sair da toca, criatura?

— Sim. Ainda está horrível andar com essa muleta, mas se passasse mais um dia em casa, eu me enforcaria. — Fiz uma cara de tédio forçada e depois, olhei disfarçadamente para Arthur, sorrindo.

Alice veio correndo para me abraçar.

— Estava morrendo de saudades de você, tia Malu. — Alegou, apertando-me com força.

Aquela menina algum dia ainda me mataria do coração.

— Eu também, pequena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando vai voltar a me dar aulas?

— O quanto antes. — Informei.

— Olha os modos, Alice. — Angélica apareceu de repente, dando uma bronca na filha. — Não viu que a Luíza está machucada?

— Eu também não vejo a hora de voltar, Angélica. — Afirmei, cumprimentando-a.

— Viu? — Falou Alice, mostrando a língua para a mãe.

— Olha que você vai ver. — Angélica ameaçou e Alice saiu correndo para longe de nós.

Eu ri.

— Vocês estavam juntos? — Amanda apontou para Arthur e eu.

E o meu sorriso desapareceu.

— Encontrei ela no portão. — Arthur respondeu na frente. — Uma coincidência.

— Esses dias estão cheios de coincidências. — Amanda sugeriu, cheia de veneno. — Arthur vive sumindo agora. Ligaram do hospital, sabia? — Ela se virou para o irmão. — Perguntaram se você estava melhor da dor no estômago.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Merda! Provavelmente, era aquela a desculpa que Arthur havia dado para sair mais cedo.

— Achei engraçado, porque você não voltou para casa. Não ligou, nem nada. — Amanda continuou, com um olhar de diversão. — E falando nisso, vi sua cama intocada outra vez. Onde tem dormido?

— Não é da sua conta. — Arthur respondeu e se retirou do ambiente, pisando forte.

— Sei. — Ela franziu a testa. — E você?

— O que tem eu? — Perguntei com cara de culpada.

— Quando vai tirar essa tala?

Soltei o ar, aliviada. Ela não tinha como saber de nada.

— Na segunda-feira. — Sentei no sofá ao lado dela e Amanda me deu um abraço.

— Finalmente.

— Nem me fale. — Bufe.

— Tem algum compromisso para essa noite? — Amanda perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

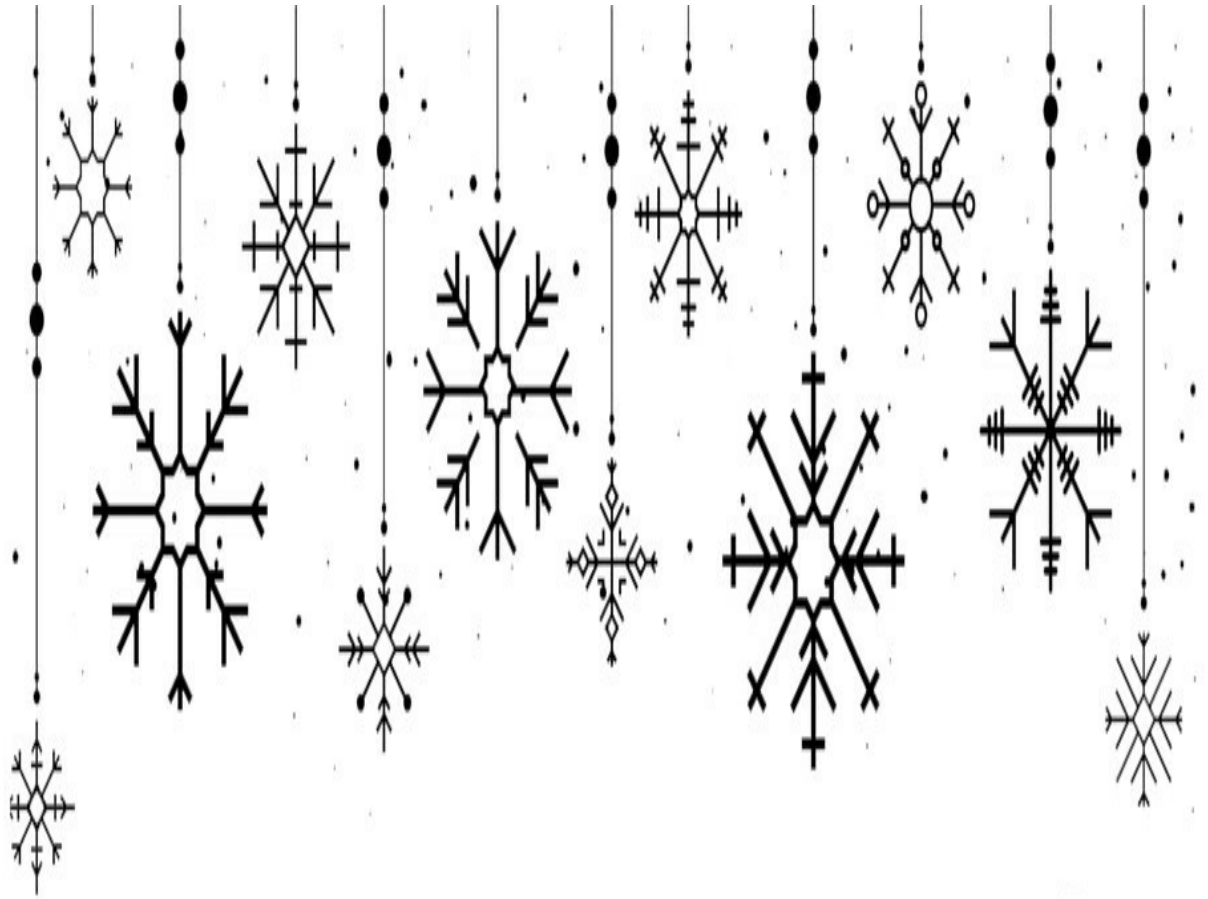
— Não. — Respondi sem pensar.

— Agora tem. — E ela pareceu ter uma ideia brilhante. — Noite das garotas! — Gritou e começou a procurar por algo. — Preciso ligar para Suzana.

Pensei em protestar, mas já tinha ficado longe delas tempo o suficiente. E a verdade era que eu estava morrendo de saudade daquelas malucas.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 29

Amanda tinha a mania de transformar tudo o que fazia em algo grandioso. Talvez fosse o lado organizadora de eventos dela falando mais alto.

Portanto, não foi nenhuma surpresa quando entrei em seu quarto naquela noite e vi os colchões no chão, uma mesinha no centro, com uma variedade de doces e pipoca, e um telão na parede, que ela provavelmente devia ter obrigado os meninos a colocar ali.

Eu raramente gostava dos seus exageros, mas tinha que admitir que tinha gostado do clima aconchegante que Amanda havia criado.

Suzana já chegou trazendo bebidas alcoólicas, para o que seria apenas uma festa do pijama, e Angélica avisou que tinha deixado Alice na casa da avó.

— E o Biel? — Perguntei para Amanda.

— Está dormindo com Arthur.

Eu sorri, imaginando a cena quando Amanda continuou:

— Por quê? Já está com saudades?

— O q-quê? — Gaguejei.

— Só estou brincando. — Ela disse dando um tapinha no ar.

Fiquei nervosa. Será que Amanda sabia de algo ou estava só jogando verde?

— O que está rolando? — Suzana ficou curiosa.

— Não é nada. — Amanda sorriu e virou de bruços no colchão, balançando os pés e apoiando a mão no queixo. — Vamos colocar os assuntos em dia? — Ela direcionou o olhar para o círculo que se formou ao seu redor.

Angélica estava sentada com as pernas cruzadas em uma posição semelhante a que vemos no yoga, Suzana jogada num canto, folheando algumas revistas e eu, parada, roendo as unhas, ainda pensando na indireta de Amanda.

— Eu não tenho nada para contar. — Dei de ombros, tentando parecer convincente. — Passei esses dias todos deitada em casa com essa tala idiota no pé. — Apontei para o acessório que eu não via a hora de tirar.

Amanda me olhou, como se dissesse: “Vou
PERIGOSAS ACHERON

fingir que acredito em você”, mas eu virei para o lado, tentando disfarçar.

Será que havia alguma possibilidade de Amanda saber sobre as minhas noites escondida com seu irmão?

Não. Ela estava blefando.

— Pois eu tenho novidades. — Angélica comentou e os olhares se viraram para ela.

Eu dei graças a Deus.

— Conta tudo. — Suzana falou com uma voz que eu considerava engraçada.

Parecia que estávamos em um daqueles filmes adolescentes e, a qualquer momento, aquilo se tornaria O Clube Dos Cinco, sendo que éramos apenas quatro.

Por mais que não tocássemos no assunto, o lugar da Melissa ainda parecia ali, vazio. Ninguém tinha a perdoado, mas a verdade era que sentíamos sua falta.

Não dela exatamente, mas da nossa amiga de infância. Daquela menina loira irritante, que sempre queria o controle remoto da televisão, que

roubava a bebida dos pais e nos fazia pular a janela do quarto à noite escondido para andar pelas ruas de Nova Aliança, escoradas umas às outras, olhando o céu e divagando sobre qualquer assunto.

Sentíamos saudade das lembranças boas, não da pessoa em si.

Nós quatro nos encaramos, fingindo não termos pensado a mesma coisa, e, enfim, nos concentramos na novidade de Angélica.

— Eu me inscrevi para o vestibular. — Angélica anunciou animada.

Suzana e Amanda ficaram sem reação, como se tivessem um ponto de interrogação gigante bem no meio de suas testas.

Eu sinceramente não sabia como uma notícia tão natural, ainda provocava surpresa nas pessoas daquela cidade.

— Que ótimo! — Tentei melhorar a atmosfera do ambiente. — Já escolheu o curso? — Perguntei e as meninas pararam de olhar para Angélica como se ela fosse um E.T.

— Psicologia. — Angélica abriu um enorme sorriso. — E sei que são muitos anos de PERIGOSAS ACHERON

estudo e tudo mais, mas é o que eu sempre sonhei.

— Se é o seu sonho, corra atrás dele sem olhar para trás. — Suzana se pronunciou pela primeira vez.

— Isso aí! Você consegue, garota! — E Amanda concordou, dando tapinhas nas costas de Angélica.

Fiquei feliz de ver aquela cena.

— Mas vocês não sabem quem encontrei na lanchonete do shopping depois de fazer a minha inscrição. — Angélica assumiu um ar misterioso.

— Quem? — Todas perguntaram ao mesmo tempo.

— Melissa.

Fizemos um minuto de silêncio até que Suzana fez uma voz de nojo e disse:

— Não suporto nem ouvir esse nome!

— Vou contar a história do início. — Angélica se arrumou no colchão e todas nós a observamos com expectativa.

— Conta. — Amanda era a mais empolgada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na fila da inscrição, conheci uma menina muito bacana e ficamos bastante amigas. — Comentou alegremente. — Depois, a chamei para comer algo na lanchonete. Estávamos conversando sobre a faculdade quando notei Melissa sentada em uma mesa perto de nós, como se estivesse nos expiando.

— E aí? — Suzana sequer piscava, como se Angélica fosse fazer a revelação do ano.

— Ela levantou, veio na minha direção e perguntou se eu não me achava velha demais para fazer faculdade.

Todas nós ficamos boquiabertas.

— Que ódio daquela vaca! — Suzana urrou, levantando-se no impulso.

Ela parecia prestes a bater em alguém.

— E você? — Amanda ignorou a cena de Suzana e virou-se para Angélica, parecendo preocupada.

— Eu fiquei paralisada, sem acreditar que um dia ela tivesse sido minha amiga.

— Eu sempre disse para vocês que ela não

PERIGOSAS ACHERON

prestava. — Suzana repetiu seu bordão. — Como eu queria estar lá para arrancar cada fio de cabelo da cabeça dela.

Amanda parecia a mais contida, depois de mim. Ficou pensando por um tempo até que deu a sua opinião.

— Eu fico com pena é do Felipe por ter aguentado aquela idiota por tantos anos.

Suzana olhou para Amanda e sorriu. Eu sabia que vinha piada por aí.

— Pelo menos, ela deixou o caminho livre para você.

— Já disse que somos só amigos. — Amanda se defendeu.

— É assim que começa.

— Cala a boca. — Amanda jogou uma almofada em Suzana e todas rimos.

— Vou ao banheiro. — Falei antes que alguém perguntasse o que eu achava daquilo.

Eu era a pessoa que Melissa mais tinha magoado. Sabia também que ela não tinha errado sozinha, mas eu já havia perdoado Arthur e não ia

ficar voltando naquela história para sempre. Aquilo só iria me magoar.

Saí mancando e me apoiando nas paredes. Por sorte, o banheiro era bem próximo ao quarto de Amanda.

Assim que entrei, vi que ela tinha mudado algumas coisas. Na primeira vez que entrei ali, estava uma grande bagunça, mas hoje o lugar estava limpo e bastante organizado.

Amanda tinha trocado os tapetes e toalhas, colocado um vasinho com flores de plástico e um potinho com sabonetes artesanais em cima da bancada. Também colocou lâmpadas próximas ao espelho.

Acendi-as e olhei meu reflexo no espelho enquanto tomava um pouco de ar. A verdade era que eu não estava com vontade de vir ao banheiro. Só queria sair um pouco do quarto, por isso fiquei fazendo hora e aproveitei para experimentar o creme de mãos de Amanda. Era muito cheiroso.

Depois de um tempo que considerei suficiente para que elas já tivessem trocado de assunto, eu saí. Fechei a porta atrás de mim e fui

andando devagar, tentando não fazer barulho, para não despertar os rapazes. Principalmente Gabriel. Se ele acordasse, iria acabar com a diversão de Amanda e depois, ela descontaria tudo em nós.

As pantufas que estava usando não faziam ruído algum, mas aquelas terríveis muletas, sim. Deveria ter aceitado a ajuda de Angélica quando ela ofereceu, mas, agora, era tarde demais.

Dei mais alguns passos quando senti mãos fortes me puxando para o lado.

— Você está linda com essa camisola.

Era Arthur. Não acreditava que ele estava me agarrando bem ali no meio do corredor. Se alguém passasse agora, seria flagrante na certa.

— O que pensa que está fazendo? — Briguei com ele, cochichando.

— Estava com saudade da sua boca. — Arthur acariciou os meus lábios, fazendo com que eu me desmanchasse toda e perdesse o raciocínio.

— Você só pensa nisso? — Dei bronca nele, mas rindo por dentro.

— Só nisso, não. — E ele me olhou de cima

PERIGOSAS NACIONAIS

a baixo, fazendo com que eu sentisse uma onda de calor pelo corpo inteiro. — Penso em você todinha. — Pronunciou a última palavra com gosto e me puxou contra ele, beijando-me com vontade.

Uma de suas mãos agarrou meus cabelos enquanto a outra acariciava as minhas costas e ia descendo até que a freei, dando-lhe um tapa.

— Chega. — Fiz cara de brava, mas a minha vontade era agarrar ele ali mesmo. — Preciso voltar para lá ou vão perceber que estou demorando.

— Elas devem estar ocupadas demais fofocando sobre alguma coisa sem sentido.

Quando Arthur acabou de dizer aquilo, escutei a maçaneta do quarto girando e o joguei para dentro do closet que estava bem na nossa frente.

Arthur e eu nos camuflamos entre casacos e roupas de cama. Ele aproveitou a deixa para me jogar em uma parede e me beijar com ainda mais desejo.

Daquela vez, não consegui detê-lo. Ele já estava acariciando minhas coxas e levantando a

PERIGOSAS ACHERON

minha roupa, como se quisesse me possuir ali mesmo.

Não sabia de onde tinha saído aquilo, mas Arthur parecia cada vez mais audacioso. Meu plano de ficar longe dele e ir devagar estava falhando, mas eu precisava fazer algo.

— Ai! — Gemi.

— Isso. Está gostoso, não é? — Ele se empolgou e senti algo duro cutucando minha cintura.

Arregalei os olhos. Não era possível que ele já estivesse pronto.

— Meu pé! — Gemi de novo, mas agora deixando claro que era de dor.

— O que foi? — Ele parou imediatamente, preocupado. — Está doendo?

— Acho que acabei batendo em algum lugar. — Coloquei a mão na tala e procurei a muleta que tinha voado meio àquela confusão. — Melhor eu voltar para o quarto da Amanda.

— Eu te acompanho. — Ofereceu-se, me segurando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está maluco? Quer que todos desconfiem que estávamos juntos.

— Eu quero que elas se danem! — Arthur alterou seu tom de voz. — O que eu não quero é a minha garota sentindo dor.

— Sua garota? — Ri, puxando-o para mais perto de mim.

— Sim. Só minha — Arthur tentou dizer, mas eu o calei com um beijo.

Começou com delicadeza, carinho, mas Arthur intensificou o beijo, como se quisesse deixar claro que eu era realmente sua.

Quando me afastei, percebi que tinha molhado a calcinha. Corei no mesmo instante.

— O que foi? — Arthur não deixava passar um detalhe. Ele sempre notava minhas mudanças de expressão.

— Só preciso sair logo de perto de você, seu tarado!

— Está com medo de não resistir à tentação? — Ele afagou o meu rosto e abriu um sorriso sacana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Idiota! — Revirei os olhos, mesmo sabendo que ele tinha razão.

Fui me afastando quando ele chamou o meu nome.

— Luíza?

Já estava prestes a brigar com ele, quando olhei para trás e ele disse:

— Eu te amo.

— Eu também. — E quando me virei, ele deu um tapa na minha bunda.

Sorri, achando graça de sua atitude. Eu não podia estar mais feliz.

Entrei no quarto com aquela sensação maravilhosa e com o gosto dos seus lábios nos meus. Amanda me olhou com as sobrancelhas arqueadas, então desfiz o sorriso e me sentei no meu lugar.

Angélica chegou logo em seguida e fez uma careta.

— Essa casa no escuro me dá arrepios.

— Sério? — Franzi a testa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela estava pálida, como se tivesse visto um fantasma.

— Você não sente? — Angélica me encarou, esfregando os ombros tensionados, e acrescentou. — Ela tem um clima sombrio. Fui ao banheiro correndo.

— Você também não foi ao banheiro? — Amanda perguntou, sorrateira.

— Fui. — Respondi com inocência.

— Não encontrou Angélica na volta?

Droga! Ela queria me deixar em maus lençóis.

— Fui até a cozinha beber água. — Como a casa só tinha um andar, aquela desculpa era perfeita. — Nós nos desencontramos.

— Tenho certeza que sim. — Amanda sorriu triunfante.

Se ela já não sabia de alguma coisa, estava começando a ligar os pontos. Eu precisava ser mais precavida.

PERIGOSAS ACHERON

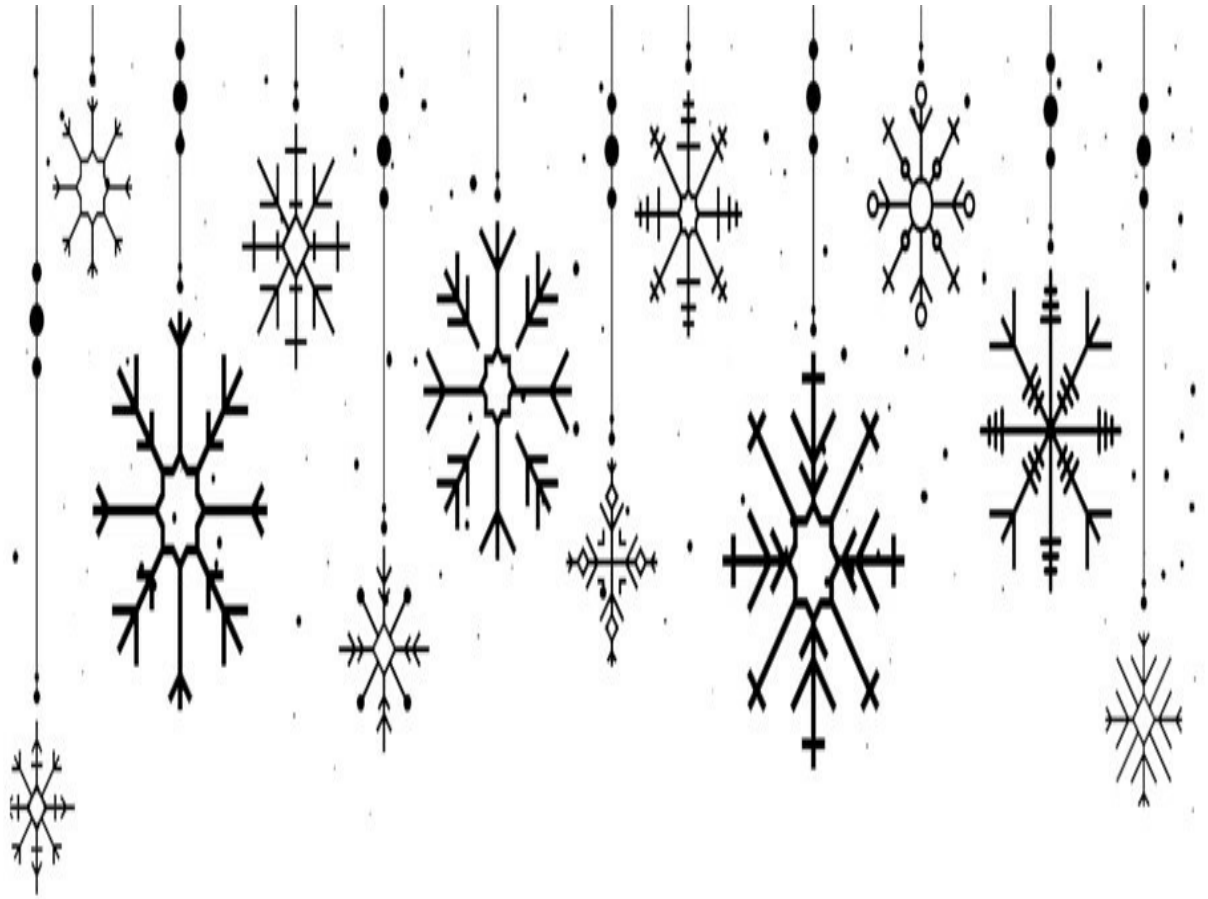
PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 30

PERIGOSAS ACHERON

Há uns dias fazia um frio fora do normal em Nova Aliança. Até mesmo uma simples tarefa, como lavar a louça deixava os nossos dedos congelando. Junho se aproximava e as festas típicas também.

Eu adorava aquela época. Tinham bandeirinhas e balões por toda a parte. As pessoas ficavam mais próximas e solícitas. Gostaria que fosse assim o ano inteiro.

Minha mãe, por sua vez, não parecia ter notado nada daquilo. Estava ocupada demais com os detalhes da festa de bodas de prata para reparar em qualquer outra coisa.

Eu não sabia direito como estava a organização, aquele assunto me dava calafrios. E na verdade, sequer sabia por que minha mãe tinha começado os preparativos tão cedo.

Ela passava mais tempo berrando com as pessoas no telefone sobre enfeites e bolos do que tendo uma conversa normal comigo.

Eu também estava sempre fora de casa, ensinando Alice, me divertindo com meus amigos

PERIGOSAS NACIONAIS

ou escondida, dando uns amassos no meu namorado secreto.

Naquela época, nós também tínhamos o costume de fazer fogueiras, nos reunir para tocar violão, assar *marshmallows* e conversar sobre a vida.

Como eu não conseguia me locomover facilmente, todos acharam que agora seria o momento ideal para fazermos aquilo. Rômulo e Arthur ficaram responsáveis em montar a fogueira, as meninas de levar a comida e eu...

Bem, eu não podia contribuir com muita coisa. Até para chegar ao local, tive que pedir para alguém me levar.

Coloquei uma roupa quentinha e ainda levei um edredom para me cobrir. Aproveitei para usar um protetor de ouvido que tinha em casa há séculos. Encontrei-o guardado em uma gaveta no meu quarto. O acessório tinha pompons que se assemelhavam à neve, mas era rosa claro.

Peguei minhas luvas, da mesma cor, e fiquei esperando minha carona.

Amanda chegou buzinando freneticamente,

PERIGOSAS ACHERON

como sempre, e a minha mãe me guiou até a porta, perguntando se eu não estava esquecendo nada, se não achava melhor ficar em casa até ter tirado a tala e aquelas coisas normais de mãe.

Amanda abriu a porta de trás do carro e me ajudou a entrar. Minha mãe começou a enchê-la de questionamentos sobre o horário da nossa volta, mas Amanda respondeu para ela não se preocupar e que qualquer coisa, eu dormiria na casa dela.

Dona Maria do Carmo não estava nem um pouco contente comigo passando todas aquelas noites fora. Não sabia ao certo se era porque eu havia aparecido, de repente, com o pé enfaixado ou se ela estava desconfiada que Arthur e eu estivéssemos juntos novamente.

Eu não era boa em esconder segredos. Na verdade, deveria ser proibido me contar algo que todas as pessoas do mundo não pudessem saber, porque, de um modo ou de outro, a minha cara sempre entregava tudo, mesmo que não fosse minha intenção.

Pensar que logo estaria perto de Arthur fazia com que eu me sentisse muito feliz. Mesmo que não pudéssemos nos beijar ou nos tocar, ver

PERIGOSAS ACHERON

seu rosto já era o suficiente para fazer com que o meu dia valesse a pena.

Recostei a cabeça no banco de trás, olhando pela janela, agarrando-me ainda mais àquele pensamento. Lembrando de cada detalhe, cada olhar, cada abraço e sorri. Como era bom amá-lo.

— Sua mãe está desconfiando? — Amanda perguntou, interrompendo o meu devaneio.

— O quê? — Olhei para ela sem entender.

— Ah, me poupe! Eu não sou cega. — Ela virou o volante mais uma vez e pisou fundo no acelerador.

Se Amanda estivesse me testando, havia acabado de descobrir, porque minha expressão de espanto certamente tinha estragado tudo.

— Sem falar que esse é o namoro escondido mais mal escondido que eu já vi. — Ela deu uma risada espalhafatosa.

— Não sei do você que está falando. — Tentei disfarçar, mas não tinha mais jeito. Ela sabia.

— Tudo bem. — Amanda revirou os olhos.

— Continue negando o óbvio.

— Somos amigos agora. — Era uma tentativa de engabelá-la. — Não podemos?

— Amigos com benefícios? — Sua voz estava repleta de maldade.

— Sua ridícula! — Taquei minha muleta de leve na sua cabeça e nós duas caímos na gargalhada.

— Chegamos. — Ela anunciou, desligando o morto e olhando para trás.

— Já?

Não sei por que perguntei aquilo, afinal Amanda responderia o que eu já estava pensando.

— Surpresa? — Ela riu. — Nova Aliança não é bem uma cidade grande. — Falou, saindo do carro e vindo até a porta traseira para me ajudar a sair.

Eu cambaleei para fora e ela sussurrou no meu ouvido:

— Pode deixar que guardarei o seu segredinho.

— Não tem segredo nenhum. — Apoiada
PERIGOSAS ACHERON

na minha muleta, olhei para ela irritada.

— Tudo bem. — Amanda levantou apenas uma sobrancelha e mordeu o canto da boca. — Vou fingir que acredito, só porque faço gosto.

— Sério? — Deixei escapar. — Quer dizer... — Tentei refazer a frase. — Seria a favor mesmo depois de tudo o que aconteceu?

— Está brincando? — Ela arregalou os olhos. — Vocês nem deveriam ter terminado para início de conversa. Foram feitos um para o outro. — E Amanda começou a seguir em frente, deixando-me ali parada, absorvendo o que ela havia dito.

Será que aquilo era verdade? Arthur e eu éramos mesmo almas gêmeas ou só dois teimosos?

Aquilo não importava, contanto que ficássemos juntos.

— Precisa de ajuda? — Amanda perguntou quando viu que eu não estava andando.

— Não. Estou indo. — Comecei a dar pequenos passos com o auxílio das muletas.

Eu já conseguia escorar o pé no chão. E, na

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade, era para ter tirado a tala há alguns dias, mas minha mãe insistiu em deixar mais um tempo, para não correr nenhum risco.

— Nossa! Finalmente vocês chegaram! — Arthur veio correndo na nossa direção e me olhava com certa urgência.

— Por quê? Aconteceu algo com o Gabriel?
— Amanda, por estar preocupada, não notou que Arthur não tirava os olhos de mim.

— Não. — Ele, enfim, olhou para ela, como se tivesse acabado de notá-la.

— Então, que desespero é esse? — Ela olhou ao redor, procurando pelo seu filho. Encontrou-o nos braços de Angélica, perto da fogueira, e só assim, voltou a respirar naturalmente.

— Ele ficou resmungando o tempo inteiro. Deve estar sentindo sua falta. — Arthur usou a justificativa mais fácil.

— Sei. — Amanda olhou para Arthur de rabo de olho. — Ele, não é?

Mas Arthur já tinha me alcançado e a deixado falando sozinha. Pegou minha muleta e me apoiou rapidamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você precisa parar de dar bandeira. — Dei bronca nele, mas Arthur ignorou, dando-me um beijo no rosto sem que ninguém notasse.

— Sou péssimo em esconder o que sinto por você. — Afirmou, respirando fundo.

— Eu também. — Nós nos olhamos fixamente.

— Então, porque não paramos com isso de uma vez?

— Já conversamos sobre isso, Arthur. — Falei baixo, mesmo sabendo que não dava para ninguém nos ouvir. — Não quero as pessoas se intrometendo no nosso relacionamento.

— Nosso relacionamento? — Ele abriu um grande sorriso. — Gostei. — Afirmou quando começou a pegar as minhas coisas. — Agora, deixe-me te ajudar, já que a imprestável da minha irmã não fez isso. — Aquela parte, ele falou alto e todos se viraram para olhar para nós.

— Queria ver como estava o Biel, mas já ia voltar para buscá-la. — Amanda explicou, aumentando a voz para que chegasse até nós.

— Não tem problema. — Gritei de volta.

PERIGOSAS ACHERON

Claro que não tinha. Eu estava adorando que fosse o Arthur me ajudando.

Ele me carregou para perto da fogueira e me cobriu com o edredom que eu trouxe. Angélica trouxe comida e um refrigerante.

Todos estavam ao redor da fogueira. Alice tinha uma expressão de medo, que eu só entendi quando notei que Suzana estava contando uma história de terror.

— E foi assim que consegui vencer o espírito. — Ela disse, fazendo um som gutural.

Alice cobriu os olhos e abraçou o pai com força.

— É tudo invenção da tia boba. — Rômulo jurou para Alice, mas ela não parecia ter se convencido.

— É verdade que o espírito só pega as crianças más, tia Luíza? — Alice se virou para mim em um misto de curiosidade e desespero.

— Só. — Garanti, tentando ver até onde ela ia com aquilo.

— Ainda bem que sou boazinha. — Alice

PERIGOSAS NACIONAIS

suspirou de alívio e eu comecei a rir.

Depois daquilo, Rômulo pegou o violão e se virou para Alice.

— Está na hora da nossa música, parceira.

— Ebaaa! — Ela levantou correndo, exalando boas energias.

Eu não sabia o que eles estavam aprontando, mas estava louca para descobrir.

Alice caminhou para o meio do campo verde, ajeitando o gorro que cobria seus lindos cabelos.

Eu adorava aquela parte de Nova Aliança. Era uma parte mais isolada, cheia de pequenas montanhas, onde ninguém ousou fixar moradia.

Ainda bem. Era o nosso lugar de fazer caminhadas e pensar na vida.

Hoje estava ainda mais bonito, com a fogueira entre pedras estratégicas, de modo que não agredisse a natureza.

Um ventinho gelado bateu no meu rosto. Como era bom respirar ar puro.

Rômulo e Alice começaram a cantar juntos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e o meu coração começou a bater forte no peito.

Por um segundo, senti meu corpo inteiro se aquecer e os olhos umedecerem. Eles estavam cantando a música do filme Toy Story.

Alice com sua voz meiga, acompanhando o pai enquanto eles se olhavam com companheirismo. Aquela era uma das coisas mais bonitas que eu já tinha visto.

Amigo estou aqui

Amigo estou aqui.

Se a fase é ruim

E são tantos problemas que não tem fim

Não se esqueça do que ouviu de mim.

Amigo estou aqui

Amigo estou aqui.

Alice levantou-se e virou para nós. Cruzou as pernas e curvou a coluna, como em um gesto de agradecimento a sua plateia. Ela era mesmo uma graça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos explodiram em uma salva de palmas e ela se animou ainda mais.

De repente, fomos interrompidos por uma voz diferente.

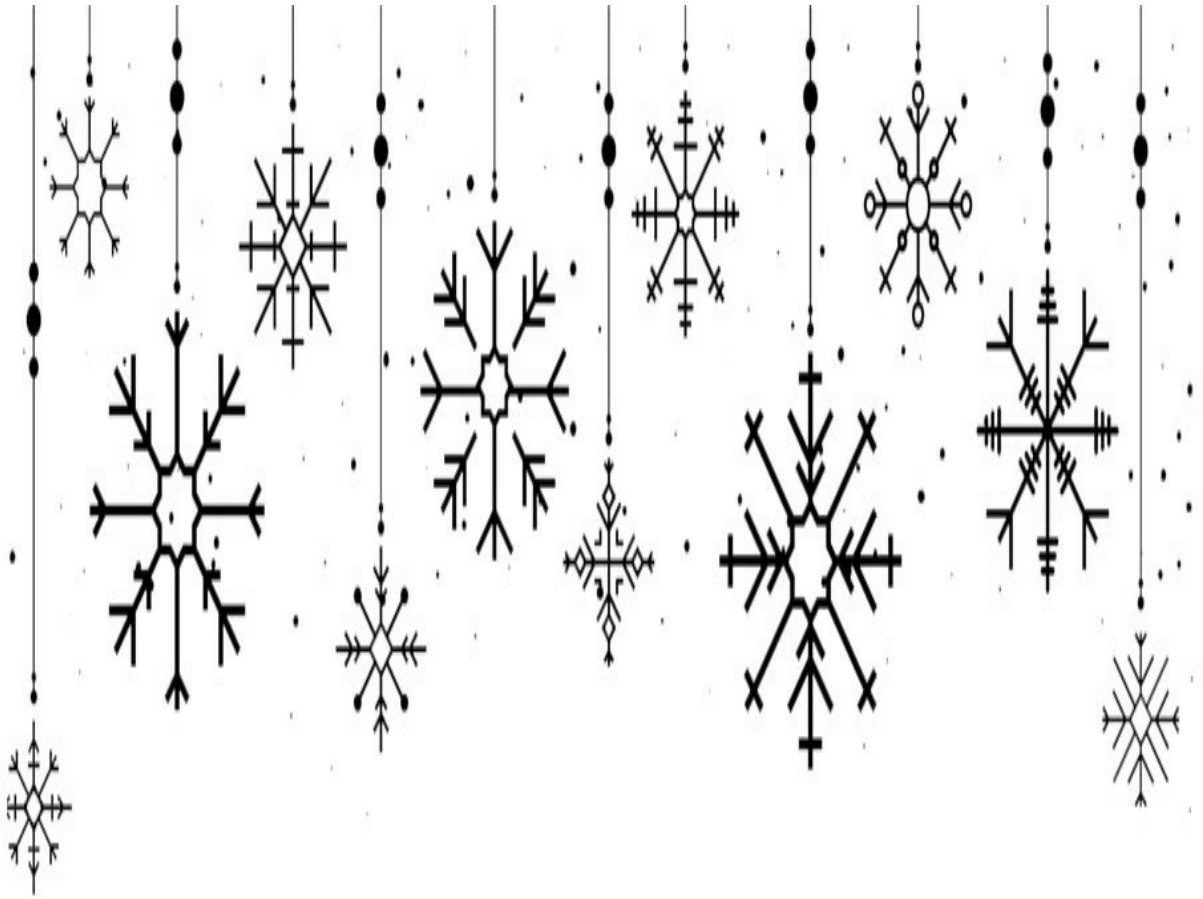
— Posso me juntar a vocês?

Todos ficaram boquiabertos e de uma coisa eu tinha certeza, aquela noite daria o que falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 31

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que ouvi sua voz, olhei para trás e o observei caminhando na nossa direção.

Não parecia abatido ou cabisbaixo, como muitos imaginavam. Parecia revitalizado, como se toda a luz que havia sido roubada dele aquele tempo todo, tivesse voltado para o seu rosto.

Ele tinha recuperado sua vitalidade, seu sorriso era radiante. Felipe agora parecia outra pessoa e todos respiraram aliviados.

Seus cabelos negros estavam mais curtos, o andar mais confiante. Um vento soprou em seu rosto e ele suspirou, como se só agora sentisse a liberdade se aproximando.

Olhei para Amanda e pude vê-lo através dos seus olhos.

Ela estava hipnotizada e mesmo tendo negado aquele tempo todo, eu a conhecia bem.

Ela estava feliz em vê-lo. E não como se estivesse apenas observando o retorno de um amigo de anos, mas como se o ar estivesse finalmente voltando aos seus pulmões.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sabia daquilo porque era como eu me sentia sempre que olhava para o Arthur.

— O bom filho a casa torna. — Rômulo anunciou e todos se aglomeraram para abraçar Felipe.

Arthur viu que eu estava me esforçando para me levantar sozinha e veio ao meu encontro.

— Se continuar tão atencioso assim, eles vão desconfiar. — Sorri, grata, enquanto ele me ajudava a ficar de pé.

— Não me peça o impossível.

— Não consegue ser malvado? — Pisquei para ele com malícia, mas ele parecia não ter entendido. Tinha mergulhado em algum lugar triste em suas lembranças.

— Já era difícil quando estava chateado com você.

— Era? — Queria trazê-lo de volta, mas Arthur estava afundando cada vez mais rápido.

— Sim. Toda vez que te via triste, eu me amaldiçoava.

E eu pensando sempre o pior dele quando,

na verdade, Arthur nunca deixou de se preocupar comigo.

Felipe me olhou de longe e vi que nós éramos os únicos que ele ainda não tinha cumprimentado. Ele parecia na dúvida se vinha na nossa direção ou não e, para não levantar mais suspeitas, acenei para ele.

— Isso é passado, Arthur. — Segurei suas mãos com força, esperando que ele ficasse bem antes que alguém visse sua expressão. — Estamos bem agora e é isso que importa.

Ele deu um sorriso forçado e beijou minhas mãos. Fiquei paralisada por um segundo e meu coração apertou.

Esqueci que Felipe estava vindo, esqueci que as pessoas ao nosso redor existiam. Agora, só queria abraçá-lo com força e fazê-lo esquecer que um dia já estivemos separados.

— Tem razão. — E ele sorriu de verdade.

— Oi, Luíza. Como vai o pé? — Felipe chegou até nós e eu pisquei diversas vezes, tentando voltar à realidade.

Ordenei ao meu coração que parasse de
PERIGOSAS ACHERON

bater tão forte e alto. Alguém poderia ouvir.

— Bem. — Garanti. — Já era para ter tirado a tala, mas minha mãe insistiu para que deixasse mais uma semana. Sabe como são as mães, não é?

Ele assentiu.

— Esqueci de perguntar no dia que lhe examinei, mas como exatamente mesmo você se machucou? — Esperava que ele estivesse perguntando como amigo e não viesse querer me dar conselhos de médico. — Esportes radicais?

— Radical até demais. — Arthur me olhou, espantado. — Muito difícil se equilibrar nos saltos altos da Amanda. — Dei risada.

— Vocês mulheres fazem muito sacrifícios para ficarem bonitas.

— Sem necessidade. — Arthur disse e foi a minha vez de arregalar os olhos para ele.

— Até porque o pé é o último lugar para onde olhamos. — Felipe tentou ajudar o amigo quando viu minha reação.

Ele continuava gentil e muito engraçadinho.

— Do que estão falando? — Rômulo

PERIGOSAS NACIONAIS

apareceu do nada.

— Sobre como as mulheres demoram para se arrumar. — Felipe declarou.

— Nem fala. Angélica um dia ainda me mata. — Ele falou e depois, olhou ao redor, com medo que ela tivesse escutado.

Para o azar dele, sim.

— O que tem eu? — Angélica chegou como um raio ao nosso lado.

— Tem sensor, mulher? — Rômulo fez graça e Angélica deu um tapa nele, mas logo depois, os dois se abraçaram.

— A fogueira está apagando. — Amanda veio dar a notícia e todos os homens se entreolharam.

— Eu fui da última vez. — Rômulo tentou tirar o corpo fora.

— Deixa que eu vou. — Felipe se candidatou.

— Nada disso. Você acabou de chegar. — Amanda disse, acariciando seu peito por cima da camisa branca que ele usava. Que danadinha! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vai você, Arthur!

— Fazer o quê, não é? — Ele reclamou, distanciando-se.

O bebê Gabriel já estava dormindo há um tempo no carrinho e Alice estava quietinha comendo algo em um canto.

Suzana me olhou e entendi que era para deixarmos Felipe e Amanda sozinhos.

Fomos saindo de fininho e Angélica disse para Rômulo ir ficar com Alice.

Ficamos olhando de longe para os pombinhos.

— Espero que um dia esses dois percebam o quanto ficam bem juntos. — Angélica disse o que todos estavam pensando.

E nós três suspiramos, observando nossos dois amigos. Eles ainda não sabiam a sorte que tinham de ter se encontrado. Ou talvez, soubessem, e não se importassem se era como amigos ou como um casal.

No final das contas, sabíamos que o mais importante eram os laços criados enquanto ainda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estivéssemos na Terra. E a amizade era uns dos mais valiosos que existiam. Os casais mais apaixonados eram melhores amigos antes de tudo.

Suzana saiu por um segundo para pegar algo na sua bolsa e uma garota que parecia a sócia de Melissa apareceu de repente.

— Vocês falaram tanto da Melissa e olha só a Amanda, fazendo o mesmo. — Ela fez cara feia e jogou o cabelo para o lado.

— Não estou vendo nada demais ali. — Angélica respondeu. — E pelo que eu sei, os dois são solteiros.

A garota continuou com aquela cara nojenta e Angélica se enfureceu ainda mais.

— Além disso, a Amanda sabe que o Felipe se separou há pouco tempo. Ela nunca faria nada. Em consideração a ele. Não à Melissa.

— Tem certeza? — A garota era mesmo abusada.

— Claro que tenho. — Angélica se irritou. — E sai logo daqui antes que a minha mão escorregue e atravesse bem o meio da sua cara.

PERIGOSAS ACHERON

A garota saiu em disparada e olhei para Angélica, surpresa. Ela era bem assustadora quando queria.

— Quem era aquela? — Suzana voltou.

— Jéssica, uma das sombras da Melissa. — Respondi.

— Jéssica... — Ela gravou para colocar na sua lista negra. Tinha medo de perguntar quantas pessoas estavam lá. Sabiam que aquelas almas estavam fadadas ao inferno. — Tem cara de amiga da Melissa mesmo.

— Melissa mandou o exército dela para nos vigiar? — Foi só a garota desaparecer que Amanda se juntou a nós.

Não sabia se ela estava assustada ou achando graça até que ela deu uma risada mortal. Achando graça, com toda certeza. Não sei como cheguei a cogitar a ideia de que algo assustaria Amanda. Ela era dura na queda.

— Parece que sim. Mas, a Angélica a colocou para correr daqui com o rabinho entre as pernas. — Eu ri.

— Quem te viu, quem te vê. — Amanda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

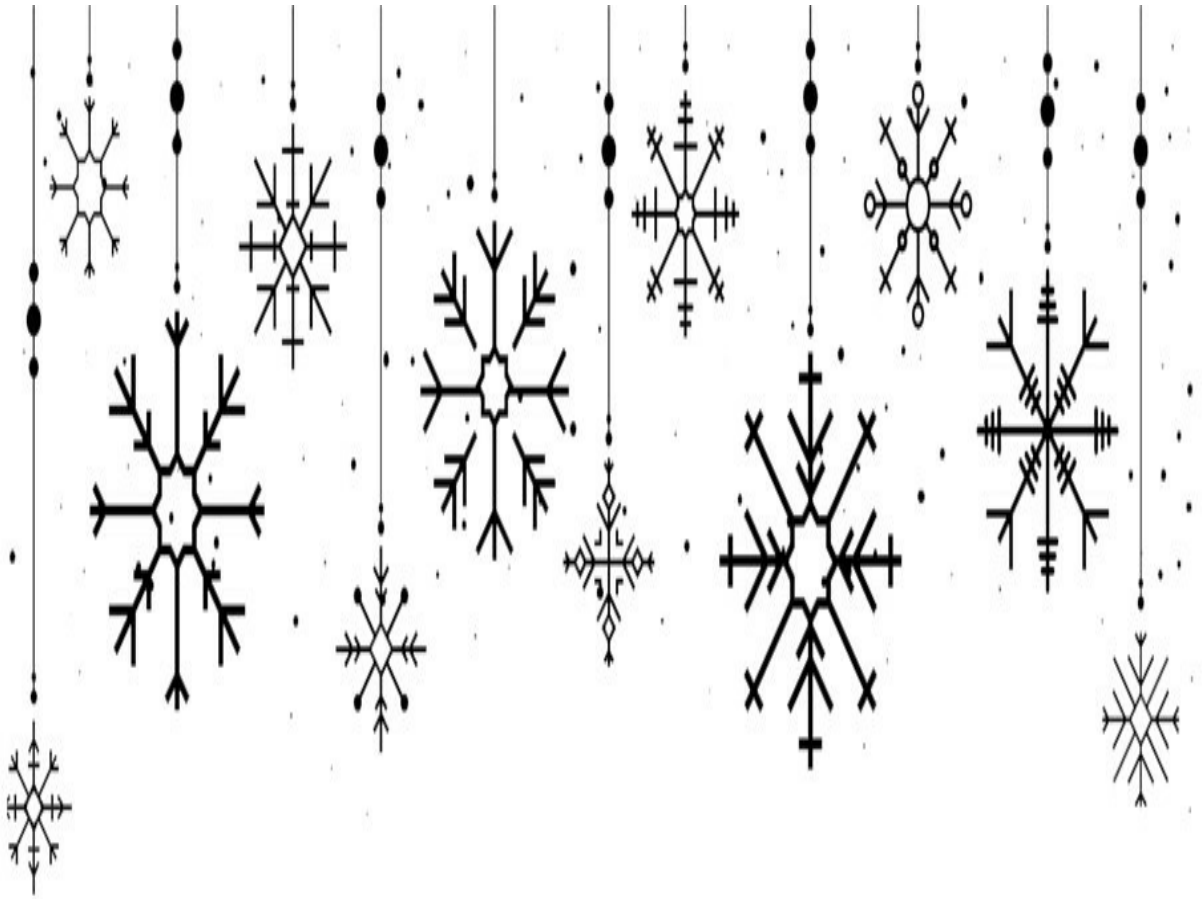
disse, olhando para Angélica, orgulhosa, e nós três nos abraçamos olhando para a fogueira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 32

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com o tempo, todos foram adormecendo ao redor da fogueira. Eu também estava perto de cair no sono quando senti alguém me puxar pelo braço.

Olhei para cima e Arthur fez sinal para que eu fizesse silêncio. Ele me ofereceu as mãos e aceitei. Eu iria a qualquer lugar com Arthur. Aquilo era indiscutível.

Fomos caminhando para longe e, no escuro, observei-o. Arthur estava lindo com calças pretas, camisa preta e sobretudo preto. Os únicos pontos de luz vinham do seu rosto.

Os cabelos loiros, com pequenas ondulações, os olhos verdes, que observados bem de perto tinham pequenos pontos azulados. A pele clara, quase marfim. Tudo nele era perfeito.

Ele tinha feito a barba, após eu ter dito que estava muito grande e me espetando e agora, conseguia ver novamente todos os traços do seu rosto. Tinha sentido falta do furinho no seu queixo. Como Arthur conseguia ficar cada vez mais lindo?

— Para onde está me levando? — Perguntei coçando os olhos, meio sonolenta.

PERIGOSAS ACHERON

— Você verá. — Arthur estava elétrico e com aquele olhar apaixonado que fazia com que meu estômago se revirasse dentro de mim.

Estávamos de mãos dadas há um tempo e ao invés de olhar ao redor, para ver se alguém havia notado, eu só aproveitei o momento. Tinha esquecido como aquela sensação era maravilhosa.

Subimos uma pequena inclinação de terra e Arthur percebeu que eu não conseguiria continuar. Não com aquela tala no pé. Mas aquilo não foi empecilho algum para ele. Arthur me pegou no colo e continuou andando sem diminuir o ritmo.

— Ei. — Chamei sua atenção, tentando fazer cara de brava, mas já estava sorrindo, sem querer. — Não pede mais a minha permissão? Já sai me carregando, como se eu fosse uma bagagem?

— A bagagem mais linda do mundo. — Ele fez graça.

— E pesada. — Brinquei.

— Nossa! Muito pesada! — E deu uma gargalhada, balançando a cabeça.

Arthur continuou andando, mas eu não
PERIGOSAS ACHERON

reparei mais no caminho. Só conseguia olhar para o seu rosto perfeito, para o seu pescoço amostra.

Sentia uma imensa vontade de beijá-lo e mordê-lo, bem ali. Toquei sua pele, como se quisesse saber se era real. Eu ainda sentia que iria acordar sozinha na minha cama, como se tudo aquilo não tivesse passado de um sonho.

— Se continuar fazendo isso, vou ter que parar de andar e agarrar você aqui mesmo. — Arthur informou, olhando nos meus olhos e me mostrando o que eu precisava saber.

Ele era real. E meu.

— Proposta tentadora. — Falei, passando a língua ao redor dos lábios.

— Garota, você não sabe com o que está brincando. — Ameaçou, caminhando ainda mais rápido, ávido por chegar seja lá onde fosse.

Eu não pensava mais naquilo. Queria-o ali e agora. Arthur me apertou contra seu peito e eu o abracei com ainda mais força.

Mais alguns passos e subidas intermináveis, e chegamos ao que parecia um campo no alto de uma pequena montanha, que eu nunca tinha visto

PERIGOSAS ACHERON

em Nova Aliança.

Parei por um momento, sem acreditar naquela paisagem. Dali, conseguíamos ver todas as casas da cidade. O céu estava limpo e todas as estrelas pareciam nos envolver em um abraço acalentador.

Arthur me acomodou no chão e sentou-se atrás de mim, de maneira que eu poderia apoiar a minha cabeça em seu peito. Pegou meu edredom e cobriu nós dois.

— Que céu! — Exclamei, admirando o infinito acima de nós.

— Encontrei esse lugar um pouco depois de você ter partido. — Arthur falou e eu paralisei.

Minha respiração ficou entrecortada. Ele iria falar sobre o passado. Eu não sabia se estava preparada para aquilo.

— Todos me olhavam com expressão de piedade e diziam: “Coitadinho do Arthur”, “Venha cá, Arthur”. “Fizemos um bolo para você, Arthur.” — Ele imitou diferentes vozes e balançou a cabeça em negativa.

Imaginei aquela situação incômoda. Eu

PERIGOSAS ACHERON

também odiava olhares de pena.

— Tratavam-me como se alguém tivesse morrido. — Arthur ajeitou a postura e, então, engoliu em seco. — Até que eu finalmente entendi. Alguém realmente tinha morrido. Eu.

— O quê? — Virei para ele, com os olhos arregalados, mas ele não estava mais me vendo ou escutando.

Arthur tinha mergulhado novamente naquele lugar sombrio que eu não tinha acesso. Um lugar só dele.

— Era como as pessoas me viam. — Continuou olhando o horizonte, tão distante. — Eu não comia, não bebia, não dormia, não cumprimentava as pessoas. Andava pelas ruas ao léu, rezando para que um carro passasse e me atropelasse.

— Não fala isso. — Tentei trazê-lo de volta, mas ele continuava sem me escutar.

— Os dias eram cada vez mais dolorosos. Sempre que passava por algum lugar que me lembrasse de você, sentia como se estivessem arrancando um pedaço de mim. E, levando em

consideração que todos os lugares dessa cidade me lembravam você, eu me sentia assim o tempo todo. — Arthur deu de ombros.

Eu baixei a cabeça, pesarosa.

— Não havia um lugar que eu pudesse respirar sem que todas as lembranças viessem como um turbilhão. — Ele respirou fundo. — Sem que eu não sentisse a sua falta.

Sabia como era aquela sensação. Quase não a suportei também.

E pensar que quando cheguei à Nova Aliança, acusei-o de ter virado todos os meus amigos contra mim e falei inúmeras vezes que tive que passar por tudo sozinha enquanto ele tinha todos ao seu redor. Só me esqueci de um detalhe. Quando estamos sofrendo, nós nos sentimos sozinhos até em uma multidão.

— Então, achei esse lugar.

Arthur olhou ao redor. Um vento bateu e bagunçou o seu cabelo.

— Vinha aqui todos os dias. Deitava nesse gramado. — Comentou, passando a mão pelo chão, sentindo a terra nos seus dedos. — E, por algumas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

horas, conseguia silenciar meus pensamentos. Olhava para o céu, para a imensidão sem fim e tentava me imaginar flutuando nela, como se fizesse parte de algo maior.

— Que lindo. — Falei sem querer.

— E triste.

Eu o olhei sem saber o que dizer.

— Por um tempo funcionou. — Arthur riu com sarcasmo, como se fosse uma piada. Uma que só ele sabia o significado. — Eu só olhava para o céu e não pensava em nada. Tinha achado um lugar apenas meu.

Eu sabia que não vinha algo bom por aí. Encolhi-me e esperei.

— Depois disso, comecei a olhar para o céu e imaginar onde você estava, o que podia estar fazendo, se pensava em mim. Os pensamentos sobre você voltaram, como uma avalanche. E a dor voltou mil vezes mais forte. — Seu semblante era agonizante. — Fiquei deitado aqui sem conseguir me mover. — Arthur bateu no chão, como se ele fosse de alguma maneira culpado e um grito esganiçado saiu da sua garganta.

PERIGOSAS ACHERON

— Sinto muito. — Desculpei-me com os olhos repletos de lágrimas.

Eu só queria que aquela dor parasse, mas Arthur ficava revisitando o passado. Talvez ele precisasse daquilo.

— Você não tem culpa. — Arthur passou a mão pelo meu rosto e enxugou minhas lágrimas. — Eu nunca deveria ter terminado com você. Deveria ter dado o tempo e o espaço que você precisava, respeitado a sua vontade de estudar fora, de conhecer o mundo. Deveria ter confiado que você voltaria para mim. — Arthur soltou todo o ar em uma lufada e depois, passou a mão pelo rosto, arrependido. — Eu fiz tudo errado. Você me perdoa?

— É claro que perdoo. — Abracei-o com força e depois, voltei a olhá-lo. — Você também me perdoa?

— Eu não tenho nada pelo que te perdoar.

— Mas você sofreu tudo isso. — Afirmei, com uma grande dor no peito.

— Por burrice e imaturidade minha. Eu deveria ter dito o que sentia naquela época, deveria

ter colocado para fora o que estava no peito ao invés de apenas sufocar as palavras. Deveria ter dito que te amava. — Arthur me olhou profundamente. — Eu te amo. Com toda a minha alma.

— Eu também te amo.

Senti sua boca na minha e começamos a nos beijar com a mesma urgência de sempre.

Era como se Arthur pensasse que toda a vez seria a última. Sentia que ele ainda tinha medo da minha partida e aquilo doía. Queria provar para ele que eu não iria mais a lugar algum, mas não sabia como.

Arthur me embalou em seus braços e nossos beijos ficaram cada vez mais intensos. Mordi sua boca e escutei um gemido. Ele precisava entender que eu ainda era dele, que ele era o meu lar.

Como se ouvisse meus pensamentos, Arthur parou e me olhou sério.

— Luíza, não te contei uma história triste para me aproveitar de você. — Afirmou, ofendido.

— Eu não pensei isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe que eu te quero mais que tudo, então se continuar agindo assim, não vou resistir.

Seu olhar era tão intenso. Eu sabia que havia ali a saudade de anos. A mesma que eu sentia.

— E não acha que já está na hora de pararmos de resistir? — Sorri timidamente.

— Você é muito danadinha. — E rolamos na grama.

Eu queria passar o resto da minha vida com ele, queria cada momento, que era nosso por direito. Nós dois merecíamos recuperar o tempo perdido.

Arthur afastou algumas mechas do meu rosto e me olhou, a expressão indecifrável. A lua iluminava seus olhos e eles brilhavam, como duas esmeraldas. Aproximou-se devagar e minhas mãos tremeram, mas ele as segurou. A emoção de estar ao seu lado era muito grande.

Tocou meus lábios com a ponta dos dedos e fechei os olhos, sentindo um arrepio de prazer subindo pela minha coluna. Quando pensei que ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me tomaria ali, Arthur desviou e beijou a minha testa.

Abri os olhos e vi no seu olhar o sentimento mais puro e lindo que havia no mundo. Duas almas que se encontraram e que queriam viver o resto de suas vidas juntos.

Enquanto nós nos fitávamos em silêncio, não notamos que alguém se aproximava.

Só percebemos quando fomos surpreendidos.

— Tia Malu?

Tomei um susto ao ver a pequena Alice há pouquíssimos metros de nós, parada com uma expressão ingênua.

— Como chegou aqui? — Perguntei envergonhada, soltando Arthur e procurando o edredom para me cobrir.

— Papai disse que tinha vagalumes nesse lugar e que queria me mostrar. — Ela começou a contar. — Achei que tinha visto um. Corri atrás dele, mas ele sumiu. — Revelou com tristeza.

— E cadê o Rômulo? — Arthur perguntou

PERIGOSAS ACHERON

alarmado.

— Deve estar me procurando. — Alice deu de ombros, mais preocupada com o sumiço do vagalume do que conosco ali. Menos mal.

— Leva ela, Arthur. Rápido. — Falei em desespero.

— E te deixar aqui sozinha?

Para Arthur, aquilo parecia mais amedrontador do que ser flagrado naquela situação por uma garotinha. Se bem que não estávamos fazendo nada. O máximo que Alice poderia dizer era que havia visto nós dois olhando um para o outro de forma duvidosa. O que já seria um prato cheio para Amanda e Suzana.

— Não tem problema.

— Não vou fazer isso.

Como ele era teimoso.

— Então, me levanta e vamos todos voltar para a fogueira.

— Está bem.

Arthur tentou me pegar no colo, mas eu não deixei. Coloquei a muleta no chão e fiz um esforço

enorme para andar. Ele me apoiou e continuamos o percurso.

Encontramos Rômulo não tão longe dali e ele também me ajudou até chegarmos perto do restante das pessoas.

Ao chegar, Alice saiu correndo, dizendo que tinha uma notícia. Meu coração disparou e olhei para Arthur desesperada, como se pedisse em silêncio para que ele fizesse alguma coisa.

Ele entendeu o recado de imediato e se pronunciou na frente de Alice.

— A notícia é que tenho um presente especial para essa menininha. — Arthur abraçou Alice e enfim, ganhou sua atenção.

Todos olharam para Arthur, sem entender.

— Sério? — Os olhos da menina brilharam. Arthur não prestava.

Dei uma risada silenciosa, esperando para ver o que ele iria aprontar.

— Sim. Fui em um abrigo de animais e adotei um gato para ela. — Disse, abrindo os braços, como se dissesse: “SURPRESA!”.

PERIGOSAS NACIONAIS

Angélica fez uma expressão séria e depois, olhou para Rômulo.

Arthur percebeu e se adiantou:

— Mas se vocês não concordarem, eu posso ficar com ele e a Alice poderá visitá-lo sempre que quiser. — Garantiu aos dois.

— Deixa, mãe? — Alice pediu com sua voz meiga.

— Vou pensar, meu amor. — Angélica abraçou a filha e tudo ficou bem.

Alice provavelmente já tinha esquecido do que viu e só conseguia pensar no novo animalzinho de estimação que iria ganhar e que eu não sabia de onde Arthur iria tirar.

— Não acredito que você comprou a menina. — Falei baixinho, aproximando-me de Arthur.

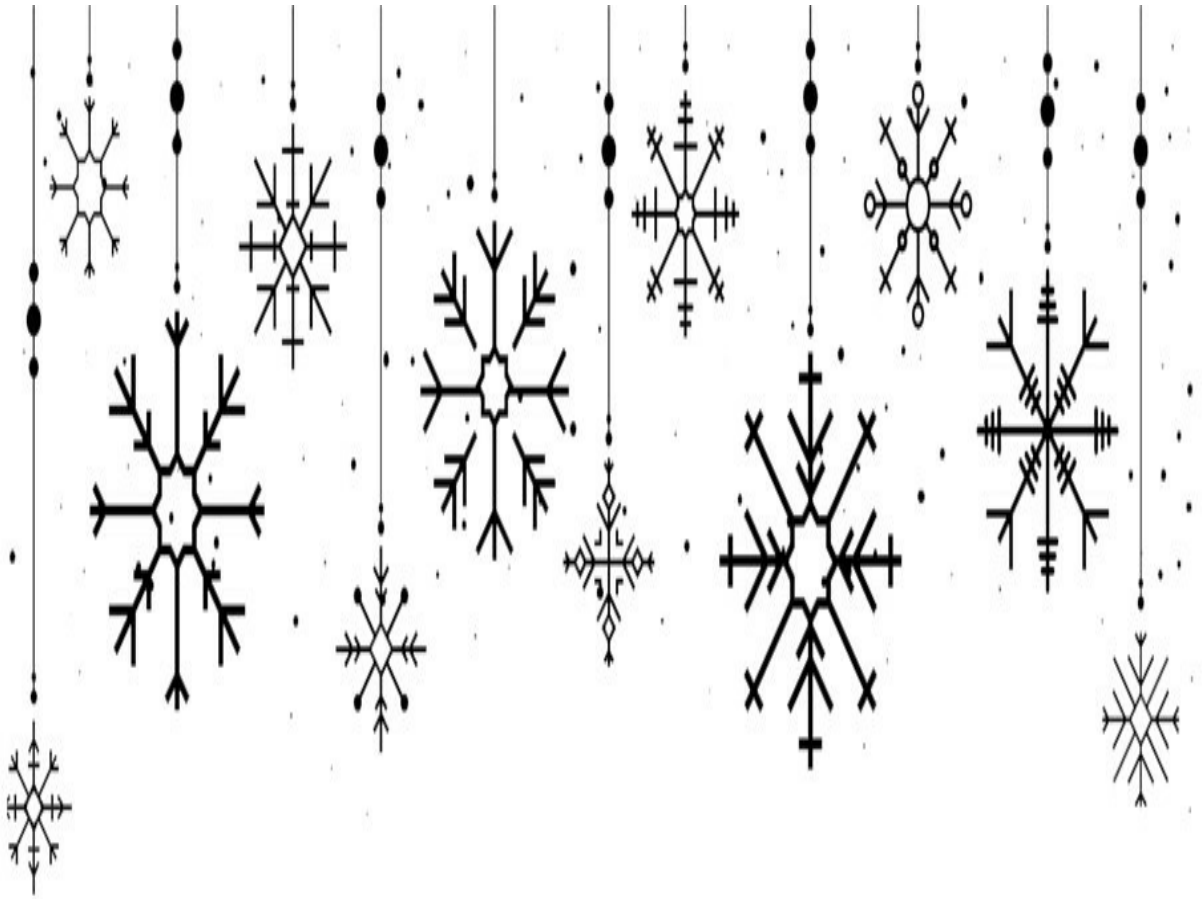
— O que eu não faço por você? — E rimos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 33

PERIGOSAS ACHERON

Finalmente tinha chegado o dia de tirar aquela maldita tala do pé e a minha vontade era de sair correndo pela rua com um guarda-chuvas, como naquele filme Cantando na Chuva. Tirando a parte de que não estava chovendo e eu não sabia cantar ou dançar para ficar tão fantástico como naquela cena, a sensação de liberdade era tão magnífica quanto.

Arthur tinha me chamado para uma festa, mas eu já tinha marcado de jantar com os meus pais, para comemorar o fato de estar andando sem o auxílio de muletas, por isso não pude aceitar o convite.

Nós nos falávamos toda a noite pelo telefone e sempre que podia, ele entrava escondido pela janela do meu quarto, mas mesmo vendo-o com frequência, eu sempre queria mais.

Por que minha mãe foi inventar aquele jantar? E por que Arthur foi mencionar aquela festa em cima da hora?

— Já está pronta, querida? — Minha mãe perguntou do andar de baixo.

Já era a milionésima vez, não sabia que pressa era aquela para sair de casa.

— Quase. — Repeti, escorando-me na parede gelada do banheiro.

Eu queria era inventar uma desculpa para não ir naquele jantar e fugir pela janela ao encontro de Arthur, mas não podia fazer desfeita com a minha mãe e, muito menos, estar em dois lugares ao mesmo tempo.

E pelo o que conhecia da minha mãe, ela não me deixaria sair mais cedo para ir à uma festa. Ela já estava reclamando que eu não parava mais em casa.

Olhei novamente para o espelho. Meu cabelo estava brilhoso e com cachinhos lindos, emoldurando o meu rosto. Perfeitos para uma festa.

Ele era assim, meu maior inimigo. Sempre que ia ver Arthur, ficava opaco e sem forma, mas era só eu não precisar, que ele ficava maravilhoso, sem esforço algum. Não dava para entender.

Minha mãe insistiu que eu me arrumasse bem, por isso coloquei um vestido longo e estampado, que tinha uma abertura na lateral e

deixava os joelhos amostra quando eu cruzava as pernas.

Ela ficava louca com aquele vestido, mas eu sabia me comportar. Até porque não queria que ninguém tivesse um infarto no meio do jantar.

Passei mais uma camada de batom nos lábios, mandei um beijo para o meu reflexo e sai em direção à escada.

Meus pais estavam me esperando de mãos dadas. Eles faziam um belo par.

Imaginava como seria o Arthur e eu daqui a alguns anos. Será que também seríamos assim?

Acabamos indo para um restaurante um pouco mais chique, quase saindo de Nova Aliança. Tudo aquilo porque minha mãe queria privacidade e não encontrar nenhum amigo meu que pudesse me raptar. Não sei o que ela pensava que meus amigos eram.

Entramos a passos lentos. O lugar era bem iluminado, havia quadros na parede e um lustre prateado no teto. Nós nos sentamos em uma mesa reservada no canto e olhamos ao redor. A atmosfera estava calma e uma música tocava ao fundo, quase

inaudível.

Coloquei um guardanapo de pano no colo enquanto um garçom se aproximava e nos cumprimentava com elegância. Depositou um cardápio nas mãos de cada pessoa em volta da mesa e depois, retirou-se silenciosamente.

Fiquei olhando para ele, com vontade de rir. Parecia um robô de terno e gravata.

Olhei para o cardápio minuciosamente, não acreditando no que estava vendo.

— Pretende falir o papai, dona Maria do Carmo? — Olhei de esguelha para minha mãe, que respondeu com um olhar sério.

— Trata-se de um jantar especial, filha. Agora, mostre que lhe ensinei bons modos e haja como uma dama.

Odiava quando minha mãe usava aquele tom comigo. Era como se eu fosse uma de suas alunas rebeldes e precisasse de sermões.

Respirei fundo, para não jogar o cardápio em cima da mesa e sair do recinto, sem olhar para trás. O garçom voltou e minha mãe lhe ofereceu seu sorriso mais convincente.

— Qual o prato da noite, rapaz?

Pensei no que Arthur poderia estar fazendo agora e não escutei direito quando minha mãe acenou e disse algumas palavras para o garçom.

Quando olhou para mim, com um grande ponto de interrogação na sua testa, eu só assenti, esperando que fosse uma pergunta de sim ou não.

— Ótima escolha, filha. — Escutei ela dizer, mas não fazia ideia do que se tratava.

Presumi que fosse sobre a comida, então me obriguei a parar de pensar naqueles olhos cor de esmeralda e voltar para a realidade.

O garçom recolheu os cardápios e afastou-se da mesa.

Minha mãe tinha um olhar misterioso. Eu sabia que ela queria me perguntar alguma coisa, mas eu daria um jeito de desviar seus pensamentos para algum assunto de seu interesse e que, de preferência, não tivesse a ver comigo.

— Como andam os preparativos para a festa? — Acomodei-me na cadeira.

— Perfeitamente. Aquela sua amiga, a

Amanda, é a nossa salvadora. — Minha mãe abriu um sorriso enorme. — Quando a indicou, não imaginamos que levaria tanto jeito.

— Pois eu imaginava. — Afirmei, orgulhosa.

— Ela é bastante esforçada. — Meu pai se pronunciou, ajeitando os óculos, que cismavam em deslizar pelo seu nariz. — Tirando a irresponsabilidade de ter um filho fora do casamento, ela é uma boa menina.

Será que as pessoas nunca parariam de falar sobre aquele assunto, mesmo vendo todo o esforço que Amanda fazia para criar o filho sozinha?

Quer dizer. Sozinha, não. Amanda sempre teve o irmão ao seu lado e eu tinha tanto orgulho dele por tudo o que fez.

— O que o pai dela fez, expulsando-a de casa foi terrível. Eu jamais faria isso. — Meu pai fez cara feia.

— Obrigada, pai. — Toquei sua mão, com carinho.

— O irmão dela agiu bem, assumindo toda a responsabilidade e ajudando-a quando mais
PERIGOSAS ACHERON

precisou. — Minha mãe completou o argumento do papai. — Mesmo eu nunca tendo gostado dele, admirei sua atitude.

Fiquei paralisada. Sabia que ela não gostava do Arthur agora, mas nunca? E todas as vezes em que ela o tratou bem? Foi sempre por educação?

— Nunca gostou dele? — Falei, atônita.

— Não lembra o modo como ele te deixou?

— E daí? — Dei de ombros. — Nós terminamos. Relacionamentos acabam. — Por que as pessoas não entendiam que a vida seguia e que a felicidade não dependia de com quem se namorava? — Eu fui estudar fora. Vocês deveriam agradecê-lo por isso.

— Mesmo antes disso. Quando vocês namoravam, eu já não gostava dele.

— O quê? Por quê? — Aquela informação era nova.

— Ele sempre foi muito ciumento, teimoso. Vocês viviam brigando.

Eu sabia que nós brigávamos muito. Mas que casal não brigava? E nem foram tantas vezes

PERIGOSAS NACIONAIS

assim. Ou foram?

Não importava. Aquilo era passado.

— Mas agora é diferente. Ele amadureceu.
— Eu o defendi, aborrecida. — Todos nós amadurecemos.

— Como você sabe?

Droga! Ela jogou a isca. Como iria sair daquela?

Pense, Luíza.

— Porque eu vejo. — Não era suficiente. Eu precisava dizer algo mais. — E porque, como você mesma ressaltou, ele assumiu toda a responsabilidade pela irmã e pelo sobrinho quando o próprio pai lhe virou as costas.

Bingo. Usar o que ela disse contra ela. Minha mãe não teria como rebater.

— Isso é verdade.

Pronto. Ganhei.

Inspirei profundamente, o garçom/robô voltou com os pratos e foi nos servindo.

Minha mãe endireitou a postura e tentou

PERIGOSAS ACHERON

fazer com que sua expressão voltasse a ser a mais simpática possível. Ela não queria que estranhos pensassem que a sua família ficava discutindo em restaurantes.

Minha mãe odiava escândalos, por isso sempre que brigávamos, a sua voz continuava baixa e as pessoas ao redor quase não notavam que estávamos atirando balas silenciosas uma na outra.

Quando o garçom saiu, olhei para baixo e respirei aliviada. Minha mãe tinha pedido picanha na brasa, arroz branco e ao redor, havia uma variedade de molhos. Chegou a dar água na boca.

Aceitar que a nossa comida fosse escolhida por outra pessoa era um perigo. Imagina se fosse lagosta? Ou pior, camarão?

Mas minha mãe sabia que eu era alérgica a frutos do mar, então nunca faria aquilo.

A não ser que soubesse que eu não estava a escutando e quisesse me punir.

Graças a Deus aquilo não tinha acontecido.

Todos pegaram seus talheres e começamos a comer em silêncio. Agradei pelo clima finalmente ter ficado calmo e pela comida estar

PERIGOSAS ACHERON

deliciosa.

— E quais são os planos para depois das bodas? — Meu pai estava tentando diminuir o atrito entre nós duas, mas o que ele não sabia era que aquela pergunta, em especial, poderia estragar tudo.

— Minha chefe não para de me mandar e-mails, me pedindo para voltar, mas talvez, eu fique por aqui e me aventure a lecionar.

— Que interesse repentino é esse agora? — Minha mãe não iria me deixar em paz.

— Estou gostando de dar aulas para a Alice.

— Só isso?

— Só.

Nós nos olhamos fixamente e nós duas sabíamos que não era só aquilo.

Mas nenhuma de nós iria falar nada.

— Eu faço gosto que fique e trabalhe comigo na escola. É uma grande notícia, filha. — Meu pai disse com as melhores das intenções, sem saber que tinha acabado de dar um tiro no próprio pé.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chega! — Minha mãe jogou o guardanapo em cima da mesa, irritada. — Vou ao banheiro. — E se retirou.

Ficamos olhando enquanto ela saía, pisando com força. Nunca tínhamos visto minha mãe sair do controle tão facilmente.

— Sua mãe anda cismada, não é? — Meu pai perguntou assim que ela ficou fora de vista.

— Ela não gosta que eu esteja me aproximando das pessoas daqui de novo. Talvez, não queira que eu fique.

— Não é isso, meu amor. Sua mãe só tem medo que você se magoe novamente. Ela ainda se lembra de como ficou da última vez. Talvez você não saiba, mas ela queria correr atrás daquele seu namorado com um rolo de amassar pão. Eu que não deixei. — Tentei imaginar aquela cena e ri. — Ela só quer te proteger.

— Não é trancando alguém em uma redoma de vidro, que demonstramos proteção. Ela precisa confiar nas minhas escolhas.

— Eu vou conversar com ela, está bem? — Ele garantiu, segurando minhas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— O que seria de mim sem você? — E nós nos abraçamos.

Meu pai parecia um urso. Quando nós nos abraçávamos, sempre me sentia acolhida e todos os problemas desapareciam. Ele era tão compreensivo e carinhoso. Diferente da minha mãe, sempre implacável. Queria saber qual era a receita para o casamento deles dar tão certo.

— Também quero um abraço. — Minha mãe voltou outra pessoa e olhei para ela, espantada. Será que ela tinha tomado um calmante no banheiro?

E resolvi baixar a guarda, não adiantaria continuar discutindo.

Depois de comer, conversamos sobre assuntos aleatórios e adorei estar novamente com a minha família. Nós sempre fomos muito unidos. Assistíamos filmes, séries e novelas juntos, eu dava pitacos nas aulas do papai e escutava os dramas da minha mãe sobre como era difícil manter uma casa, se alimentar bem, fazer exercícios e ainda ter tempo para planejar uma festa de bodas de prata.

Imaginei que não seria fácil mesmo. Eu me

cansei só de pensar.

Aproveitei que todos estavam animados para falar sobre a festa. Se fosse para ser, eles simplesmente me deixariam ir. Se não, eu veria o Arthur amanhã.

Para meu espanto, eles não só permitiram que eu fosse, como também me deixaram na porta da festa. Será que a minha mãe se sentiu culpada depois de todas as alfinetadas?

De qualquer maneira, eu tinha conseguido o que queria.

No meio do caminho, eu não parava de sorrir. Abri a janela do carro e respirei aquele ar noturno e geladinho. Papai colocou o endereço da festa no GPS, para que não nos perdêssemos, e, após alguns minutos, eu já estava lá.

Saltei do carro, despedindo-me dos meus pais e olhei ao redor. Vi algumas pessoas na frente, tirando selfies. Outras bebendo e sorrindo. Peguei meu celular para mandar uma mensagem para Arthur, mas acabei guardando o aparelho novamente. Achei que seria melhor fazer uma surpresa.

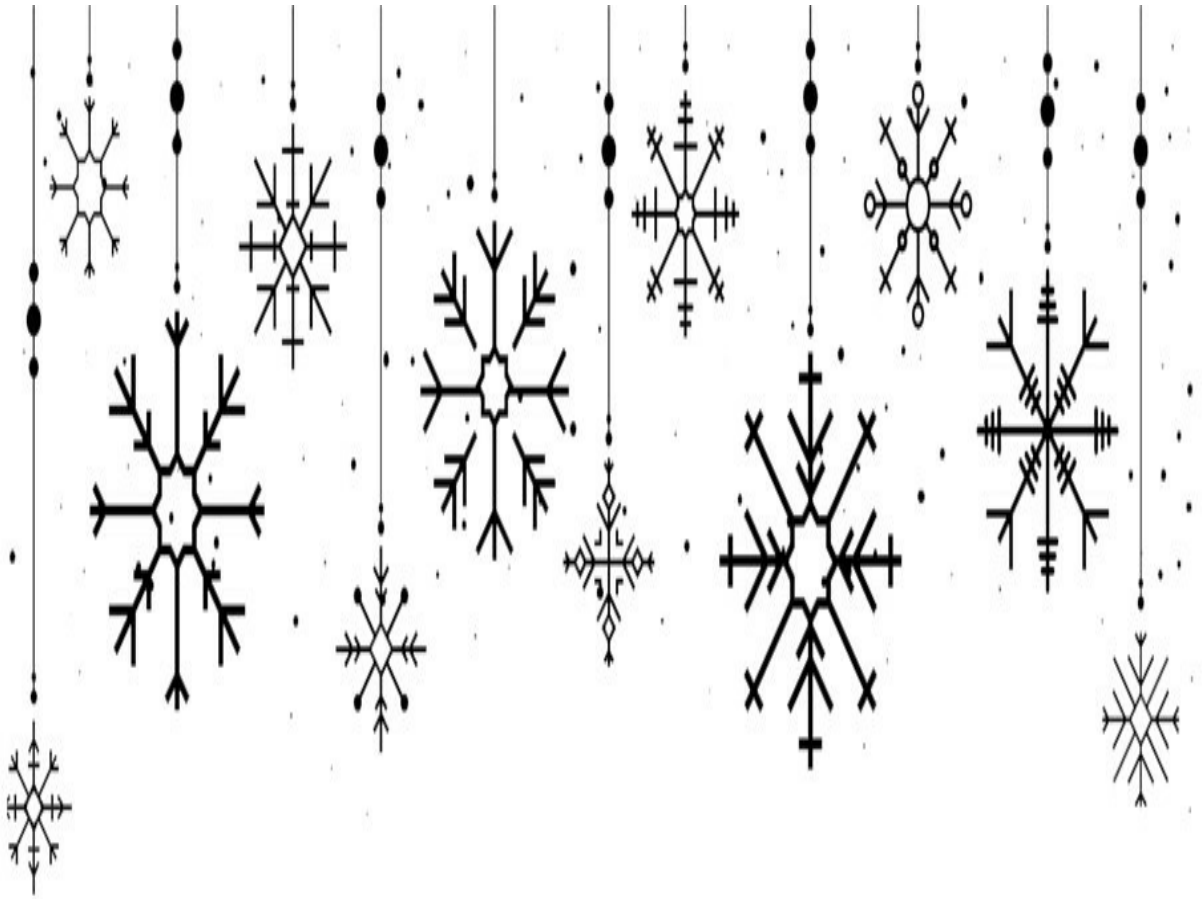
PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 34

PERIGOSAS ACHERON

Assim que entrei, notei que a festa estava lotada, mas, mesmo assim, dava para ver um pouco da decoração. Havia um palco no fundo e pessoas subindo nele, com instrumentos musicais.

Ao redor, tinham luzes, que ficavam piscando e me deixaram um pouco zozza. Um garoto estava virado de ponta cabeça, perto de um barril de cerveja, enquanto as pessoas próximas a ele ficavam gritando: “Vai, vai, vai”. Parecia cena de filme americano.

Não era o tipo de ambiente que me agradava. Tudo que queria era encontrar os meus amigos, mas fiquei quase meia hora andando de um lado para o outro e nenhum sinal deles.

Comecei a me perguntar se estava mesmo no lugar certo. Suzana tinha enviado o endereço por mensagem para todos de manhã. Era ali, sim. Mas onde eles estavam?

Dei mais alguns passos e esbarrei sem querer em alguém.

— Desculpa. — Disse sem olhar para cima.

— Ora, ora. Se não é a doce e simpática
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luíza.

Não. Não podia ser. De todas as pessoas existentes no planeta, eu tinha que esbarrar logo na última que queria ver?

— Com licença. — Levantei o olhar, tentando controlar o meu nervosismo, mas minhas mãos já estavam tremendo.

— Por que a pressa? Tanto tempo que não conversamos. — Melissa sorriu, mexendo no meu cabelo com deboche.

— Não tenho nada para falar com você. — Segurei suas mãos com força e afastei-as de mim, deixando claro que queria distância dela.

— Mas eu tenho. — Talvez ela não tivesse entendido ou minha atitude só a tivesse desafiado. — Agora sei por que você sempre foi apaixonada pelo Arthur. — Melissa me encarou. — Aquela boca maravilhosa, aquele corpo de tirar o fôlego.

Sua voz estava me dando náuseas. Tapei os ouvidos em um ato de desespero, mas suas palavras continuaram se repetindo na minha mente.

— As covinhas que aparecem quando ele sorri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não. Ela não podia falar das covinhas. Elas eram só minhas.

— Cala a boca! — Gritei em um acesso de fúria.

— Uau. — Ela fingiu espanto.

Descarada. Era o que ela era.

— A doce Luíza está irritadinha hoje? — Ela fez beicinho. — O que foi? O Arthur te deixou sozinha? — E ela deu uma gargalhada diabólica.

Demônio. Ela era o próprio demônio.

— Vê se me deixa em paz, sua... — Procurei uma palavra que a definisse, mas só vieram xingamentos na minha mente.

— Fala! — Ela me provocou. — A boa menina não pode falar palavrão?

Engoli em seco. Ela tinha ido longe demais. Estava na hora de lhe ensinar uma lição.

Estava prestes a sentar a mão na cara dela quando Felipe apareceu como um anjo, impedindo que eu fizesse alguma loucura.

— O que está acontecendo aqui? — Ele se colocou no meio de nós duas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apenas uma conversa entre amigos, gracinha. — Melissa informou, mordendo o lóbulo da orelha dele de modo ousado.

Felipe a empurrou imediatamente.

Bem feito para ela.

— Nós não somos amigas. — Fiz questão de dizer enquanto Felipe assumia uma postura ainda mais paternal.

— Melissa, deixa a Luíza! — Ele falou com autoridade.

— O quê? Virou o guarda-costas dela agora? — Melissa riu. E uma ideia parecia ter surgido na sua mente. — Não acredito. — Ela levou a mão à boca. — Vocês dois? — Melissa arregalou os olhos e deu um sorriso torto. — Que danadinha!

— Para de falar besteira, sua idiota. Eu não sou você. — Cuspi as palavras.

— Não sabe o que está perdendo, querida.

— Pois, eu sei o que você está perdendo. — Apontei para ela irritada, sentindo uma onda de energia passando pelo meu corpo. — Pessoas que

PERIGOSAS ACHERON

gostem de você de verdade, porque eu duvido que sequer saiba o que é isso.

Melissa ficou parada, me olhando boquiaberta. Ela ia dizer alguma coisa, mas não deixei.

— Agora me deixa passar que eu cansei de olhar para a sua cara. — Empurrei-a e saí andando sem olhar para trás.

Talvez tivesse deixado Felipe lá, mas eu só precisava sair de perto daquela cobra o mais rápido o possível. Ela conseguia trazer o meu pior lado, conseguia me tirar do sério, e não de uma maneira boa.

Continuei andando e respirando fundo, esperando que eu voltasse ao normal, mas só esbarrei em pessoas aleatórias e acabei me escorando em uma pilastra, tonta de ódio.

Passei a mão pelo rosto e quando achei que nada mais poderia voltar a fazer sentido, eu o vi. O único que fazia com que tudo ao redor perdesse a importância.

Arthur estava sozinho, se mexendo de um lado para o outro ao som de Eu amei te ver, do

PERIGOSAS NACIONAIS

Tiago Iorc. Ele estava lindo, com uma camisa xadrez vermelha e calças jeans. Quando me viu, abriu um grande sorriso e veio na minha direção, abrindo os braços.

— Você veio. — E abraçou-me forte, como se cada minuto longe fosse um martírio. O que realmente, era. Depois, me observou com ternura. — E a propósito, eu realmente amei te ver.

Eu não resisti. Toda aquela calma e alegria. Eu precisava de um pouco para mim.

Encostei a testa na dele e passei os braços ao redor do seu pescoço. Começamos a dançar e Arthur agarrou minha cintura. Sua expressão estava séria. Foi quando vi onde tinha me metido.

Se procurava calma, não era ali que encontraria. Arthur exalava desejo e me deixei levar por aquele sentimento também. Já tinha me contido ao máximo e sentia que ia entrar em combustão a qualquer momento.

Coloquei a mão no seu peito e seu coração batia com rapidez. Arthur estava ofegante, olhando para mim. Afastou-me e com um gesto rápido, me rodou pelo salão. Ele me pegou novamente, agora

PERIGOSAS ACHERON

com mais força. Eu sorri, em transe, e ele agarrou meu quadril, descendo até os meus joelhos, encontrando rapidamente a abertura que havia na lateral do meu vestido.

Meu corpo inteiro ficou arrepiado e senti uma pequena gota de suor descendo pela minha nuca. Arthur virou-se de costas e me lambeu, como se quisesse me provar, ali.

Sua língua tocou minha pele enquanto suas mãos passeavam pelas minhas coxas. Por mais que aquilo fosse tentador, virei-me de frente para lembrá-lo de que estávamos em um lugar público.

— Desculpa. — Ele disse, tentando se conter. — É que você é irresistível!

Senti sua mão no meu queixo e ele me olhou de um jeito doce. Eu não tinha palavras suficientes para dizer o quanto o amava, então deixei que o meu corpo falasse por mim.

Abracei-o forte e aproximei o meu rosto do seu, como se implorasse para que ele me beijasse. Mas ele não o fez. Arthur ficou apenas me encarando, me estudando e mordeu os lábios, com um olhar sedutor. Ele queria ver até onde eu iria.

Estava me testando.

Sem pensar duas vezes, puxei-o contra mim e o beijei ardentemente. Era como se uma trilha sonora estivesse tocando na minha mente. Seus lábios eram macios e deliciosos. E não demorou para que Arthur assumisse novamente o controle e me beijasse de volta com todo o desejo.

Sua boca era tão gostosa. Queria beijá-lo a noite inteira. Nossos corpos estavam tão próximos que pareciam que iriam se fundir, mas novamente tentei lembrar a ele e a mim mesma de que não estávamos sozinhos.

Era difícil de se afastar, nossos corpos queriam um ao outro, mas precisávamos, e quando a adrenalina diminuiu, olhei ao redor e vi que todos os meus amigos nos observavam.

Eu podia simplesmente afastar Arthur e lhe dar um tapa, fingindo que ele tinha me agarrado, mas ninguém acreditaria em mim. E cá entre nós, seria ridículo.

Todos pareciam já saber e como se ouvissem os meus pensamentos, confirmaram, explodindo em uma salva de palmas. Alguém

assobiou alto e ouvi um “Até que enfim”.

Eu também estava aliviada por não ter mais que me segurar perto de Arthur, não aguentava mais mentir ou esconder o que sentia. Não sabia nem por que tinha tido aquela ideia idiota.

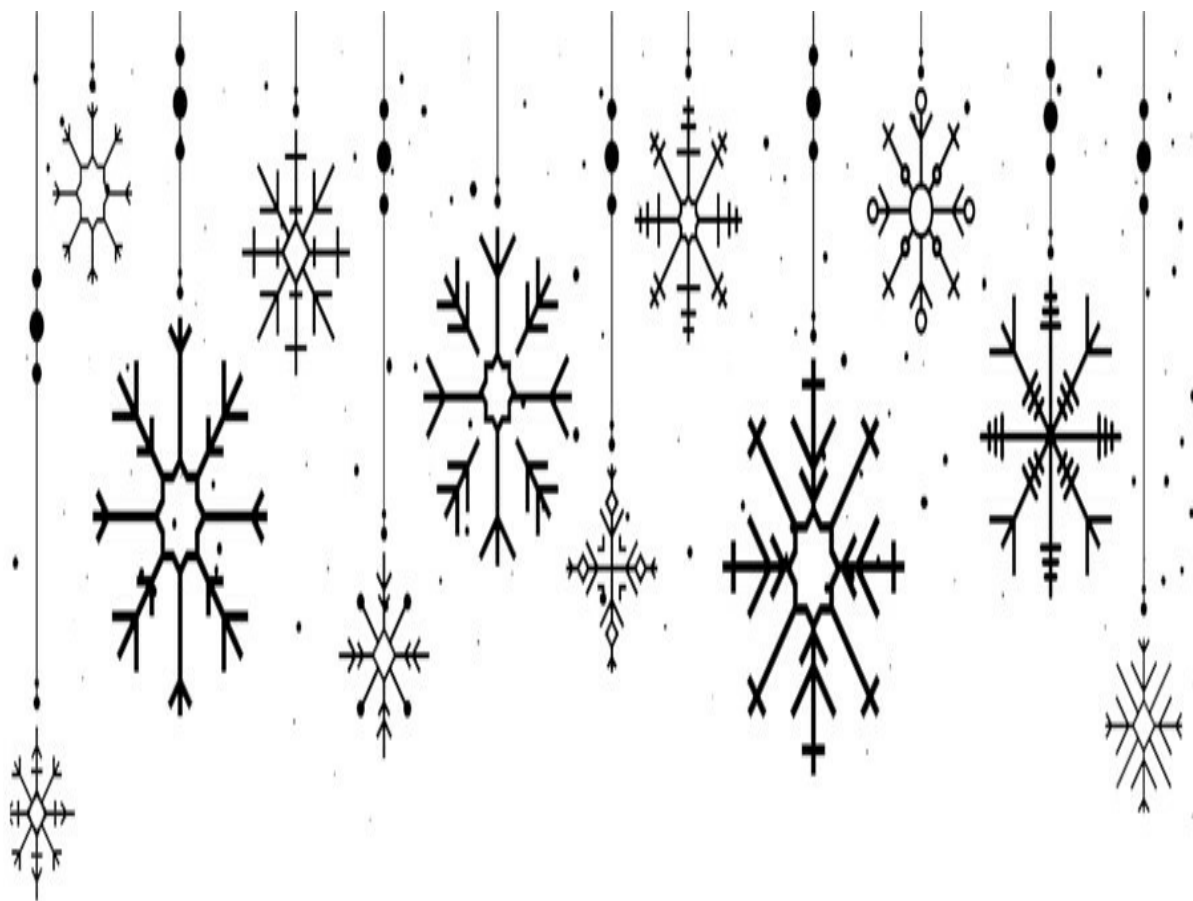
As pessoas vieram nos abraçar e a nos parabenizar. Eu estava tão feliz. Tudo estava finalmente voltando ao normal. Arthur e eu eramos um casal novamente e meus amigos não estavam mais contra mim. Meu coração era só alegria até que ouvi uma microfonia e a voz de Melissa estava em todos os alto-falantes.

Só podia ser um pesadelo. Será que já não bastava tudo que ela havia me feito? Por que ainda tinha que continuar infernizando a minha vida?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 35

PERIGOSAS ACHERON

— Boa noite. — Melissa estava em cima do palco, sorrindo e chamando a atenção de todos. Não sabia por que aquilo tinha deixado minhas pernas bambas.

Talvez nosso encontro mais cedo tivesse deixado a impressão de que ela poderia estar aprontando alguma coisa. Mas o quê?

Não. Eu estava imaginando coisas. Precisava relaxar e aproveitar o tempo com meus amigos, afinal aquilo era uma festa.

— Fiquem à vontade. Temos bebidas para a noite toda, então vamos nos divertir. — Anunciou, balançando seus cabelos com mechas loiras.

Todos gritaram com euforia. Tinha esquecido como Melissa se saía bem em público. E nada como bebida alcoólica para levar uma plateia à loucura.

— Vou buscar um refrigerante para você. — Arthur comunicou e me deu um beijo na bochecha.

Amanda aproveitou a deixa para se aproximar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já estava mais do que na hora de vocês se assumirem. — Ela tentou falar mais alto que a música que estava tocando e depois, olhou irritada para a caixa de som perto de nós.

— Pois é. — Gritei de volta e ela me puxou para longe dali.

Finalmente, pude ouvir meus pensamentos novamente.

— A gente não aguentava mais fingir que não sabia. — Suzana apareceu ao meu lado de fininho e tomei um susto.

— Vocês sabiam? — Franzi a testa.

Não era possível que tivéssemos sido tão óbvios.

— Está brincando? — Foi a vez de Angélica se meter. — Dava para notar o olhar apaixonado de vocês à distância. — Ela suspirou. — Pareciam estrelas iluminando o céu.

Eu me emocionei. Foi tão bonita a sua comparação.

— Sem falar que o Arthur vivia sumindo. — Amanda completou, perversa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que a culpa era dele. Deveria ter sido mais discreto. Mas agora nada mais daquilo importava.

— E o que vocês acham disso tudo? — Perguntei, nervosa.

— Achamos ótimo! — Suzana falou no lugar de todos. — Vocês são tipo Bonnie e Clyde. — Informou, entusiasmada.

— Eles são assaltantes, Suzana. — Bufeí.

— Então, Jack e Rose. — Ela continuou, ainda em êxtase.

— O Jack morre no filme.

— Ah, Luíza. — Suzana parou, olhando-me de mau humor. — Você entendeu o que eu quis dizer.

— Entendi. — E demos uma gargalhada.

Era tão bom não precisar mais guardar segredos. Principalmente, das minhas amigas.

Arthur voltou com as bebidas e as meninas se dispersaram rapidamente.

— O que houve? — Ele disse sem entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que querem nos deixar sozinhos.

— Eu acho uma ótima ideia. — Arthur passou os braços pelo meu corpo, virando-me de costas. Eu fiquei olhando as pessoas ao redor e dando pequenos goles no meu refrigerante enquanto ele beijava o meu pescoço.

Angélica e Rômulo estavam abraçados à nossa direita. Amanda um pouco mais a frente, fazendo passos de dança. Suzana não parava de rir e empurrar a amiga de brincadeira.

Aquela era a nossa primeira noite sem as crianças. Pensei em perguntar onde elas estavam, mas tinha certeza de que estavam bem.

Ficamos em silêncio, aproveitando o momento e aquela atmosfera agradável. Era bom ver nossos amigos se divertindo, sem se preocupar com filhos, planos futuros, trabalho, estudos. Era bom ter um momento para espairecer. Nós precisávamos daquilo.

E eu achando que a noite seria arruinada com alguma armação da Melissa. Talvez até ela tivesse se cansado e ido se divertir bem longe de nós.

PERIGOSAS ACHERON

Outro barulho de microfonia chamou a minha atenção e vi Melissa subindo ao palco. Tapei o rosto e respirei profundamente, sem acreditar. Eu havia comemorado cedo demais.

— Hoje é a noite do *Karaokê* e temos uma banda. — A atenção se voltou para ela outra vez. — Na bateria, Rodrigo Amaral. — Melissa começou a apresentar os integrantes um a um e em resposta, eles faziam um solo em seus respectivos instrumentos.

A plateia aplaudia e gritava, ensandecida.

Quando terminaram, um refletor iluminou Melissa e ela ajeitou o vestido preto, colado no corpo, passando as mãos pelos brilhos prateados que estavam grudados no tecido. Seus seios gigantes quase pulavam do decote.

— Quem será o primeiro a cantar? — Perguntou efusiva, mas todos começaram a se olhar e a balançar a cabeça em negativa. — Alguém? — Melissa me encarou, erguendo o queixo. Depois, fez o mesmo com os meus amigos. — O que é isso, gente? Não precisam ter vergonha. — Ela sorriu, tentando encorajar as pessoas, mas ninguém parecia no clima para aquilo. — Já que ninguém se habilita,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu vou começar.

Meu coração acelerou. Eu sabia que não viria algo bom por aí. Meus instintos me avisaram desde o início, mas eu resolvi ignorar. Melissa nunca me deixaria em paz.

Ela olhou para a banda e eles começaram a tocar. Ela não cantou de início, talvez estivesse fazendo suspense ou fosse apenas a introdução da música.

Melissa dava alguns pulinhos e enrolava o microfone no pulso. Eu só queria que tivessem inventado o teletransporte, para que eu pudesse desaparecer dali.

O baterista fez uma virada e ela gritou:

— *Quem sabe o que é ter e perder alguém?*

— Suas palavras me acertaram bem na boca do estômago.

Vi seu olhar de superioridade e soube na mesma hora que ela estava cantando a música para mim.

— *Quem sabe o que é ter e perder alguém?*

— Repetiu e fiquei um pouco zozza.

PERIGOSAS ACHERON

Depois daquele dia, não sabia se continuaria gostando de Los Hermanos. Não que a música tivesse culpa de alguma coisa.

— *Quem sabe o que é ter e perder alguém?*

— Ela cantou mais uma vez.

Olhei em desespero para os meus amigos e Amanda fez cara de nojo.

— O que ela pensa que está fazendo?

Minhas mãos começaram a suar frio. Eu não sabia o que fazer. Só queria sumir dali.

— Coisa boa que não é. — Angélica respondeu à pergunta de Amanda.

E quando achei que não podia piorar, Melissa disse em alto e bom som, para todos escutarem.

— Vem, Luíza. Essa é a sua música. Você sabe o que é perder um amor.

Pisquei os olhos diversas vezes. Aquilo não podia estar acontecendo de verdade. Era um pesadelo. Só podia ser.

— Na verdade. — Ela corrigiu. — Acho que se fosse amor de verdade, você nunca teria

perdido, não é?

Olhei ao redor e, assim como eu, todos estavam atônitos, sem acreditar no que estava acontecendo. Por último, mirei Arthur e ele parecia mais nervoso do que eu.

Eu nunca tinha sido tão humilhada na minha vida. Melissa não só tinha beijado Arthur e traído a minha confiança. Ela queria esfregar na minha cara todo o mal que tinha me feito.

Comecei a andar para trás em câmera lenta e as pessoas começaram a abrir espaço para que eu passasse. Eu não podia continuar ali.

— Vai fugir, Luíza? — Escutei Melissa falar ao microfone. — Esqueci que é só o que você sabe fazer.

Eu sabia que aquilo não era verdade, mas eu não precisava provar nada a ela.

As lágrimas começaram a descer pelo meu rosto e eu não sabia mais como detê-las. Consegui chegar na rua e as pessoas me olhavam curiosas. Peguei meu celular para ligar para os meus pais, mas minha visão ficou embaçada. Amanda correu atrás de mim, mas eu não queria conversar.

Precisava ficar sozinha.

— Luíza. — Ela me puxou pelo braço.

— Me deixa em paz. — Disse, tentando sair de perto dela.

— Não vê que é isso que ela quer? Ferir você?

— Dê os parabéns para ela, porque ela conseguiu.

Derrotada, sentei na calçada e abracei os joelhos, tremendo. Joguei a bolsa por cima do meu colo e apoiei o rosto nela, deixando todas as lágrimas me inundarem.

Como um dia pude chamar aquela víbora de amiga? Como pude confiar meus segredos e amizade a ela?

Não conseguia acreditar que aquela era a mesma menina engraçada e carinhosa que brincava comigo quando criança, que me ajudou a desgrudar chiclete de uma roupa, após eu ter sentado nele sem querer, que fazia penteados no meu cabelo e dizia como eu era linda.

— Sério que você vai deixar assim? —

Amanda perguntou, sentando-se ao meu lado e passando os braços pelas minhas costas. — Até quando vai correr e se esconder, Luíza?

Olhei para minha amiga, perdida, sem chão.

— E o que mais eu posso fazer, Amanda?
— Dei de ombros.

— Revide. — Ela respondeu, cerrando os punhos.

— É fácil para você falar. Está acostumada a distribuir cascudos por aí, criou uma criança quase que sozinha. Eu não sou tão corajosa assim.

— Como não? — Sua voz saiu um pouco aguda, esganiçada, como se eu tivesse dito alguma besteira. — Você viajou o mundo, foi a primeira mulher que conheci a sair de Nova Aliança por conta própria, aprendeu línguas e arrumou um emprego. Você é independente e maravilhosa. Como pode não ver tudo isso?

Então, um sentimento bom pairou sobre mim. Amanda tinha razão. Eu não era fraca, mas também não queria revidar nada. Não acreditava que vingança ou sentimentos semelhantes a ele faziam bem. Eu só queria que me deixassem em

paz.

Amanda parecia ter escutado os meus pensamentos, pois emendou:

— Eu sei que você não gosta de fazer nenhum escândalo, que não gosta de se expor, mas se continuar sempre assim, tão calma, essa infeliz nunca vai parar de pisar em você. Você precisa colocar ela no lugar dela.

Fiquei olhando para frente, sem saber o que fazer.

Realmente, eu não gostava de fazer cena, mas também estava cansada de ser saco de pancadas.

Amanda estava certa. Se pretendia mesmo a minha vida de volta, não podia deixar que Melissa continuasse me magoando. Eu precisava fazer alguma coisa.

— Verdade. — Comecei a me levantar, pensando no que poderia fazer para que ela parasse de me perseguir. Então, surgiu uma ideia. — Está na hora dessa idiota ter o que merece.

E antes que eu desistisse, desatei a andar. Se eu ia fazer aquilo, tinha que ser no calor do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, porque se parasse um minuto para pensar, a voz da razão voltaria. E eu já tinha dado ouvidos demais para ela.

— O que você vai fazer? — Amanda tentou me alcançar e vi a empolgação tomando conta dela.

— Você vai ver. — Gargalhei alto, com malícia.

— Finalmente. — Ela comemorou, dando socos no ar.

Voltei para dentro com sangue nos olhos, subi no palco e tomei o microfone da mão de Melissa. Ela me olhou sem entender.

— Olá. — Bati no microfone para ver se estava ligado.

Amanda me olhou lá de baixo, sorrindo de orelha à orelha. Aquilo me deu ainda mais forças.

— Já que “a minha querida amiga” resolveu cantar uma música para mim, pensei que seria legal se eu retribuísse a gentileza. Vocês não acham?

Melissa ficou pálida. Ela não imaginava que a doce e simpática Luíza iria revidar.

Não. Não fazia o meu tipo. Mas eu seria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma pessoa diferente, apenas hoje.

Cochichei o nome da música para a banda e eles entenderam rapidamente. Melissa olhou correndo na nossa direção, tentando ouvir também, mas o guitarrista já tinha puxado a primeira estrofe.

Encarei Melissa, triunfante, sorri e então, comecei a cantar, com deboche:

— Parece uma rosa, de longe é formosa. —
Abracei-a de lado e mexi no seu cabelo, como ela tinha feito comigo mais cedo. — É toda recalçada, alegria alheia incomoda. — Continuei e mandei um beijo para ela.

Depois, me virei para a plateia para gritar o refrão:

— *Venenosa, eh, eh, eh, eh. Erva venenosa, eh, eh, eh, eh. É pior do que cobra cascavel, seu veneno é cruel.*

Todos explodiram em gargalhadas e apontaram o dedo para Melissa.

— Essa música é a sua cara, Melissa. —
Alguém gritou.

Virei-me novamente para ela. Seu rosto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava vermelho de raiva, de humilhação, de vergonha. Todas as sensações que tive antes, agora a atingiam. Observei-a, olhando ao redor, meio catatônica, procurando algo, alguém que a confortasse, mas Melissa não tinha nada. Ninguém mais se importava com ela.

Por um milésimo de segundo, senti pena dela. Mas pensei melhor e não, ela não era digna de pena.

Quando dei por mim, todos estavam cantando em coro. Melissa sentiu-se acuada e quando tentou sair do palco, tropeçou em um cabo e caiu de cara no chão.

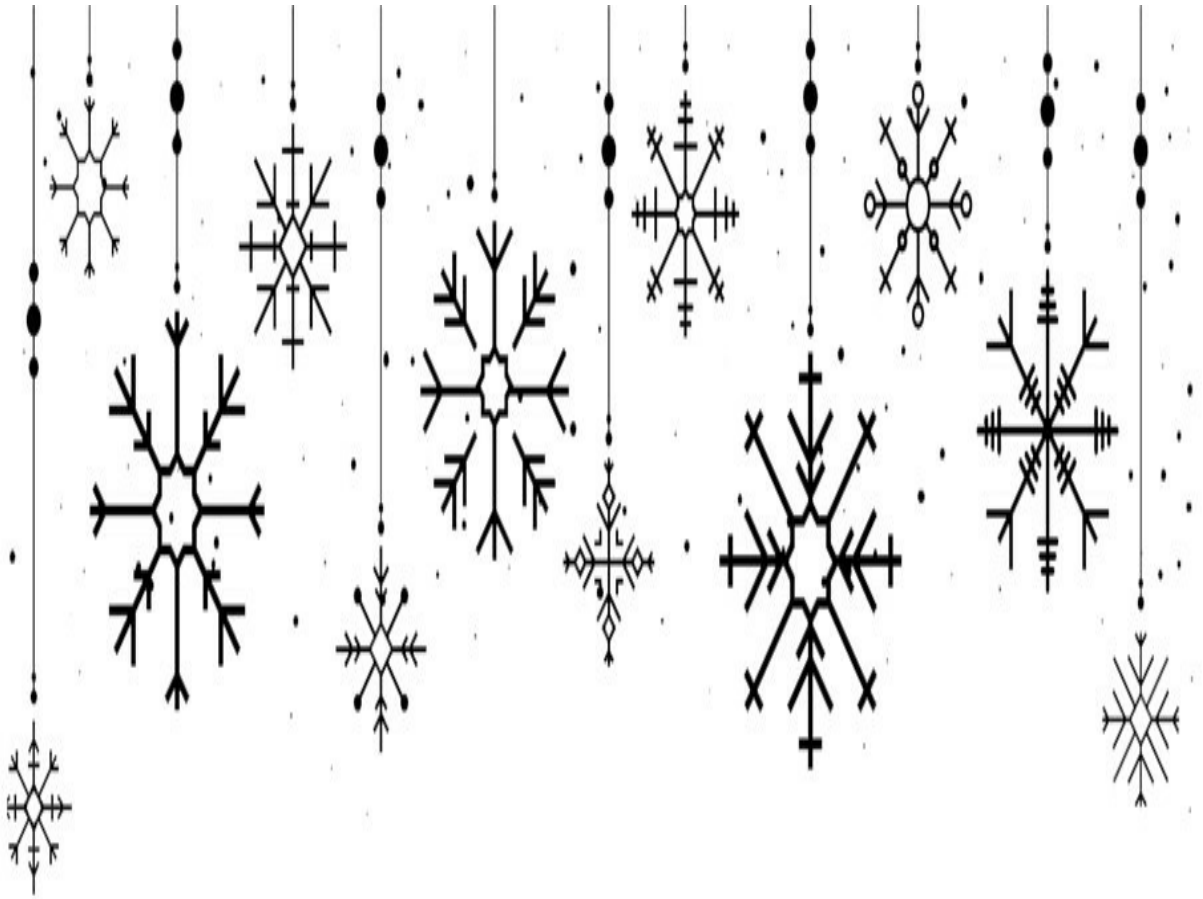
Fez um estrondo e ela ficou tentando levantar, sem sucesso. Mais pessoas riram e eu pensei na lei do retorno. Ela era mesmo infalível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 36

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois que cantei naquele palco, todos os meus amigos tomaram coragem e fizeram o mesmo.

Angélica e Rômulo cantaram juntos a música Por onde Andei, do Nando Reis, trocando olhares apaixonados e juras de amor. Amanda e Suzana fizeram a versão delas de Amante não tem lar, da Marília Mendonça, simulando expressões de tristeza e rindo uma da outra.

Quando elas terminaram, Arthur subiu ao palco sozinho. Eu não sabia o que ele iria aprontar, mas estava louca para descobrir.

Arthur não cansava de me surpreender. Desde criança, fazia de tudo um pouco para demonstrar seus sentimentos. Às vezes o achava intenso demais, mas senti falta daquela característica quando estive fora.

Nunca conheci alguém como Arthur. Protetor, carinhoso, gentil, prestativo, sempre ao meu lado quando precisava. Também era ciumento, teimoso, esquentadinho, mas eu o amava além dos seus defeitos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando olhava para ele, só pensava em como era sortuda por tê-lo na minha vida.

Olhei para frente e Arthur sorriu. Podia morar naquele sorriso. Eu seria a pessoa mais feliz do mundo.

Ele prendeu-me no seu olhar e começou a cantar com a sua voz linda e rouca.

*Amor igual ao teu
Eu nunca mais terei.
Amor que eu nunca vi igual
Que eu nunca mais verei.*

E Arthur começou a se mexer de um lado para o outro. O charme em pessoa.

*Amor que não se pede
Amor que não se mede
Que não se repete.*

Nós tínhamos uma sincronia fora do comum

PERIGOSAS ACHERON

mesmo. Ele conseguiu escolher uma música que representava tudo o que eu estava pensando segundos atrás.

— Amor igual ao teu, eu nunca mais terei.
— Ele repetiu aquela parte, apontando para mim e tapei o rosto, envergonhada, mas repleta de amor.

— Que brega! — Suzana comentou, aparecendo ao meu lado. — Mas lindo.

— Sim. Ele é lindo. — Falei, sorridente.

— Falei do gesto. Não, dele. Acorda! — Suzana me deu um empurrão de leve.

— Não quero. Não quero acordar nunca mais. — Comentei, em transe.

Ela deu uma gargalhada.

— Então, vai lá, bela adormecida. — Suzana brincou, empurrando-me para perto do palco. — Vá pegar o seu príncipe.

As pessoas ao seu redor pareciam ter entrado na onda, pois todos começaram a me puxar na direção do palco.

Quando vi, Arthur tinha me dado a mão e me ajudado a subir. Então, começamos a cantar um

PERIGOSAS NACIONAIS

para o outro.

— Amor que não se mede, amor que não se pede, que não se repete.

Não tinha notado antes que o palco estava decorado com pisca-piscas de todas as cores e que eles nos rodeavam.

— Eu te amo. — Arthur falou no meu ouvido.

— Eu amo mais. — E o beijei.

Já tinha o beijado um monte de vezes desde que fizemos as pazes, mas sempre sentia um frio na barriga, como se aquele fosse o primeiro, de novo e de novo.

Arthur me abraçou e me girou enquanto alguém da banda continuou a música por nós e escutei aplausos vindo da plateia. Não imaginava que depois de tudo que tinha acontecido aquela noite, eu estaria sorrindo daquela maneira. A vida era mesmo uma caixinha de surpresas.

Quando a música acabou, Arthur me ajudou a descer e os nossos amigos vieram nos abraçar, expressando o quanto estavam contentes por estarmos juntos novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suzana e Amanda também demonstraram felicidade, mas reparei depois que toda a alegria delas tinha outro motivo.

— Você não sabe o DJ gato que vai tocar daqui a pouco.

Elas estavam alvoroçadas.

— O nome dele é gato?

— Claro que não, engraçadinha. — Amanda bufou. Eu adorava irritá-la. — Eu ainda não sei o nome dele, mas irei descobrir. — Falou com determinação.

— Ei. — Suzana a interrompeu. — Você já tem o Felipe e agora, quer o meu DJ?

— Como assim já tenho o Felipe? — Amanda questionou, franzindo a testa. — Nós somos apenas amigos.

— Blá blá blá... — Suzana fez careta e eu ri alto.

— Mas é verdade! — Amanda se defendeu.

— Então, vai me dizer que você não quer nada com ele? Que se ele chegasse aqui agora, com aquele corpinho gostoso, te segurasse bem forte...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Suzana empurrou Amanda contra uma parede, fazendo cena. — E dissesse que te quer, você não se derreteria toda?

Amanda se livrou de Suzana e até se abanou depois daquilo, claramente pensando na possibilidade.

— Me deixa em paz, Suzana! — Foi só o que Amanda conseguiu dizer.

— Viu? — Suzana apontou para Amanda. — Você está caidinha por ele.

— Não estou nada. — Amanda tentou correr dali, mas Suzana foi atrás, enquanto eu fiquei parada, achando graça das duas.

A banda foi aos poucos tirando seus equipamentos do palco quando um homem moreno de cabelos negros e corpo robusto apareceu lá em cima com uma camisa cortada, exibindo inúmeras tatuagens.

Reconheci as vozes de Amanda e Suzana à distância, dando gritinhos de empolgação. Olhei para o lado e vi Arthur me observando atentamente.

— O que foi? — Perguntei, querendo rir. Sabia que ele estava me vigiando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada. — Ele disse, tentando esconder seu súbito ciúme pelo DJ “gato”, que, na verdade, não me enchia os olhos.

Arthur ficava ainda mais lindo com ciúmes. Ele sim, era o maior gato.

— Estou apaixonada! — Suzana voltou correndo e gritando.

— Ele é tãaaaaaaao lindo. — Amanda também apareceu ao nosso lado, com os olhos brilhando.

— Não acho que seja tudo isso. — Dei minha opinião.

— O quê? — Suzana ficou de boca aberta.

— Ele não faz o meu tipo.

— Ah, é? — Ela me olhou como se eu não fosse daquele planeta. — E o que tem de errado naquele deus grego?

— Muito musculoso, talvez.

— E desde quando isso é defeito?

— Não disse que era. Só não acho bonito.

— Ah, me poupe. — Suzana disse, saindo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de perto de mim, irritada.

Arthur veio me abraçar, mas meu celular começou a tocar.

— Já volto. — Informei, encaminhando-me para um lugar mais silencioso, para que pudesse atender.

O número era restrito, mas era melhor que eu atendesse. Podia ser do trabalho.

— Alô? — Fiquei esperando que alguém respondesse, mas a linha estava com um pouco de ruído. — Alô? — Repeti.

— Luíza?

Ai, meu Deus. Eu conhecia aquela voz. E como conhecia.

— Ethan?

Não podia ser. Por que ele estava me ligando do nada?

— Sim. Sou eu. Está podendo falar?

Olhei ao redor. Arthur não se incomodaria se eu demorasse só alguns minutos. Ele estava se divertindo com os seus amigos.

PERIGOSAS ACHERON

— Posso. Como você está?

— Estou bem. E você? — Senti o carinho em sua voz. Que saudade de Ethan.

— Também. No começo, foi um pouco difícil, mas agora está ótimo.

— Sério? Pensei que teria problemas com seu ex.

— E tivemos, mas agora está tudo bem. — Não mencionei que estávamos juntos novamente, até porque aquilo não era da conta de Ethan.

— Fico feliz.

— Obrigada.

— Estou ligando porque seus pais me mandaram um convite para as bodas de prata. Na verdade, foi a sua mãe.

Fiquei muda com a informação. Sabia o quanto minha mãe gostava de Ethan, mas será que aquilo não era demais? Nós já não estávamos juntos fazia tanto tempo.

— Você sempre falou tão bem de Nova Aliança, que fiquei curioso em conhecer a cidade. — Ethan continuou. — E também, estou com

saudades de você.

— Ah. — Eu não sabia o que dizer.

— Queria saber se não teria problemas se eu fosse?

— E o seu trabalho?

— Estou me dando férias.

— Uau. Essa é uma novidade. — Chutei o chão, procurando uma desculpa, mas não consegui pensar em nenhuma boa o suficiente.

— O que me diz?

Eu não poderia ser indelicada e retirar o convite da minha mãe. E também, que mal teria se ele viesse?

Respirei fundo e pedi aos céus para estar fazendo a coisa certa.

— Será um prazer ter você por aqui, Ethan. — Falei, forçando o sorriso. — Todos vão adorar te conhecer.

E como vão. Principalmente, o Arthur. Ri de nervoso.

— Então, até mais. — Ele se despediu,

animado.

— Até mais. — Eu me despedi também, não tão animada assim.

Tirei o aparelho do ouvido e passei a mão no rosto. Eu estava ferrada.

Por que minha mãe tinha que convidá-lo sem me consultar? Tudo bem que a festa era dela, mas o ex-namorado era meu.

Eu estava exagerando. Quem disse que não podia ser amiga do meu ex? Eu era antes de reatar com Arthur. Não precisava mudar minha vida só porque estávamos juntos outra vez. Eu ia falar com Arthur e ele iria levar numa boa. Sem falar que as meninas iriam adorar conhecer Ethan. Ficaria tudo bem.

Tentei me convencer daquilo e dar um sorriso relaxado enquanto voltava para perto de todos.

— Quem era? — Arthur perguntou.

— Ethan.

— Ethan, o britânico? — Suzana surgiu, praticamente salivando. — Ethan, seu ex namorado

empresário? — Seus olhos estavam arregalados.

— Sim, Suzana. — Respondi com vontade de matá-la.

— Amanda! — Suzana deu um grito. — Corre aqui!

Não acreditava que aquilo estava acontecendo. Será que Suzana não tinha o mínimo de semancol?

— O ex-namorado gostoso, com sotaque britânico da Luíza acabou de ligar para ela. — Suzana informou para Amanda, que captou no ar a expressão irritada de Arthur.

Também, não era para menos. Depois daquele alarde todo da Suzana, qualquer um ficaria com raiva.

Amanda me olhou, apreensiva:

— O que ele queria?

— Disse que os meus pais o convidaram para as bodas de prata e perguntou se tinha algum problema se ele viesse.

— Você disse que tinha? — Arthur se virou para mim, tapando a visão dos demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Por quê?

— Por quê? — Arthur falou alto. — Será que esse circo todo não responde à sua pergunta? — Falou, apontando para as meninas.

— Não fui eu que armei isso. — Eu me defendi e as palavras da minha mãe me vieram à cabeça.

“Ele sempre foi muito ciumento, teimoso. Vocês viviam brigando.”

— Sem falar que me parece óbvio que seus pais armaram esse encontro no intuito de vocês se reconciliarem.

— Eles não seriam capazes disso. — Cruzei os braços.

— Tem certeza?

Pensando bem, teriam sim. Minha mãe seria capaz de qualquer coisa para que eu voltasse com Ethan. E de sobra, ainda convenceria meu pai de que estava fazendo o melhor para mim.

— E mesmo que esse seja o plano deles, não vai dar certo. Eu amo você, Arthur. Você tem dúvida disso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

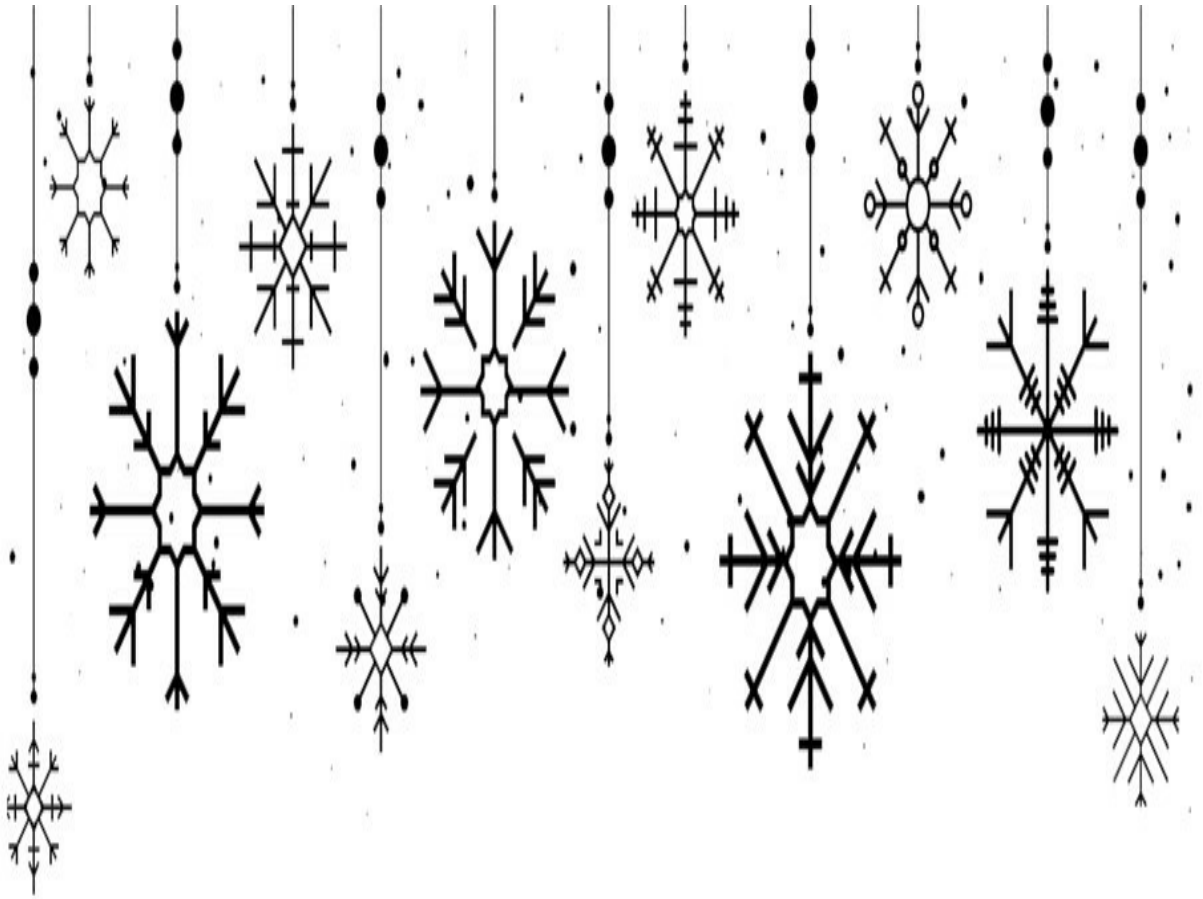
— Não. Só fico nervoso de saber que irei conhecer alguém que já beijou esses lábios lindos.
— E ele tocou minha boca. — E eu também queria que seus pais gostassem de mim.

— Eles vão. — Garanti, embora não tivesse tanta certeza daquilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 37

Agora que Arthur e eu tínhamos assumido o nosso namoro, podia aparecer na casa de Amanda sempre que quisesse e sem precisar inventar desculpas. Arthur ainda não tinha perdido o hábito de entrar pela janela do meu quarto, mas enquanto não conversasse com meus pais, não poderia reclamar.

Sem falar que gostava de ainda ter algo que fizéssemos escondido, deixando aquele clima de romance proibido.

Como tinha melhorado completamente da torção do pé, pedi que Arthur me levasse para a pista de Skate. Eu ainda não a conhecia.

Era final de semana e nós nos reunimos na casa de Amanda para irmos todos juntos. Angélica aproveitou e fez uma cesta gigante de piquenique.

Alice surgiu na sala com o que parecia ser uma armadura.

— O que é isso? — Perguntei, olhando para ela com os olhos arregalados.

— Viu? Até a tia Luíza acha horrível, pai.
— Alice choramingou para Rômulo, que veio
PERIGOSAS ACHERON

caminhando até nós.

— Não é horrível. É proteção. — Ele respondeu a ela e depois, se virou para mim. — Alice quer aprender a andar de patins.

— E você resolveu equipar ela para que não tivesse como se machucar? Entendi. — Tentei segurar o riso.

Embora entendesse sua preocupação, achava que ele tinha exagerado um pouco.

— Prontos? — Amanda perguntou, como se fosse a mãe de todos.

Assentimos e ela sorriu.

— Então, vamos.

Saímos pelo portão da frente e o céu estava lindo, sem nuvens. O carro de Arthur estava parado na calçada e todos se aproximaram dele.

Mas o dia estava tão lindo para uma caminhada.

— Por que não vamos andando? — Dei a ideia, mas todos me olharam como se eu estivesse falando grego. — Tenho certeza de que não deve ser longe. — Completei, mas os olhares de

reprovação continuavam iguais.

— E vamos carregar o carrinho e a cesta onde, Luíza? Na sua cabeça? — Amanda articulou, ríspida.

— Então, vocês vão de carro e eu a pé. É bom que faço um pouco de exercício. — Comuniquei, ainda animada.

— Para de tentar bancar a *fitness* e entra logo. — Amanda me empurrou para dentro do carro, sem me dar tempo de falar e quando vi a confusão em que me encontrava, a animação foi embora.

O carro estava lotado. Arthur e Rômulo na frente, o restante espremido no banco de trás. Não tinha a menor necessidade de irmos todos juntos, mas quem disse que tive algum direito a voto?

Alice estava no colo de Angélica. Gabriel, no de Amanda. E no meu colo, tinha um monte de tranqueiras, que empurraram na minha direção.

Parecíamos os personagens do filme *A Família Buscapé*.

Por sorte, Suzana nos encontraria lá, porque não caberia mais uma pessoa naquele amontoado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não consegui enxergar nada no caminho e já estava odiando o passeio sem que ele tivesse ao menos começado, mas o martírio durou pouco.

Como imaginei, a pista de Skate não era tão longe e gostei de estar certa, porque eu só queria sair correndo de dentro daquele carro e respirar ar puro.

Saí às pressas, desesperada, e me delicieei com a liberdade. Sem choro de criança, sem cotoveladas, sem barulhos. Agora eu poderia ouvir os meus pensamentos novamente.

E o som dos pássaros. Eles passaram voando em bando acima da minha cabeça.

A pista de Skate ficava próxima a Rua dos Privilégios, em uma praça gigante, com um gramado bonito, árvores grandes, balanços e uma quadra de esportes para as pessoas jogarem futebol, vôlei ou apenas correr.

Nas paredes, tinha grafites coloridos e frases de efeito. Arthur disse que à noite as pessoas se reuniam para fazer batalhas de rap e danças de rua. Parecia muito interessante.

Arthur me mostrou o skate que tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comprado para mim. A madeira do *shape* parecia ser leve e resistente, a lixa estava intacta e o design dele parecia sofisticado.

— Gostei da cor. — Olhei para o roxo misturado ao lilás e sorri.

— A sua preferida. — Ele se aproximou.

— Você ainda se lembra. — Emocionei-me.

— Como poderia esquecer? — Arthur me abraçou.

Eu tinha o melhor namorado do mundo.

Coloquei meu skate no chão e comecei a andar. Eu ainda sabia remar. Arthur veio atrás de mim e demos uma volta pela quadra juntos.

Ele me deu as mãos, assim como fazia no passado. Claro que, naquela época, não tínhamos uma quadra como aquela, nem mesmo uma pista de skate, mas sempre encontrávamos alguma rua asfaltada e que não fosse muito movimentada.

Vi Alice de longe, colocando seus patins cor-de-rosa. Ela tinha o semblante feliz. Rômulo, por outro lado, parecia estar morrendo de medo. Angélica cobria o gramado com uma toalha e

PERIGOSAS ACHERON

Amanda se sentou nela, com Gabriel no colo. Tudo parecia perfeito.

— Parem com essa melação! — Suzana passou a toda velocidade por Arthur e eu, montada em um skate.

Ela estava com fones de ouvido, mas dava para escutar o som alto vindo deles. Era um rock pauleira.

Por um minuto, perdi o equilíbrio. Tentei colocar os pés no chão, mas não consegui enxergá-lo. Arthur percebeu o meu desespero, pulou do seu skate e arrancou-me do meu, com uma rapidez fora do comum.

Fiquei olhando para ele, admirada.

— Você se machucou? — Arthur questionou, olhando meu corpo inteiro. — Seu pé está bem? Você se recuperou há pouco tempo, não deveria estar fazendo nenhum esporte. — Ele começou a falar rápido, como se estivesse se culpando de um acidente que sequer tinha acontecido.

— Calma, Arthur. — Segurei seus ombros e intensifiquei o olhar. — Eu estou bem. — Falei

cada palavra em câmera lenta, para ter certeza que ele tinha entendido.

— Jura?

— Sim. Olha para mim. — E dei uma volta, para que ele visse que eu estava inteira.

— Ai, meu Deus! — Ele fez cara de choque.

— O quê? — Olhei em pânico para o meu corpo.

Será que tinha me machucado em algum lugar e não estava sentindo? Mas onde que eu não estava vendo?

— Você é a mulher mais maravilhosa que eu já vi na vida.

— Arthur! — Dei um tapa nele, mas ele me segurou forte e me puxou para si. — Você me assustou. — Tentei dizer, mas minha voz foi abafada por seu abraço apertado.

— Desculpa.

— Tudo bem. — Sorri, fechando os olhos e inalando seu perfume.

Eu queria morar naqueles braços, respirar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua pele, viver no seu corpo.

Eram pensamentos estranhos, mas pareciam fazer sentido quando estava com ele.

Eu me obriguei a desgrudar dele antes que as pessoas nos olhassem estranho e tentei desfazer aqueles pensamentos repletos de luxúria.

— E então? Qual é a manobra radical que irá me ensinar primeiro?

— Você quase cai e ainda quer continuar andando? Essa é a minha garota! — Ele deu um soco no ar.

— Algumas quedas servem para que levantemos mais felizes. — Recitei Shakespeare.

— Muito bem. — Arthur me deu um tapinha nas costas. — Vamos começar com o *ollie*, a mais fundamental de todas as manobras.

— Não é aquela que eu caía sempre que tentava?

— Sim. — Arthur riu. — Mas eu vou ficar segurando suas mãos até que você se sinta à vontade para fazer sozinha.

— Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

Subi no skate, segurei as mãos de Arthur e comecei a seguir suas instruções. Se aquela era a manobra mais fácil, não queria nem imaginar a mais difícil.

Depois de alguns minutos e incessantes tentativas, eu já estava suando e exausta, mas Arthur não me dava descanso.

— Vamos. Mais uma vez. — Ele disse com determinação.

Quase caí novamente, mas Arthur me segurou e me puxou contra ele. Senti o meu corpo inteiro se arrepiar e então, o empurrei, dando uma gargalhada.

— Isso faz parte da aula?

— Se você estiver interessada. — Incitou, galanteador.

— Sabia que essa sua vontade de me ensinar a andar de skate tinha alguma segunda intenção.

— Que segunda intenção? — Arthur se aproximou, fazendo expressão de pureza.

— Você não presta mesmo! — Balancei a

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça.

Amanda gritou para que parássemos um pouco e fôssemos aproveitar o tempo e a comida que Angélica havia preparado.

Fomos caminhando e me atirei na toalha, de tão cansada. Arthur preparou um sanduiche para mim e me deu um suco de uva.

— Também quero um namorado para me dar lanche na boca. — Amanda reclamou.

— Só arrumar um. — Arthur deu de ombros.

— Como se alguém fosse querer uma mãe solteira.

— Ah, para de graça, que ninguém liga para isso mais. — Suzana incentivou a amiga.

— Vou fingir que acredito. — Amanda cruzou os braços.

A tarde estava agradável, deitei no colo de Arthur e fiquei relaxando, admirando o céu, o vento que tocava os meus cabelos. Tudo estava tão pacífico, que eu quase cochilei, até que o meu celular começou a tocar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era o número restrito outra vez. Arthur me olhou desconfiado.

— Deve ser trabalho. Não vou atender. —
Informei, colocando o aparelho no bolso.

O celular tocou mais uma vez. Todos ficaram me olhando.

— Atende logo isso! — Suzana falou irritada.

Coloquei o telefone no ouvido e a voz de Ethan chegou aos meus ouvidos.

— Luíza?

— Alô. — Tentei soar o mais natural possível, mas meu coração estava a mil. Tinha medo do que Arthur poderia achar daquela ligação.

— Desculpa incomodar novamente.

— Não precisa se desculpar. Pode falar. —
Divaguei, enrolando os dedos em alguns fios de cabelo.

— Estou ligando porque já cheguei em Nova Aliança.

— O quê? Já está aqui? — Falei mais alto do que pretendia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem está aqui? — Todos se curvaram na minha direção.

Tapei o bucal do celular e respondi:

— Ethan.

— Que maravilha! Chama ele para cá. Finalmente, iremos conhecê-lo. — Amanda sorriu de orelha a orelha.

Olhei para Arthur, que já estava emburrado.

— Acho melhor não.

— Por quê? — Amanda franziu a testa. — Chama ele logo. — Ela abanou o ar na minha direção.

Já ia voltar a falar no telefone quando ela gritou:

— Não. Espera. — Ela parou para pensar. — Marca no restaurante do Giuseppe. É melhor lá.

— Ah, claro. Porque o mauricinho não pode comer comida caseira, sentado no gramado de uma praça. — Arthur revirou os olhos.

— Na verdade, é porque acabou a comida, caso não tenha percebido.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou satisfeito mesmo. — Arthur disse com desdém.

— Mas ele pode não estar e não somos mal-educados. — Amanda o fuzilou com os olhos.

— Se fosse para a Luíza ter ficado com o empresário, ela teria ficado, Arthur. Mas, não. Ela está com você. — Suzana se intrometeu. — Então, vamos parar com o ciúme?

— Está bem. — Arthur se deu por vencido. — Convida logo esse sujeito.

Ethan deveria ter estranhado a demora ou achado que a ligação havia caído, mas não desligou. Só ficou repetindo o meu nome.

Eu voltei para a linha, pedi desculpas e lhe passei o endereço. Fomos caminhando até o restaurante em silêncio. Comecei a achar aquela ideia péssima. O que eu menos queria naquele momento era brigar com Arthur.

Mal viramos a rua e já vi Ethan, na porta, nos aguardando. Estava com um camisa de botões branca e o paletó dobrado nos braços. O cabelo continuava na mesma altura, curto e castanho, combinando com sua barba rala. Quando me viu,

deu um grande sorriso.

Segui na frente, abracei-o e me virei para apresentá-lo. Suzana e Amanda foram as primeiras a grudar nele. Já os rapazes apenas acenaram, sem muito entusiasmo.

Entramos para escolher uma mesa e Giuseppe veio fazer as honras da casa com seu habitual bom humor. Encheu Ethan de boas-vindas e nos ofereceu o cardápio.

— Vejo que a mesa está lotada. O que estamos comemorando?

— Não estamos comemorando nada. — Arthur falou com má vontade, o que fez com que Giuseppe se retirasse o mais rápido o possível.

— Que falta de educação, Arthur! — Amanda chamou sua atenção.

— Não foi. Só disse a verdade. Não estamos comemorando nada mesmo.

Eu previa que aquilo seria um desastre.

— Nossa! Ouvi muito sobre vocês. — Ethan tentou quebrar o gelo, mudando de assunto.

— Nós também. — Suzana se alegrou. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Luíza contou como se conheceram.

— Contou?

— Sim. Disse que você estava tendo problemas para fechar um contrato e ela ajudou na tradução.

— Sim. — Ele sorriu. — Luíza é muito boa.

Arthur jogou o guardanapo com força em cima da mesa e todos olharam para ele, receosos.

Antes que acontecesse uma confusão, o chamei no canto. Ele se levantou contra sua vontade e fomos lá para fora.

— Será que pode tratá-lo melhor?

— O cara fica falando dos atributos da minha mulher e eu ainda preciso tratá-lo melhor?
— Arthur esbravejou.

— Ele estava elogiando o meu trabalho, Arthur. — Olhei-o, pedindo um pouco de compreensão.

— Tudo bem. — Ele baixou a guarda. — Vou segurar a onda, mas não quero ficar aqui ouvindo sobre a historinha de romance de vocês. — Avisou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ninguém vai falar sobre nada parecido.

— Então, tudo bem. — Ele fez charme e eu o abracei.

— Obrigada, meu amor. — Sussurrei no seu ouvido.

— O que eu não faço por você? — Arthur riu e fomos andando em direção a mesa.

O bom humor foi reestabelecido e notei que Suzana estava toda meiga, falando com Ethan. Ele parecia estar gostando muito.

— Está hospedado onde? — Suzana quis saber.

— Em um hotel aqui da cidade. Acho que é o único.

— Sim. É uma cidade pequena. — Ela jogou o cabelo para o lado, toda serelepe.

— Mas, tem até um shopping e Suzana é dona de várias lojas de lá. — Tentei fazer com o assunto seguisse aquele rumo.

— Então, temos uma mulher de negócios também. — Ethan parecia interessado nela.

— Sim. Vocês têm muito em comum. —

PERIGOSAS ACHERON

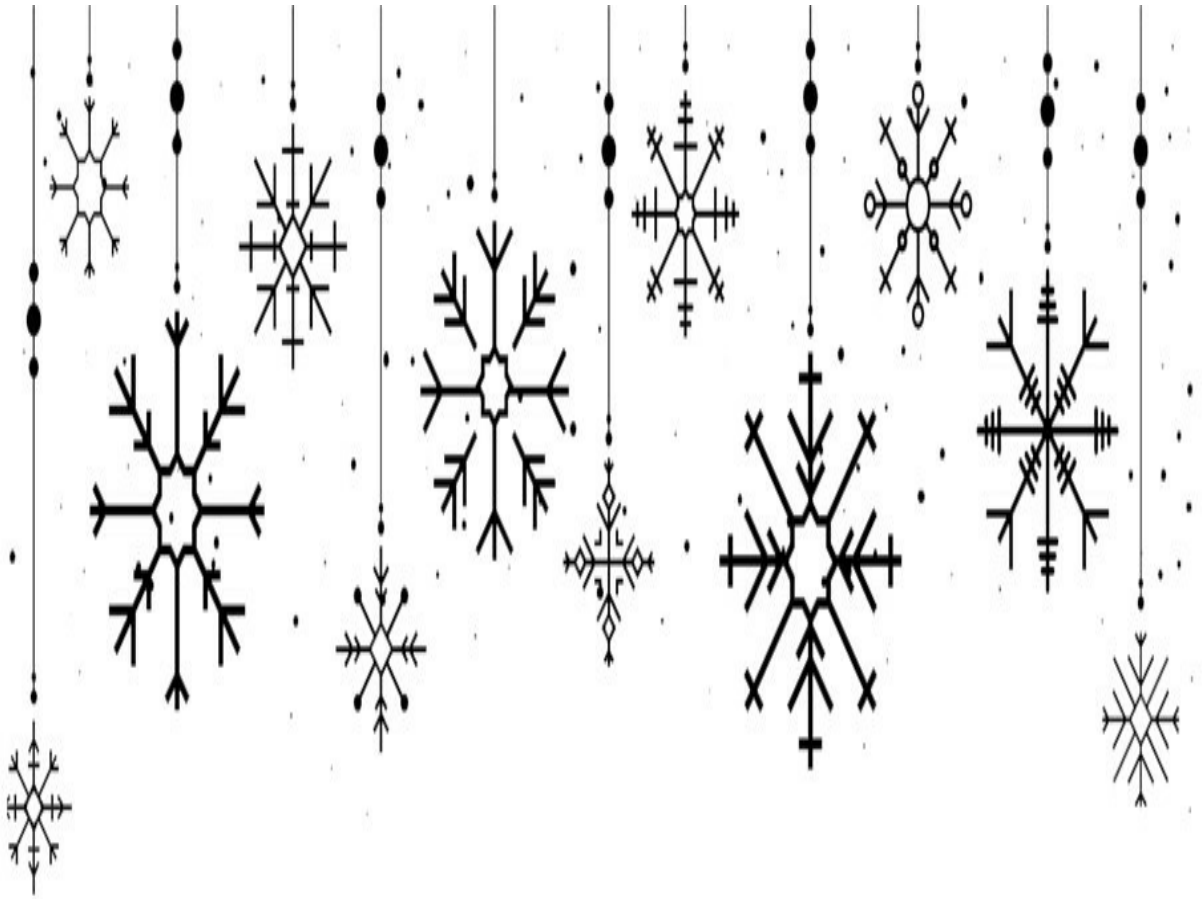
Enfatizei e Suzana piscou para mim, como se agradecesse pelo empurrãozinho.

O que ela não sabia era que estava fazendo aquilo pelo bem da minha relação com Arthur, afinal se ela tivesse algo com Ethan, Arthur não teria mais como pensar besteira a respeito dele. No final, todos saíam ganhando. E era só o que eu queria.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 38

PERIGOSAS ACHERON

Eu não sabia por que minha mãe tinha inventado de dar um almoço para comemorar a chegada de Ethan em Nova Aliança. Na verdade, sabia sim. Ela não tinha se conformado com o nosso término e agora estava tentando nos reaproximar.

Enquanto me fazia arrumar a mesa, pediu para meu pai pegar o jogo de pratos que tinha ganhado no seu casamento. Aquele que só era usado em ocasiões especiais. Só não sabia que ocasião especial ela achava que aconteceria ali.

Se Arthur ficasse sabendo daquilo, ficaria muito chateado. E com toda a razão. Minha mãe nunca fez nada parecido quando namoramos.

— Você nunca fez um almoço assim para o Arthur. — Resolvi trazer o assunto à tona, para mostrar que não compactuaria com aquela situação.

— Arthur nunca foi o namorado ideal para você, querida.

Como assim? Agora ela que ditava quem era certo ou errado para mim?

— Isso quem tem que decidir sou eu. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Afirmei, apertando com força o copo que estava segurando.

— Você tem defendido bastante esse rapaz ultimamente. — Minha mãe comentou, passando-me os talheres. — O que foi? Estão tendo alguma coisa?

E ela parou para me olhar fixamente.

— Não. — Minha voz saiu uma oitava acima, apressada, denunciando-me.

Deveria ter dito a verdade, mas não queria que fosse daquela forma. Queria conversar direito com os meus pais.

— Então, o quê? — Perguntou, ajeitando o meu cabelo e depois, passando o pano de prato que segurava nas mãos em um pouco de molho que havia caído no meu vestido.

O vestido que ela escolheu e obrigou-me a usar.

Tudo bem que era o meu favorito, cheio de tulipas vermelhas na barra, com um ar juvenil e campestre. Mas, mesmo assim, não tinha sido escolha minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só não acho justa a distinção. — E a pior das ideias me veio à mente. — É por que o Arthur não é rico?

— Claro que não. — Ela me observou com ressentimento. — É isso que pensa da sua mãe?

— Não. Só estou tentando entender. — Respondi enquanto ela ainda esfregava a mancha. — E para de tentar me arrumar! — Irritei-me e tentei sair de suas garras. — Seja lá o que esteja tramando, não vai rolar. Ethan e eu não temos mais nada a ver.

— Você está paranoica, Luíza. Não estou tramando nada. — Minha mãe afirmou, fazendo a expressão mais falsa já vista em seu rosto.

— Sei.

A campainha tocou. Minha mãe olhou-me de cima a baixo, deu mais uma ajeitada no meu visual e empurrou-me na direção da porta.

— Vai atender, filha. Deve ser nosso convidado.

— Deve ser nosso convidado. — Imittei a voz dela baixinho, fazendo uma careta de maneira infantil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu ouvi isso.

Escutei ela dizer enquanto caminhava lentamente, como se estivesse indo para o matadouro.

Virei a maçaneta e lá estava Ethan, parado na minha porta, com uma camisa polo branca, o cabelo todo penteado para o lado, e, em suas mãos, havia um ramalhete de flores.

Eu não consegui segurar a risada.

— O que foi? — Ele perguntou, rindo também.

— Você está com medo da minha mãe? — Eu não conseguia parar de rir.

— Exagerei nas flores?

Realmente, eram muitas flores. Depois que parei para olhar bem, vi que ele parecia ter comprado a floricultura toda.

— Eu não sabia quais eram as preferidas da sua mãe, então pedi que colocassem de vários tipos. — Ele explicou, coçando a cabeça.

— Orquídeas. — Respondi.

— Orquídeas. — Ele repetiu. — Anotado.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa “anotar” isso, Ethan. —
Falei, fazendo aspas no ar. — Você não precisa
ficar agradando a minha mãe.

— Claro que preciso anotar. Assim posso
presenteá-la nas bodas de prata. — Defendeu-se.

— Ah, sim.

Tinha que parar com aquela atitude
agressiva. Ethan só estava sendo um cavalheiro,
como sempre.

Quando entramos e minha mãe viu as
flores, ele a ganhou por completo. Já imaginava
que passaria o almoço inteiro ouvindo maravilhas
sobre o Ethan. Meu estômago chegou a embrulhar.

Nós nos acomodamos no sofá e minha mãe
anunciou:

— O almoço já está quase pronto. Quer um
suco, refrigerante, água?

Pensei que ela fosse oferecer a minha alma
também.

— Não, obrigado.

— Vou deixá-los a sós por um minuto.
Fique à vontade. — Ela saiu toda sorridente com

suas flores, colocou em um vaso com água e foi até a geladeira.

Olhei para Ethan rapidamente.

— Precisamos de um plano de fuga.

— O quê? — Ele ficou pálido.

— Esse vai ser o almoço mais chato da história. Precisamos arrumar um jeito de sair dele antes que nosso espírito seja sugado para o lugar mais entediante de nossas vidas.

Só faltava uma música de fundo para que aquilo tivesse o efeito que eu queria. Talvez, sons de trovões.

— Não acha que está exagerando? — Ethan cochichou próximo a mim.

— Você não conhece minha mãe. — Garanti a ele.

— Está falando sobre mim, querida? — Senti a mão da minha mãe no meu ombro de repente e congelei.

A morte também deveria chegar lenta daquela maneira.

— Estava aqui comentando que você é uma
PERIGOSAS ACHERON

ótima cozinheira. — Inventei na hora, tremendo um pouco.

— Ah, sim. Modéstia à parte, sou mesmo.

Até parece. Se havia uma característica que minha mãe não tinha era modéstia.

— Vamos lá. — Chamou minha mãe. — Espero que goste de lasanha.

— É uma das minhas comidas favoritas. — Ethan comentou.

Puxa-saco.

Fomos para a mesa e cada um sentou em um lugar. Minha mãe serviu lasanha ao molho branco. Sua especialidade.

— Então, Ethan. — Meu pai puxou assunto enquanto se servia. — Notei que fala muito bem o português.

— Sim. Tive uma excelente professora. — Ethan sorriu para mim.

Meu Deus! Por que raios ele tinha que falar aquilo? Seria um prato cheio para a minha mãe.

— Que bonitinho! — Não falei? — Já consigo imaginar Luíza lhe ensinando cada palavra

PERIGOSAS ACHERON

com a dedicação e cuidado que só ela tem.

— Verdade. Ela tem muita paciência. —
Ethan concordou com a minha mãe.

— Luíza está dando aulas para uma vizinha nossa. — Meu pai mudou o assunto. Finalmente alguém estava ao meu lado.

— É mesmo? Que bacana! — Ethan sorriu e apertou o meu ombro de maneira amigável, mas minha mãe ficou olhando para nós dois de maneira implacável.

Afastei-me rapidamente de Ethan e endireitei-me na cadeira.

— Pena que a casa deles está sendo dedetizada e por isso a Luíza passa mais tempo onde não deveria.

O que estava acontecendo com a minha mãe? Ela queria me irritar?

— É mesmo? Por que onde não deveria? — Perguntei altiva, queria ver minha mãe falar mal do Arthur ali, na frente de todos.

— Porque... — Minha mãe enrolou e olhou para o meu pai, quase que implorando por ajuda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não teria coragem de falar. Eu sabia.

— Onde você está hospedado, Ethan? — Papai perguntou rapidamente e vi minha mãe suspirar aliviada.

Cravei o garfo na comida com raiva.

— No hotel de Nova Aliança.

— Nossa! Mas você não deveria ficar em um hotel quando temos um quarto de hóspedes enorme sobrando.

Parei o que estava fazendo e olhei para ela sem acreditar.

— Mãe, não sei se é uma boa ideia.

— Por que não seria? — Ela mexeu nos cabelos, tentando mostrar naturalidade.

— Tenho milhões de respostas para a sua pergunta. Qual delas você prefere?

— Luíza, pare de ser petulante! — Ela exigiu. — Ele é seu amigo. Onde está sua hospitalidade?

— Na verdade, se me permite. — Ethan nos interrompeu. — Estou confortável no hotel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viu só? Ele está confortável no hotel. —
Repeti as palavras dele para irritar a minha mãe.

— E também tenho um pouco de medo do
namorado da Luíza.

— E também tem um pouco de medo.... —
Parei rapidamente e olhei para Ethan. — O quê?

— A verdade é que ele me assusta um
pouco.

Tentei fazer uma espécie de código para ele
ficar quieto, mas sabia que ele não iria entender.

— Não sei se escutei direito. Do que está
falando, rapaz? — Minha mãe olhou para Ethan e
depois para mim, cobrando uma explicação.

— Do namorado da Luíza. O Arthur. —
Ethan comentou e foi a vez da minha mãe quase se
engasgar com a comida.

— Namorado da Luíza? — Minha mãe
perguntou quase caindo da cadeira. Meu pai correu
para segurá-la.

— Eles não sabem? — Ethan me perguntou,
colocando a mão no rosto para que eles não
ouvissem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava esperando o momento certo para contar. — Cochichei, embora acreditasse que não fosse mais necessário fazer segredo. Ethan já havia estragado tudo.

Minha mãe começou a fingir que estava desmaiando. Ou talvez estivesse de verdade. Não dava para saber. Ela era boa em fazer dramas.

— Marcos Aurélio Almeida, você sabia disso?

Para ela chamar meu pai pelo nome completo era porque a coisa estava séria. Talvez estivesse mesmo tendo um treco. Foi quando eu comecei a realmente me preocupar.

— Calma, mãe. — Pedi em desespero.

— Isso só pode ser um pesadelo, meu Deus!

— Vamos para o quarto, meu amor. Vou verificar a sua pressão. — Meu pai disse todo carinhoso.

— Eu também vou.

— Não! — Ela gritou. — Quero ficar sozinha.

E os dois foram para longe de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Ethan e eu ficamos em silêncio por alguns minutos. Minha cabeça estava a mil. Era por aquilo que eu queria contar com jeitinho, mas a minha teimosia em revidar toda a grosseria da minha mãe foi maior.

Agora, ela estava passando mal e era tudo culpa minha.

— Não sabia que uma informação causaria tudo isso. — Ethan se pronunciou depois de um tempo. — Desculpa.

— Você não tem culpa, Ethan. Eu já deveria ter contado. — Admiti, ainda pensando no que faria.

Se eu fosse lá agora, minha mãe poderia piorar. Se não fosse, seria uma péssima filha.

Tomei um pouco de suco para ver se me acalmava.

— Ela está melhor. — Meu pai apareceu na sala.

Levantei e fui andando na direção de onde ela estava, mas meu pai me segurou.

— Acho melhor deixar ela processar o que

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu.

— Mas... — Fiquei olhando para a porta do quarto da minha mãe. Eu precisava vê-la.

Respirei fundo e achei melhor seguir o conselho do meu pai.

— Tudo bem.

— Acho melhor eu ir embora. — Ethan virou-se para nós.

— Eu acompanho você. — Arrastei-me até a porta.

— Sinto muito por ter arruinado o almoço. — Falou, apoiado no batente da porta. Seu olhar era de culpa.

Ethan era um cara legal. Não queria que ele se sentisse mal.

— Você não arruinou nada. Quer saber? — E eu tive uma ideia. — Vou te levar em um lugar bem legal.

— Que lugar? — Seu semblante iluminou-se.

Fiquei feliz com a mudança em seu aspecto.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde sempre ia quando ficava triste na adolescência.

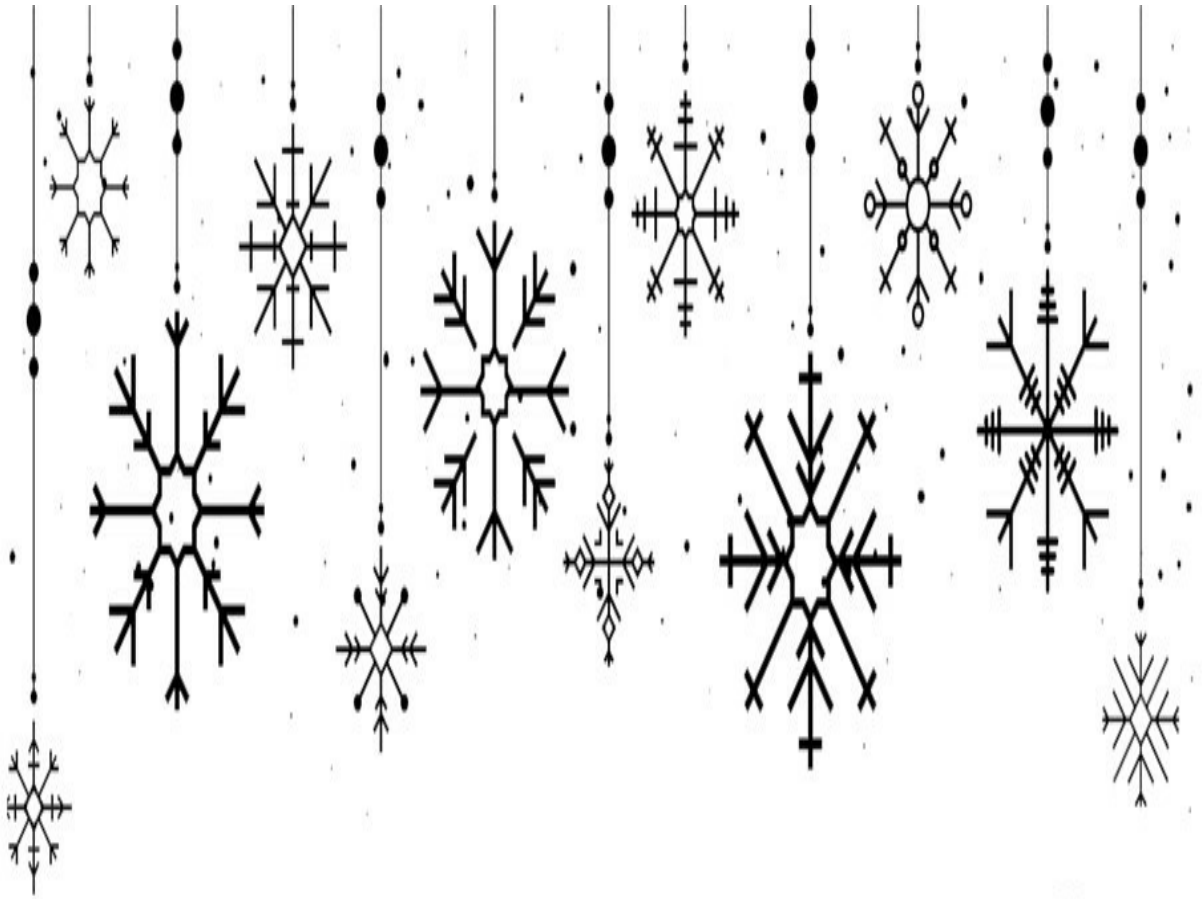
— Hum. — Ele se interessou. — Vamos ver como a Luíza adolescente se divertia.

— Você vai ver! — Apontei para ele, com uma súbita animação.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 39

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu lugar favorito é uma sorveteria? — Ethan indagou, desacreditado.

Deu uma volta, notando o quanto ali era simples, assim como a maioria dos lugares de Nova Aliança.

— Não é só uma sorveteria. — Eu o corriji. — É a melhor sorveteria do mundo.

— Vindo de você, eu até acredito. — Ethan sorriu. Ele sabia que eu já tinha visitado muitas sorveterias.

Observei as cadeiras e mesas ao nosso redor. Elas estavam organizadas da mesma maneira de anos atrás. As paredes em tons de pastel, os quadros de aviso com os mesmos dizeres de sempre. Era tudo tão acolhedor.

— Mas é a melhor pelos sorvetes ou pelas memórias que criou aqui?

— Pelas duas coisas.

Fechei os olhos, respirando fundo e me entregando as memórias, quase sentindo tudo de novo em um turbilhão de sensações.

PERIGOSAS ACHERON

Cada momento que havia passado ali com meus amigos, com minha família, com o único amor que tive na vida.

— Imaginei que fosse por isso. — Admitiu.

Não notei nenhum sinal de tristeza ou sarcasmo em sua voz. Ethan parecia estar mesmo feliz por mim. Ele era um cara e tanto. A garota que conseguisse fugar seu coração teria muita sorte.

Escolhemos os nossos sorvetes. Ethan queria de flocos. Eu de chocolate. Sempre de chocolate. Quase conseguia ouvir as palavras da Amanda no meu ouvido: “Tantos sabores e você sempre escolhe o mesmo.”.

O que eu podia fazer se aquele era meu jeito? Quando gostava de algo, tudo ao redor perdia o encanto.

Foi assim com Arthur. Depois dele, todas as outras pessoas deixaram de existir. Quando terminamos, sabia que não encontraria outro amor como o nosso. E ainda bem que não precisaria, porque finalmente estávamos bem.

Lembrei também de como sempre me lambuzava comendo sorvete e a voz engraçada que

o Arthur fazia, dizendo: “É um bebê mesmo.”.

— Luíza? — Ethan acenou para mim, esperando que eu voltasse minha atenção para ele. — O que é tão engraçado nesse sorvete? Eu também quero rir.

— Nada demais. — Ri mais uma vez.

Então, vi uma sombra se aproximando. Meu sorriso desapareceu no mesmo minuto, as mãos começaram a suar e o coração a bater acelerado. Era Suzana vindo na nossa direção.

Ela andava com elegância em cima de saltos altos finíssimos. Não sei por qual motivo, mas sempre que a via, pensava na mulher gato.

Talvez, fosse a pele branca, o olhar marcante e o andar sedutor. E, mesmo com a aparência e personalidade arrebatadora, Suzana também conseguia ser a alegria em pessoa.

Sempre ficava feliz em vê-la, mas, naquele momento, só conseguia sentir uma coisa. Angústia. Meu peito doía a cada passo seu na nossa direção.

Tinha medo de como ela interpretaria o que estava acontecendo ali. Ethan e eu, rindo e tomando sorvete. E se aquilo provocasse alguma briga

PERIGOSAS ACHERON

desnecessária com Arthur?

Mas se Ethan era meu amigo, por que eu estava tão preocupada com o que os outros iriam pensar?

— Oi. — Ela nos cumprimentou e notei que eles ficaram se encarando com a mesma expressão de quando se viram pela primeira vez.

Era aquilo. Se juntasse os dois, não teria com o que me preocupar. Não estragaria as bodas de prata dos meus pais e não mandaria o meu relacionamento para o espaço, por causa da ideia maluca da minha mãe de trazer o meu ex-namorado de volta para perto de mim, logo quando estava me reconciliando com o amor da minha vida.

Sim. Era uma ótima ideia.

— Então... — Abri um sorriso enorme para Suzana e depois, observei os pombinhos.

Agora, eles teriam a chance de se conhecer melhor. Eu era a melhor cupido do planeta.

— Já vou indo. Deixo você em ótimas mãos. — Falei para Ethan, mas Suzana me olhou de maneira ameaçadora.

Eu fingi não ter visto e comecei a andar mais rápido.

— O que você pensa que está fazendo? — Ela me segurou na porta da sorveteria.

— Deixando vocês à vontade. — Esperava que ela não me alcançasse, contando com a vantagem de estar usando sandálias baixas, mas Suzana provavelmente conseguiria correr uma maratona com aqueles saltos gigantes.

— Tá maluca? Eu nem o conheço. — Vociferou, ficando vermelha de raiva.

— Ótima oportunidade de conhecer. — Continuei tentando agir naturalmente, mas Suzana parecia cada vez mais perto de arrancar a minha cabeça com uma foice.

— E o que vou conversar com ele? — Ela respirou fundo e por um minuto, tive um vislumbre inédito. Suzana também era uma pessoa com sentimentos e timidez.

Logo Suzana, sempre tão destemida e cheia de si? Será que todas as mulheres viravam eternas meninas perto de um homem que lhes despertasse interesse? Não pensei que viveria para ver aquela

cena.

— Sei lá. Inventá. — Dei de ombros.

Suzana apenas riu com deboche e, alheia ao que eu disse, cravou as unhas no meu ombro, e assegurou:

— Não. Você vai ficar aqui.

E bom, que eu poderia dizer? Os argumentos dela eram bastante convincentes. Sem falar que eu tinha um pouco de medo dela.

Quando voltamos para dentro, Ethan perguntou se Suzana também queria sorvete. Ela respondeu que não, por isso, ele pagou a conta e pediu que mostrássemos um pouco de Nova Aliança.

Caminhamos para a praça. Era muito comum que as pessoas fossem para lá depois de comprar sorvete. Os balanços, a fonte, tudo era tão romântico e propício para os casais.

E eu ali, de vela. Que vontade de sumir e me materializar ao lado do Arthur.

Suzana e Ethan estavam dentro daquela bolha maravilhosa dos primeiros olhares e toques.

PERIGOSAS NACIONAIS

De quando cada palavra pronunciada pelo outro parecia música aos ouvidos. E cada suspirar uma amostra do paraíso.

Conseguia enxergar em seus semblantes a admiração e a alegria por apenas terem se encontrado nessa vida. Ou eu podia estar imaginando, já que sempre me acusavam de colorir o mundo.

— Então, todos aqui são amigos desde a infância? — Ethan rompeu o silêncio que havia se instalado.

— Sim. — Suzana respondeu, puxando-me para o seu lado e me abraçando com força. — Essa daqui tentou fugir de nós, mas não conseguiu.

Revirei os olhos com a sua afirmativa. Suzana se achava a cola que unia as pessoas, sendo que sempre foi a Amanda.

— Deve ser legal morar em uma cidade onde todos se conhecem. — Ethan pensou alto, dando mais uma colherada no seu sorvete.

— Não muito. — Soltei sem querer e os dois pareciam surpresos. — É difícil guardar segredos. — Completei, entortando a boca para o

PERIGOSAS ACHERON

lado.

— E quais segredos a senhorita gostaria de esconder? — Suzana quis saber.

— Acho que me expressei mal. O que queria dizer é que seria bom ter um pouco de privacidade e não ter nossos nomes rolando para tudo quanto é lado. — Joguei no ar, mas Suzana fingiu que não era com ela e eu resolvi parar com aquilo.

Não estávamos em guerra. Todas as fofocas que algum dia ela reproduziu tinham ficado no passado e não seria justo trazê-las à tona depois de tanto tempo.

Foi quando me lembrei de algo importante.

— E como está a tia Berenice? — Perguntei um pouco nervosa.

Não sabia se Suzana queria que aquele assunto fosse comentado ali, mas eu estava preocupada e quase nunca tínhamos a oportunidade de conversar sozinhas.

— Está ótima. — Ela parou para pensar e ao contrário do que imaginei, não ficou incomodada com o assunto. Na verdade, seu olhar

PERIGOSAS ACHERON

ficou repleto de ternura. — Aquela dali é dura na queda.

— Igual a sobrinha. — Dei um empurrão no seu ombro e ela sorriu.

Ethan fez um barulho e só assim, notamos que o tínhamos deixado de fora.

— Berenice é a minha tia. — Suzana informou com orgulho. — Ela me criou desde pequena.

— Ah, sim. — Ethan assentiu, interessado em tudo que envolvia Suzana.

Era tão bom ver os sentimentos desabrochando, como flores na primavera.

— Ela tem mania de encher as visitas de comida. — Avisei.

— Já gostei dela. — Ethan e Suzana se olharam com compaixão.

— Ela é um amor. — Acrescentei.

— Mas porque vocês falavam dela de um jeito estranho?

Ethan era mesmo bastante observador. Reparou em algo que durou apenas alguns minutos

PERIGOSAS ACHERON

e provavelmente, mais da minha parte do que de Suzana.

— Hum... — Olhei para Suzana como se perguntasse se tinha o direito de contar algo, mas ela se adiantou.

— Ela teve câncer quando Luíza foi para Paris. — Agora sim, sua expressão ficou mortificada. — Foi uma época difícil para nós.

— Mas minha mãe disse que você trabalhava dia e noite para pagar as despesas do hospital e que moveu mundos e fundos para vê-la curada.

— E faria isso quantas vezes fosse necessário.

— Que história! — Ethan parecia cada vez mais deslumbrado pela Suzana. — Bem que a Luíza dizia que você era osso duro de roer.

— O quê? — Suzana gritou.

— Foi no bom sentido. — Tentei me defender.

— Ah, imagino que sim. — Suzana levantou apenas uma sobrancelha e me olhou de

PERIGOSAS NACIONAIS

esguelha. — E o que mais ela falou?

— Que você era competitiva, geniosa, cheia de respostas na ponta da língua...

Eu queria dar um soco na cara de Ethan, para ver se ele calava a boca.

— Ei, eu não sou assim. — Suzana se defendeu.

— E que você provavelmente iria negar tudo isso. — Ele continuou.

— Luíza, eu vou te matar!

— Também disse que você iria causar um massacre caso eu abrisse a boca. — Disse por último, mas Suzana já estava correndo ao redor dos brinquedos da praça atrás de mim.

Tinha esquecido como era divertido irritar a Suzana.

Na adolescência, Amanda e eu sempre inventávamos um jeito de deixá-la nervosa, corríamos no pátio da escola e acabávamos na detenção. Mas, no final, sempre voltávamos juntas, olhando as estrelas e prometendo amizade eterna. Éramos um trio e tanto.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de muita correria, sentamos nos banquinhos da praça, ofegantes. Quando olhei para o lado, vi sem querer Ethan pegar a mão de Suzana.

Eu precisava sair dali e deixá-los a sós, mas a lua brotou entre as nuvens e me deixou paralisada. Fizeram um som de adoração atrás de nós e percebi que não estávamos sós. A praça estava começando a encher.

Provavelmente, todos estavam ali para presenciar aquele espetáculo.

Mirei ao redor e então, eu me lembrei das horas. Procurei pelo relógio no meu braço, mas não tinha colocado um.

— Deve estar tarde.

— Vou levar as duas em casa e depois, volto para o hotel. — Ethan se prontificou educadamente.

— Tudo bem. — Assentimos.

Como estávamos mais perto da casa de Suzana, deixamos ela primeiro. Eu disse que poderia ir embora sozinha e que eles poderiam aproveitar para conversar um pouco mais, mas Suzana pisou no meu pé com força e falou

PERIGOSAS ACHERON

baixinho: “Não força”.

Eles se despediram, mas não pareciam querer se desgrudar e eu dei um pouco de espaço para os dois. Quem sabe não rolava um beijo.

Minutos depois, Ethan brotou ao meu lado, com um sorriso de homem apaixonado.

— Sua amiga é muito divertida. — Afirmou, andando devagar.

— Ela é. — Concordei, morrendo de vontade de perguntar um monte de coisas, mas sabia que Suzana me mataria se eu fizesse aquilo.

— Estou pensando em convidá-la para sair. Você veria algum problema?

— Claro que não. — Parei e segurei seus ombros, com felicidade. — Vai fundo! — Sorri, mas Ethan ficou sério, de repente.

— O que foi? — Perguntei, mas ele se limitou a apontar para trás de mim.

Virei-me e há poucos metros de nós estava Arthur, espumando de raiva.

— Arthur... — Tentei me explicar, mas ele só balançou a cabeça em negativa e saiu andando

PERIGOSAS NACIONAIS

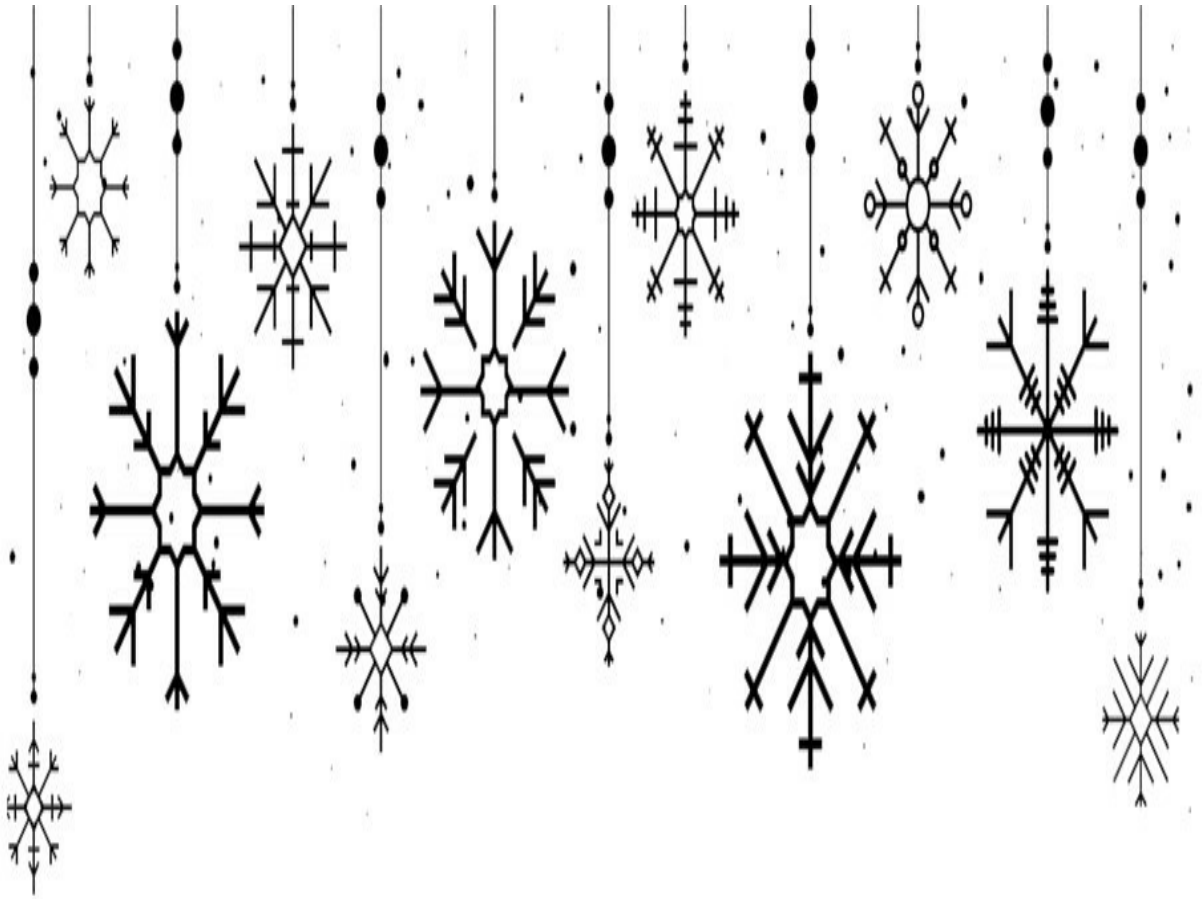
sem olhar para trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 40

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Arthur, espera! — Gritei enquanto corria atrás dele.

O ar estava frio naquele início de noite, as ruas completamente vazias e quando eu soprava, dava para ver a fumaça saindo da minha boca.

Toda a atmosfera começou a ficar densa a partir daquele momento. Talvez fosse apenas o meu medo pelo o que o Arthur iria pensar. Chegava a doer os ossos.

Será que o amor deveria mesmo ser assim? Deixar-nos rodeados de insegurança e desespero?

Minha mãe dizia que o verdadeiro amor trazia paz, mas com Arthur sempre fora o contrário. Ele era o próprio tornado, passando e deixando todos sem saber o que fazer.

Eu costumava gostar daquilo, do frio na barriga, da adrenalina. Só que, com o passar do tempo, começou a ser cansativo.

Nossa! Tinha esquecido o quanto era cansativo.

Parecia que eu tinha voltado no tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquele bolo que se formava no estômago, a dificuldade de respirar, a necessidade de ter que me explicar sempre que Arthur entendia algo errado.

Às vezes, só queria que ele descomplicasse, que não achasse que as pessoas estavam sempre querendo enganá-lo ou fazê-lo de bobo.

Tinha que admitir que a cena que o Arthur havia visto não era a das mais favoráveis, mas ele só viu uma parte do dia. E todo o restante?

Ele não viu quando Ethan pegou a mão de Suzana, o modo como os dois se olhavam apaixonados, ele não estava lá para saber que o tempo que passamos juntos não se tratava de Ethan e eu.

— Arthur! — Eu o chamei novamente. — Não é o que você está pensando!

Ele parou onde estava, cerrou os punhos e virou em câmera lenta. Seu rosto era puro ódio.

Engoli em seco e senti um arrepio na espinha.

— Sério que vai usar essa frase?

Realmente. Aquela era a frase usada nos

PERIGOSAS ACHERON

filmes quando os protagonistas estavam traindo os mocinhos. Com certeza, não soou como eu queria, mas foi a primeira coisa em que consegui pensar.

— Só me deixa explicar. — Implorei, apoiando as mãos no joelho, ofegante.

— Está bem. — Arthur colocou as mãos nos bolsos e encarou suas botas marrons, evitando qualquer contato visual.

— Minha família fez um almoço para comemorar a chegada do Ethan.

Após terminar a frase, senti o baque das minhas palavras nele.

Arthur se encolheu um pouco, pensando e remoendo o que havia escutado. Estava lá, na expressão dele, a tristeza por nunca ter sido tratado daquela maneira pelos meus pais.

— Um almoço? — Ele travou o maxilar. — Não está tarde para um almoço? — Questionou, apontando para o relógio.

— É que a minha mãe quase desmaiou quando Ethan deixou escapar que estávamos namorando. — Expliquei, sem notar como aquilo poderia piorar tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo? — Arthur levantou as sobancelhas. — Continua, está ficando cada vez melhor, Luíza.

Respirei fundo e olhei ao redor, sentindo minhas mãos suarem de nervosismo.

— Saímos para tomar um sorvete e acabamos perdendo a hora.

— Que lindo. — Ele bateu palmas, sorrindo de maneira tenebrosa.

— Mas a Suzana também estava conosco. — Mencionei, como se fosse um trunfo, mas eu sabia que tinha começado explicando tudo errado.

E na tentativa de mostrar a ele como aquilo era desnecessário, aproximei-me e toquei o seu ombro.

— Arthur, você está brigando comigo por bobeira. Se puder...

Ele não me deixou terminar.

— Nós sempre estamos brigando por bobeira. — Cuspiu as palavras com raiva. — Não conseguimos viver em paz. — Lamentou, passando a mão na cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— E quem foi que começou a briga? —
Desafiei-o.

— Você quer arrumar um culpado? É só isso? — Arthur virou-se na minha direção, espumando de raiva e segurando meus ombros com força. Meu coração deu uma pontada. — Tudo bem. Eu admito. A culpa é minha por te amar tanto a ponto de não suportar outro homem perto de você.

— Isso não é amor. É obsessão.

E Arthur me soltou, mortificado. Nem eu acreditava que tinha dito aquilo.

— Você sabe que ele não é um cara qualquer. — Disse em um fio de voz. — Vocês foram namorados.

E a sua postura mudou. Arthur começou a me olhar com certa curiosidade.

— Só me responde uma coisa. — Ele estava elaborando algo em sua mente. — Se eu fosse amigo de alguma mulher com quem já tive algo, você iria cair de amores por ela? — E então, olhou dentro dos olhos. — Seja sincera.

Droga! Odiava quando ele fazia aquilo. Mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia que fazer com que eu me colocasse no lugar dele era sempre a melhor maneira de colher respostas justas.

Não querendo admitir a verdade, fugi da pergunta.

— Ele está a fim da Suzana.

— Ah. Faça-me o favor, Luíza! — Ele praguejou. — Não acredito que você seja tão ingênua. Quer dizer que ele veio aqui por causa da Suzana? Foi?

— Não. Ele não a conhecia, mas...

— E continua não conhecendo. — Arthur me cortou, furioso. — Ela é só uma desculpa para ficar perto de você. Será que você não vê?

E notei que não se tratava apenas de uma birra boba, nem vontade de me afrontar. Arthur estava mesmo com medo. Medo de me perder.

— Ele veio para cá atrás de você, Luíza. — Acrescentou, confirmando minhas suspeitas, seus temores.

— Mas ele nunca vai conseguir nada. É você que eu amo.

PERIGOSAS ACHERON

Tentei consolá-lo e senti suas defesas sendo derrubadas uma a uma. Arthur estava deixando que eu me aproximasse.

— E você vai ficar desfilando para lá e para cá com esse sujeito, que por acaso sua família ama? Sem, ao menos, me apresentar como seu namorado?

Sabia que aquela resposta seria decisiva, então tentei ser convincente, embora ainda tivesse receio que minha mãe tivesse outro treco se eu tocasse naquele assunto.

— Eu vou dizer que somos namorados. — Garanti, mas seu olhar ficou frio e a barreira de indiferença foi erguida novamente.

— Claro que vai. — Arthur bufou. — Seu “amigo” deixou escapar. E agora, você não tem escolha a não ser contar.

Fiquei olhando para ele, me perguntando de onde vinha tanta hostilidade. Arthur estava tão bravo, tão sombrio. Eu não o reconhecia.

— Mas e se não tivesse sido assim? Você ia manter em segredo?

Sabia que era doloroso para ele termos que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos encontrar escondido, não poder ir ao cinema como namorados, mas estávamos sofrendo as consequências do que havia acontecido no passado. E não foi fácil para nenhum de nós.

— E-eu não... — Gaguejei.

— Você não sabe o que dizer? — Ele me encarou, atônito.

Como raios ele conseguia ler os meus pensamentos?

— Sabe... — Arthur respirou fundo, como se fosse precisar de forças para o que iria dizer. — Eu realmente pensei que depois de tudo o que aconteceu, nós poderíamos começar do zero, como se nada tivesse acontecido. Pensei que não seria bom remoer mais o passado e apenas seguir em frente.

— E podemos fazer isso, meu amor. — Segurei sua mão e a acariciei de leve.

— E, também pensei que depois de tudo o que passei, não seria mais exposto a coisas assim.

No minuto que ouvi aquelas palavras, eu o larguei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só um minuto. — Pedi. — Será que eu tinha escutado direito? — Você disse depois de tudo o que “você” passou? É sério isso? — E minha voz foi aumentando sem querer.

Eu não queria brigar, não queria fazer aquilo, mas foi mais forte do que eu.

— Você quer que eu repita?

Eu pisquei várias vezes. Ele estava falando sério.

— Não, não, não. Isso não está acontecendo de verdade. — O mundo de repente começou a rodar. — Eu não passei cinco anos da minha vida longe, sem receber uma merda de e-mail qualquer dos meus amigos para depois você dizer isso.

— Você foi embora! — Ele berrou na minha cara.

— E você me escorraçou da sua vida! — Berrei de volta, sentindo meu rosto pinicar com as lágrimas que estava prestes a derramar.

— Luíza, não finja que não sabia de nada, porque já estou cansado de todos me olharem como se eu fosse o culpado de tudo e você, apenas a pobre vítima indefesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O quê? Alguém poderia dizer onde estavam as câmeras escondidas? Porque aquilo só podia ser uma piada. E de muito mal gosto, por sinal.

— Do que você está falando?

— Chega pra mim! — Arthur vociferou. — Se não vai admitir, não há mesmo uma maneira de continuarmos juntos.

— Admitir o quê? — Gritei, totalmente alterada. O cabelo desgrenhado, as veias saltando do meu pescoço. Arthur estava querendo me enlouquecer. Só podia ser.

— Juro, Luíza. Eu quase acreditei em você dessa vez. — Arthur deu um sorriso falso e balançou a cabeça em negativa.

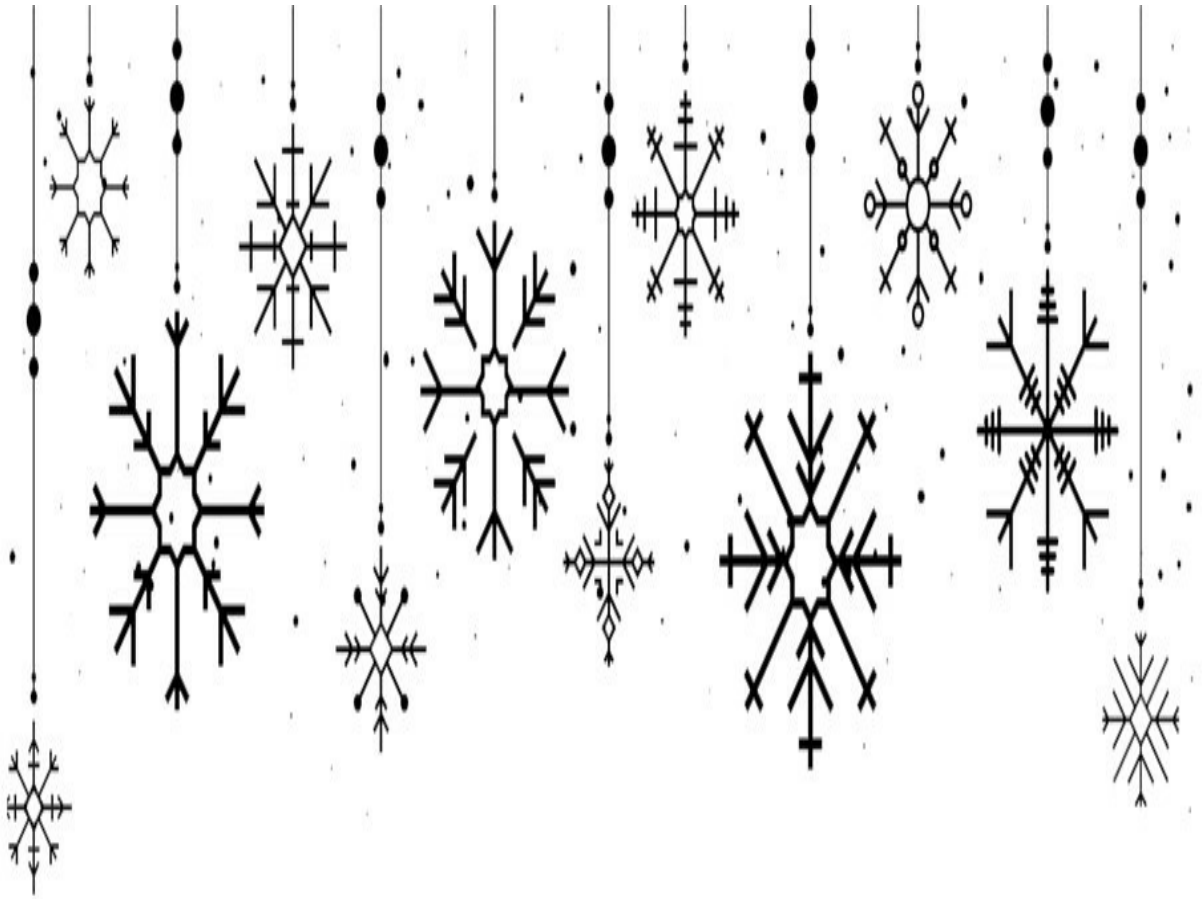
— Eu estou falando a verdade. — Tentei dizer, mas ele não estava mais escutando.

E eu não iria correr atrás dele outra vez. Eu também estava cansada daquilo tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 41

Já fazia dois dias que Arthur e eu tínhamos brigado. Ele não havia me mandado uma mensagem sequer desde o ocorrido e eu não seria a primeira a dar o braço a torcer. Não daquela vez.

Meu celular tocou e pulei em cima dele, assim como fiz em todas as outras vezes, pensando que fosse Arthur, mas nunca era. Arthur não iria me ligar. Ele não se importava.

— Fala. — Atendi, mal-humorada, olhando para o número de Amanda na tela do celular e deitando de bruços na cama.

Dispensando qualquer formalidade, ela apenas anunciou:

— Preciso que venha para a minha casa.

— Por quê? — Brinquei com os fios do meu cabelo e olhei para a parede do meu quarto, completamente entediada. — Está tramando alguma reconciliação entre o seu irmão e eu? — Revirei os olhos. Aquilo era bem a cara dela mesmo. — O Arthur não pode fazer nada sozinho? Nunca pode admitir que errou? Qual o problema dele?

PERIGOSAS NACIONAIS

E quando notei, já estava gritando e apertando o telefone com raiva.

— Ei, ei. Pode parar? — Amanda interrompeu o meu surto psicótico. — Do que você está falando?

Maldito! Ele sequer contou para a irmã sobre a nossa briga?

— Nada. — Bufeí, irritada.

Se ele iria fingir que nada estava acontecendo, eu também podia fazer o mesmo.

— Hum. Tem certeza?

— Claro que tenho! — Esbravejei.

Ela deu uma risada de leve. Aquilo me deixou ainda mais brava.

— Amanda, se não tiver nada de importante para falar... — Comecei a descascar o esmalte das unhas, nervosa.

— Angélica pediu que viesse aqui.

E os meus sentidos ficaram alerta. Sentei na cama rapidamente.

— A Alice está bem? — Parei com a mão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no coração.

— Nossa, Luíza! — Amanda fez um som estranho do outro lado da linha. — Por que você sempre espera pelo pior?

— Talvez eu seja uma pessoa pessimista. — Argumentei.

— Pois, pare de ser e venha para cá.

Relaxe os ombros e me deitei bruscamente. Já que não era nada urgente, não tinha porque eu ir a lugar algum. Não queria ver o Arthur mesmo.

— Não vai me falar do que se trata? — Enrolei-me no cobertor. Estava fazendo um friozinho tão gostoso. Sem chances de eu sair de casa.

— E perder a sua cara de curiosidade? — Amanda riu alto. — Nem pensar!

— Então, eu não vou. — Afirmei, emburrada.

— Duvido.

Revirei-me na cama, aflita e olhei pela janela do quarto. Até que o tempo não estava tão ruim. De repente, me faria bem sair um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

Quem eu pensava que estava enganando, afinal? Era óbvio que eu queria saber o que estava acontecendo. Odiava quando Amanda tinha razão.

— Tá bom. Eu vou.

— Isso aí, garota! — Ela comemorou.

— Mas se for algum plano seu... — Cerrei o punho e dei um soco no ar. — Juro que arranco todos os cabelos da sua cabeça.

— Relaxa. Eu tenho mais o que fazer, Luíza.

— Sei. — E desligamos.

Não sei por quê, mas o fato da Amanda não ter tentado se intrometer, nem mesmo querer saber como eu estava me sentindo, me deixou triste. Afinal, éramos melhores amigas. Como ela não estranhou a minha ausência nos últimos dias?

Arrastei-me até o guarda-roupas e coloquei a primeira peça que vi na minha frente.

Não quis nem me olhar no espelho, para não ver a desgraça que deveria estar o meu cabelo. A minha aparência não importava. Do que adiantava colocar um sorriso falso no rosto e esconder as

olheiras com maquiagem se por dentro estava me sentindo como se tivessem arrancado o meu coração?

Não tinha ninguém em casa, mas o meu pai deixou as chaves do carro comigo, caso fosse preciso. Enfiei ela no bolso da calça e segui para a porta da frente. O vizinho acenou para mim e eu correspon-di, sem animação.

Entrei no carro e segui pela estrada, sem prestar muita atenção no caminho. Só conseguia pensar em uma coisa. O que Arthur quis dizer com aquela discussão? Por que trouxe assuntos do passado, insinuando que eu também fosse culpada?

Era só o que me faltava. Já não bastava todo o sofrimento causado?

Estacionei na calçada e fui andando na direção da casa da Amanda, mas a porta se abriu antes mesmo que eu pudesse apertar a campainha.

— Até que enfim! — Amanda parecia aliviada com a minha chegada.

— O que foi?

— Não aguento mais o suspense que a Angélica está fazendo. — Amanda passou a mão na

PERIGOSAS ACHERON

cabeça, como se estivesse enlouquecendo. — Ela insistiu que só contaria a novidade quando estivéssemos todas reunidas.

Não aguentei e dei uma gargalhada. Era a primeira em dois dias.

Ver o estado de Amanda me lembrou de como era bom sorrir e estar as com minhas amigas novamente.

— Suzana já chegou?

— Sim. Só faltava você. Entra logo. — Ordenou, puxando-me para dentro da casa.

Lá dentro, Angélica dobrava uma toalha de mesa com a maior calma do mundo. Já Suzana andava de um lado para o outro, como se fosse abrir um buraco no chão.

Quando me viu fez a mesma expressão de alívio de Amanda.

— Graças a Deus você chegou!

— Nossa! — Coloquei a mão na boca para não rir da situação. — Nunca fui tão bem recebida em algum lugar.

— Engraçadinha. — Suzana fez cara de

PERIGOSAS NACIONAIS

deboche e se virou para Angélica. — Será que pode desembuchar agora? Estamos morrendo aqui!

E Amanda se juntou a ela, assentindo. O que deixava tudo ainda mais hilário.

— Só assim mesmo para eu conseguir a atenção de vocês. — Angélica constatou, sem se abalar com o desespero das duas.

— Só falta você dizer agora que não era nada e que só criou esse circo todo para nos reunir. — Suzana apontou o dedo para Angélica, revoltada.

— Se for isso... — Amanda começou a falar alto.

— Ei. — Angélica gritou, colocando ordem no recinto. — Acalmem-se. Não é isso.

— Então, fala logo, inferno! Se eu tiver um derrame aqui a culpa vai ser sua. — Amanda deu um grito esganiçado e eu caí novamente na gargalhada.

Tive uma crise de riso tão grande, que minha barriga chegou a doer, e quando notei, estava me engasgando e me debatendo feito louca. Minhas amigas me olharam em pânico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amanda veio correndo e deu um tapa nas minhas costas com tanta força que cheguei a pensar que iria colocar o pulmão para fora. Não sabia se agradecia ou se voava em cima dela e revidava, mas acabei congelando onde estava quando o vi.

Arthur estava a alguns metros de mim, com o rosto totalmente sem cor.

— Você está bem? — Dava para sentir a preocupação em sua voz.

— Estou. — Respondi, abaixando a cabeça, ainda magoada.

— Que bom. — Arthur assentiu e começou a se afastar.

Não podia deixar que ele se fosse novamente, não aguentava mais aquela distância terrível entre nós.

— Arthur, precisamos conversar. — Falei, indo atrás dele, e, finalmente, Amanda notou que tinha acontecido algo entre nós.

— Não me diga que vocês brigaram de novo? — Ela se meteu, no pior momento possível.

— Fica na sua, Amanda! — Arthur virou-se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para ela com ódio nos olhos.

— Abaixa o seu tom comigo. — Ela apontou o dedo na cara dele.

Achei que eles iam se matar, mas Angélica surgiu entre os dois, gritando ainda mais alto, irritada por terem parado de prestar atenção nela.

— Eu passei na faculdade, caralho!

E todos ficamos paralisados. Angélica nunca tinha dito um palavrão sequer em todos aqueles anos de amizade.

— Sério? — Amanda correu até Angélica e deu-lhe um abraço muito forte. — Meus parabéns.

— Isso merece um brinde! — Suzana surgiu, dando pulinhos de alegria.

Só restava saber se a sua felicidade era por causa da notícia ou porque iria beber algo alcoólico aquela hora do dia.

— Eu dispenso. — Arthur disse, retirando-se.

— Ninguém te chamou mesmo. — Suzana mostrou língua, mas ele não estava mais ali para ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao notar minha tristeza, Amanda se aproximou e passou os braços pelo meu ombro.

— Não se preocupe, amiga. — Ela acariciou meu cabelo. — Seja lá o que for, vocês vão se resolver. O amor supera todas as barreiras.

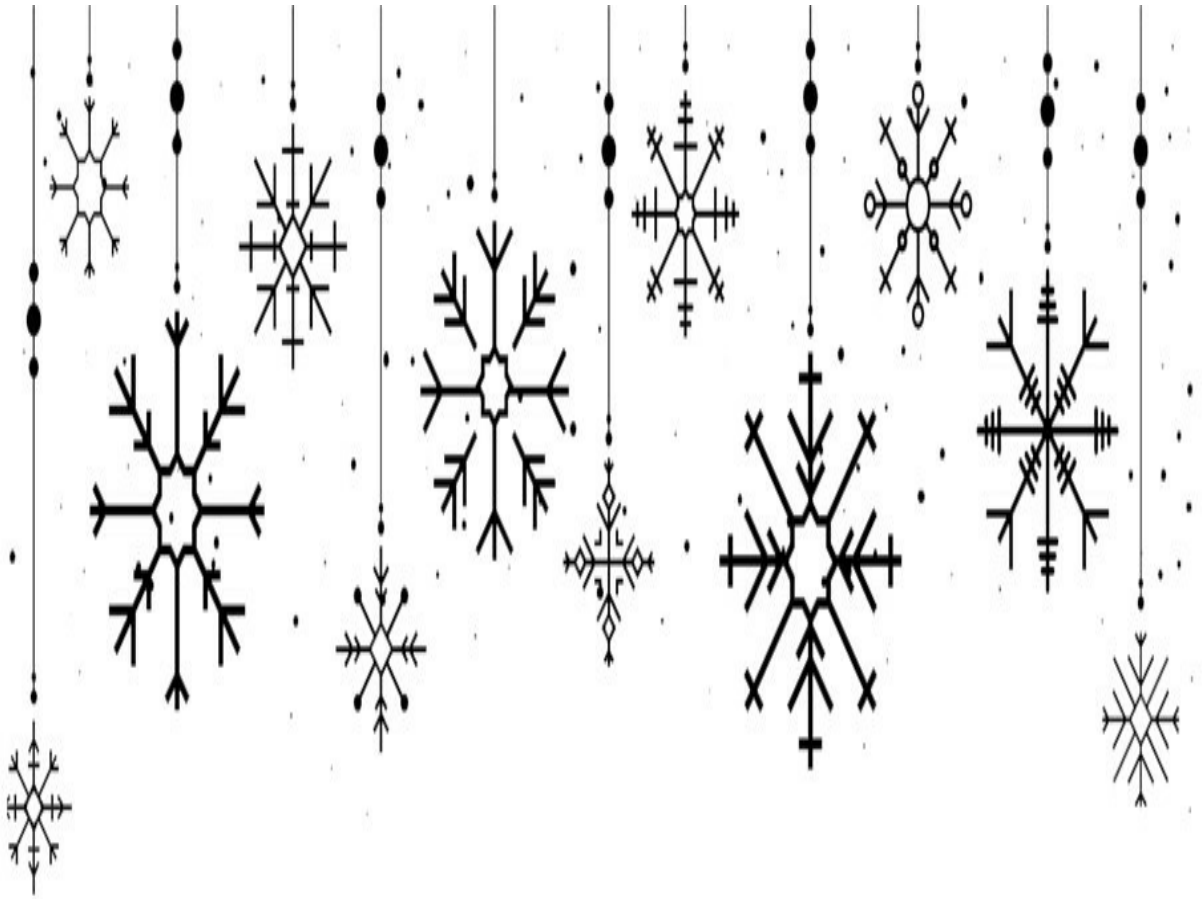
— Espero que você esteja certa. —
Respondi, respirando fundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 42

PERIGOSAS ACHERON

A festa de bodas de prata dos meus pais estava finalmente chegando, mas eu ainda não tinha comprado nada para a ocasião.

Não podia mais adiar aquela tarefa, por isso aproveitei que sairíamos para comemorar a novidade da Angélica, para convidar as meninas para darem um pulo no shopping comigo.

Amanda ficou muito animada de poder me ajudar a escolher o que vestir, assim como fazia no passado. E eu tinha que admitir que também tinha sentido falta daqueles momentos de descontração.

No entanto, depois de algumas horas batendo perna e experimentando um milhão de vestidos diferentes, eu só queria me sentar e comer alguma coisa.

Ficava pensando como as pessoas gostavam tanto de fazer compras. No início era até legal, mas depois se transformava em um grande martírio. Multidão, desconhecidos saindo no tapa por peças de roupas... Aquilo era insano.

— Olha o que eu achei. — Amanda surgiu de repente, e berrando aos quatro ventos, com um

vestido longo azul turquesa nas mãos.

— Não é meio extravagante? — Mordi o lábio, um pouco insegura. Não gostava de chamar tanta atenção. Sem falar que aquela noite era dos meus pais.

— Não fale assim que você pode ofendê-lo. — Amanda virou-se para o vestido, como se ele fosse um bebê recém-nascido e o afagou. — Não ligue para o que ela disse, seu lindo. Ela não bate bem da cabeça.

Sei. Ela falava com vestidos e a louca era eu.

— Prometa que vai ao menos experimentar. — Amanda se ajoelhou no meio da loja e as pessoas começaram a nos encarar.

— Tá bom. — Respondi, constrangida. — Só levanta logo daí.

— Eba! — Ela bateu os braços, como se fosse uma foca.

— O que eu não faço por você? — Revirei os olhos.

Amanda conseguia alegrar-se com coisas

simples. Eu gostava daquilo. Mesmo ficando em situações constrangedoras às vezes, valia a pena.

Entrei no provador e comecei a tirar minhas roupas, mas antes conferi se as cortinas estavam bem fechadas. Não queria que nenhum pervertido ficasse me olhando por alguma fresta.

Passei o vestido pela cabeça e precisei chamar Amanda, para me ajudar com o zíper. Ela mal colocou o rosto dentro do cubículo e já estava toda emocionada.

— Ai, que perfeição! — Exclamou, com os olhos brilhando. — Se você não levar esse vestido, eu juro que vou te assombrar pelo resto da sua vida.

— Você já faz isso, Amanda. — Levantei as sobrancelhas e fiz careta para ela, mas a minha vontade era de rir e abraçá-la. Amanda era tão amorzinho.

— Olha que eu posso arrumar um jeito de piorar as coisas.

Eu não duvidava nada daquilo.

E a verdade era que eu havia gostado do vestido. Ele tinha um toque de elegância e não era nem um pouco vulgar. A cor combinava com meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelo e tom de pele, e eu poderia usá-lo em outras ocasiões. Assim, não seria dinheiro jogado fora.

Fiquei me “namorando” mais um pouco no espelho e fazendo algumas poses antes de colocar minhas roupas de volta e sair do provador.

— Até que você leva jeito para essas coisas.
— Falei para Amanda.

— Eu sou maravilhosa em tudo o que faço.
— Ela fez uma dancinha engraçada.

— E muito humilde. — Eu ri.

— Já te disse... — Amanda apontou o dedo para mim.

— Humildade é para os fracos. — Repeti o mantra dela.

— Isso aí, garota! — Ela deu um tapa no meu bumbum e me empurrou. — Agora, vá lá pagar esse vestido maravilhoso, que eu vou dar uma olhada nos calçados.

— Tá bom.

Amanda mal saiu e Suzana apareceu.

— Ela te convenceu a comprar o azul?

PERIGOSAS ACHERON

— Uhum. — Eu ainda estava sorrindo por causa do jeito maluquinho da minha melhor amiga. — Como sabe?

— Ela tinha visto esse vestido antes de você voltar para Nova Aliança e sempre dizia que era a sua cara. — Comentou, indo comigo até o caixa, com a expressão indecifrável. — Perdi as contas de quantas vezes, ela nos fez parar nessa loja, para ficar admirando-o.

— Sêrio? — Levei a mão à boca, abismada.

— Sim. — Suzana assentiu. — Ela falava de você todos os dias e sonhava com o seu retorno. A Amanda é apaixonada por você. — E depois de ouvir suas próprias palavras, ela riu. — Não do jeito que o Arthur é, mas você entendeu.

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas a atendente nos interrompeu.

— Dinheiro ou cartão?

— Cartão. — Respondi, ainda pensando no que Suzana havia me dito.

As pessoas daquela cidade eram mesmo esquisitas. Passaram anos sem falar comigo, mas pensaram em mim e sentiram minha falta, caladas.

Nada daquilo fazia sentido.

Efetuei o pagamento e a moça me passou a sacola com o vestido.

— Cadê a Angélica? — Escorei-me no balcão próxima a entrada da loja, esperando por Amanda, que corria para todos os lados como uma criança em um parque de diversões. Ela adorava fazer compras.

— Está no fantástico mundo só dela.

— Como assim? — Franzi a testa.

— Ah... — Suzana fez cara de tédio. — Ela entrou na livraria e está comprando todos os livros de psicologia da loja.

Qualquer pessoa que não a conhecesse direito, pensaria que Suzana estava com inveja por Angélica estar entrando para a faculdade, mas eu, melhor do que qualquer pessoa, sabia que não era aquilo.

Quando éramos mais jovens e saíamos para passear, eu sempre passava horas dentro de livrarias, folheando os livros, sentindo o cheiro das páginas, lendo sinopses, até finalmente escolher algum para comprar.

Amanda, Angélica e Melissa também gostavam de ler e não se incomodavam, mas Suzana odiava e por isso tinha tomado horror.

— Está certa. — Lembrei da minha época da faculdade. Como tudo parecia incrível no início e como me transformei em um zumbi depois. — Agora, ela terá muito o que estudar. Estou feliz por ela.

— Eu também. Ela merece.

Suzana estava parada, mexendo nas unhas enormes, quando comecei a olhar para o balcão, repleto de joias.

E foi assim que o avistei. Uma aliança idêntica à que Eric comprou para Amanda. Ela não podia ver aquilo ou ficaria destruída.

Olhei ao redor, em pânico.

— O que foi? — Suzana perguntou, notando minha expressão de desespero.

— Nada. — Tentei despistá-la.

E ela olhou para o balcão.

— Não acredito que encontrou as suas alianças aqui! — Esbravejou e depois, apontou para

as etiquetas. — E por esse preço? — Suzana fez cara de espanto. — Bem que ele poderia ter caprichado um pouco mais, já que sempre foi tão orgulhoso.

— Ah, mas é o Eric. — Comentei com desdém. — Não tinha como esperar muito dele.

— Eric? — Ela perguntou sem entender. — Do que você está falando?

— Do que você está falando?

Amanda chegou e nos viramos para ela.

Por um minuto, vi que ela se sentiu acuada. Alguma coisa estava errada.

— Amanda, você contou ou não sobre as alianças para a Luíza? — Suzana tentou falar baixo.

— Eu não sou surda, Suzana. — Falei o óbvio.

— Conteí. — Amanda respondeu em um fio de voz, mas eu não caí naquela e me virei para Suzana.

— Por que você disse que as alianças eram minhas? — Perguntei para Suzana, que encarou Amanda com um sinal de interrogação enorme na

cara.

— Eu não sei de nada. — Suzana respondeu, tentando fugir de mim.

— Sabe, sim. — Segurei ela e finquei as unhas no seu braço.

— Você está me machucando! — Suzana reclamou, magoada. — O que tenho a ver com isso? Pergunta pra Amanda.

Vi pela minha visão periférica Amanda tentando correr, mas eu fui mais rápida e agarrei o seu braço com força. Amanda tinha uma expressão de medo, terror, culpa, agonia. Tudo junto.

— Amanda, estou esperando uma explicação. — Ameacei, batendo os pés.

— O Eric não me pediu em casamento. As alianças não eram para mim.

Ela se encolheu, como se eu fosse dar uma surra nela ou algo parecido, mas só consegui ficar mais confusa. Minha mente deu um nó gigante.

— Como assim não eram para você? — Intensifiquei o olhar, desnorteada. Que história mais descabida era aquela? — Ele ia pedir outra

garota em casamento?

— Ai, Luíza! — Ela se irritou. — Para de ser lerda, pelo amor de Deus! — Amanda abriu os braços, perdendo a paciência. — As alianças eram para você.

— Como assim?

O choque me atingiu como uma lança cravando no meu peito e me deixando sem ar. Como assim aquelas alianças eram para mim?

— Eu prometi que jamais contaria isso. — Amanda colocou a mão na cabeça, como se tivesse feito besteira, e começou a chorar. — O Arthur vai me matar. Tenho certeza. Ele vai arrancar o meu fígado e dar para os abutres. — Suzana deu uma gargalhada, mas Amanda continuou com seu ataque de pânico. — Não sei onde ele vai arranjar abutres, mas ele vai. Meu Deus! Minha vida acabou!

Fiquei olhando para Amanda com centenas de perguntas passando pela minha cabeça e pensando, sem querer, em abutres.

Ah! A Amanda queria me enlouquecer.

— Explica isso logo, porque eu não estou entendendo mais nada. — Sacudi a Amanda,
PERIGOSAS ACHERON

tentando fazê-la sair daquele delírio maluco que ela havia se enfiado.

Pensei em dar um tapa na cara dela para ver se ela voltava à tona, mas seria demais.

— Eu vou contar. — Amanda tentou se acalmar, segurando em uma parede próxima a ela.

Seria aquele o segredo que escutei sem querer na minha primeira noite em Nova Aliança?

— Pouco antes de você chegar com a notícia de que iria para Paris, Arthur me contou que tinha juntado um bom dinheiro para comprar uma casa... — Ela pegou bastante ar e, ao que parecia, coragem também. — Para vocês.

— Para nós? — Gritei. — As pessoas da loja me olharam com aversão. — Para nós? — Repeti baixinho, sem conseguir acreditar.

— Sim. — Ela concordou com a cabeça e segurou as minhas mãos, como se fosse começar a me dar uma má notícia. — O Arthur também reuniu todos os nossos amigos da cidade, para fazermos uma surpresa para você.

Meu Deus! Eu já pressentia o pior.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estávamos todos lá, escondidos, com balões, flores, velas e um monte de coisas que o Arthur escolheu a dedo, porque disse que queria fazer um pedido digno da mulher que ele amava. — Amanda fechou os olhos, como se, por um segundo, voltasse no passado. — Ele usou essas exatas palavras, Luíza. O Arthur sempre foi louco por você. — Então, ela abriu os olhos, sua expressão foi mudando até se tornar a mais triste do mundo. — Pouco antes de você chegar, Arthur foi para um canto. Não sei se recebeu alguma ligação e ficou sabendo da sua viagem. Só sei que ele estava estranho e depois...

— E depois ele me escorraçou de lá. — Completei o quebra-cabeças para ela.

— Sim. — Amanda concordou.

— Eu não fazia ideia. — Senti minhas pernas bambearem. — Nunca imaginei que ele fosse me pedir em casamento.

Tentei imaginar o Arthur arrumando tudo para me fazer uma surpresa e eu chegando lá, toda saltitante e dizendo que iria para bem longe dele.

Eu tinha cravado uma faca nas costas dele

PERIGOSAS ACHERON

sem querer.

— Meu Deus! O que eu fiz? — A visão embaçou, o coração batia disparado e o chão parecia estar sumindo sob meus pés.

— Ela vai desmaiar! — A voz de Suzana ecoou.

— Uma cadeira aqui, por favor! — Amanda gritou para alguém e ouvi passos ligeiros se aproximando.

Amanda me ajudou a sentar e uma moça de cabelos dourados me trouxe água com açúcar.

Suzana arrumou um pedaço de papelão e começou a me abanar, mas eu não me sentia nada bem. Parecia que tudo estava desmoronando. Tudo.

— Você não teve culpa, Luíza. — Amanda disse depois de um tempo. — Como você ia imaginar uma coisa dessas?

Respirei fundo e tentei encontrar a minha própria voz.

— Por isso ele me odiava tanto. — Choraminguei.

— Ele não te odiava. — Falou calmamente,

a voz um pouco maternal. — Ele sempre te amou. — Eu conseguia ver que Amanda não estava mentindo apenas para me poupar. — Amou tanto que sua única defesa foi fingir que te odiava. No fundo, o Arthur só estava magoado. E por muito tempo, ele não soube lidar com o que sentia, mas, agora, as coisas mudaram.

— Por que ele nunca me contou? — Aquela pergunta não parava de martelar no meu cérebro.

— Ele achou que você sabia.

— Hã? — E as palavras de Amanda me atingiram como um vendaval.

E a ficha caiu. Era sobre aquilo que Arthur estava falando quando me viu tão perto de Ethan e...

Ai, meu Deus! Era por aquilo que ele estava tão zangado com toda a cena. Devia ter achado que eu estava brincando com os sentimentos dele.

— Eu preciso vê-lo, preciso falar com ele. — Olhei para os lados, sem rumo e Amanda me segurou.

— Acalme-se primeiro. Assim, você não vai chegar nem na esquina.

Ela tinha razão. Eu estava quase tendo um ataque de nervos.

Suzana se agachou ao meu lado e balançou o papelão no meu rosto.

— Respira fundo, Luíza. — Aconselhou. — Lembre-se, primeiro você precisa colocar a máscara de oxigênio em você. — Ela dizia aquilo todas às vezes que eu entrava em pânico.

Suzana era uma mulher forte. E, de alguma forma inexplicável, sempre que ela chegava perto, ela passava um pouco da sua força para nós.

— Não sei o que fazer. — Desabafei.

Eu estava sem chão. Arthur ia me pedir em casamento e eu estraguei tudo.

— Você saberá. Só precisa se acalmar. — Suzana apertou meu ombro.

— Mas por que você disse que as alianças eram do Eric? — Virei-me para Amanda.

— Eu não disse nada. Se você parar para pensar, eu não disse nada aquele dia. Você que tirou suas próprias conclusões.

— Mas você também não disse que não

eram.

Nossa! Como palavras não ditas podiam fazer tanto estrago.

— Era segredo, Luíza. Eu não podia te contar.

— Mais algum segredo que eu deva saber?
— Aproveitei para perguntar. Pior do que aquilo não podia ficar.

— Não. — Ela garantiu. — Esse e aquele sobre a Melissa eram os únicos.

— Eu não me importo com a história da Melissa.

— Não sei como você consegue. — Suzana deu palpite. — Eu já teria arrancados os olhos dela com as unhas.

E Amanda riu.

— Estávamos separados. Ele aqui, eu em Paris. Ele magoado por causa do pedido de casamento. Eu magoada por estar longe e vocês não me responderem.

— Ele nos proibiu. Disse que nunca mais queria te ver. Ficou fora de si quando você foi

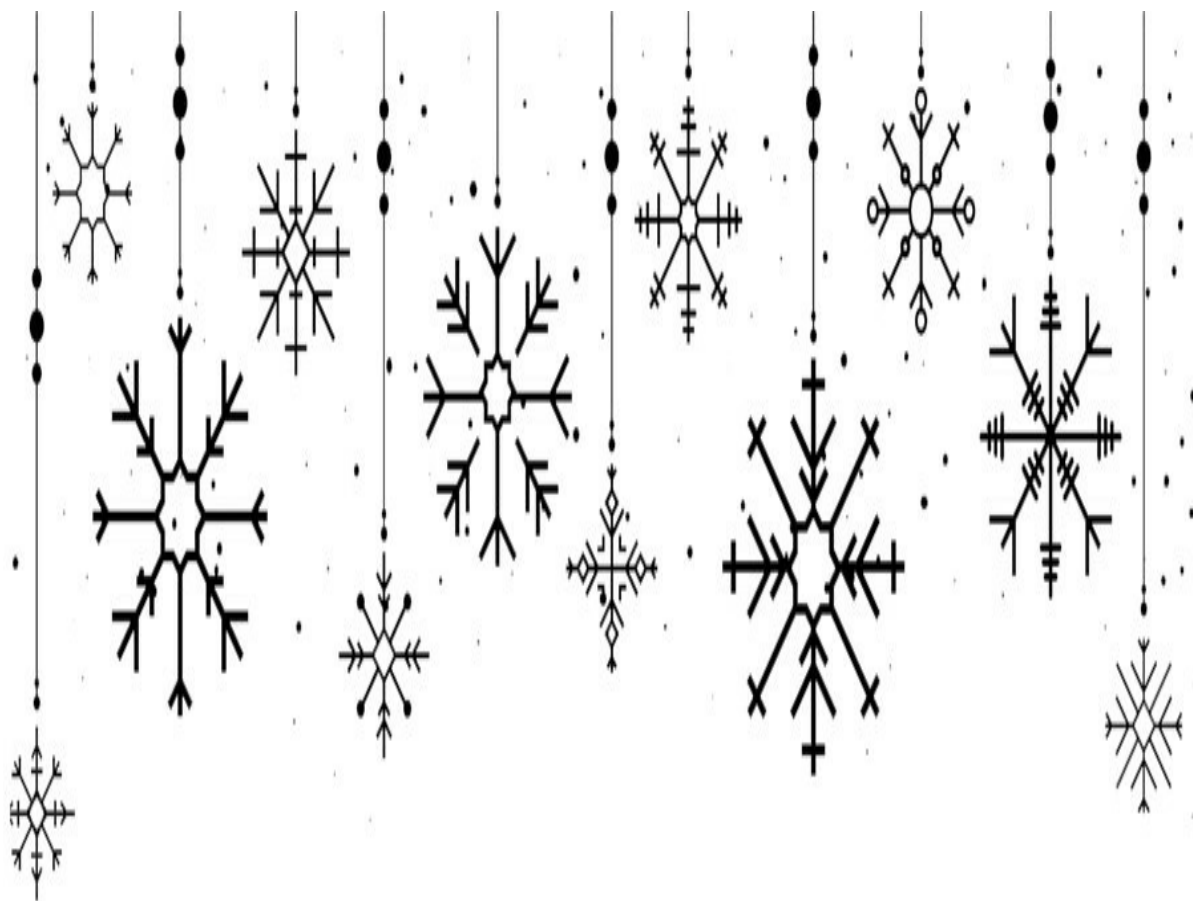
embora. Ninguém queria enfrentá-lo. Depois, ele foi ficando cada vez mais distante e obscuro. Com o tempo, achamos que você não fosse mais voltar. — Ela abaixou a cabeça. — Eu queria falar com você, mas tive medo. Desculpa.

Eu poderia continuar remoendo aquela história e brigar com elas, mas estava sem forças. E também, eu só conseguia pensar em uma coisa. No quanto eu precisava vê-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 43

PERIGOSAS ACHERON

Assim que Suzana e Amanda se distraíram, peguei minha bolsa e saí de fininho da loja. Demorou um pouco. As duas mantiveram os olhos fincados em mim pelo que parecia uma eternidade.

Foi difícil atravessar aquele mar de gente ao meu redor, mas, ao menos, serviu para camuflar minha fuga. Eu sabia que logo notariam o meu sumiço, viriam atrás de mim e tentariam me impedir de falar com o Arthur.

Elas achavam que eu não estava no meu estado normal, que iria gritar com ele e piorar as coisas. Não que estivessem erradas sobre aquilo. Eu queria gritar. E muito.

Foram cinco anos da minha vida sem saber o que tinha acontecido. Cinco anos!

A hora delas também chegaria. Se achavam que saíam mesmo impunes daquilo estavam muito enganadas. Mas primeiro, eu mataria o Arthur. Afinal, foi ele quem causou aquilo tudo. Aquele desgraçado.

Cheguei ao estacionamento em tempo recorde. Também, foi só as pessoas saírem da

PERIGOSAS NACIONAIS

minha frente, que comecei a correr. Senti umas fisgadas perto da costela, mas nem aquilo me fez perder o ritmo. Eu tinha sangue nos olhos.

Entrei no carro rapidamente, girei a chave e pisei fundo no acelerador. Liguei o rádio nas alturas e passei a marcha, com raiva, uma vontade imensa de socar a cara de alguém. De preferência, a do Arthur.

Assim que cheguei na estrada, abri as janelas. O vento bagunçava os meus cabelos, e, por impulso, dei um grito.

Era libertador. E um modo de colocar para fora um pouco do que estava sentindo.

No início, fiquei em choque e até me senti culpada, mas eu não tinha motivo para aquilo. Foram eles que mentiram para mim. Não eu.

Parei no sinal e observei as pessoas atravessando. Que segredos elas mantinham das pessoas que amavam? Quantas vidas tinham sido alteradas por causa de mentiras ou palavras não ditas?

Uma menina com roupa de escola, meias três-quartos e cabelo dourado passou, dando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pulinhos de alegria e rodopiando, com um buquê de rosas vermelhas na mão. Ela sequer reparava nas pessoas ao seu redor de tanta felicidade.

Aquele semblante reluzente e cheio de paixão pela vida me lembrou das vezes que me senti da mesma maneira.

— Ele vai mentir para você e partir o seu coração em mil pedaços! — Gritei, colocando a cabeça para fora do carro e deixando as lágrimas inundarem tudo.

A menina parou e me olhou sem entender. Eu não queria estragar o momento dela, mas foi mais forte do que eu.

Respirei fundo e encarei o meu reflexo no retrovisor. A maquiagem estava borrada e a minha expressão não era a das melhores. Eu sabia que estava bancando a louca, mas aquilo não importava nem um pouco. Passei a vida toda guardando tudo e olha no que deu. As pessoas só me fizeram de boba.

Olhei para a esquerda, aflita. Os carros não se moviam e algumas pessoas começaram a se aglomerar e a fazer barulho. O que estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecendo? Seria alguma festa de rua? Era só o que me faltava.

Um garoto passou correndo, fantasiado com a roupa do Pânico e bateu no capô do meu carro. O que ele não sabia era que aquele não era o melhor dia para me irritar. Abri a porta e o chamei, mas ele continuou seu percurso, como se eu fosse invisível.

Dei dois passos e congelei onde estava. Meu coração começou a bater forte, faltou-me o ar, meu estômago se revirou. Apertei os olhos para ver se não estava sonhando. Era ele mesmo.

Arthur andava despreocupado, girando as chaves de casa em seus dedos. Depois de toda a confusão que causou, ele ainda conseguia viver tranquilamente. Minha respiração acelerou. Ele ia me pagar por tudo o que me fez. Ah, como ia.

Comecei a andar e esqueci que tinha largado o carro ali, aberto. Atravessei a rua sem olhar para os lados. Uma moto quase passou por cima de mim, mas o motorista desviou no último segundo e depois, me xingou. Eu não esbocei reação alguma. Poderia estar morta agora que não ligaria a mínima.

PERIGOSAS ACHERON

Apertei o passo, não podia perdê-lo de vista. Esbarrei em uma barraca de frutas e pedi desculpas, mas a dona também começou a gritar comigo. As pessoas dentro de seus carros começaram a buzinar, mas eu não as escutava mais. Eu estava tão perto.

Então, um grupo de adolescentes passou, fazendo brincadeiras e Arthur sumiu na multidão.

— Droga! — Praguejei e dei meia volta.

Quando me virei, bati em alguém. Olhei lentamente para cima. Arthur estava com uma jaqueta preta, os cabelos parcialmente molhados e a cara emburrada.

— Está ficando maluca?

Pisquei algumas vezes. Agora eu era a maluca?

— Por que nunca disse que ia me pedir em casamento? — Fui direto ao ponto, com bravura, mas também, lutando contra a vontade de chorar e bater no seu peito.

Ele arregalou os olhos e depois, fechou os braços em punhos.

— Como se você não soubesse. — Arthur

PERIGOSAS NACIONAIS

tripudiou e virou as costas para mim.

Se ele cogitava a possibilidade de escapar daquela vez, estava muito enganado. Eu precisava de respostas e Arthur me daria todas.

— O que faz você pensar que eu sabia? — Perguntei, tentando acompanhá-lo, mas Arthur andava rápido.

— Por que a Melissa me contou.

O quê? Por aquela eu não esperava.

Foi como tomar um soco. Senti um baque no estômago. O que a Melissa tinha a ver conosco?

— Como é? — Peguei fôlego e continuei caminhando, a raiva aumentando.

— Isso mesmo. Vocês não se encontraram no dia da sua “viagem”? — Ele fez aspas no ar.

— Sim, mas...

Ele não me deixou terminar.

— Pois, ela me contou que deixou escapar sobre o pedido e adivinha? — Abriu os braços e riu com sarcasmo. — Logo depois você apareceu com a sua viagem de última hora.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está insinuando que eu inventei a viagem para não me casar com você?

Arthur parou e olhou para trás.

— Não. Estou afirmando.

— Deixa ver se eu entendi. — Andei devagar em sua direção, segurei a gola da sua jaqueta e fixei os olhos nos dele. — No passado, você preferiu acreditar naquela vagabunda do que, ao menos, conversar comigo?

— Para quê? — Ele tentou se soltar, incomodado com a proximidade. — Para você ficar com pena do pobre garoto bobo que só queria ter uma vida simples ao lado da mulher que amava? Que não tinha sonhos formidáveis?

— É isso que pensa de mim? — Travei o maxilar.

— Foi isso que você deixou claro para todo mundo.

— Eu não sabia de nada! — Berrei, irritada.

— Olha... — Ele bateu palmas e apontou na minha direção. — Você deveria ganhar o Oscar.

— Que droga, Arthur! Será que não pode

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditar em mim uma vez na vida?

— Não! — Respondeu seco e voltou a andar.

— Não? — Corri atrás dele novamente.

— Você é surda, por acaso? — Ele me encarou friamente. — E me deixa em paz!

— Vou te deixar em paz, sim. — Afirmei, soluçando alto. Lágrimas solitárias desceram pelo meu rosto. — E dessa vez, para sempre.

— Já não era a hora.

Parei por um minuto e engoli o choro. Ele se arrependeria daquelas palavras.

Pensei em dizer mais alguma coisa, mas minha atenção foi roubada pelo som de rodas derrapando.

Uma buzina retumbava forte nos meus ouvidos. Senti meu corpo sendo atirado à distância. E a voz de Arthur ao fundo.

— Luízaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

E por um breve segundo, pensei ter visto um floco de neve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Neve não deveria significar que encontramos o amor da nossa vida? Se bem que minha mãe disse que era o amor que procurávamos, o amor que merecíamos.

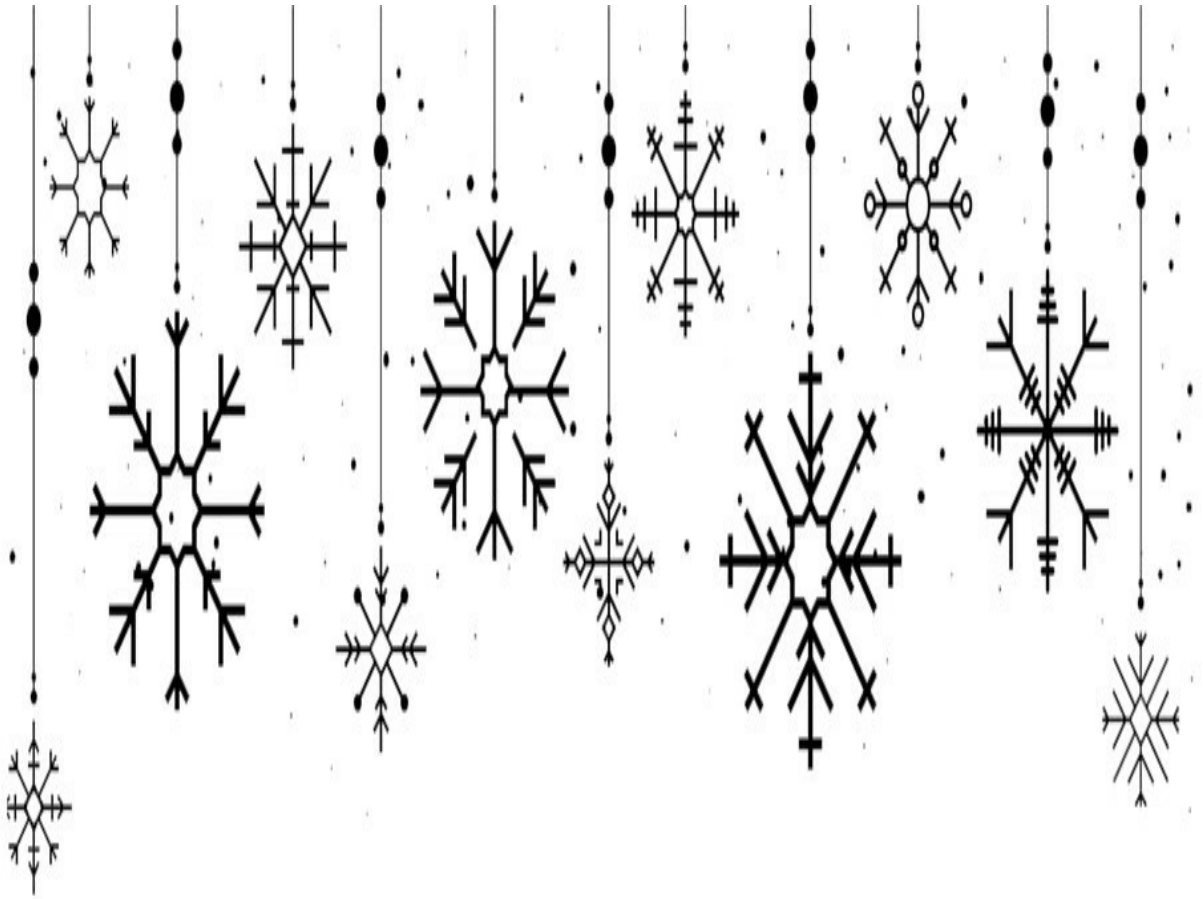
Talvez, eu já tivesse tido tempo suficiente com o meu e aquela fosse a hora de dizer adeus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 44

PERIGOSAS ACHERON

Arthur

Eu já havia perdido a Luíza uma vez, mas não chegava nem perto daquela sensação.

Por mais que estivéssemos separados antes, eu sabia que ela andava por algum lugar, sorria por algum motivo, olhava para a mesma lua que eu.

Mesmo com a distância, imaginava os seus cabelos esvoaçando ao vento, e quando chovia, me perguntava se ela tinha lembrado de levar o guarda-chuvas, se estava agasalhada, e se alimentando direito.

Sempre me pegava pensando no que ela poderia estar fazendo. Era reconfortante saber que eu vivia no mesmo mundo onde ela existia. Luíza. Minha Luíza.

No início, ela era apenas a melhor amiga irritante da minha irmã caçula, a garota que não saía da minha casa e tinha até mais privilégios do que eu. Meus pais sempre diziam para tratá-la bem, pois nossas famílias eram próximas.

Próximas até demais. Perdi as contas de
PERIGOSAS ACHERON

quantas vezes tive que passar o fim de semana, na casa dos Almeida Prado, escutando sobre literatura e artes em geral.

O senhor Marcos Aurélio, além de nosso professor, era uma espécie de palestrante da vida. Estava sempre discursando sobre assuntos que tinha lido em algum livro ou visto em algum documentário.

Eu costumava cochilar quando ele começava a falar, mas os olhos de Luíza brilhavam. Ela prestava atenção em cada palavra do seu pai e o rosto dela mudava com tantas expressões.

Às vezes, sorria com timidez e tapava a boca com as mãos, para que ninguém a notasse. Em outras, gargalhava alto. Descobri que adorava o som de sua risada.

Ela era tão curiosa, fazia tantas perguntas, queria saber tudo sobre o mundo, sobre a vida, tinha preocupações tão fortes para a sua idade. Com o tempo, observá-la virou a melhor parte do meu dia.

Acompanhei o crescimento da Luíza, presenciei os primeiros tombos de bicicleta. Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre recusava a minha ajuda, montava na bicicleta novamente e dizia que era capaz. A menina era teimosa.

Também estive por perto quando seu corpo começou a mudar e os garotos da nossa idade passaram a olhar para ela de forma diferente. Foi a época mais difícil da minha vida. Eu queria arrancar a cabeça de todos eles e quebrar as coisas ao meu redor.

Não entendia por que estava sempre com raiva, porque sua presença me irritava tanto e foi quando comecei a implicar com ela.

Luíza não deixava barato. Quando eu falava algo que não lhe agradava, ela pisava no meu pé com força e prometia vingança.

Estranhamente, aquilo me deixava contente e ansioso, porque significava que ela passaria mais tempo pensando em mim, mesmo que fosse em uma maneira de me torturar.

Saber que eu estaria naquela cabecinha fazia com que eu me sentisse importante.

O tempo passou, Amanda e ela começaram a fechar a porta na minha cara para contar as coisas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma para a outra e eu comecei a ter as atitudes mais inusitadas. Uma vez, meu pai me pegou perto da parede com um copo. Eu não me orgulhava daquilo.

Fomos crescendo e descobri o que todos já pareciam saber. Eu amava a Luíza.

Na verdade, quando parava para pensar, não conseguia me lembrar de um dia sequer da minha vida em que a Luíza não estivesse presente.

Não existia um dia antes da Luíza. E eu desejava que não existisse um dia depois, mas o destino gostava de nos pregar peças.

Quando ela surgiu no meio da rua, gritando feito uma maluca e afirmando com tanta veemência que não sabia sobre o pedido de casamento, eu fiquei tão bravo.

Já tinha sofrido tanto por passar aqueles cinco anos longe dela, imaginando como seria as nossas vidas se ela tivesse ficado, se tivesse aceitado o meu pedido, e agora ela estava ali, fingindo que não sabia de nada.

Nós brigamos feio e eu disse palavras duras. Palavras que eu me arrependeria pelo resto dos

PERIGOSAS ACHERON

meus dias.

Ordenei que ela fosse embora, sem saber que estava empurrando-a na direção de um grande desastre. Eu era o culpado de tudo.

Quando ouvi o som das rodas derrapando e a buzina sendo apertada inúmeras vezes, comecei a ver tudo em câmera lenta.

O carro vindo em sua direção, as pessoas se afastando da rua e a Luíza, parada ali, sendo pega de surpresa, por minha causa.

Eu queria correr, entrar na sua frente, fazer qualquer coisa para impedir, mas eu não era rápido o suficiente. Nunca me senti tão impotente.

E no último segundo, Luíza olhou através de mim, como se tivesse visto algo, e fez uma expressão de paz. Gritei o seu nome, mas era tarde demais.

O carro a atingiu e ela voou, batendo contra o chão da calçada. Seu corpo sendo jogado no chão fez um barulho violento. As pessoas começaram a se amontoar ao redor dela e eu pedia desesperadamente que não a tocassem.

Procurei meu celular correndo e liguei para
PERIGOSAS ACHERON

a emergência.

— Rápido! Pelo amor de Deus! — Gritei ao telefone.

A ambulância parecia nunca chegar e eu repetia incansavelmente para Luíza que eu estava ao lado dela, que eu a salvaria, mas a verdade era que eu não tinha certeza de nada.

Minutos depois, ouvi o som da sirene se aproximando e garanti a ela que ficaria tudo bem. Como eu queria estar certo.

Os paramédicos vieram, imobilizaram seu pescoço, colocaram-na em uma maca e perguntaram quem era responsável por ela.

— Eu. — Respondi, sem pestanejar.

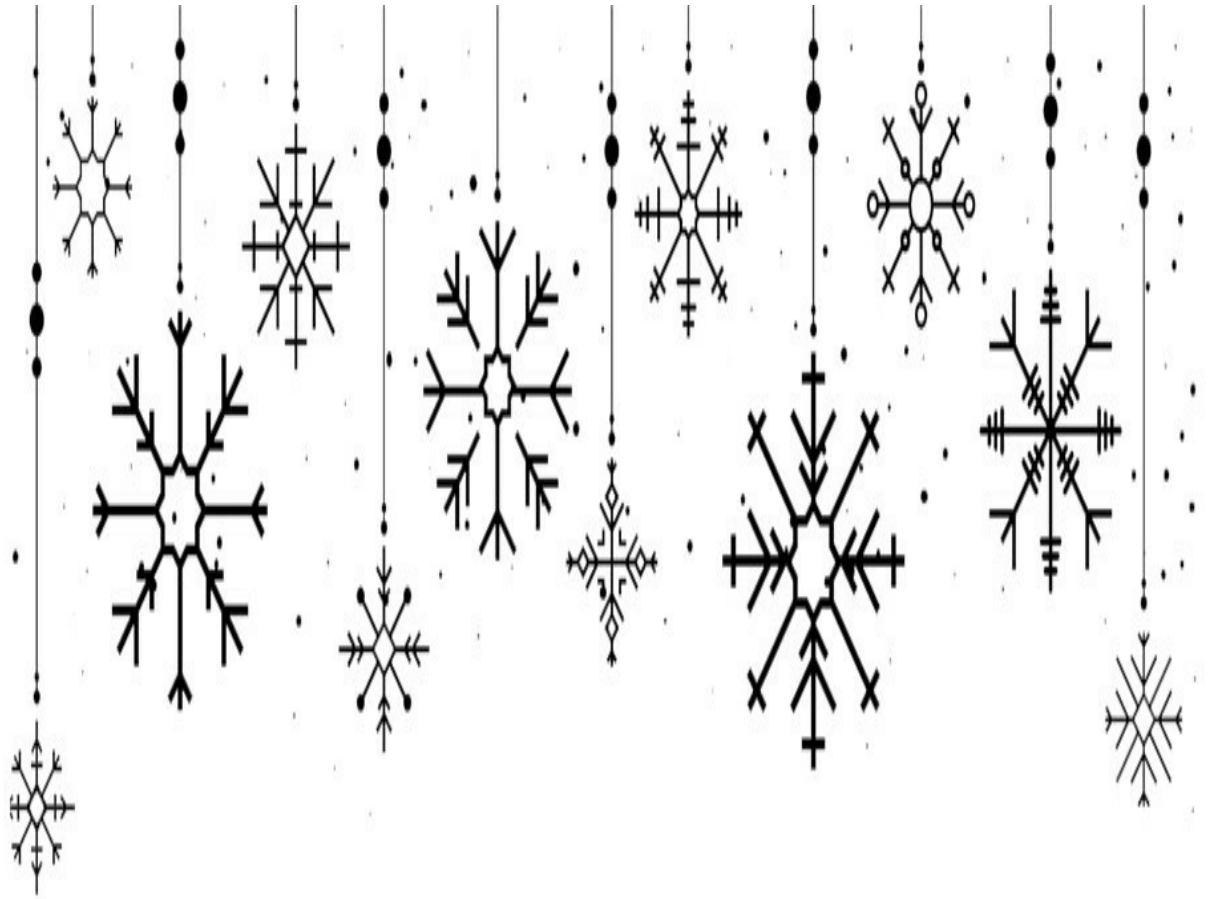
Eles assentiram e me deixaram acompanhá-la até o hospital. Liguei para Amanda no caminho e minha voz saiu com dificuldade.

— A Luíza foi atropelada. — Comuniquei, amaldiçoando-me por dentro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 45

PERIGOSAS ACHERON

Arthur

Amanda pegou o carro rapidamente e me encontrou no hospital. Eu precisava tanto do apoio da minha irmã.

Meu coração estava apertado, o rosto mortificado, eu não sabia o que faria da minha vida sem a Luíza. Sequer queria pensar naquela possibilidade.

Amanda, ao ver o meu estado, assumiu o controle da situação. Ligou para os pais da Luíza e perguntou para os médicos sobre o seu estado. Eles não tinham muito a dizer. Luíza tinha batido a cabeça com força e estavam esperando os exames, para darem um prognóstico. Eu estava no escuro, no lugar mais sombrio possível.

Amanda dizia que notícias ruins corriam e que não ter notícias era um bom sinal, mas eu sabia que ela estava tentando amortecer a queda, diminuir o tormento, me poupar daquele maldito sofrimento. O que ela não sabia era que eu merecia aquilo. Deveria ir direto para o inferno por deixar a

Luíza passar por aquilo.

Faria de tudo para trocar de lugar com ela. Era eu que deveria estar naquela cama de hospital.

— Pare de se culpar, irmão. — Amanda colocou a mão nos meus ombros, observando atentamente a minha expressão. — Foi um acidente. Poderia ter acontecido com qualquer pessoa.

— Mas não foi qualquer pessoa! — Esbravejei.

— Ei. Calma. — Pediu, levantando os braços, em uma oferta de paz. — Não foi isso o que eu quis dizer. Só que... — Amanda também estava tentando ser forte, por mim, pela Luíza, por todos nós. — Vai ficar tudo bem.

— Eu quero muito acreditar nisso. — Abracei-a e então, comecei a chorar.

Eu precisava colocar para fora aquela angústia.

— Você precisa se recompor. — Amanda segurou meu rosto. — A Luíza precisará de você quando acordar. — Ela deu tapinhas nas minhas costas. — Vá comer algo. Eu ficarei aqui.

— Não estou com fome.

— Eu não perguntei se estava. Mande colocar algo dentro desse estômago antes que desmaie. — Ela ordenou, com a expressão irritada.
— Ou você quer parar em uma cama de hospital também?

— Você tem razão. — Beije suas mãos. — Obrigada por cuidar de mim.

— Eu sempre irei cuidar de você, seu bobo.

— E cadê o Gabriel?

— Ficou com a Angélica. Ele está bem. Não se preocupe com isso agora.

— Tudo bem. — Assenti.

Fui me arrastando até a cantina do hospital e pedi qualquer coisa para comer e beber. Não faria diferença mesmo. Eu não estava em condições de diferenciar sabores.

Minha mente não parava de voltar àquele momento, quando Luíza foi atirada longe. Eu nunca esqueceria aquela cena.

Como éramos pequenos naquele mundo enorme. Não importava se éramos ricos ou pobres,

baixos ou altos, se tínhamos estudo ou não. Quando algo assim acontecia, não éramos ninguém.

Dinheiro nenhum compraria a saúde, *status* nenhum garantia a vida.

Afundei-me no banco e comecei a comer o que parecia ser um sanduíche de peito de peru. Amanda chegou devagar e tocou o meu ombro.

— Os pais dela chegaram.

— E ela? — Virei-me, desesperado por notícias. — Como está?

— Ainda desacordada. — Ela soltou todo o ar com a boca. — Mas de uma coisa tenho certeza. — Amanda tentou sorrir. — A Luíza é forte. Nunca foge de uma batalha. E vai sair dessa.

— Deus te ouça!

— Precisamos nos unir e mandar energias positivas para a Luíza. Ela não gostaria de ver você assim, destruído.

— Não sei. — Pensei nos acontecimentos que antecederam o acidente. — Eu disse coisas horríveis para ela.

— E daí? — Amanda ergueu o queixo e deu

PERIGOSAS NACIONAIS

de ombros, obstinada. — Acha mesmo que isso mudaria os sentimentos dela? Quantas vezes vocês não brigaram e depois, estavam se atracando em algum canto. A Luíza é louca por você e, por mais que você se esforce para ser um tremendo idiota, ela enxerga o seu verdadeiro eu.

Abaixei a cabeça antes que começasse a chorar ali.

— Quando você ficou tão madura?

— Apreendi com os dois homens da minha vida. — Ela sorriu com ternura. — Meu filho e você.

— Nós dois temos muita sorte de ter você. — Acaricieei o seu cabelo.

— Tem mesmo. — Ela me deu um soco de leve.

Respirei fundo e por alguns minutos, senti que poderíamos superar tudo aquilo. Então, ouvi alguém correndo pelos corredores.

Levantei-me rapidamente e olhei em direção ao som.

— Eu vim assim que soube. — Era Suzana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua expressão era de desespero, como a de todos nós. — Como ela está?

Amanda repetiu tudo o que sabíamos. Ou seja, nada. E Suzana deu um soco no ar.

— E vocês vão ficar parados aqui?

— E o que acha que podemos fazer? — Amanda perguntou, desacreditada.

— Não sei. — Suzana parou para pensar. — Talvez eu possa roubar uma roupa de enfermeira e me infiltrar, para ter acesso ao prontuário.

— Você está ficando maluca. — Amanda balançou a cabeça.

— Estou dentro. — Eu me ouvi dizendo. Talvez, o amor nos deixasse meio loucos.

— Então, vamos. — Suzana chamou, mas fomos interrompidos novamente.

Era Felipe. Como não pensei nele antes? Ele era médico.

O que o desespero não fazia conosco? Tirava toda a nossa capacidade de raciocinar.

— Tem uma coisa que vocês precisam saber. — Ele chegou dizendo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me encolhi involuntariamente. Sua postura e tom de voz me alertavam que o que ele tinha para dizer não era bom.

— O que é?

— Luíza continua desacordada, por causa do impacto na cabeça... — Ele parecia se desculpar por trazer notícias tão tristes. — Mas já pode receber visitas.

Amanda pareceu um pouco mais aliviada.

— Só tem um porém.

— Sempre tem. — Chutei o chão.

— Os pais dela permitiram que somente um de vocês fizesse a visita.

Olhei para Amanda. Luíza e ela eram melhores amigas e por mais que eu quisesse vê-la, sabia que se Luíza pudesse, de alguma maneira, escutar alguém, ficaria mais calma ouvindo a voz de Amanda.

— Vá você, Amanda.

— Você não entende nada sobre as mulheres mesmo.

— Como é? — Achei que estava tendo uma
PERIGOSAS ACHERON

atitude altruísta, mas só consegui ganhar olhares de desaprovação.

— Ela precisa de você, irmão. Saber que está ali e que nunca mais sairá do lado dela. Você entendeu? — Amanda se aproximou e me olhou seriamente.

— Entendi.

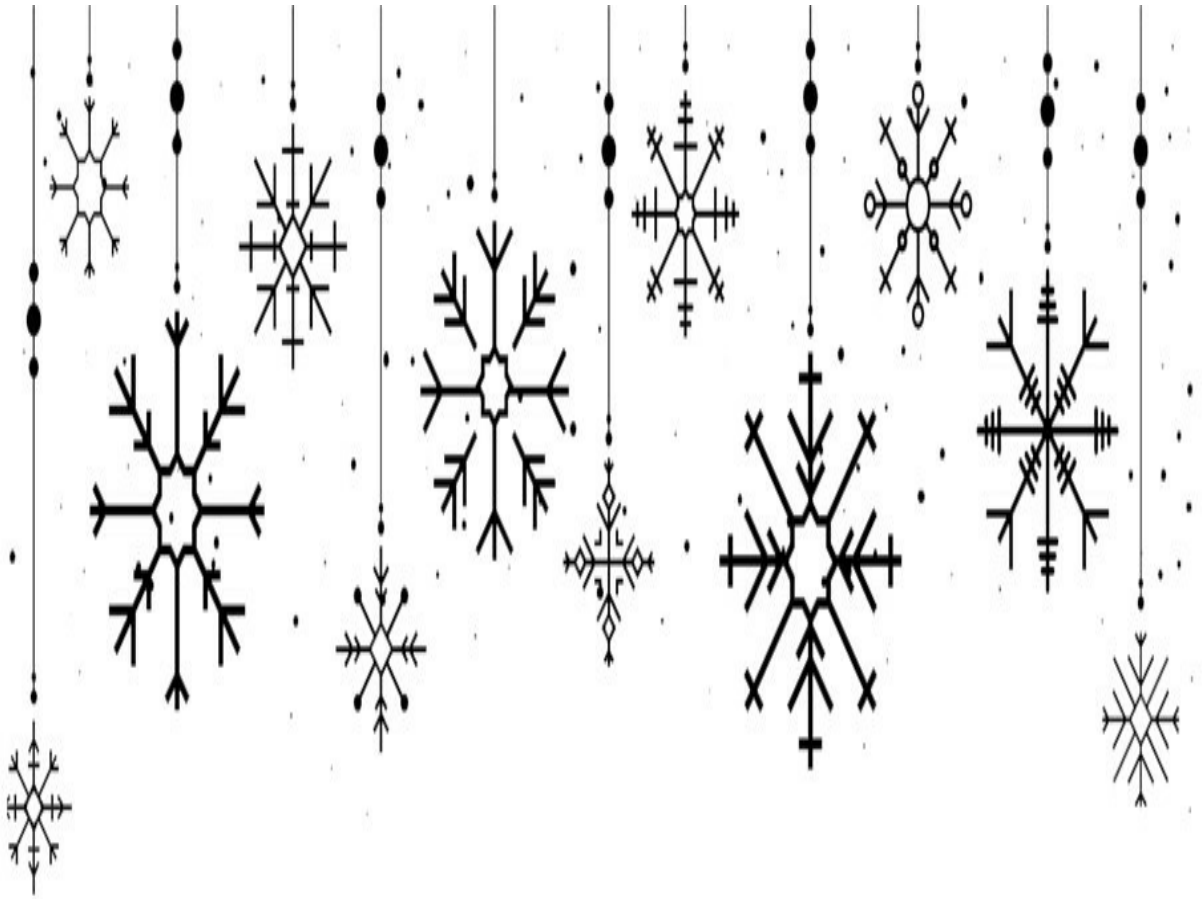
— Então o que ainda está fazendo aqui? Vá atrás da sua garota.

E, sem pensar duas vezes, saí correndo em direção ao quarto em que a Luíza estava internada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 46

PERIGOSAS ACHERON

Luíza

Em um minuto, estava indo embora e o barulho da rua era ensurdecador. No outro, tudo ficou em silêncio e eu só conseguia sentir paz.

Olhei para Arthur. Não sabia por que ele parecia tão infeliz. Será que não viu que estava nevando?

Nevando. Estava nevando em Nova Aliança.

Era a primeira vez em anos. Esperamos nossas vidas inteiras para sentir os flocos de neve em nossos corpos, sonhávamos com aquele momento desde que nascemos.

E agora era real.

Os carros, as árvores, a estrada... Todo o cenário ao nosso redor ficou coberto de neve. E era tão lindo, mágico.

Fechei os olhos e inspirei, abrindo os braços e rodando, deixando aquele momento se perpetuar. A sensação era única e inenarrável.

Meu coração foi inundado com tanta emoção, que eu sentia como se pudesse flutuar. Eu estava no paraíso.

Ouvi um *click* e tudo desapareceu.

Não. Eu queria continuar ali, onde minha alma corria livre, onde eu não sentia frio, abandono ou dor, onde o tempo era o nosso aliado, onde os laços eram intermináveis.

Ficou tudo escuro e senti como se estivesse apenas vagando pelo mundo, sem moradia, sem saber onde estava, mas sua voz me trouxe de volta. Sabia que ele sempre me encontraria.

Arthur. Minha alma gêmea.

Abri os olhos lentamente e o observei. Ele estava sentado em uma poltrona, todo torto e aflito. Parecia estar chorando, lamentando-se.

Arthur falava sozinho e as suas palavras saíam atropeladas, repletas de agonia. Eu não queria vê-lo daquela maneira. Nunca.

— Prometo ouvir mais, não interromper enquanto você fala, abaixar sempre a tampa do vaso... — Ele parecia estar fazendo uma lista ou algo parecido.

Fiquei com vontade de rir. Aquela era nova.

Arthur prosseguiu, enumerando milhões de mudanças que pareciam tão difíceis de acreditar. Quase perguntei se ele pretendia mandá-las para o Papai Noel.

— Prometo nunca mais brigar com você. — Ele respirou fundo e disse a última, com dificuldade. — Nem mesmo sentir ciúme daquele engomadinho do seu ex-namorado.

— Não prometa o que não pode cumprir. — Eu o adverti, querendo rir.

— Você acordou. — Arthur levantou, surpreso.

Olhei para as paredes brancas e depois, para as vestimentas que eu estava usando. Eram roupas de hospital.

— O que aconteceu? — Comecei a suar frio. Aquilo não estava certo.

— Você não se lembra? — Ele franziu a testa.

— Não. — Respondi.

— Vou chamar os médicos para avisar que

você acordou. Só um minuto, meu amor. — Arthur parecia preocupado.

Então, tudo veio como um turbilhão.

Nossa briga, ele me mandando embora, o carro vindo na minha direção, o barulho de estilhaços...

Olhei por debaixo do lençol rapidamente, para ver se tinha ferimentos pelo corpo.

Ufa. Eu estava bem.

— Arthur? — Perguntei, tremendo. Ele parou onde estava. — Quanto tempo fiquei desacordada?

— Para mim, pareceu uma eternidade. — Respondeu, com a expressão colérica. — Mas acho que cerca de duas horas.

Suspirei. Não devia ter sido nada grave.

Ele saiu e fiquei olhando para os equipamentos ao meu redor. Havia um líquido transparente entrando na minha veia e uma máquina parecia estar medindo meus batimentos cardíacos.

Será que abriram o meu corpo? Olhei

novamente debaixo do lençol. Não havia nada.

E se tivessem feito alguma cirurgia em mim? Eu saberia?

Chacoalhei a cabeça, tentando tirar aqueles pensamentos envolvendo médicos e enfermeiros com bisturis perto de mim.

Alguns minutos depois, Arthur entrou no quarto com Felipe e outro médico. Ele era grisalho, um pouco corcunda e tinha uma remela gigante nos olhos.

Passei metade do tempo que ele falava, olhando para aquela coisa nojenta e pensando em dizer para ele tirar.

Eles me fizeram perguntas, verificaram minha pressão, batimentos cardíacos e disseram que avisariam a minha família sobre a minha recuperação.

Após aquilo, deixaram Arthur e eu a sós.

Ele ficou andando de um lado para o outro por um tempo, sem dizer nada. Aquilo estava me deixando agoniada.

Mas, quando pensei em dizer algo, ele falou

PERIGOSAS NACIONAIS

na frente.

— Luíza, gostaria de pedir desculpas por tudo o que disse. — Arthur ficou mexendo em seu chaveiro e evitou me olhar nos olhos. — E por ter colocado você nesta situação.

— Ei. — Estiquei o braço. Ele se aproximou e demos as mãos. — Foi um acidente. Você não teve culpa.

— Mas se eu não tivesse...

— Você não sabe o que poderia ter acontecido. — Cortei-o.

— Tive que imaginar um mundo sem você. — Informou, com a expressão tristonha e os olhos umedecidos.

— E como foi?

Ele ergueu o olhar. Sabia que não devia ter feito aquela pergunta, mas foi mais forte do que eu.

— Eu preferia morrer do que viver nele.

— Não fale uma coisa dessas. — Dei um soco em seu ombro.

— Eu falo sério. — Arthur ficou sombrio.

PERIGOSAS ACHERON

— Pare com isso agora! — Ordenei.

— Tudo bem. — Ele assentiu, não obstante.

— Agora, me mostre essa lista aí. — Falei, sorrindo, tentando melhorar o clima.

Ele me passou o pedaço de papel.

Sua letra estava trêmula e algumas gotas manchavam a tinta da caneta. Lágrimas, sem sombra de dúvidas.

Dei uma olhada. Ela era engraçada. Sabia que Arthur só podia estar desesperado para escrever aquelas coisas.

Dobrei a lista e a coloquei debaixo do travesseiro.

— Vou guardar isso comigo para quando for preciso.

Arthur riu. Ao menos, um sorriso eu tinha conseguido arrancar dele.

— Desculpe por não ter conversado com você cinco anos atrás. — Ele se encolheu, repleto de culpa. — Você estava certa. Eu agi feito um idiota.

— Você realmente pensou que eu fugiria do
PERIGOSAS ACHERON

País para não me casar com você?

Arthur concordou com a cabeça.

Não conseguia entender como ele pôde pensar aquilo. Sabia que Arthur tinha medo de ser abandonado desde que sua mãe saiu de casa, mas pensei que eu trouxesse conforto e confiança para ele.

Pelo visto, seus traumas eram maiores do que eu imaginava.

— Não vê que eu te amo? — Abri os braços, esperando que ele se agarrasse a mim.

— Desculpa. — Ele colocou a mão no rosto, para que eu não o visse chorando. — Eu preciso parar de deixar que aquele fantasma me atormente. Preciso esquecer o que aconteceu.

Sabia que ele estava falando da mãe. O que era uma novidade, porque ele nunca falava dela.

— O que aconteceu? — Eu queria tanto saber, que não me contive e perguntei.

— Ela e o meu pai brigaram antes de ela ir embora, mas eu ouvi tudo, escondido na porta.

Imaginei Arthur ainda criança, tendo que

passar por aquilo.

Ele tomou ar e continuou.

— Ela disse que não suportava essa cidade, que se sentia sufocada aqui. Que não podia ser apenas a esposa ou mãe de alguém.

Meu Deus. Eu disse aquelas mesmas palavras.

— E vocês se encontraram depois disso?

— Sim. — Ele riu.

Eu não entendi o motivo.

— Eu a encontrei em uma casa grande, com um marido novo, dois filhos... Tinha até um cachorro.

— Uau! — Levei a mão à boca, surpresa. — E você chegou a conhecer os seus... — Não consegui concluir a frase.

— Não. Imagina! — Ele balançou a cabeça em negativa. — Ela me pediu para ir embora antes que alguém me visse. Não queria que a família perfeita dela descobrisse que tinha deixado duas crianças para trás.

— Não sei nem o que dizer, Arthur.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa dizer nada. — Ele segurou minhas mãos. — Fui um completo idiota por ter descontado em você as minhas frustrações e traumas. Por sequer ter pensado que você agiria da mesma maneira que ela. Eu deveria ter confiado em você, apoiado você. — Arthur me olhou fixamente dessa vez. — Você me perdoa? Sei que ainda não sou a pessoa certa para você, mas farei o possível para melhorar. Eu juro.

— Você é a pessoa certa para mim, sim. E vamos superar tudo o que passou, juntos.

— Eu te amo tanto.

— Eu também te amo.

Nós nos abraçamos e o mundo voltou a rodar na direção certa. Era aos seus braços que eu pertencia, nós nascemos para ficar juntos, a felicidade não cabia no meu peito, ter o Arthur de volta era tudo o que eu precisava.

Foi quando ouvi sua voz. Aquela maldita voz falsa.

Melissa colocou o rosto pela fresta da porta, segurando um buquê com margaridas e um ursinho marrom. Minha pressão subiu e comecei a ver tudo

PERIGOSAS ACHERON

em tons de vermelho. Ela teve a cara de pau de vir aqui depois de tudo o que me causou?

— Fiquei sabendo sobre o acidente e vim saber se estava bem, Luíza. — Ela sorriu, como se não tivesse estragado cinco anos da minha vida, como se nada tivesse acontecido.

Aquela maldita. Ela precisava pagar.

Levantei sem me lembrar que estava com aquela roupa de hospital e caminhei na sua direção. Melissa me olhou com uma expressão espantada.

Ótimo! Ela deveria sentir medo mesmo. Muito medo!

— Luíza, você não deveria se levantar ainda. — Arthur tentou dizer, mas eu apenas o empurrei para longe.

Ele caiu no sofá e ficou parado, me olhando, sem saber o que fazer. Era melhor que não fizesse nada mesmo ou sobraria para ele.

— Luíza... — Foi a vez da Melissa tentar dizer algo. Até sua voz me provocava náuseas. — Eu estava preocupada, por isso trouxe...

— Cala a boca, sua desgraçada! — Gritei,

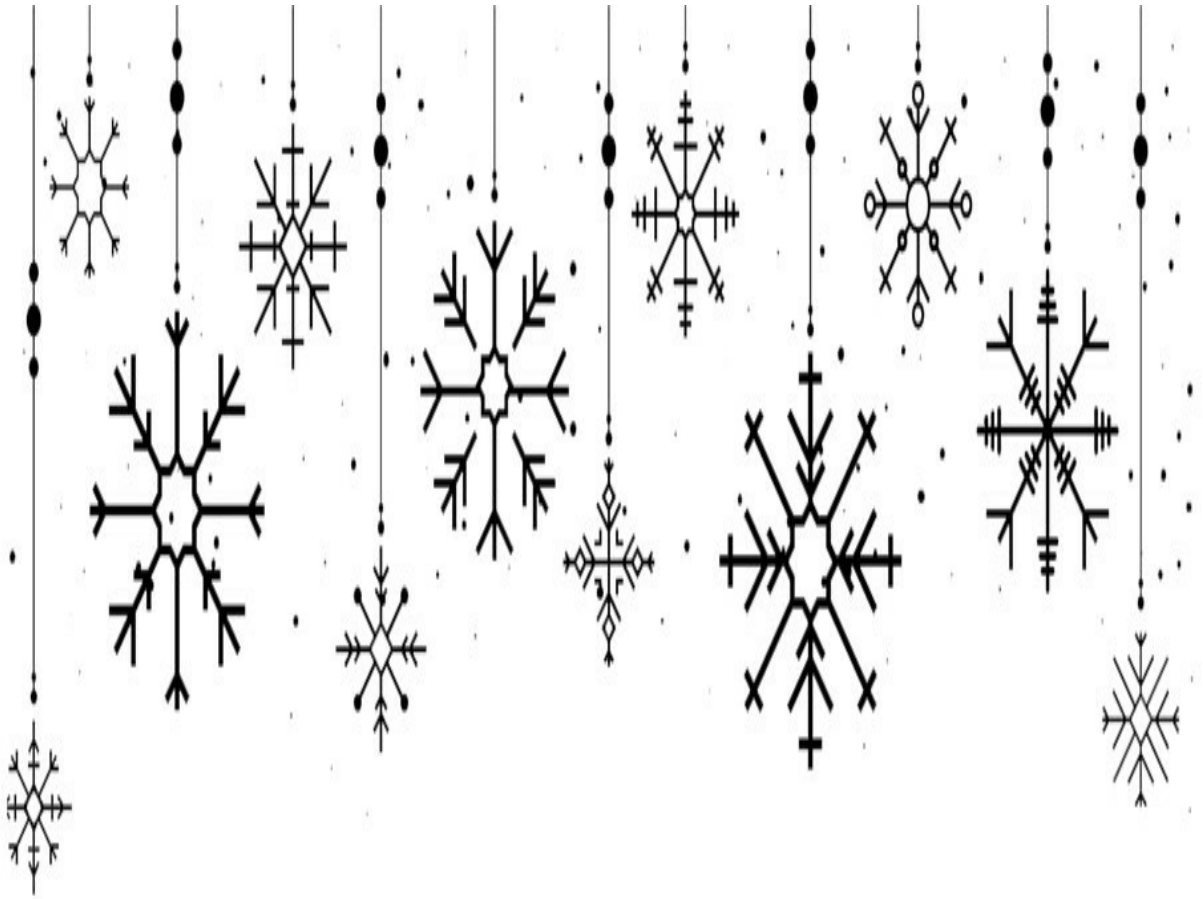
sem deixar que ela dissesse mais mentiras.

Parti para cima dela, segurei o seu pescoço com as duas mãos e comecei a apertar com força. Melissa gritava desesperadamente e as enfermeiras surgiram correndo, tirando-me de perto dela e injetando alguma coisa no meu soro.

Arthur ainda estava paralisado no sofá. Ele nunca tinha me visto daquela maneira. E o seu rosto foi a última coisa que consegui ver antes de apagar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 47

Às vezes sonhava que estava voando, atravessando as nuvens, encontrando a lua e abraçando as estrelas. Sonhava com o vento bagunçando os meus cabelos, a chuva fina molhando levemente a minha pele e com Arthur. Ele sempre estava lá, sorrindo, me abraçando e tornando tudo mais especial.

Mas a vida não era como os sonhos. Enquanto sonhava com a neve tocando o meu rosto, estava sendo jogada a distância por um carro em movimento. O Arthur dos sonhos vivia ao meu lado. O da realidade, acreditou em uma mentira e me abandonou por anos. E quando parecia ter acordado daquele maldito pesadelo, e o encontrado lá, como sempre esperei, ela apareceu, apenas para me provocar. Melissa.

Fechei as mãos em punhos e abri os olhos, respirando profundamente, mas, ao contrário do que imaginei, o que mais importava, não tinha se dissipado. Arthur estava à poucos metros, dormindo na cadeira do hospital. Sua cabeça pendia para o lado esquerdo e a coluna estava torta. Não parecia confortável. Nem de perto. E por mais que

todos os meus instintos me mandassem sentir raiva, eu só queria abraçá-lo e dizer que o amava.

— Você acordou. — Arthur se mexeu e esfregou os olhos, despertando do sono, me olhando com uma expressão estranha.

Tentei me levantar, mas Arthur foi mais rápido.

— Ei, ei. — Ele chamou a minha atenção. — Calminha aí. — Pediu, ajeitando o travesseiro e me cobrindo com um lençol.

— Cadê ela? — Encarei-o, deixando claro que arrancaria a cabeça dele também se ficasse no meu caminho.

Ele franziu a testa, sem entender, e pensou por um minuto.

— Ah... — A ficha caiu. — Melissa foi embora.

— Não fale o nome dessa desgraçada...

— *Shh!* — Arthur tapou minha boca e me abraçou com força.

Fiquei sem ação. Era tão bom sentir o seu perfume novamente, seu corpo colado ao meu, sua

respiração no meu pescoço. Quando parei para prestar atenção, percebi que Arthur estava chorando em meus braços e o seu corpo todo tremia.

— Tive tanto medo de te perder. —
Confidenciou entre soluços.

Ele tinha que parar com aquilo ou eu começaria a chorar também. Eu ainda estava com raiva dele e ainda pretendia dar umas bordoadas nele. Ele não podia tirar aquilo de mim.

— Me desculpe por tudo. Por acreditar naquela... — Arthur não conseguiu terminar a frase, mas eu queria tanto ouvi-lo xingando a Melissa. — Pensei que você não me quisesse, que não fosse motivo o suficiente para você ficar.

— Como pôde pensar isso? — Questionei, quase abrindo o berreiro também. — Você sempre foi tudo para mim.

— Eu fui um estúpido, eu sei. — Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Pronto. Lá se foi a minha vontade de socar a cara dele. Agora, só queria abraçá-lo com mais força, confortá-lo e dizer que tudo ficaria bem.

Nós nos aninhamos um ao outro e logo, eu
PERIGOSAS ACHERON

também estava chorando.

Queria culpar a Melissa, o Arthur, nossa falta de comunicação, mas aqueles sentimentos não me trariam nada de bom. Não queria continuar cultivando raiva ou magoa, não queria mais viver do passado. Queria enterrá-lo de uma vez por todas e abraçar o presente.

Arthur, o meu presente.

Ele confessou que tinha imaginado um mundo sem mim, mas fui eu que o senti na pele. Por alguns minutos, flutuei pelo nada e tinha sido tão gelado, sombrio e solitário. Não queria voltar nem tão cedo para lá. Só queria me agarrar ainda mais ao amor da minha vida e aproveitar todos os minutos ao seu lado.

Segurei seu rosto próximo ao meu, admirando cada traço. Arthur passou o nariz no meu e inspirou, aliviado. Seus lábios tocaram os meus e eu não aguentei. Passei os braços por seu pescoço e o puxei para cima da cama do hospital.

Eu sabia que aquilo não era apropriado, mas a saudade que sentia dele chegava a doer. Precisava dele o mais perto possível. Agora. Não poderia

PERIGOSAS NACIONAIS

mais esperar.

Arthur encontrou rapidamente a abertura no meu roupão e começou a acariciar as minhas costas. Eu o abracei com força enquanto ele subia e descia os dedos pela minha espinha. Ouvi a maçaneta sendo rodada e entrei em pânico.

Na hora do desespero, só consegui empurrar o Arthur, e como era estabanada, caí da cama. Tentei me levantar, mas minhas pernas bambearam. Foi quando ouvi a voz dele e senti um arrepio na espinha.

Não. Tudo menos aquilo.

— O que vocês estão fazendo?

Era Felipe, usando um jaleco branco e com o cabelo muito bem penteado. Por alguns segundos, esqueci que ele era médico ali e poderia entrar a qualquer momento.

Meu Deus do céu! Será que ele tinha visto a minha bunda?

Fechei o roupão e puxei o lençol para cima de mim, constrangida, mas ainda estava no chão, feito uma tonta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur veio ao meu encontro e me ajudou a voltar para a cama, mas Felipe ainda nos olhava sem saber se ficava bravo ou ria da cena que tinha presenciado.

— Primeiro, você tenta enforcar uma pessoa e agora, essa, Luíza? — Felipe balançou a cabeça, tentando não rir. Ele precisava ser profissional.

— Deve ser a experiência de quase morte. Não sei. — Usei a desculpa mais esfarrapada possível, mas, de certa forma, eu me sentia mesmo diferente.

Não queria mais ser aquela Luíza que guardava tudo, que sofria calada e deixava ser maltratada, mas também não queria ser uma pessoa atormentada para sempre pelos fantasmas do passado ou pelas atitudes dos outros.

Queria resolver o que fosse preciso no momento e depois, simplesmente, deixar que fossem embora. Não queria me apegar a sentimentos destrutivos. Nunca mais.

— Só queria dizer que os seus pais estão lá fora. — Informou e dei graças a Deus por não ter sido eles a presenciar o que tinha acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah!

Estranhamente, eu tinha me esquecido que tinha pais, que estava em um hospital. Eu tinha me esquecido de tudo. Culpa do Arthur, que despertava aquele instinto perverso em mim.

— Posso mandá-los entrar? — Felipe perguntou.

— Claro. — Tentei me situar, ajeitando os cabelos e procurando algum espelho por perto, para ver se estava, ao menos, apresentável. — Estou bem, Arthur? — Virei-me para ele, que sorriu.

— Você está sempre linda, meu amor.

— Ai. Vai começar? — Felipe resmungou. — Nós dois olhamos para ele de canto de olho. — Vou chamar os seus pais, então. — Felipe começou a caminhar e parou de repente, encarando-nos com seriedade. — Vocês dois... Comportem-se!

Arthur e eu caímos na gargalhada.

Só porque fomos desafiados pelo Felipe, minha vontade era de pular no colo do Arthur e beijá-lo ardentemente, mas se fizesse isso, os próximos a nos flagrar em um momento íntimo seriam os meus pais e não seria nem um pouco

divertido.

— Acho melhor eu ir. — Arthur avisou, de longe. Ele sabia que do jeito que estávamos, se ele se aproximasse um pouco mais, nós não conseguiríamos nos largar.

— Tudo bem. — Concordei, tristemente.

— Volto assim que eles saírem, tudo bem?

— Mal posso esperar. — Lambi os lábios, com malícia.

Arthur olhou para a minha boca. Cheguei a pensar que ele fosse salivar, mas virou-se e, no mesmo minuto, a porta se abriu e ele tacou a cabeça nela.

Eram os meus pais.

— Olha por onde anda, rapaz! — Meu pai o repreendeu, mas a sua voz era calma. — Se machucou?

— Não, senhor. — Arthur respondeu, abaixando a cabeça, em sinal de respeito.

— Que bom.

— Você se importa de nos deixar a sós com nossa filha e o médico? — Minha mãe entrou com

uma bolsa cheia de coisas e, diferente do meu pai, não foi nem um pouco educada.

— Cla-claro. — Arthur gaguejou e saiu em disparada.

Dona Maria do Carmo veio correndo até mim e começou o seu dramalhão de sempre.

— Pensei que fosse te perder, meu bebê. — Ela me apertou com força, como se quisesse ter certeza de que eu estava mesmo ali. — O que seria de mim sem você?

— Menos, mãe. Não foi nada demais.

— Nada demais? — Sua voz subiu uma oitava. — Você ficou desacordada por horas. Horas! — Disse, espalmando as mãos no alto. — Já mandei cancelar todos os preparativos para a festa de bodas de prata. Seu pai e eu vamos acampar nesse hospital.

E foi aí que me desesperei. Se a minha mãe já era cheia de cuidados e fricotes comigo normalmente, depois do acidente então, ela não me daria descanso.

— Pelo amor de Deus, isso não é necessário. Não é, doutor? — Olhei para Felipe,
PERIGOSAS ACHERON

pedindo ajuda com os olhos.

Por sorte, ele parecia ter entendido.

— Na verdade, ela ficou desacordada por causa da pancada. Fizemos todos os exames e ela está em perfeito estado.

— Viu, mãe?

— Ela pode ter alta hoje. — Felipe continuou. — Mas só se não cismar de matar mais ninguém.

Droga! Ele não podia ter deixado aquela parte de fora?

— O quê? — Minha mãe me olhou, cobrando uma explicação.

— Ele está brincando, mamãe. — Fuzilei Felipe com os olhos. Ele iria me pagar por aquilo.

— Está? — Ela esperou sua confirmação.

— Eu quis dizer matar de susto. — Felipe alinhou a postura. — Por causa do acidente.

Boa, amigo. Jogada de mestre.

Agradei com uma piscadela e ele sorriu daquele jeito tímido de sempre.

— Ah, sim. Isso é verdade, doutor. —
Mamãe sorriu, voltando ao seu estado normal e
apertou minha mão. — Mas ela não vai mais nos
dar nenhum susto. Não é, meu amor?

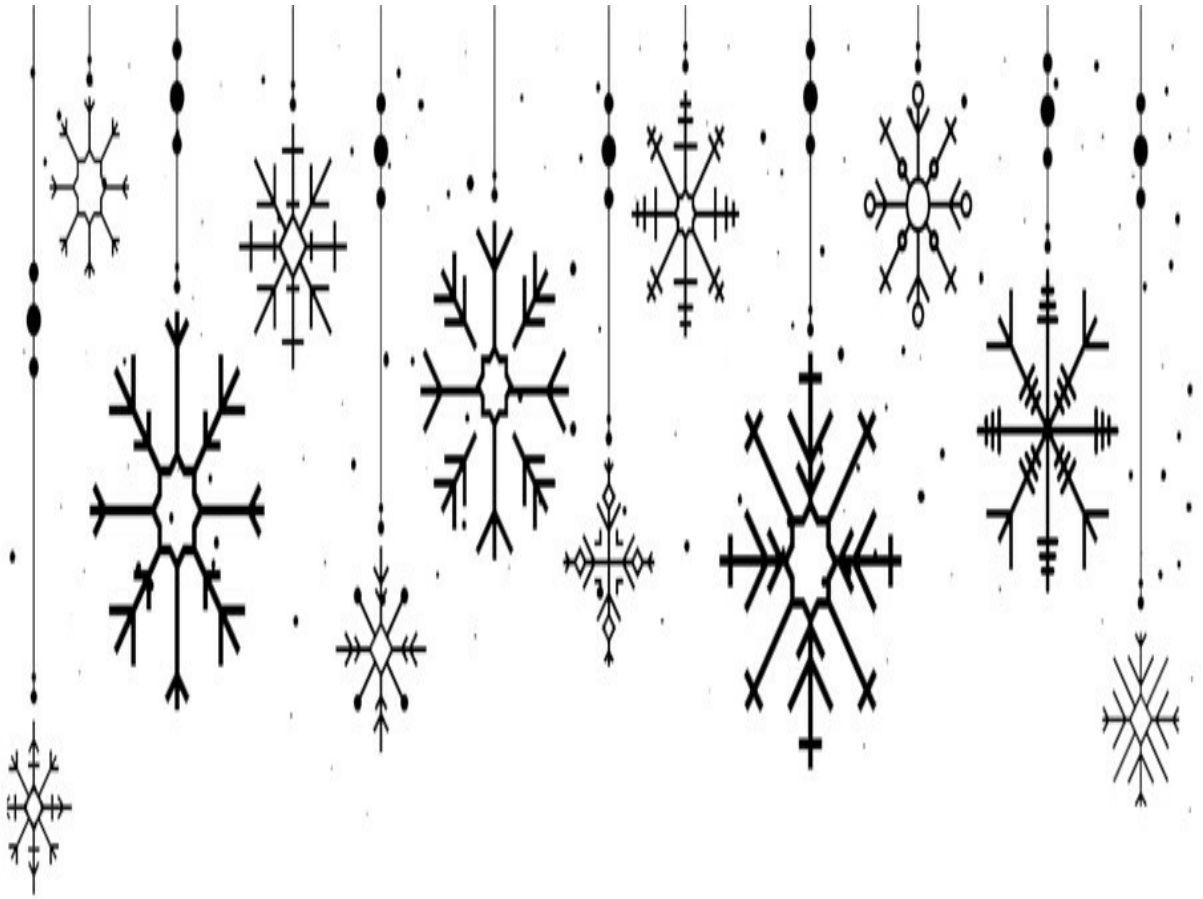
— Claro que não. — Respondi.

Bem. Eu esperava mesmo não ter que
passar por mais nada parecido com aquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 48

PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe tentou desmarcar a festa de bodas de prata diversas vezes, mesmo após o Felipe ter garantido que eu estava fora de perigo. Por sorte, consegui impedi-la e logo, o grande dia chegou.

O salão escolhido era enorme e estava repleto de flores, luzes e enfeites, mas o detalhe que mais iluminava o lugar era a expressão do meu pai, que, mesmo após anos, fitava a minha mãe, como se ela fosse a única mulher no mundo.

Eu admirava o amor dos dois, um sentimento puro que emanava paz e alegria. O que era difícil ver nos casais de hoje, para os meus pais era algo natural. Não sabia como eles tinham alcançado aquela harmonia, mas minha mãe dizia que o tempo era a resposta de tudo. Talvez eu conseguisse chegar lá algum dia.

Amanda se aproximou com um vestido verde, que combinava com o tom dos seus olhos, e os cabelos loiros presos em um coque. Ela segurava uma prancheta e um aparelho digital, onde gritava ordens. Eu que não queria estar do outro lado daquela linha.

— Você chegou! — Amanda se dirigiu a mim e me encarou de cima a baixo.

Eu estava usando o vestido azul que ela havia escolhido, deixei meus cabelos soltos e coloquei um colar prateado, que meu pai me deu no último minuto.

— Nossa! A festa está linda. — Elogiei.

Amanda estava deslumbrante e eu tinha certeza que parte daquela aura cheia de luz e magnitude, era por estar fazendo o que tanto amava.

— Está, não é? — Ela se animou ainda mais e contemplou seus feitos.

— Uma perfeição. — Garanti quando vi Arthur parado na entrada principal, um pouco perdido e acanhado, com as mãos nos bolsos. Incrível como ele conseguia ficar lindo de qualquer jeito.

Com roupas mais despojadas, ganhava um ar mais rebelde. Com terno, parecia um príncipe encantado.

— Deu um trabalho danado, mas valeu cada minuto do... — Amanda parou o que estava falando

PERIGOSAS ACHERON

e tacou a prancheta em mim. — Pensei que estava falando da decoração.

Aquilo doeu.

— E estava. — Eu me defendi, passando a mão pela cabeça para ver se não tinha feito um galo.

— Sei. — Ela reclamou.

Não demorou para que Arthur chegasse até nós. Meu coração respondia, batendo forte e irregular, a cada passo seu na nossa direção.

— Senhoritas. — Ele nos cumprimentou e se curvou, como um verdadeiro cavalheiro. Eu me derreti toda.

— Vocês me dão náuseas. — Amanda fingiu que iria vomitar e se afastou de nós.

Arthur e eu rimos. Uma música lenta começou a tocar, ele chegou mais perto e segurou uma das minhas mãos.

— A senhorita me concede uma dança?

— Claro. — Respondi sorridente.

Começamos a nos mover, mantendo uma distância razoável, mas Arthur não pareceu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contente com aquilo, pois me puxou rapidamente e me rodou, fazendo com que a cauda do meu vestido serpenteasse no salão, de maneira gloriosa. Em seguida, agarrou a minha cintura e colou a boca no meu pescoço.

A sensação era tão boa, que era como se tivéssemos parado no tempo, como se as pessoas ao nosso redor tivessem desaparecido.

— Estava morrendo de saudade do seu gosto, meu amor. — Arthur sussurrou no meu ouvido, fazendo todos os pelos do meu braço se arrepiarem.

Mesmo que a aproximação fosse tentadora, tentei lembrá-lo que estávamos na festa dos meus pais, com parentes meus por todos os lados. Ele emburrou a cara, mas logo se acalmou e afagou meu cabelo.

Deitei em seu ombro e começamos a nos mover de acordo com a música. Eu me sentia segura em seus braços. Sem sombra de dúvidas, aquele era o meu lar, o lugar onde eu gostaria de passar o resto da minha vida.

O clima estava cada vez mais gostoso e a

PERIGOSAS ACHERON

paz reinava. O ar batia em nossos rostos, trazendo um aroma delicioso. Olhei para os lados e todos os casais dançando pareciam estar sentindo a mesma sintonia. Um conjunto de luzes começou a piscar e eu sorri.

— O que foi? — Arthur sorriu também.

— Estou feliz por estar aqui com você. — Suspirei.

— Eu também.

Ficamos mais um tempo naquela bolha esplendorosa, até que a realidade bateu a nossa porta.

— Posso roubar seu par por um minutinho? — Ethan apareceu sabe-se lá de onde.

Respirei fundo, já esperando um ataque de ciúmes vindo de Arthur, mas, para a minha surpresa, não foi o que aconteceu. Ele parecia estar muito mais confiante depois de tudo o que passamos, como se finalmente tivesse entendido que eu só tinha olhos para ele.

— Se ela desejar. — Arthur respondeu a Ethan com um humor leve, sem sinal do seu sarcasmo de sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prometo ser breve. — Ethan completou e me perguntei se eles haviam reparado que eu estava ali e que poderia responder por mim mesma.

— Espero você na nossa mesa. — Arthur avisou, deixando um beijo em meu rosto antes de se afastar.

Quem era aquela pessoa e o que fizeram com ela? Arthur estava muito diferente.

Fiquei parada no meio da pista de dança com aquele questionamento rondando o meu pensamento.

— O que foi? — Ethan franziu a testa, notando minha estranheza.

— Você viu o que eu vi? — Arregalei os olhos, ainda sem acreditar.

— Seu namorado se comportando como uma pessoa normal?

— Isso. — Assenti.

— Vi. — E Ethan deu uma risada. — Acho que finalmente ele se convenceu de que somos apenas amigos.

— Tomara. — Pedi aos céus.

PERIGOSAS ACHERON

— Queria te perguntar uma coisa. — Ethan se aproximou para começarmos a dançar.

— Diga. — Falei, já imaginando do que se tratava.

— A Suzana tem namorado?

Não falei? Meu faro nunca falhava. Desde que vi o seu olhar bobo para ela, sabia que tinha alguma coisa ali.

— Não. — Respondi com vontade de gargalhar na cara dele.

— E você acha que tenho alguma chance com ela?

— Hum... — Parei para pensar e coloquei a mão no queixo, fazendo certo suspense. — Acho que você pode descobrir isso, chamando-a para dançar agora mesmo. — E apontei para Suzana, que nos fitava com o semblante desconfiado.

Ela estava com um vestido preto apertado, que destacava suas curvas voluptuosas. Ethan olhou para ela babando.

— Obrigado, Luíza.

— Não precisa agradecer. Faço muito gosto

em vê-los juntos.

— Sério? — Ele levantou uma sobrancelha.

— É claro!

— Pensei que fosse ficar chateada por vocês serem amigas e...

— Larga disso. — Eu o interrompi. — Faço gosto exatamente por ser minha amiga.

— Você é incrível, sabia? — Ele se animou e no impulso, me ergueu e me rodou em seus braços.

Meu coração bateu forte. Eu sabia que aquilo não seria bem interpretado. Quando ele me largou e percebeu o que havia feito, seu sorriso também se desmanchou.

Olhamos para os lados rapidamente, notando que Arthur e Suzana haviam evaporado.

Droga! Estava bom demais para ser verdade.

Cheguei até a mesa que Arthur antes estava sentado e percebi que a tela do meu celular estava acesa. Olhei para o aparelho e vi que havia uma mensagem da minha chefe, ordenando que eu

voltasse para Paris o mais rápido possível.

Se Arthur tinha lido aquilo e tivesse entendido tudo errado, aí sim, eu estaria perdida.

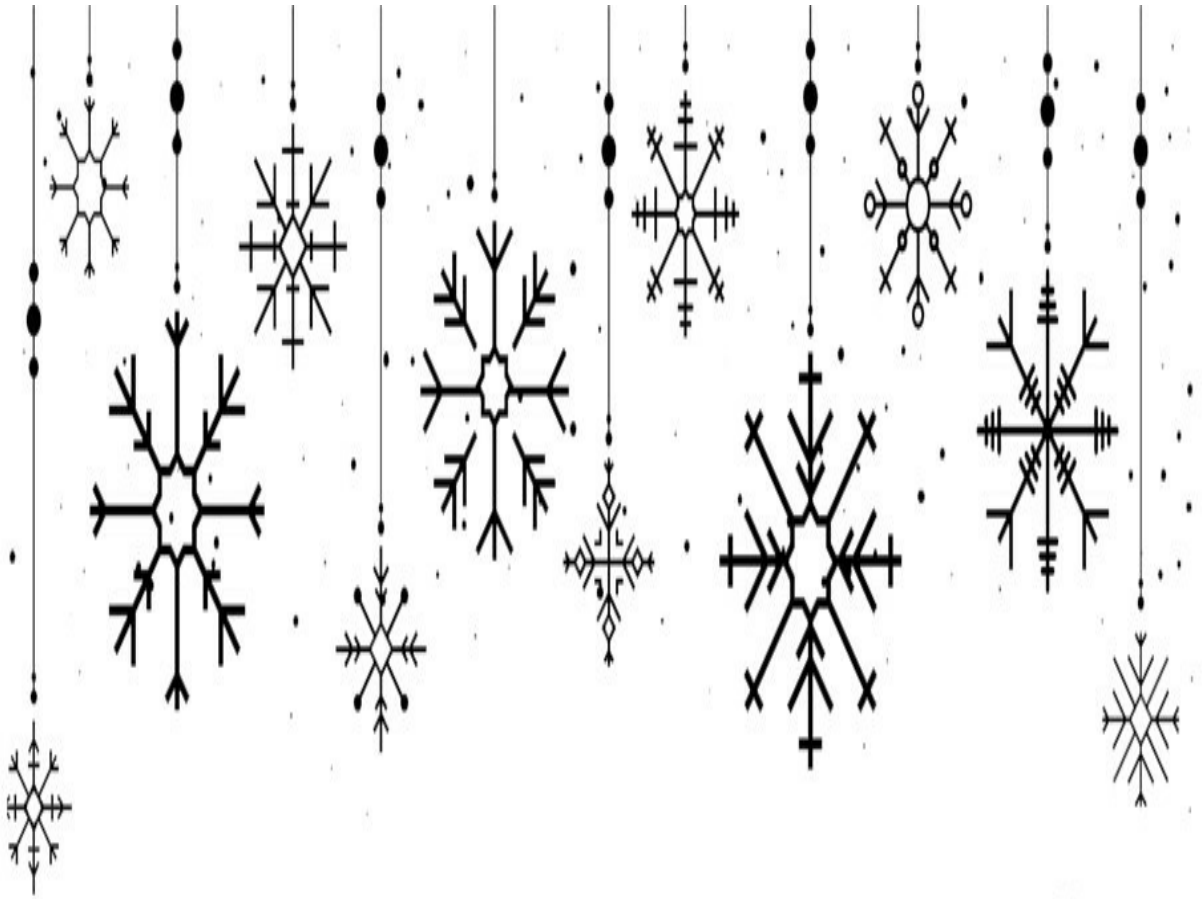
— Sabia que ele te abandonaria de novo, sem nenhuma explicação. — Aquela maldita voz outra vez.

Olhei para cima, trincando os dentes, e encontrei Melissa com uma expressão cínica.

Eu queria arrebentar a cara dela, mas tinha algo mais importante a fazer no momento. Precisava achar o Arthur.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 49

Comecei a andar sem rumo, à procura de algum rosto conhecido. Os amigos dos meus pais conversavam alto, dançavam e passavam, tentando não esbarrar em mim. Eu não estava conseguindo raciocinar.

Por que o Arthur teve que sair correndo de novo? Será que ele havia ficado com ciúmes do Ethan? Não. Tinha a ver com a mensagem de texto no meu celular. Será que ele achava que eu iria embora novamente?

Avistei Amanda de longe, conversando com alguém.

Graças a Deus! Talvez Arthur estivesse com ela. Pouco provável, mas não custava nada ter um pouco de esperança.

— Amanda. — Cutuquei seu braço e ela se virou, sorrindo.

— Olá, querida. — Cantarolou, fazendo carinho na minha bochecha com suas unhas grandes e bem-feitas.

Por que ela estava me tratando daquela maneira? Nem era o meu aniversário nem nada,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas foi só olhar para a sua direita, que eu entendi tudo.

Ela estava com Felipe, e Amanda entrava no modo “sou maravilhosa”, perto de alguém que lhe despertasse o interesse. Normalmente, eu aproveitava aqueles momentos para pedir coisas emprestadas ou arrancar informações valiosas.

— Você viu seu irmão? — Perguntei, me esquecendo de cumprimentar o Felipe.

— Ele não estava com você? — Ela franziu a testa.

— Estava. — Admiti, cabisbaixa. — Mas acho que ele viu algo que não gostou e saiu, sem dizer para onde ia.

— Hum... — Pensou alto, apoiando a mão no queixo. — Será que voltou para casa? Ouvi ele reclamando mais cedo que aquela roupa pinicava.

— Então, vou para lá. — Avisei, já levantando o vestido para começar a correr.

— Está maluca? — Amanda me segurou pelo cotovelo. — Preciso te lembrar que esta é a festa de bodas de prata dos seus pais?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou lá rapidinho, converso com o Arthur e volto. — Falei, como se fosse assim tão fácil.

— Se ele estiver com raiva de você, não vai te atender, meu anjo.

— Droga! — Dei um soco no ar.

— Mas... — Ela parecia estar bolando um plano.

— O quê? — Segurei a respiração. — Fala logo!

— A Angélica e o Rômulo ficaram em casa, porque a Alice está resfriada. — Contou e foi aí, que me dei conta de que não tinha os visto na festa. Como eu não percebi? — É só você ligar para ela no caminho.

— Você é um gênio, amiga. — Eu a abracei e Amanda desviou rapidamente, para que eu não a amarrotasse.

— Eu sei. — Assentiu, se ajeitando.

— Deseje-me sorte. — Pedi, mas não esperei para ouvir o que ela iria dizer.

Saí sem olhar para trás e quando cheguei à

PERIGOSAS ACHERON

saída, percebi que estava chovendo. Era só o que me faltava.

Dei uma corridinha até o carro e apertei o botão do alarme, para destrancar as portas. Ainda bem que eu não havia devolvido para o meu pai.

Entrei rapidamente e agradei por nenhum imbecil ter fechado a minha vaga. Liguei o carro e pisei fundo no acelerador.

Nem sabia direito o que diria para Arthur. Minha chefe vivia cobrando que eu voltasse para Paris, já meu pai queria que eu lecionasse na escola que ele trabalhava. Mas e eu? O que eu realmente queria?

Meu peito começou a doer e a vontade de chorar se apoderou de mim.

Sabia que queria ficar ao lado de Arthur, mas jogaria tudo para o alto por ele? Uma vez, ele disse que iria para Paris comigo, se fosse preciso. Mas será que estava falando sério?

Liguei o rádio, buscando um sinal. Sempre buscava refúgio na música. Ela era a minha companheira diária, tanto nos dias felizes, quanto nos dias ruins e confusos como aquele.

PERIGOSAS NACIONAIS

O limpador de para-brisas retirava o excesso da água da chuva. Olhei para ele por um tempo, pensando se também não havia um método de cessar as minhas lágrimas, porque eu precisava pensar.

Sintonizei o rádio do carro quando começou a tocar a música Sonhador II, da banda Scalene.

Uma emoção tomou conta de mim e, no impulso, gritei o refrão:

— Cante alto seus sonhos!

E foi quando me dei conta. Arthur era o meu sonho. Meu maior sonho. Um sonho que eu jamais abandonaria. Ele fazia parte de quem eu era.

Ainda na adrenalina da música, virei todo o volante do carro e fui na direção da sua casa. Diria a ele que não iria a lugar algum, que ele era o meu lar, que era com ele que eu queria ficar. Que nada mais importava. Somente ele.

Cheguei rápido na frente da sua casa. Não era muito longe da festa. Desci do carro toda encharcada e os meus saltos me impediam de andar mais rápido. Tirei-os dos pés e corri com eles nas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esqueci completamente que deveria ter ligado para Angélica e bati na porta de Arthur, mas não foi ele que atendeu. Será que eu tinha chegado tarde demais? Será que ele não me ouviria? Será que o tinha magoado tantas e tantas vezes que agora não poderia mais ser perdoada?

Angélica ficou parada, sem fala. Também, não havia mais o que fazer. Eu tinha colocado tudo a perder. De novo.

Não consegui dizer uma palavra. Só dei meia volta e fui embora com a minha solidão. Eu o havia perdido, outra vez.

Dentro do carro novamente, liguei o motor, com um pouco de raiva. O que me fez achar que um trecho de música era o sinal para alguma coisa? Aquele idiota do Arthur tinha me abandonado mais uma vez sem sequer me dar uma explicação.

Tinha certeza de que amanhã ele se arrependeria e voltaria com desculpas esfarrapadas, mas ele achava que eu iria embora. Queria ir atrás dele, mas estava tarde.

Troquei a música e a voz da Pitty chegou aos meus ouvidos:

PERIGOSAS ACHERON

Não deixe nada para depois.

Não deixe o tempo passar.

Nada para a semana que vem.

Porque semana que vem pode nem chegar.

Se aquilo não era um sinal, eu não sabia mais o que poderia ser.

Voltei para a casa dele e foi a minha vez de pular a janela. Entrei no quarto de Arthur, tentando não fazer barulho e então, eu o avistei perto da cama, colocando um monte de pétalas no chão.

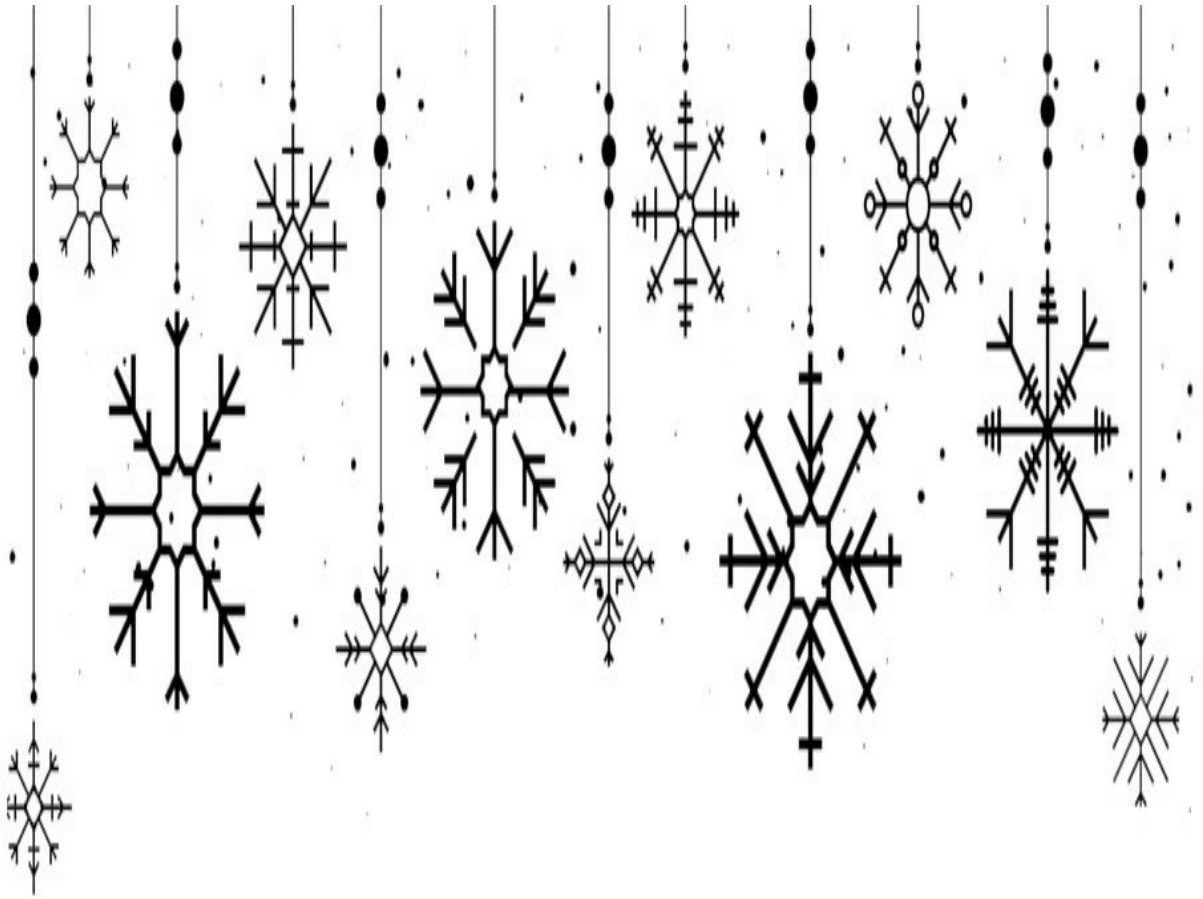
— Arthur. — Chamei e ele olhou na minha direção, assustado. — O que é isso?

E o meu coração bateu forte e descompassado. Aquilo era o que eu estava pensando?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 50

PERIGOSAS ACHERON

Quando pulei a janela do Arthur naquela noite, eu imaginei tudo, menos aquilo. Pensei que brigariamos, que diríamos palavras das quais nos arrependeríamos para sempre, que terminaríamos e, por fim, nos afastaríamos novamente.

Amanda estava certa quando dizia que eu sempre esperava pelo pior. Já estava tão acostumada em levar rasteiras da vida, que até quando algo de bom estava bem na minha frente, eu custava a acreditar.

Olhei ao redor, reparando nas velas que Arthur havia posicionado pelo quarto. Perto da cama havia um buquê de girassóis, as minhas flores favoritas, e, no chão, ele espalhava pétalas vermelhas.

Quando me viu, seu rosto assumiu uma expressão assustada.

— Não era para você estar aqui... — Ele disse em um fio de voz e se corrigiu. — Não agora.

Minha respiração falhou várias vezes. Eu queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas nada

saía.

Arthur se aproximou lentamente e se ajoelhou. Seus olhos brilhavam tanto, que pareciam estrelas no céu. Eu não acreditava que aquilo estava acontecendo. Sonhei tantas vezes com aquele momento, que agora não parecia real.

— Luíza, meu amor... — Ele abriu uma caixinha e revelou as alianças que eu já tinha visto no quarto de Amanda. As mesmas alianças que deveriam ser minhas há cinco anos. — Sei que sou um idiota, que vivo te decepcionando, que sou ciumento e bobo. — Ele respirou fundo, segurando para não chorar. — Mas eu te amo tanto, que prometo passar o resto da minha vida tentando me redimir e me consertar, porque sei que você merece a minha melhor versão. — Olhou-me fixamente e continuou. — Você aceita se casar comigo?

Meus olhos se encheram de lágrimas, a voz sumiu e Arthur olhou para mim, aflito, como se, por um minuto, pensasse que eu não fosse aceitar.

Então, eu me ajoelhei também e o abracei, dizendo repetidas vezes:

— Sim, sim, sim... É o que eu mais quero!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sério? — Ele parecia surpreso, como se esperasse uma resposta diferente. — E vai desistir de viajar e conhecer o mundo para passar o resto da vida comigo?

— Você é o meu mundo. — Respondi, sem sombra de dúvidas.

Ele deu um sorriso cheio de significados e senti que finalmente estávamos em paz.

— E você é o meu.

Com a emoção, nós dois caímos no chão, chorando e sorrindo ao mesmo tempo. Arthur começou a beijar todos os pontos do meu rosto e eu correspondi, afagando seu cabelo e trazendo seu corpo para mais perto de mim.

Ficamos por um tempo daquela maneira até que ele levantou em um sobressalto.

— Espera aí. — Ele arregalou os olhos. — Você fugiu da festa dos seus pais?

— Sim. — Respondi, dando uma gargalhada sem querer. Eles iriam me matar.

— Você é maluca, sabia?

Eu assenti, com os olhos ensandecidos. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era maluca por ele. Arthur era o meu vício, minha mania, minha perdição.

— Sabe também que precisamos voltar para lá antes que os seus pais sintam a sua falta e me odeiem ainda mais, não é? — Ele segurou a minha mão com a aliança e começou a beijá-la, fazendo com que eu me esquecesse de onde estava.

— Eles não odeiam você. — Garanti, mesmo sabendo que ele tinha um pouco de razão.

— Eu que não quero pagar para ver.

— Tá bom. — Ele me ajudou a ficar de pé.

Olhei para a janela e vi que a chuva tinha parado.

— Vamos? — Arthur me estendeu a mão.

— Com você, eu vou para qualquer lugar.

E ele abriu aquele sorriso lindo, que derretia o meu coração.

Voltamos para a festa no carro do meu pai. Arthur foi dirigindo, mas não soltou a minha mão nenhuma vez. Quase perguntei se ele pretendia causar algum acidente e acabar matando a gente, mas eu estava gostando da sensação, então

PERIGOSAS ACHERON

continuei em silêncio e aproveitei o momento.

Assim que entramos no salão principal, Amanda veio correndo na nossa direção.

— Ainda bem que está aqui. — Ela parecia querer me matar, mas talvez deixasse para mais tarde. — Não sabe a quantidade de desculpas que tive que inventar para os seus pais. — Amanda contou, pegando ar e apoiando as mãos nos joelhos.

Pois, eu imaginava muito bem. Sabia como minha mãe era.

— Por que vocês... — Amanda começou a formular uma pergunta quando viu a aliança no meu dedo. — Ai, meu Deus! — Gritou, colocando a mão na boca. — Depois, virou-se para Arthur e tacou a prancheta nele, com força. — Por que não me avisou que faria o pedido, seu desalmado?

— Não queria plateia, caso ela dissesse não.

— O quê? — Virei-me para ele. — Você cogitou a possibilidade de eu dizer não?

— Infelizmente, sim. — Respondeu, cabisbaixo.

— Hum... — Fiz um som de tristeza e me

aproximei dele.

— Ei. — Amanda chamou a nossa atenção. — Parem com isso já. Nós precisamos comemorar. Cadê todo mundo? — Ela rodou, procurando algum rosto conhecido. — Eu não posso ser a única com essa informação.

— Calma, Amanda. Nós nem decidimos ainda onde ou quando será.

— Logo. — Arthur respondeu por mim.

— Logo? — Eu ri. Será que ele tinha medo que eu mudasse de ideia?

— Por que não?

— Está bem. — Ri mais uma vez. Arthur era uma graça. — Mas ainda precisamos decidir onde.

— Calma aí. — Amanda me interrompeu, apontando o dedo na minha cara. — Esqueceu da sua promessa?

— Promessa? — Cocei a cabeça. Eu realmente não sabia do que ela estava falando.

— Verdade ou consequência. — Ela me lembrou. — Você escolheu consequência e aceitou

que eu seria responsável pelo o seu casamento quando ele acontecesse.

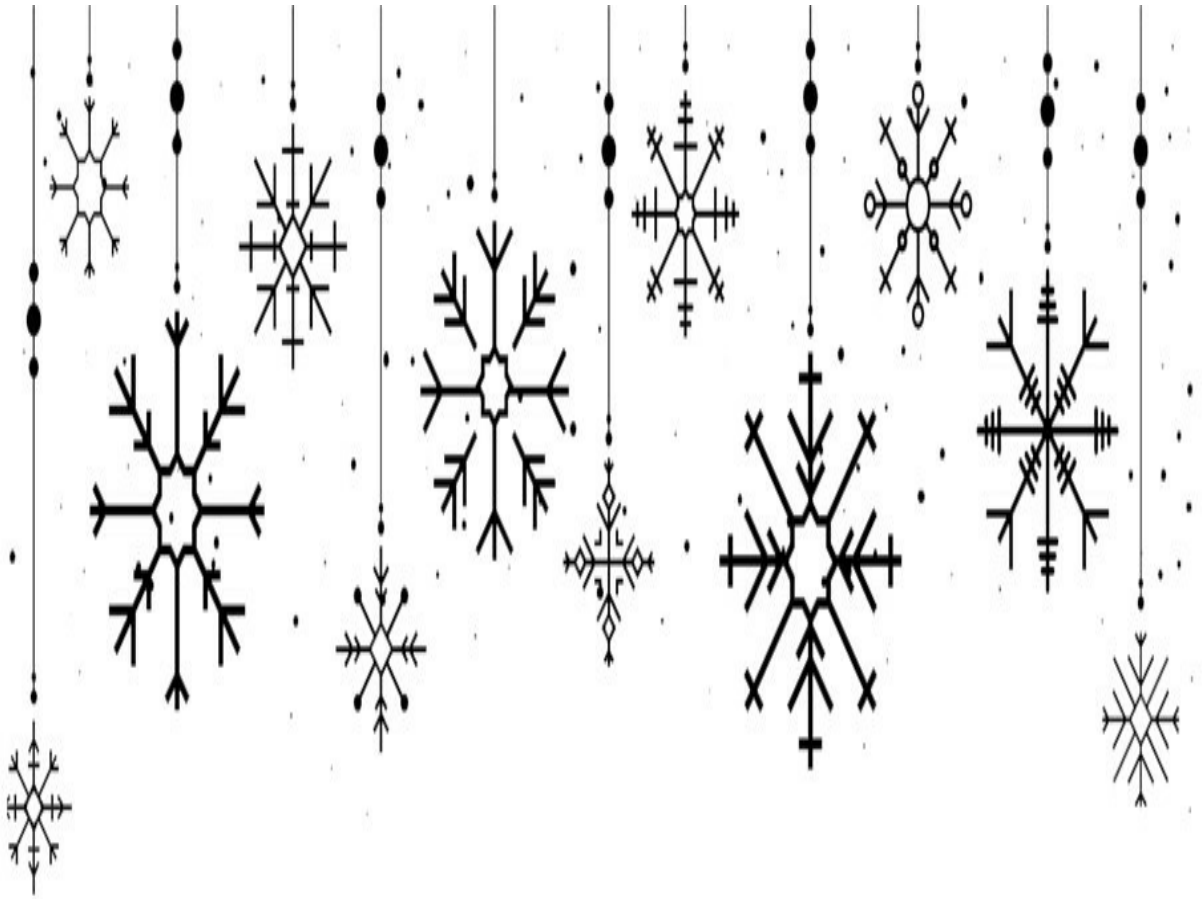
Ela não podia estar falando sério, mas, para Amanda, promessas eram dívidas.

Pelo que ela disse, eu não poderia sequer escolher o meu vestido, mas, quando olhei para Arthur sorrindo, percebi que nada daquilo fazia diferença. Só o que importava era que ele seria meu marido. E ele, eu havia escolhido.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 51

PERIGOSAS ACHERON

Amanda tinha mesmo arrasado na decoração das bodas de prata dos meus pais. O salão escolhido era o maior da cidade e estava iluminado e enfeitado como se estivéssemos na entrega do Oscar e o Leonardo DiCaprio fosse aparecer do nada. Eu não tinha reparado muito bem antes, porque, como sempre, Arthur tinha roubado toda a minha atenção.

Uma mesa gigante exibia um bolo branco. Em cada extremidade, havia um arranjo de flores majestoso. Velas e peças de louça em porcelana estavam posicionadas pela mesa e acima, havia um lustre dourado.

As mesas dos convidados eram marcadas, para garantir que ninguém entrasse de penetra. Em cada uma delas, havia uma variedade de talheres, taças e guardanapos de pano. Só de olhar para tudo aquilo, eu já estava com dor de cabeça. Não sabia como Amanda tinha conseguido deixar tudo tão impecável, sem surtar. Ela era mesmo talentosa.

Quando achei que não tinha como melhorar, uma luz se acendeu em um palco pequeno que eu nem tinha reparado que existia e os meus pais

PERIGOSAS ACHERON

subiram de mãos dadas.

— Boa noite a todos! — Meu pai bateu no microfone, parecendo nervoso e minha mãe se aconchegou ao seu lado. — Obrigado pela presença nesse dia tão especial. — E virando para minha mãe acrescentou, olhando-a intensamente. — E a você, amor da minha vida, por nunca ter desistido de mim e da nossa família.

Ai, meu Deus! Meu pai era o homem mais maravilhoso do mundo.

Ele se virou novamente para frente, sem soltar as mãos da minha mãe.

— Sei que para alguns, vinte e cinco anos parece não ser muito tempo para um casal. Para outros, não é mais que uma obrigação, por terem prometido passar o resto da vida juntos, mas eu digo que cultivar o amor por tanto tempo e não só pelas aparências, é uma luta árdua, mas igualmente recompensadora.

Minha mãe parecia estar fazendo uma força fora do comum, para não chorar e borrar toda a sua maquiagem.

— Quando pedi essa linda mulher em

casamento, não imaginei que ela aceitaria. Não imaginei que eu, diante de todos os outros que a desejavam, pudesse ser o escolhido e merecedor do seu amor.

Minha mãe sorriu junto com a multidão que os observava. Eles eram lindos juntos.

Ver meus pais refazendo os seus votos foi um presente, uma dádiva. Eu já tinha presenciado declarações de amor de ambos os lados. Papai adorava aparecer com flores ou fazer serenatas em seu violão. Minha mãe, por sua vez, usava as armas que tinha com maestria, cozinhando os melhores pratos, e conquistando o meu pai pelo estômago, como a mesma dizia. Mas, o que ela não sabia, e que meu pai me confidenciou certa vez, era que o que ele mais admirava na minha mãe era a força que ela tinha e depositava em tudo que amava e escolhia fazer, em como ela tinha garra e lutava pela sua família, como se fosse uma leoa.

Mamãe vinha de uma família muito pobre, teve onze irmãos e morava em uma fazenda isolada de tudo. Ela passou frio, fome e trabalhou desde cedo na roça. Sua mãe, a minha vó, tinha um gênio difícil. Era áspera, não tinha jeito com as palavras,

nunca disse um “eu te amo” sequer.

Por causa de sua infância difícil, minha mãe poderia ter crescido com ódio no coração, mas ela se tornou uma mulher de fibra, generosa, sempre disposta a ajudar os outros, mesmo que não ganhasse nada em troca, e eu tinha muito orgulho dela.

Apesar de ela ser bastante séria e mandona, minha mãe era bastante sentimental. Ela gostava muito de guardar terços e eu, sempre que podia, dava um novo para ela. Em um dos seus aniversários, eu lhe presenteei com uma caixinha de música com uma bailarina, para que ela pudesse guardá-los. Às vezes a flagrava abrindo e fechando a caixinha e chorando de emoção, com um grande sorriso no rosto. Eu sabia que o meu presente não era caro, mas era algo que minha mãe gostava, então para ela valia muito.

Vendo os dois ali, juntos, depois de tantos anos, me fazia ter fé no amor e nas pessoas. Fazia com que eu acreditasse no “felizes para sempre”, mas não aquele dos filmes, em que tudo era resolvido como mágica, mas no que precisava ser batalhado e cultivado todos os dias.

Olhei para Arthur e para a aliança que ele havia depositado em meu dedo e pensei em sua promessa de ser sua melhor versão. Eu também queria ser o meu melhor para ele e queria que daqui a alguns anos fôssemos nós demonstrando que o amor de verdade resistia ao tempo, a distância, às armadilhas do destino. Que o amor de verdade sempre vencia, não importasse o adversário.

Ao final do discurso do discurso dos meus pais, meus amigos se aproximaram para agradecer pela festa.

— Não é a mim que vocês precisam agradecer. Foi a Amanda que fez tudo isso. — Afirmei, levantando as mãos para mostrar o lugar quando os olhos de águia de Suzana pousaram sobre o meu dedo.

— Ai. Meu. Deus. — Suzana fez cara de espanto e começou a cutucar a Amanda, para que olhasse para o mesmo lugar que ela.

— Eu já sabia, Suzana. Esqueceu quem eu sou? — Amanda se gabou, sem mudar a expressão. Só que ela estava mentindo, porque também soube há pouco tempo e quase nos degolou por isso. — Eu vou organizar tudo. Esqueceu do desafio que a PERIGOSAS ACHERON

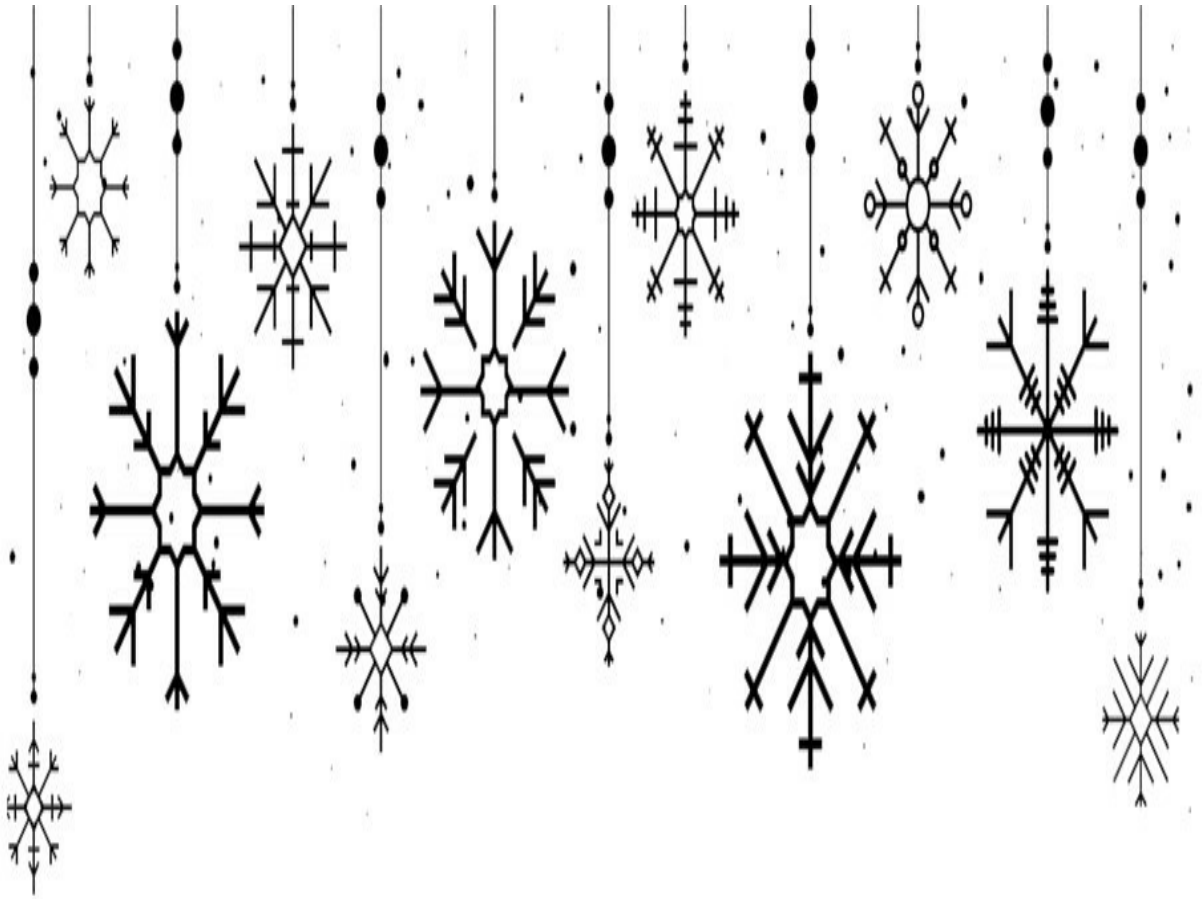
Luíza está me devendo? — Amanda tocou naquela história novamente.

E eu achando que ela esqueceria com o tempo. Quanta inocência a minha.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 52

PERIGOSAS ACHERON

Três meses depois

— Meninas, vocês não vão acreditar no que acabei de ver! — Alguém entrou gritando, esbaforida, na cabine em que eu me encontrava parada e impedida de abrir os olhos.

Parecia a voz de Angélica, mas não dava para ter certeza.

Fazia quase uma hora que eu estava ali dentro, escutando um monte de garotas entrando e saindo, falando sobre rapazes e maquiagem, enquanto Amanda ajustava o meu vestido e arrumava o meu cabelo. Ou pelo menos, era aquilo o que eu imaginava que ela estivesse fazendo.

Amanda me obrigou a colocar uma venda ridícula, porque cismou que eu ficaria dando palpites e só a atrapalharia.

Até que ela não estava tão errada. Eu queria sim, poder dar alguma opinião sobre o meu casamento. Maldita hora que fui aceitar aquele desafio.

Também, quem imaginaria que eu, depois

PERIGOSAS ACHERON

de tudo o que havia passado com o Arthur, iria realmente me casar? Ou que a Amanda levaria tão a sério aquele jogo de verdade ou consequência?

— Vocês não estão entendendo! É simplesmente inacreditável!

Com certeza, era a voz da Angélica. Só não sabia se toda sua agitação era por algo bom ou ruim.

Ruim. Só podia ser ruim. Tudo de ruim acontecia na minha vida e não seria diferente dessa vez. Eu devia ter jogado pedra na cruz ou ter sido uma megera em outra encarnação, para merecer tudo aquilo. Só existia essa explicação.

Ao notar meu desespero, Amanda pousou a mão no meu ombro e avisou:

— Nem pense em expiar. — Aquilo era claramente uma ameaça.

O fato de eu não saber algo, principalmente naquele momento, não me agradava em nada. Por mais que estivesse sendo divertido para as meninas fazerem todo aquele mistério, para mim, estava sendo um grande martírio.

Eu queria tomar o controle de tudo, mas

PERIGOSAS ACHERON

elas só me diziam para relaxar e aproveitar, que tudo estaria perfeito, que aquele seria o dia mais lindo de toda a minha vida. Aquelas palavras eram reconfortantes.

Mesmo nervosa, eu transbordava felicidade. Meu coração se agitava e batia forte só de imaginar que ele estava lá fora, me esperando. Queria ser uma mosquinha, só para ver como ele estava se saindo.

Talvez estivesse nervoso, apertando e afrouxando a gravata, virando de um lado para o outro e tentando sorrir, para não transparecer sua ansiedade. Ele era assim. Por fora, uma fortaleza de certezas. Por dentro, uma pilha de ansiedade.

No final das contas, não era só nós, mulheres, que enlouquecíamos com aquela data.

De olhos fechados e viajando nos meus próprios pensamentos, ouvi o som de pessoas correndo, e depois, somente o silêncio.

Dava para escutar a minha respiração, que acelerou com a possibilidade de algo ruim ter acontecido. Minhas mãos começaram a suar. Estava na hora de dar um basta naquela brincadeira

idiota.

Retirei a venda e olhei para os meus pés. Eu usava uma sandália branca linda.

O chão estava repleto de retalhos e arranjos. Amanda realmente tinha trabalhado duro para que tudo fosse perfeito.

Mas o que poderia ter dado errado?

Ao sair da cabine, uma lufada de ar me acertou em cheio. Mesmo ainda sendo dia, estava frio. A previsão do tempo tinha errado mais uma vez. Não dava mesmo para confiar naquilo.

Dei uma olhada ao redor e minha respiração parou. Eu não conseguia acreditar no que os meus olhos estavam vendo. Tudo parecia tão perfeito, tão incrível, que era como se eu tivesse pulado dentro de um livro de contos de fadas.

À minha frente tinha um caminho feito com pétalas brancas, que acabava em um altar coberto por véus alados. Em cada extremidade do gramado, surgiam bancos com arranjos de flores variadas. As pessoas se levantaram assim que me viram.

Por que estavam me olhando daquele jeito? Ah, claro. Eu era a noiva. Que cabeça a minha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em seguida, eles encararam algo mais à frente e foi aí que eu vi algo inusitado.

Além da cerimônia estar incrivelmente linda, também estava nevando. E daquela vez, eu tinha certeza de que não estava sonhando.

Comecei a andar e o branco do meu vestido se misturava com o branco da neve, dando um efeito maravilhoso. Tentei pegar um punhado de neve quando de repente um corpo se chocou fortemente contra o meu, derrubando-me no chão.

— Você não vai fugir outra vez! — Amanda gritava e me segurava, como se estivesse possuída. — Eu te proíbo!

Antes que eu pudesse dizer qualquer palavra, Suzana e Angélica também voaram na minha direção.

Mas o que estava acontecendo? Aquelas garotas tinham ficado loucas de vez?

— Isso! — E uma delas agarrou a minha cintura. — Segurem ela!

— Me soltem! — Eu me debati, sem sucesso. Eram três contra uma. — Agora!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Amanda protestou. — Nem por cima do meu cadáver você fará isso!

— Fazer o quê? — Parei de me mexer e olhei para ela, meio catatônica.

— Você não estava fugindo? — Amanda afrouxou um pouco os braços ao meu redor, mas não me soltou por completo.

— Claro que não. — Respondi, zangada.

Que ideia mais estapafúrdia!

Amanda largou o meu vestido e o seu corpo tombou ao meu lado.

— Então, o que estava fazendo? — Coçou a cabeça, confusa.

— Vocês começaram a sair correndo da cabine. — Expliquei, recompondo-me do embate. — Eu fiquei preocupada e vim ver o que estava acontecendo.

— Ah. — Angélica fez cara de quem estava finalmente entendendo a confusão toda. — Nós viemos ver a neve.

— Eu percebi. — Bufeí, irritada.

— Linda, não é? — Suzana desconversou.

PERIGOSAS ACHERON

Ela parecia a única calma ali. Ou talvez não ligasse se eu estivesse mesmo fugindo.

— Uhum. — Assenti.

— Bom, agora que já viu, volte logo para a cabine. — Amanda se levantou e limpou seu vestido, dando batidinhas no comprimento. — Ainda preciso terminar de arrumar você.

— Mas o Arthur já a viu. — Angélica falou com tristeza. — Será que não dá azar?

E eu olhei para o altar. Arthur estava branco feito um fantasma. Parecia aterrorizado. Será que ele também pensou que eu estava desistindo do casamento?

— Para de besteira, Angélica! — Amanda gritou com ela. — A Luíza não pode entrar assim. — Abanou na minha direção, como se fosse óbvio e ela, uma grande tapada.

Olhei para o meu vestido para ver se estava manchado ou rasgado, mas ele estava em perfeito estado. Tinha um pouco de neve nele, mas ficava camuflado ao tecido, tão branco quanto.

— Por que não? — Foi a minha vez de ficar zangada.

Estava cansada da Amanda dando ordens e achando que podia decidir tudo por mim.

— Olha para cima. — Ela fez cara de desdém, colocou a mão na cintura e começou a bater os pés.

— O que tem?

E todas começaram a rir. Eu não entendi qual era a graça.

— Veja você mesma. — Suzana pescou um espelho minúsculo dentro da sua bolsa de mão e me entregou. Ele parecia de ouro e tinha detalhes em alto-relevo.

Abri o objeto e encarei o meu reflexo. Minha maquiagem estava impecável. Os lábios com um batom rosa claro, do jeito que eu gostava. Os olhos com uma mistura de sombras delicadas. Não sabia o que poderia estar errado ali.

Mas foi só olhar um pouco mais acima para entender sobre o que a Amanda estava falando. Tinha uma toalha enrolada na minha cabeça feito um turbante.

Uma toalha! E eu achando que as pessoas estavam me olhando por que eu era a noiva.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas como aquela coisa não voou da minha cabeça quando as três me atacaram?

Ah, claro. Por que o destino faria algo ao meu favor se podia continuar tirando uma com a minha cara?

Elas riram novamente e aquilo me incomodou. Quem aquelas três patetas pensavam que eram? Eu não ia deixar de me casar ali e agora só por causa daquele detalhe idiota.

Respirei fundo e encarei-as, com toda a coragem que consegui reunir. Angélica parou de rir e tossiu, envergonhada. Amanda também parou, mas continuou me olhando como se eu tivesse que obedecê-la. Suzana riu por mais um tempo até finalmente parar.

Resolvi dar as costas a elas de uma vez. Olhei para trás e avistei minha tia Esmeralda, bebendo champanhe escondido. Quando viu que foi flagrada, sorriu amarelo.

Marchei em sua direção, tirando a toalha da cabeça e libertando os meus cachinhos ainda umedecidos. Ela se assustou ao me ver. Peguei a taça da sua mão e virei, derramando o líquido na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha boca.

Dei meia volta, sem dizer mais nada, andando com propriedade para o altar. Como eu não tinha um buquê, fui catando as flores dos arranjos no meio do caminho, olhei decididamente para o pianista e fiz um gesto, para que ele começasse.

Meu pai me viu de longe e parecia ter entendido o que eu queria fazer, por isso veio ao meu encontro e então, fomos em direção ao meu futuro marido.

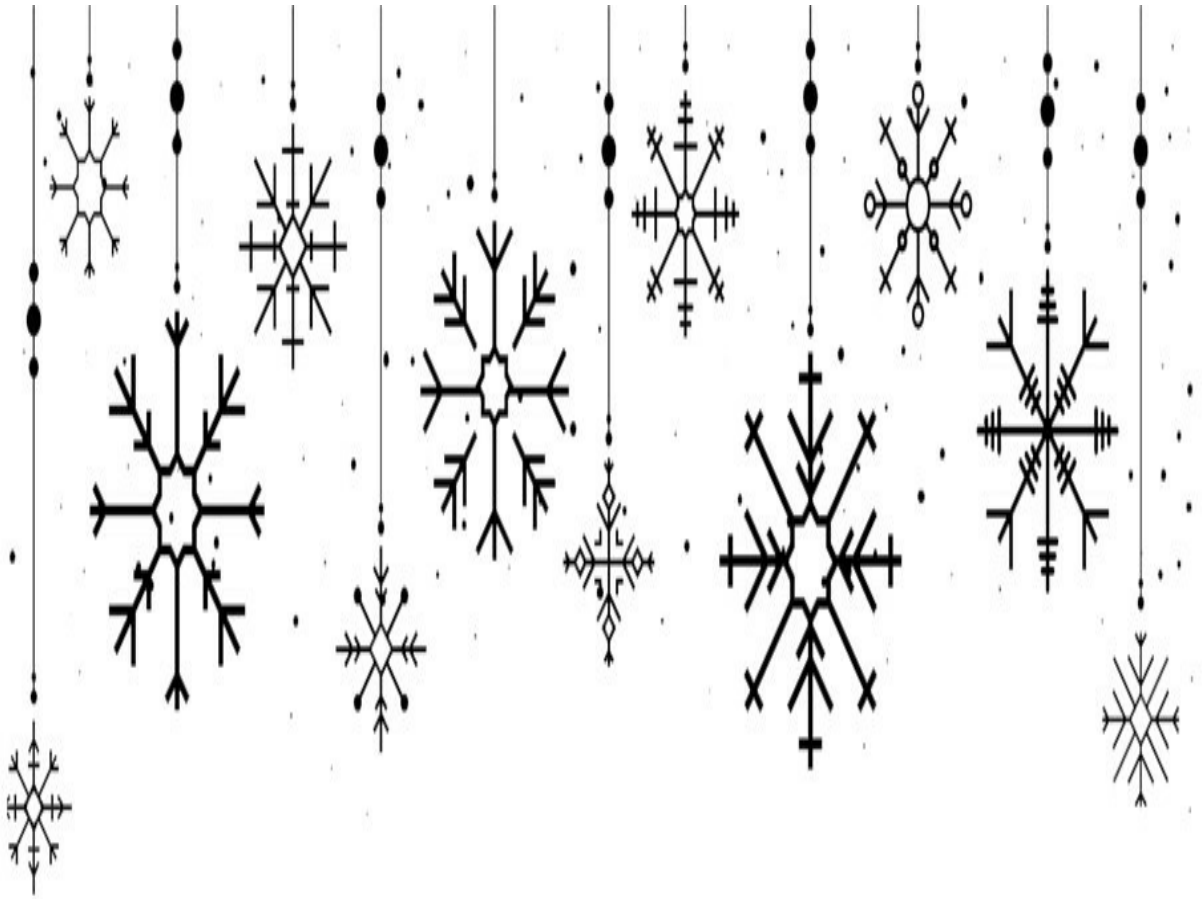
Eu me casaria hoje ou eu não me chamava Maria Luíza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 53

PERIGOSAS ACHERON

Minhas mãos começaram a suar à medida em que eu me aproximava do altar. Não que eu quisesse desistir ou algo parecido, mas porque aquele momento era tão especial e único, que eu tinha medo de fazer algo que pudesse estragá-lo.

Meu pai, ao notar minha preocupação, me deu um olhar confiante, daqueles que nos fazia sentir que tudo daria certo.

Eu estava tão feliz por eles terem aceitado o Arthur novamente na nossa família. Pelo visto, aquele acidente tinha servido para alguma coisa. Meus pais ficaram tão gratos pela forma como Arthur ficou ao meu lado e cuidou de mim, que rapidamente, ele passou de pior genro do mundo para o melhor de todos.

Minha mãe não parava de dizer como Arthur nunca saía do hospital e implorava para os médicos me salvarem, sendo que, na verdade, nem risco de vida, eu corria.

Respirei fundo, implorando para o meu coração bater mais devagar, já que não seria nem um pouco interessante para os convidados ver a

PERIGOSAS NACIONAIS

noiva caindo durinha tão próxima ao altar e olhei para frente, avistando o rosto mais lindo de todo o planeta.

Arthur abriu um sorriso que faria qualquer garota desmaiar e pensei na sorte que eu tinha por me casar com o homem dos meus sonhos, minha paixão de adolescência, o grande amor da minha vida.

A medida que eu caminhava, podia observar os rostos dos meus amigos. Quem diria que chegaria nessa cidade querendo cuspir fogo em cada um deles e estaria agora me casando coberta de neve?

Nunca tinha visto um casamento ao ar livre tão lindo. Além de Amanda ter cuidado para que cada detalhe fosse perfeito, desde os véus, as flores e arranjos, a cerimônia também tinha um toque especial da natureza nos presenteando.

Chegamos e meu pai soltou a minha mão, entregou a Arthur e sussurrou algo em seu ouvido. Suspeitava que fosse uma ameaça de morte, mas Arthur sorriu, como se a promessa de morrer ao meu lado fosse a sua única vontade.

PERIGOSAS ACHERON

Nós nos viramos para o padre e ele começou a cerimônia, mas eu estava tão nervosa, que só me segurei forte a Arthur e fui repetindo as suas palavras, pedindo a Deus que não cometesse nenhuma gafe.

Amanda e Angélica começaram a chorar, emocionadas. As duas eram as madrinhas e por isso, estavam mais próximas a mim. Suzana estava em pé, perto do banco dos convidados da noiva, parecendo um bloco de gelo. Não sabia se ela estava daquele jeito por não ter sido minha madrinha também ou apenas porque não tinha coração mesmo.

Alice estava ao lado dela e ficava olhando para Angélica com uma expressão confusa, como se estivesse se perguntando por que a mãe estava se debulhando em lágrimas.

Então, o padre se virou para nós e disse em alto e bom som:

— Eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Arthur me puxou pelos braços com uma rapidez fora do comum. Por um minuto, pensei que

ele fosse me deixar cair, mas ele me rodopiou e depois, me apanhou no ar, depositando um beijo terno em meus lábios e arrancando suspiros por todos os lados.

— No nosso casamento, você não fez isso.
— A voz de uma mulher se destacou na multidão.

Eu queria rir e também, saber quem tinha dito aquilo, mas Arthur intensificou o beijo. Será que ele havia esquecido onde estávamos?

Não importava. Eu queria beijar o meu marido. Finalmente Arthur era meu marido.

Fomos andando e a cada passo, surgiam pessoas nos felicitando, outras jogando arroz e pétalas de flores na nossa direção e naquele momento, lembrei de uma coisa. O buquê!

Provavelmente, não chegava nem aos pés do buquê magnífico que Amanda deveria ter planejado que eu jogasse, mas era o arranjo que eu tinha feito a caminho do altar, e ele havia se tornado tão especial para mim, que eu queria saber em que mãos ele iria parar.

Não que eu fosse supersticiosa a ponto de achar que quem o pegasse iria mesmo ser o

próximo a se casar, já que eu mesma havia me casado sem nunca ter pego um buquê na vida, mas, ainda assim, eu queria saber quem seria a sua próxima dona.

Anunciei que o jogaria e a mulherada se posicionou para pegá-lo. Jurei ter visto uma moça se alongando. Eu não sabia se ria ou se tentava mirar na sua direção, para dar-lhe uma vantagem, mas não seria justo com as restantes. Peguei impulso e atirei o buquê longe. Olhei para trás rapidamente, acompanhando seu trajeto, e o vi passando por cima de um monte de meninas, que pulavam e se empurravam, como se estivessem lutando por suas vidas, quando finalmente, ele acertou a cabeça da única pessoa que sequer estava tentando apanhá-lo. Amanda.

Ela, por sua vez, tomou um susto tão grande, que chutou o buquê para longe e bradou aos quatro ventos:

— Deus me livre!

E eu caí na gargalhada, porque aquilo era bem a cara da Amanda mesmo.

Já minha mãe, um pouco ofendida, correu

PERIGOSAS NACIONAIS

em direção ao buquê e o pegou do chão, levando-o até Amanda e obrigando-a a segurá-lo.

Amanda olhou ao redor e parou os olhos na pessoa que a estava observando há um tempo, com uma expressão apaixonada. Felipe.

Amanda, então, sorriu sem graça e voltou a mexer nas unhas, como se nada tivesse acontecido.

Ah, aqueles dois.

Rômulo passou por nós e repetiu a piada, que já tinha virado bordão dos convidados.

— Precisou nevar para vocês dois se casarem, hein?

Eu ri, mesmo sem achar a menor graça e Arthur pegou minha mão, conduzindo-me para o carro que nos levaria até a nossa festa.

Chegamos ao carro de Arthur, que agora estava com o vidro todo rabiscado com nossas iniciais, desenhos de corações e a data de hoje. Havia também um arranjo de flores próximo a porta da frente.

Entramos no carro e fechamos o vidro fumê. Arthur já estava prestes a virar a chave, para

PERIGOSAS ACHERON

sairmos dali quando ouvimos vozes do lado de fora.

— Onde será que os pombinhos se meteram? — Eu não consegui reconhecer quem tinha feito a pergunta.

— Devem já ter começado a lua de mel. — Alguém respondeu.

Arthur olhou fixamente para o meu decote e sorriu com malícia.

— Parece uma boa ideia. — Sussurrou. — O que acha?

— Acho perfeito. — E corremos para o banco de trás.

Eu me atrapalhei um pouco para passar, mas Arthur me ajudou. Não seria eu se não fosse assim, não é?

Arthur passou os dedos pela abertura do meu vestido e começou a me despir. Quando tocou as minhas costas, senti seus dedos queimando minha pele nua. Eu precisava de Arthur tanto quanto precisava de ar para viver.

— Luíza. — Ele gemeu e beijou cada pedacinho da minha pele que estava amostra. Sentir

sua língua passando pelo meu corpo era indescritível.

Virei-me para ele, começando a afrouxar sua gravata. Arthur, apressadinho, começou a arrancar as suas próprias roupas, mas eu o detive.

— Quero fazer isso, meu amor. — Falei, passando a mão no seu peito, sobre o tecido da camisa social.

Fui desabotoando cada botão lentamente, olhando a expressão de desejo em seu rosto. Beije sua orelha e desci até o pescoço quando Arthur deu um urro animalesco e passou a mão por debaixo do meu vestido, encontrando minhas coxas.

Era tão bom, enfim, ser tocada. Tínhamos esperado tanto tempo.

— Como você é maravilhosa! — Afirmou, mordendo o lábio inferior e, sem mais delongas, virou-me de costas novamente, segurando o meu cabelo com uma mão enquanto desatava os nós do meu vestido com a outra. — Você é só minha. Para sempre.

Concordei com a cabeça, mesmo que ele não pudesse ver e finalmente, nos livramos do

vestido.

Quando olhei para Arthur, ele estava boquiaberto. Senti um bolo se formar no meu estômago.

Ah, não. O que a Amanda tinha aprontado? Só faltava agora eu estar usando uma lingerie de bichinhos.

Olhei para baixo e quase engasguei com a própria saliva.

Sempre fui adepta do conforto. Tanto que, às vezes, preferia não usar um sutiã e apenas vestir uma calcinha de algodão simples do que estar com algo que me deixasse incomodada. Mas estava feliz por pela primeira vez na vida, não estar usando algo sem graça.

A *lingerie* que eu usava era branca e um pouco transparente em algumas partes, dando ar de inocência e sensualidade. Dei graças a Deus por ter me depilado antes de deixar que Amanda começasse a me vestir ou escolher as coisas por mim.

O sutiã era meia taça e deixava meus seios arrebitados. Arthur não parava de olhar para eles. A

renda que envolvia a peça era delicada, refinada, dando mais ênfase ao tom da minha pele.

Minha calcinha parecia mais uma linha, mas Arthur parecia ter adorado. Também tinha uma meia fina branca, presa com uma tira nas laterais da minha calcinha.

Arthur passou as mãos por meu corpo, inebriado, e eu acendi, como se estivesse sendo tocada pela primeira vez por ele.

De certa forma, aquilo não deixava de ser verdade. Era a nossa primeira vez depois de cinco anos, nossa primeira vez como marido e mulher, nossa primeira vez depois de todo aquele inferno.

Arthur me encarou por alguns minutos, depois começou a passar as pontas dos dedos pelas minhas curvas. Eu me arrepiei imediatamente.

Senti seu peito subindo e descendo perto do meu. Eu só queria enterrar a cabeça no seu pescoço enquanto o sentia percorrendo meu corpo. Eu precisava dele. Logo. Mas Arthur ficava me olhando com aquela expressão indecifrável.

— O que foi? — Perguntei entre arquejos.

— Ainda estou decidindo se tiro tudo isso

ou te pego assim mesmo. — Havia tempo que ele não falava daquela maneira sacana comigo. — Você não tem ideia de como está gostosa!

Nossa! Eu adorei ter escutado aquilo. Tanto que minhas partes íntimas umedeceram rapidamente em resposta ao seu comentário.

— Faça o que quiser comigo. Eu sou sua.

Os olhos de Arthur faiscaram ao ouvir minhas palavras.

— Você não sabe com quem está mexendo. — Ele ameaçou.

— Entra, mostre-me! — Eu o aticei, enfiando o dedo na boca.

— Sua safada! — Ele disse, puxando-me para o seu colo.

Passei as pernas pela sua cintura com um desespero fora do comum e comecei a rebolar em cima de Arthur.

— Assim eu não aguento, meu amor.

Era isso que eu queria! Deixá-lo à beira da loucura.

E por mais que quisesse saborear cada
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minuto com ele, sabia que tínhamos que voltar logo para a nossa festa de casamento, então, resolvi apressar as coisas e tirei o sutiã.

Meus cabelos cacheados caíram próximos aos meus seios e Arthur ficou me encarando, como se estivesse tendo uma visão do paraíso.

Sorri por conseguir causar o efeito que queria.

Arthur arranhou as minhas costas, segurou um dos meus seios e o levou a boca. Eu continuava montada em cima dele, fazendo movimentos de vai e vem. Desci as mãos até o botão de sua calça e toquei o elástico de sua cueca.

Arthur gemeu novamente.

Quando toquei seu membro, ele estava duro e molhado. Eu queria me abaixar e chupá-lo todo, mas não tínhamos tempo para isso. Arthur me jogou deitada no banco traseiro do carro e abriu minhas pernas, para tocar minha calcinha.

— Nossa! Como está molhadinha.

Eu dei um sorriso travesso. Arthur enfiou um dedo em mim e em seguida, o lambeu, fazendo expressão de desejo.

PERIGOSAS ACHERON

— Adoro o seu gosto. Você é maravilhosa.

Então, aproximou-se de mim, colocou minha calcinha de lado e me tocou mais uma vez. Eu estava tão sensível que achei que não duraria nem mais um minuto, por isso comecei a pedir, implorar para que Arthur entrasse logo em mim.

Ele obedeceu, sem protestar e a sensação foi de estar completa novamente. Como se antes, uma peça minha estivesse faltando, como se o meu mundo estivesse bagunçado e finalmente, estivesse voltando aos eixos.

Gemi, sentindo espasmos na minha perna e coluna, e gozamos juntos. Olhei os vidros embaçados do carro e sorri antes de desabar no banco traseiro.

— Eu te amo, Arthur. — Confessei, sentindo-me meio mole.

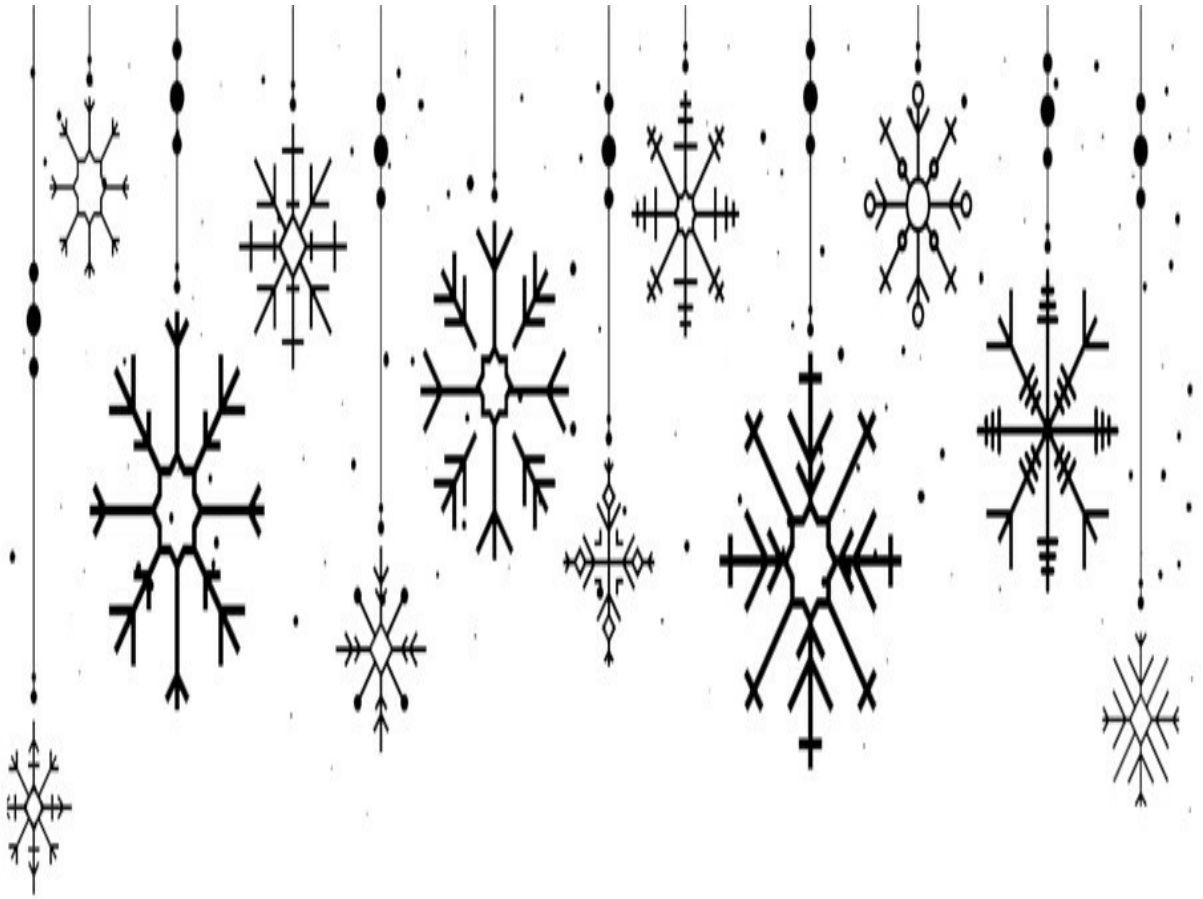
— Eu te amo mais.

E ficamos nos admirando por um tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Capítulo 54

PERIGOSAS ACHERON

Amanda

Não acreditava que aqueles dois infelizes tinham resolvido sumir da própria festa de casamento! Eu tinha me matado para organizar tudo!

Ah, mas eles iam me pagar por isso.

Não bastava a Luíza ter jogado aquele buquê bem na minha cabeça de propósito, ela também tinha que sumir com o meu irmão logo após a cerimônia?

E nem adiantava ela dizer, com aquela voz inocente, que não tinha nada a ver com aquilo, que foi apenas obra do destino, porque eu sabia muito bem que ela estava tentando me juntar com o Felipe já fazia um bom tempo.

Se bem que o Felipe não era de se jogar fora, mas eu não queria me envolver em um triângulo amoroso entre ele e a lambisgoia da Melissa, até porque eu sabia que uma hora ou outra eles iriam voltar. Eles sempre voltavam.

Respira, Amanda. Respira. Você conseguiu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dar conta da festa de bodas de pratas dos pais da Luíza e organizou um casamento em tempo recorde. Também dará um jeito agora.

Desbloqueei a tela do celular. Pelo visto, já tinha ligado pela quinquagésima vez, então não fazia mal ligar mais uma. Agora aquela infeliz iria atender. Eu tinha fé.

Cinquenta e um era o meu número da sorte. Não era à toa que estava virando mais um *drink* que peguei da bandeja de um garçom bonitinho que passou por mim.

Tudo bem que aquilo não era uma cachaça propriamente dita, mas, com certeza, o mais perto de uma bebida alcoólica que conseguiria chegar para não matar ninguém naquela festa.

— Alô! — E não é que tinha dado certo. — Luíza atendeu o telefone, evitando que eu enfiasse meu salto agulha nas costas dela. — Amanda, já estamos entrando! — Ela avisou.

Era bom que estivessem mesmo.

E dois minutos depois, Luíza e Arthur entraram pela porta, abotoando as roupas e ajeitando os cabelos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ia matar os dois. Ah, se ia.

Marchei até eles com a veia da testa pulsando de raiva, quando Felipe passou por mim e sem querer roubou a minha atenção, dizendo que eu estava linda.

Eu agradei, sorrindo feito uma pateta, quando Arthur e Luíza finalmente se dirigiram a mim.

— A festa está perfeita! — Os dois falaram juntos.

Era só o que me faltava. Mal se casaram e já estavam falando juntos. Dava para ser mais irritante?

Pior que dava. Era só ver a maneira como os dois se olhavam, para sentir vontade de enfiar o dedo na goela e vomitar até não poder mais.

— Vocês precisam cumprimentar seus convidados e... — Eu sabia que eles não iriam decorar a lista de afazeres, já que só pensavam em tirar a roupa um do outro, então limitei-me a dizer a tarefa do momento. Depois, eu seguiria os dois, indicando as próximas coordenadas. — E por enquanto, é só.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dois assentiram e eu fiquei parada com a minha prancheta, pensando nas milhões de coisas que ainda tinha que resolver.

As pessoas pensavam que organizar eventos era fácil, que era um divertimento, mas não sabiam o trabalho que dava ter que procurar um local ideal para o evento solicitado, escolher o bufê, o modelo dos convites, todos os adereços e ainda ter de lidar com toda ansiedade e histeria daqueles que contratavam os serviços.

Trabalhar com pessoas não era fácil, mas era o que eu amava fazer. E mesmo com filho pequeno, estava feliz por voltar à ativa. Quanto mais no casamento do meu irmão, aquele que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis.

Estava feliz pelos dois terem se casado. Sabia desde o início que eles acabariam juntos e, por isso mesmo, tinha escolhido bem a minha consequência naquela brincadeira, que eles acharam que não daria em nada.

Ah, como eles eram cegos. Precisaram passar cinco anos separados e passar por um monte de coisas para finalmente descobrirem que foram feitos um para o outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para os dois de mãos dadas e desejei um dia também encontrar o meu príncipe encantado.

— Amanda? — Alguém me chamou e despertei do transe em que me encontrava. Era a mãe de Luíza. — Queria apresentar o senhor e a senhora Medeiros. Eles estão encantados com a festa e gostariam de conversar com você a respeito de uma proposta.

Foi só ouvir a palavras proposta, que meus olhos chegaram a brilhar. Quem precisava de príncipe encantado quando se podia ter independência e dinheiro no bolso?

A Luíza podia ter ficado com o amor da vida dela, mas antes ela precisou viajar o mundo e se conhecer. Não foi o que ela disse? Talvez, essa fosse a minha hora de fazer o mesmo. Mergulhar fundo em mim mesma, para só depois dividir o amor que sinto com outra pessoa. No fundo, acreditava que essa era a lição que ela tinha deixado para todas nós.

PERIGOSAS ACHERON

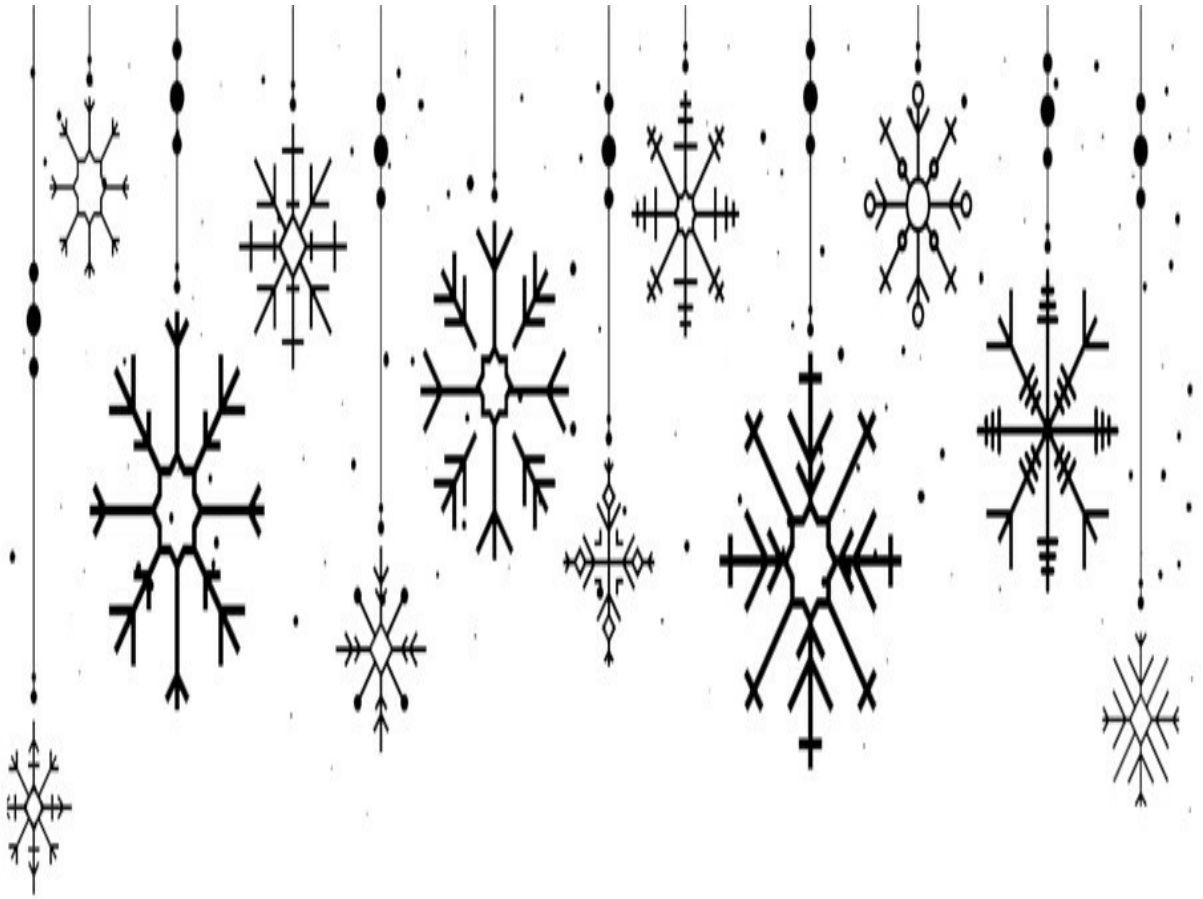
PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Epilogo

PERIGOSAS ACHERON

Luíza

— Pessoal, parem tudo que vocês estão fazendo, que tenho uma notícia para dar. — Amanda reuniu nossos amigos em um canto, com uma expressão tão feliz que dava gosto de ver. — O senhor e a senhora Medeiros, da rua de baixo, me chamaram para fazer a festa de quinze anos da filha deles e disseram que está rolando um boato de que eu sou a melhor organizadora de eventos da cidade. Vocês acreditam nisso?

— Claro que sim, sua doidinha. — Respondi, abraçando a minha melhor amiga.

O restante dos meus amigos me acompanhou, fazendo uma roda em volta dela e Amanda agradeceu por todos acreditarem no seu trabalho.

Sabíamos o quanto era importante para ela voltar a trabalhar depois de tudo que havia passado, depois que o pai a abandonou no momento que mais precisou e tendo que criar um filho praticamente sozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não podia estar mais feliz em saber que as bodas de prata dos meus pais e o meu casamento haviam colocado Amanda no caminho que ela sonhava trilhar. Aquele, com certeza, estava sendo o meu maior presente de casamento.

Depois daquilo, diminuíram a luz e trocaram para uma música romântica. Amanda tinha colocado no teto estrelas que brilhavam no escuro e alguns cantos do local eram iluminados com luz neon. Eu amava aquelas coisas e Amanda havia usado tudo o que sabia sobre mim para decorar o salão de festa. Fiquei feliz por ela ter pensado em cada detalhe.

Rômulo e Angélica foram os primeiros a começar a dançar. Ethan aproveitou a deixa para se aproximar de Suzana e Felipe fez o mesmo com Amanda. Olhei para Arthur e ele estendeu as mãos em minha direção. Eu corri para perto dele e me joguei em seus braços.

— Parece que todos se acertaram, não é? — Arthur sussurrou no meu ouvido, enquanto dançávamos.

— Foi a neve. — Respondi contente. — Ela trouxe sorte para todos nós.

PERIGOSAS ACHERON

— Hum. — Arthur parou para pensar por um minuto. — Não sou muito de acreditar nessas coisas, mas dessa vez, acho que vou concordar com a minha esposa.

— Com o tempo, vai descobrir que essa é a melhor opção, filho. — Disse meu pai em tom zombeteiro, passando com minha mãe em seus braços.

Arthur e eu rimos. Ele se aproximou e me encheu de beijos.

Sabia que teria o resto da vida para beijá-lo, mas não perderia uma oportunidade sequer para sentir aquela boca gostosa na minha, levando-me para outra dimensão.

Quando terminamos de dançar, fui em direção das mesas e vi Alice com a cara fechada e os braços cruzados.

— O que foi, lindinha? — Perguntei, mas ela me ignorou e sussurrou algo no ouvido de Arthur.

Ele olhou para Alice com o rosto franzido e depois, para mim.

— Ela disse que não está falando com você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Arthur comentou, tentando não rir.

— Posso saber por quê? — Pedi, confusa.

O que eu tinha feito?

Alice suspirou e então, finalmente me olhou nos olhos.

— Você estragou a minha entrada. — Ela mexeu na barra do próprio vestido, antes de prosseguir. — Eu me arrumei toda para levar as alianças até o altar. Deixei até a mamãe fazer um penteado no meu cabelo. E tudo isso, para nada.

— Ah, então, teremos que voltar lá e refazer esse casamento. — Afirmei em um tom sério. — Isso é imperdoável.

— Também não é para tanto, tia Malu. — Alice deu uma gargalhada. — Sem falar que foi muito legal ver você fazer aquele negócio com o cabelo.

— Negócio com o cabelo? — Repeti suas palavras, sem entender.

— Sim. — Ela assentiu. — Quando você arrancou a toalha e jogou o cabelo para o lado, como se fosse um comercial de TV. — Ela imitou

PERIGOSAS ACHERON

meu movimento, empolgada. — Tinha que ver a cara do tio Arthur.

— É mesmo? — E olhei para Arthur, divertindo-me com a situação. — Como era a cara dele?

— Parecia eu quando vejo um prato cheio de batatas fritas.

Achei engraçada a sua comparação e nós três caímos na gargalhada.

Angélica apareceu do nada e olhou para Alice emburrada.

— Filha, o Simba está fugindo e se escondendo em todos os cantos. Vou levá-lo de volta. Não sei como concordei em trazer um gato para uma festa de casamento.

— Ele não gosta de ficar sozinho, mãe. Fica miando e me seguindo por todos os lados. — Alice baixou a voz e disse só para mim. — Ele vai comigo até no banheiro. — E deu uma risadinha.

— Simba?

— É o nome do gatinho que o tio Arthur me deu. — Alice informou, com orgulho, quando o

PERIGOSAS NACIONAIS

animalzinho passou correndo e tentando pegar uma mosca.

Alice o agarrou e o colocou no seu colo enquanto ele se contorcia e tentava voltar para o chão.

— Por causa do filme O Rei leão.

— Hum...

— E sabe com quem mais ele se parece? — Alice sorriu, fazendo carinho no gatinho enquanto ele tentava morder sua mão.

Assim que observei melhor o gato, eu soube na hora. Aquele pelo loirinho e os olhos verdes claros. Ele era a cara do meu marido.

— Parece mesmo.

E Alice olhava para o gato, assim como eu olhava para Arthur.

No final das contas, todos da festa pareciam apaixonados por alguém em especial. Ethan por Suzana, Amanda por Felipe, Angélica por Rômulo, minha mãe pelo meu pai, Alice pelo Simba e eu pelo Arthur.

Por sorte, todos nós parecíamos ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

correspondidos. Não tinha como eu estar mais feliz.

— Olha! — Alice apontou para cima. —
Está nevando de novo!

Corrigindo: tinha sim!

E olhando para os flocos caindo enquanto os casais se abraçavam e Alice corria para proteger o seu gato, eu tive uma certeza. Minha mãe esteve certa desde o início.

A neve trazia o amor.

PERIGOSAS ACHERON

Nota da Autora

Inspirei-me totalmente na minha avó para escrever o capítulo 51. Ela foi a pessoa que cresceu na roça, teve onze irmãos e casou-se com o meu avô, que também não lhe poupava elogios e fazia muitas declarações.

Fui eu que lhe dei os terços e também, a caixinha de bailarina, que descrevi. Nunca esquecerei o dia que a flagrei abrindo e fechando a caixinha, e chorando de emoção. Minha avó era muito forte e também uma pessoa muito boa. Endurecida pela vida, amável por natureza.

Vovó, onde estiver, sei que estará cuidando de mim. Obrigada por sempre ser meu porto

PERIGOSAS NACIONAIS

seguro.

Eu te amo é pouco.

PERIGOSAS ACHERON

*Obrigada por ter lido Quando A Neve Cair.
Espero que tenha sido uma boa leitura.*

AVALIE O E-BOOK NA AMAZON

Se você apreciou a história e gostaria de deixar sua opinião para que outros saibam sobre o livro, deixe um comentário na sua avaliação.

Indique o livro, fale sobre ele nas suas redes sociais. Poste foto ou recomende para um amigo. É muito importante para que a história alcance outras pessoas.

Já deixo aqui minha gratidão.

Sobre a autora



Cíntia Sampaio é carioca, nascida em Nova Iguaçu/RJ, no dia 22 de maio de 1989.

Escreve e compõe músicas desde pequena, cantou

em algumas bandas, e sempre que pode, compartilha seu lado musical nas redes sociais.

Ela já publicou um livro com suas canções (As Fases da Lua) e também, um conto *hot* (A Odalisca Em Mim). Os dois podem ser encontrados no site da *Amazon*.

Quando A Neve Cair é o seu primeiro romance.

Atualmente, mora em Niterói/RJ e divide seu tempo entre a faculdade de Letras e à escrita.

Conheça outros livros da autora



Fases Da Lua

Já parou para escrever seus pensamentos,
olhando para a lua? Já observou a multidão e se
PERIGOSAS ACHERON

sentiu sozinha? Já encontrou abrigo em um pedaço de papel? Já viu como tudo fica melhor quando coloca para fora seus sentimentos? Pois é. Eu te entendo.

Muitos disseram que eu não deveria escrever, que não deveria chorar, que não deveria cantar. Eu as escutei? Não. Eu escrevi.

Alguém uma vez me disse que somos o que fazemos. Eu escrevo. Se isso me ajuda? É a minha salvação. Não sei o que seria de mim sem a escrita.

As Fases Da Lua retrata, em forma de poemas e reflexões, minha jornada rumo ao autoconhecimento, passando por questionamentos simples da adolescência até as minhas maiores dúvidas existenciais.

As Fases Da Lua representa as fases da vida e mudanças que podem ou não acontecer com todo ser. Espero que se encontre nas folhas deste livro.



A Odalisca Em Mim

O que você faria se acordasse em uma cama que não é a sua, em uma tenda de odalisca, cercada por véus cintilantes e delicados, sendo acariciada por alguém que ainda não revelou seu rosto, mas já lhe proporciona prazeres que sequer imaginava que existiam? Ceder ou lutar contra seus desejos? Manter o controle ou se entregar completamente ao prazer? Aqueles eram os questionamentos de Luna.

PERIGOSAS NACIONAIS

Envolta em uma nuvem de suspense e mistério, ela descobre que o prazer pode ter diversas faces e vir de lugares jamais imaginados. Um conto sobre autoconhecimento, amor próprio e confiança.

PERIGOSAS ACHERON

Contato

ACOMPANHE A AUTORA NAS REDES
SOCIAIS

Wattpad:

@autoracinthiasampaio

Facebook:

Fanpage - /autoracinthiasampaio

Perfil - /eucinthiasampaio

Instagram:

@autoracinthiasampaio

PERIGOSAS NACIONAIS

@eucinthiasampaio

PERIGOSAS ACHERON

Table of Contents

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Epílogo](#)

[Nota da Autora](#)

PERIGOSAS ACHERON